

Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais

**Fundando sensibilidades, educando os sentidos:
dos sujeitos na cidade
(Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900)**

Verona Campos Segantini

Belo Horizonte
2010

Verona Campos Segantini

**Fundando sensibilidades, educando os sentidos:
dos sujeitos na cidade
(Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Andrea Moreno

Co-orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte
Faculdade de Educação

2010

Segantini, Verona Campos.

S454f Fundando sensibilidades, educando os sentidos [manuscrito] : dos sujeitos na cidade (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900) / Verona Campos Segantini. – 2010.
229 f. : il., enc.

Orientadora: Andrea Moreno.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Referências: f. 226-229

1. Educação – História – Teses. 2. Cidades e vilas na literatura – Teses. 3. Vida urbana na literatura – Teses. 4. Belo Horizonte – Valores sociais – Teses. I. Título. II. Moreno, Andrea. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDU: 37:94(81)

Dissertação intitulada “Fundando sensibilidades, educando os sentidos: dos sujeitos na cidade: (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900), de autoria da mestranda Verona Campos Segantini, defendida e aprovada em 18 de junho de 2010 pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Andrea Moreno – FaE/UFMG – Orientadora

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – E.E.F.F.T.O./UFMG – Co-orientador

Prof^o. Dr^a Carmen Lúcia Soares – FE/Unicamp

Prof^o. Dr^a Ana Maria de Oliveira Galvão – FaE/UFMG

Prof^a. Dr^a. Meily Assbú Linhales – E.E.F.F.T.O./UFMG – Suplente

Prof^a. Dr^a. Eliane Marta Santos Teixeira Lopes – FaE/UFMG - Suplente

A um *flanêur* que se chamava Cássio e que me ensinou a olhar, ouvir, cheirar, provar,
sentir essa cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Andrea Moreno e ao professor Tarcísio Mauro Vago, orientadores desta dissertação, que me instigaram e inspiraram a um modo de fazer história, à “contrapelo”. Aos professores, membros da banca, por aceitarem o convite para dialogar conosco. Agradeço aos professores coordenadores Bernardo Jefferson de Oliveira e Leôncio Soares e aos funcionários do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, pelo aprendizado nas reuniões do colegiado, pela gentileza e disponibilidade. Agradeço aos professores, alunos e pesquisadores que compõem o Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação (GEPHE) e o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e Lazer (CEMEF). Esta dissertação, como um *texto*, foi tecida no cotidiano de múltiplos encontros, trocas e partilhas possibilitadas por esses dois grupos que me acolheram com tanta generosidade. Quero registrar o meu agradecimento àqueles que contribuíram, por intermédio da Capes, para a realização desta pesquisa, com a concessão da bolsa de estudos e, principalmente, com a minha formação nessa instituição pública.

Por fim, quero agradecer a todos aqueles que se sentem parte e partilharam comigo esse percurso: os que leram e releeram meus escritos; aqueles de ouvidos solidários; outros companheiros de arquivos; muitos de abraços e sorrisos afetuosos; aqueles que caminharam e experimentaram essa e outras cidades ao meu lado; que imaginaram os mesmos sonhos; que me deram bom dia; que me serviram café; que também se encantaram pelo cronista; que brindaram a vida! Luiz, Renata, Renan e Henrique partilhar a vida, experimentar a cidade, trocar olhares, rir de pouca coisa é sempre um prazer. Afinal, as emoções são contagiosas.

RESUMO

Esta dissertação teve por objetivo compreender os impactos da urbanização sobre os corpos e sentidos dos habitantes do arraial de Belo Horizonte, local que abrigaria a nova capital do estado de Minas Gerais. Nesse processo de construção e constituição de uma cidade, construída sobre a égide da modernidade, intentamos perceber como foi se fundando uma sensibilidade urbana e como as formas de percepção da cidade e as tolerâncias foram sendo educadas a partir de um modo de vida urbano. Utilizamos, como principal fonte, a produção literária/jornalística de Alfredo Camarate, viajante português, sujeito de múltiplas experiências e que vislumbrou oportunidades na construção da nova capital, chegando a Belo Horizonte em 1894, ainda nos primeiros tempos da construção. O escritor lançou seu olhar sensível e atento sobre a cidade, registrando, em suas crônicas, publicadas no jornal oficial do Estado, o *Minas Gerais*, ao longo do ano de 1894, as alterações que o antigo arraial sofria para se tornar cidade-capital. Nessas crônicas, são recorrentes as referências em torno dos comportamentos rudes, simples e rurais dos moradores do pequeno arraial. Como um viajante, já tendo percorrido os principais centros urbanos à época, como Paris, Londres e Rio de Janeiro, e atento às mudanças, que percebia e comparava, Alfredo Camarate foi um narrador privilegiado para dizer das transformações que a cidade e seus habitantes foram experimentado. A partir de seus escritos, é possível perceber como as sensibilidades dos habitantes do antigo arraial foram se alterando pela introdução de novos valores trazidos pela modernidade. Além dessas crônicas, também utilizamos outras fontes, entre elas, o aparato legal, produzido, principalmente, na primeira década da nova capital, sobretudo aquele que revela uma clara pretensão de organizar a vida na cidade, prescrever novos hábitos, inculcar outras tolerâncias. Também contamos com as imagens, projetos, plantas, produzidos à época da construção, e que, juntos, deram-me a possibilidade de “ver” Belo Horizonte naquele momento. Construindo a narrativa com foco sobre cada sentido humano, pudemos perceber como pouco a pouco os moradores do arraial e da futura capital foram adquirindo maneiras próprias de ser, estar e sentir na e a *urbs*.

Palavras-chave: cidade – literatura – sensibilidade.

RÉSUMÉ

Cette étude a eu le but de comprendre les impacts de l'urbanisation sur les corps et les sens des habitants du village Belo Horizonte, lieu qui abriterait la nouvelle capitale de l'État de *Minas Gerais*. Dans ce processus de construction et constitution d'une ville, construite sous l'égide de la modernité, nous avons essayé de saisir: comment la sensibilité urbaine s'y fondait et comment les modes de perception de la ville et les tolérances ont été éduquées pour un savoir-vivre urbain. Le document principal utilisé a été la production littéraire et journalistique de Alfredo Camarate, voyageur portugais, une personne d'expériences variées qui a entrevu des opportunités dans la construction de la nouvelle capitale quand il y est arrivé en 1894, aux premiers moments de sa construction. L'écrivain jette son regard sensible sur la ville et enregistre à travers ses chroniques publiées sur le journal officiel de l'État, le *Minas Gerais*, les transformations subies par l'ancien village pour être la ville-capitale. Dans ces chroniques sont récurrentes les références aux comportements et moeurs rudes, simples et ruraux des habitants du petit village. En tant que voyageur et connaisseur des principaux centres urbains à l'époque, comme Paris, Londres et Rio de Janeiro, et attentif aux changements qu'il saisit et compare, Alfredo Camarate est un narrateur privilégié pour parler des transformations expérimentés par la ville et ses habitants. C'est possible, à partir de ses écritures, repérer comment les sensibilités des habitants de l'ancien village s'altéraient par le biais de l'introduction de nouvelles valeurs apportées par la modernité. Au delà des chroniques nous avons aussi utilisé d'autres documents parmi lesquels l'ensemble legal produit principalement pendant la première décennie de la nouvelle capitale, surtout celui qui dévoile une claire prétention d'organiser la vie dans la ville, de prescrire de nouveaux moeurs, de forger d'autres tolérances. Nous avons aussi utilisé les images, les projets, les plans, produits à l'époque de la construction, dont l'ensemble nous a donné la possibilité de "voir" cette ville. En construisant la narrative comme foyer sur chaque sens humain il nous a été possible de voir comment petit à petit les habitants du village et de la future capitale assimilaient des manières d'être, de se trouver et de sentir dans la et la *urbs*.

Mots-clé: ville - littérature - sensibilité

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Largo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Arraial de Belo Horizonte. A autoria: Emílio Rouède, 1894.....	33
FIGURA 2: Rua Sabará, Arraial de Belo Horizonte. A autoria: Emílio Rouède, 1894.....	34
FIGURA 3: Panorama do Arraial, Arraial de Belo Horizonte. A autoria: Emílio Rouède, 1894.....	35
FIGURA 4: Planta Cadastral do Arraial de Belo Horizonte. Responsabilidade: Aarão Reis, 1894.....	72
FIGURA 5: Rua General Deodoro, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895.....	73
FIGURA 6: Planta da Casa de Eduardo Edwards, Largo da Matriz, Arraial de Belo Horizonte, 1894	74
FIGURA 7: Entrada da Rua do Capão, Casa Comercial de Eduardo Edwards, Arraial de Belo Horizonte, 1894	75
FIGURA 8: Rua do Sabará, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895	76
FIGURA 9: Rua do Capim, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895	77
FIGURA 10: Plantas de prédios e terrenos de Luiz de Cerqueira, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1901.....	78
FIGURA 11: Rua de Sabará, Arraial de Belo Horizonte, 1894	79

FIGURA 12: Igreja do Arraial do Curral d'EL Rey. Aatoria: Honório Esteves, 1894	108
FIGURA 13: Projeto da Estação General Carneiro. Arraial de Belo Horizonte, 1894	109
FIGURA 14: Estação Triangular de General Carneiro. Aatoria: Raimundo Alves Pinto, entre 1894 e 1896.....	110
FIGURA 15: Estação Ferroviária, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895	111
FIGURA 16: Residência de uma Papuda, Arraial de Belo Horizonte. Aatoria: Raimundo Alves Pinto, entre 1894 e 1896	144
FIGURA 17: Largo do Rosário, Arraial de Belo Horizonte. Aatoria: João Salles, 1895	145
FIGURA18: Parque-Restaurante, Projeto Arquitetônico (sd)	146
FIGURA 19: Tabela com a nomenclatura actual dos estabelecimentos insalubres, perigosos ou incommodos, de accordo com o regulamento da secção de Hygiene da Prefeitura. Minas Gerais, Decreto n.1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas	178
FIGURA 20: Matadouro Municioal. Aatoria: Bernardo Joaquim de Figueiredo, 1895.....	179
FIGURA 21: Cemitério Municipal – necrotério. Engenheiro-arquiteto responsável: José de Magalhães, 1895.....	180

SUMÁRIO

TRANSCRIÇÃO – ALFREDO CAMARATE	13
APRESENTAÇÃO	16
IMAGENS PARA VER	32
1. HORIZONTE BELO DE VER	36
1.1. OLHAR DE CRONISTA, ARTISTA E VIAJANTE	36
1.2. O OLHAR SOBRE O BELO HORIZONTE	41
1.3. OLHAR NA CIDADE E OLHAR DA CIDADE	52
1.4. OLHAR A CIDADE NA PLANTA, ERGUÊ-LA NA IMAGINAÇÃO E NA ESCRITA	63
1.5. OLHAR OS SUJEITOS: PERSONAGENS DA CIDADE	65
1.6. OLHAR O ARRAIAL-CIDADE E SEUS ESPAÇOS	67
IMAGENS PARA TOCAR	71
2. TEXTURAS DE SENTIR	80
2.1. DE TERRA E CAPIM: O MORAR NO ARRAIAL	80
2.2. DE VIDRO E FERRO: A CIDADE E UMA NOVA MATERIALIDADE	86
2.3. ENTRE O CORPO E A ARQUITETURA: A LINGUAGEM PEDAGÓGICA DAS COISAS	100
IMAGENS PARA OUVIR	107
3. SONS DO ARRAIAL, SONS DA CIDADE	112
3.1. SENTIDO GEOGRÁFICO	112
3.2. SONS DAS REZAS, DAS MISSAS, DAS FESTAS	114
3.3. EDUCAÇÃO ESTÉTICA E PARA OS OUVIDOS	119
3.4. BARULHO E INTOLERÂNCIA	122
3.5. O TEMPO DO ARRAIAL: SONS DO SINO DA MATRIZ	127
3.6. SONS DA MODERNIDADE: O SILVO DA LOCOMOTIVA	132
IMAGENS PARA PROVAR	143
4. TANTOS PROVARES	147
4.1. O “TYPO GERAL DO POVO” E O QUE SE COME NO ARRAIAL	147
4.2. O “ABECEDÁRIO CASEIRO”: PASSO A PASSO DA SCIENCIA CULINÁRIA	151
4.3. A CAMINHO DO ARRAIAL DE BELO HORIZONTE: O QUE COMER?	168

IMAGENS PARA CHEIRAR	177
5. CHEIROS IMPREGNADOS	181
5.1. A CIDADE DE AR E ÁGUA: MOVIMENTO E DESODORIZAÇÃO	183
5.2. DESODORIZAÇÃO DA CIDADE	194
5.3. DESODORIZAÇÃO DOS CORPOS	206
<i>“EXPERIMENTEM-SE NA NOVA CAPITAL DE MINAS, QUE, PELO MENOS NESTE PUNTO, PERMITE EXPERIÊNCIAS”.</i>	210
UMA CAPITAL NO ANO DE 1900 I – DE MANHÃ	214
UMA CAPITAL NO ANNO DE 1900 II – AO MEIO DIA – (CONTINUADO DO N. 19)	217
UMA CAPITAL NO ANNO DE 1900 III – DE TARDE – (CONTINUADO DO N. 22)	220
UMA CAPITAL NO ANNO DE 1900 IV – A NOITE – (CONTINUADO DO N. 22)	223
REFERÊNCIAS	226

*Quem escuta uma história está
em companhia do narrador;
mesmo quem a lê
partilha dessa companhia.*

(Walter Benjamin)

TRANSCRIPÇÃO

ALFREDO CAMARATE

“O nome que epigrapha estas linhas é o de um bom camarada, cuja ausencia hoje saudosamente lamentamos.

É um batalhador de menos ao nosso lado. Não desertou do seu posto que elle sempre honrou com a sinceridade de sua penna; mas as difficuldades da vida forçaram-no a ir procurar algures uma collocação, onde fossem mais bem aproveitadas suas aptidões, onde seu trabalho encontrasse uma compensação vantajosa.

Alfredo Camarate veio muito cedo e há muitos annos para o Brazil; aqui, no Rio de Janeiro, entregou-se primeiramente às lides do commercio; mas esse terreno era muito estéril para o seu espírito preocupado com cousas de arte.

As graves cogitações do Deve e Haver, as partidas dobradas do Diário e o exame dos títulos do Rasão não conseguiram absorvel-o; e, um bello dia, eil-o no Jornal do Commercio a educar o indígena com as suas criticas artísticas.

Não ha contestar: Alfredo Camarate foi o primeiro jornalista que no Rio de Janeiro iniciou a critica artística, principalmente a critica musical, e os seus brilhantes artigos honraram por muito tempo as columnas do Jornal do Commercio, onde elles, felizmente, ficaram registrados para a gloria desse brasileiro adotivo.

Mudando de proprietário o velho orgam, Alfredo Camarate não encontrou mais o apoio que lhe davam naquella folha, e um bello dia em que melindrou-se, mandou sua demissão.

Começou então para o nosso collega uma verdadeira peregrinação pela imprensa e o seu talento deixou vestígios na Gazeta de Notícias, no Jornal do Brazil, no Industrial e em muitos outros jornaes.

Infelizmente, porém, esta Capital Federal ainda não é o que muita gente pensa, e um jornalista que se occupa de cousas da arte não encontra trabalho remunerador que baste para prover a subsistência de uma família decente. Além disso, Alfredo Camarate nunca procurou ter leitores por meio de escândalos; nunca embebeu sua penna na baba da inveja ou no fel da calumnia e, finalmente, nunca procurou obter collocações para que não estivesse habilitado, ameaçando com a diffamação, no jornal em que escrevia, prevalecendo-se da circulação deste.

Nada disso. Alfredo Camarate teve sempre a compreensão nítida e elevada do papel da imprensa, da sua responsabilidade, e nunca transitou com a sua probidade de jornalista.

Nestas condições, compreende-se que elle não podia, com os seus bellos artigos, influir no balcão do jornal em que escrevesse, e por isso mesmo era julgado um redactor de luxo, nesta terra de mercantilismo e de charlatães, onde o merecimento tem fatalmente de ceder o lugar aos parvenus, aos sábios improvisados de um dia para outro, que monopolizam todos os conhecimentos e lançam aos outros o labéo de ignorantes.

Perdoe-nos o nosso collega entrarmos sem cerimonia pela sua vida a dentro, e dizermos aos nossos leitores algumas verdades, que sua delicada susceptibilidade quererá talvez calar.

Alfredo Camarate é casado com uma senhora distinctissima e tem uma filha – mimosa existência efflorescente – a quem elle dá esmeradissima educação moral e intellectual; é um homem de elevada intellectualidade; habilitado a certas e imprescindíveis condições de conforto e convive em um meio digno delle. Pois bem! Para levar por diante sua vida, Alfredo Camarate viu-se reduzido ultimamente à mensalidade de duzentos mil réis! Isto é, ganhava apenas o necessário para ... morrer de fome!

Homem forte, enérgico, affrontando com todo o desassombro a adversidade, elle reconheceu que não poderia continuar a residir nesta aldeia grande, e foi arraialar-se em Ouro Preto, onde a sua actividade tem sido aproveitada e vantajosamente remunerada.

Mesmo depois que elle foi-se para Minas, não tem deixado de soffrer aqui. Em um dos jornaes desta cidade, naquelle mesmo onde elle mais prodigalisou o seu talento, dignificando sua profissão, procuraram deprimil-o. A tentativa, porém, foi ridícula e mesquinha, e em logar de attingil-o, cahiu por terra, revelando e denunciando a ignorância crassa, a inépcia de quem a forjou.

Esse jornal, accusando o recebimento da Segunda Mazurka Melódica de Camarate, disse: “É uma composição que tem modulações em muitos tons diffetentes, o que a torna de difícil comprehensão”.

Há uma única habilidade nesta noticia: a de dizer muitas asneiras em poucas palavras; apesar d’isso, ella há de doer muito a Alfredo Camarate, a quem lembraremos, para que se console, o velho leão da fabula.

Alfredo Camarate sabe também que há no Rio de Janeiro corações que sentem profundamente a injustiça que o feriu na indiferença com que o deixaram partir; sabe mais que a imprensa vive ainda pelo balcão, os que nutrem desses proventos, empregados para os meios mais inconfessáveis, nunca merecem a estima e o respeito dos artistas sinceros, que vêm um pouco neste paiz de cegos e que sabem fazer justiça ao mérito e desprezo a inépcia petulante.

A Gazeta Musical cheia de orgulho abre suas paginas no estylo fluente da prosa de Alfredo Camarate e espera vel-o ainda revigorado e retemperado pelo salubérrimo clima de Ouro Preto, militando na imprensa fluminense ao nosso lado. (Da Gazeta Musical do Rio de Janeiro)”.¹

¹ Jornal Minas Geraes, n. 196, de 22 de julho de 1893, p. 6. Transcrição – Alfredo Camarate – Da gazeta Musical do RJ.

Apresentação

Por volta de 1900: mundo em transformação: a luz elétrica, o bonde, o vapor. “Perfuraram o Istmo de Suez, construíram a torre Eifel, inventaram o fonógrafo e descobriram injeções de creosoto na traquéia para a cura ou paralisação da tuberculose”.² Aqui e ali desabaram prédios, alargaram ruas, construíram cidades.

Atenção: que lugar é esse? Olhares se voltaram para um pequeno lugarejo,³ ao centro de um estado conhecido de muitos pelo passado que representava. Um pequeno ponto, nada significativo, sem riquezas aparentes. Contudo, escolhido. Para quê? Abrigar uma cidade. Que cidade? Capital das Minas Gerais, planejada, inspirada em modelos europeus, que se pretendia uma verdadeira metrópole.

Divulgaram no jornal que a construção estava por começar.⁴ Chegaram notícias em muitos lugares, no país e d’além mar. Por que não pegar o trem ou o vapor e chegar no coração das Minas? Percorrer “montes e valles” e ver nascer uma grande cidade? Interessante a muitos por vários motivos: promessas de enriquecimento, oportunidades de trabalho, uma aventura, uma experiência...

Chegaram muitos. Uns vinham com régua e compasso na mão, querendo traçar os primeiros planos da bela cidade. Outros vinham cheios de ideias, diplomas, com espírito de liderança para conduzir a construção.⁵ Outros, claro, com colher de pedreiro e enxada, com disposição para assentar tijolo por tijolo da futura cidade.⁶

² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VIII*. Jornal Minas Geraes, n 94, 8 de abril de 1894, p. 1 e 2.

³ Conforme Cynthia Veiga (2002), a ideia da construção de uma nova capital para Minas Gerais era debatida desde os acontecimentos da Inconfidência Mineira. Mais tarde, foi retomada após a Proclamação da República. Em 1891, foi aprovado o projeto que previa a instalação de uma comissão para o estudo das possíveis localidades para sediar a capital. Em 1893, foi definido o arraial de Belo Horizonte, antido Curral d’EL Rey, e, então, organizou-se a Comissão Construtora da Nova Capital. No ano de 1894, iniciou-se a construção, e a cidade de Minas, futura Belo Horizonte, foi inaugurada no ano de 1897.

⁴ Alfredo Camarate, que chegou ao arraial de Belo Horizonte em 1894, dá indícios dessa circulação de notícias sobre a construção da cidade: “*Como Sabará era apenas um ponto de transição, na longa viagem que projectei, tratei desde logo de arranjar animaes para me levarem a Bello Horizonte; ponto obrigado hoje, para todos os viajantes e local onde pretendia demorar-me algum tempo; visto que, pelas descrições e relatórios que li sobre a localidade era assumpto que me daria para muitos artigos*”. RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Jornal Minas Geraes, n 74, 18 de maio de 1894, p.4. Nota-se também que, no jornal Minas Gerais, jornal oficial do Estado, foram constantes as publicações, no ano de 1893, de relatórios sobre a escolha da localidade que abrigaria a nova capital. Essas informações indicam a circulação de notícias sobre a construção da nova cidade.

⁵ A Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) foi instalada no arraial de Belo Horizonte em 1894. Letícia Julião (1996) nos diz sobre o repertório estrangeiro mobilizado pelos membros da CCNC, “*que se apoiou em conhecimentos e experiências que haviam sido desenvolvidas na Europa, ao longo do século XIX, e que se difundiam para os países periféricos, geralmente em forma de clichês*” (p.54). As crônicas assinadas por Alfredo Camarate nos dão indícios desses membros da CCNC, principalmente dos

Outro veio com tinta e papel debaixo do braço e também com uma máquina de escrever. Veio com uma mala cheia. Tinha régua e compasso, tinha pincel e partitura, tinha também passaporte e experiência de cidadão do mundo. Quem é esse? Ocupou-se, durante todo um ano, em narrar a sua experiência em uma cidade em construção. Escrevia e publicava, geralmente duas vezes na semana, no jornal oficial do Estado, suas impressões dos habitantes e do pequeno arraial Belo Horizonte. Cadê o pão francês? O hotel confortável e higiênico? As delícias do cardápio europeu e as perfumarias? A *Sciencia culinária do Brillat Savarim*? O sorvete. Sua sensibilidade fora impactada por ausências e presenças. Esse é Alfredo Camarate.

Antes de falar e apresentar aos leitores essa personagem, quase protagonista dessa história, quero narrar um pouco sobre minhas expectativas em relação ao estudo da construção e da constituição de Belo Horizonte, falar dos meus questionamentos, de minhas motivações. Estudar o período de constituição desta cidade sempre me despertou interesse, não só por pertencer a ela e ter nela desenvolvido afetividades, mas, sobretudo, chamam-me a atenção as suas singularidades. A produção historiográfica,⁷ nas últimas décadas, privilegiou como temática as discussões a respeito da construção de Belo Horizonte, ressaltando essa iniciativa como tentativa de inserção do Estado numa ordem caracterizada pelo progresso, pela modernidade e pela civilização. Abordaram os aspectos relativos às concepções urbanísticas que guiaram o projeto da cidade, destacando-se a inspiração em outros modelos considerados símbolos da modernidade, discutindo, especialmente, as tentativas de racionalização do espaço urbano, embasadas em teorias higienistas e sanitaristas em destaque naquele momento histórico. Como observa Veiga (2002): *“Transformar um pequeno arraial em um pólo moderno para onde aflúissem as novidades da economia tem, na história de Minas Gerais, um sentido político significativo, porque revela as ambigüidades da política mineira e brasileira no momento de construção da República. É expressão de uma nova*

engenheiros, arquitetos e artistas que serão também “apresentados” ao longo desse texto. Esses personagens, portadores de outros hábitos e saberes, oferecem-nos contrastes entre sensibilidades de estrangeiros e aquelas dos moradores do local.

⁶ Em uma crônica, Alfredo Camarate escreveu sobre a falta de trabalhadores para a construção de Belo Horizonte. Nela, reafirmava as vantagens do local e fez um chamado aos trabalhadores de outros estados. Achava necessário divulgar a construção da cidade para que ela não “[virasse] uma lenda”. RIANCHO, Alfredo. *Colaborações/Por Montes e Valles XLII*. Jornal Minas Geraes, n 263, 30 de setembro de 1894, p. 5 e 6.

⁷ ANDRADE (1987), JULIÃO (1992). Quero também destacar a produção na História da Educação que tratou das mudanças empreendidas na educação mineira, no início do período republicano, estabelecendo diálogo entre os reordenamentos do espaço urbano e a constituição da nova capital. A esse respeito, ver: FARIA FILHO (2000), VAGO (2002), VEIGA (2002).

concepção do social, do cultural e da importância da ciência que emerge em confronto com práticas tradicionais de se pensar a relação dos indivíduos com a cidade” (p. 51). Considero que essa produção pouco privilegiou os impactos dessa (re)ordenação sobre os sujeitos, seus corpos e seus sentidos. Como os novos ritmos e hábitos impostos pela urbanização conferiram-lhes novas sensibilidades?

O estudo aqui concentrado sobre a constituição de sensibilidades urbanas e uma educação dos sentidos teve por inspiração alguns autores que se dedicaram à percepção dos sentimentos de outrora. Para Lucien Febvre (1989), *sensibilidades* evoca a ideia de vida afetiva e de suas manifestações, ou a de emoções, as quais se constituem no que há de mais individual e subjetivo nos homens. Porém, não podem ser confundidas com uma *“simples reação automática do organismo às solicitações do mundo exterior”* (p.219). Essa ênfase na individualidade não sugere que esses sentimentos sejam reações automáticas ao mundo exterior e que também não exista relação entre as manifestações das emoções. Essas manifestações implicam relações *“de homem para homem”*, mesmo que um dado acontecimento toque de maneira particular determinado indivíduo. As experiências comuns permitem reações semelhantes, e as sensibilidades acabam se difundindo por um contágio mimético, ou, como nos dizeres de Febvre: *“as emoções são contagiosas”*.⁸

Foi fundamental ainda problematizar a relação entre as sensibilidades e a atividade intelectual. Para Gruzinski (2007, p.7), outras dimensões, além da intelectual, compõem o humano. As sensações e as emoções, presentes no humano, são também formas de estar, sentir e interpretar uma realidade. Contudo, o autor também destaca que essa dimensão *“toca o que se situa além da elaboração intelectual, mas nunca se separa dela”*. Para Pesavento (2007a), a sensibilidade, como forma de apreensão do mundo, que ultrapassa o conhecimento científico e que se traduz em sensação e em emoções, não brota do racional ou de construções mentais mais elaboradas, situa-se no espaço anterior à reflexão, na experiência humana, que nasce do corpo, como resposta

⁸ O estudo das sensibilidades e a atenção do historiador para tais questões foram apresentados por Lucien Febvre em um artigo (1989), no qual anunciava que a temática da sensibilidade era um tema novo para a história. O historiador da primeira geração dos *Annales* propunha, como desafio para os historiadores, o estudo das sensibilidades. Para realizar tal empreendimento, fica clara, no programa proposto pelos fundadores dos *Annales* – e que continuará como marca de identificação das gerações posteriores –, a necessidade do historiador se aproximar de outras ciências sociais. Febvre deixou revelar, assim, sua aproximação com outros campos do conhecimento, em particular, com a psicologia. Nesse sentido, fez um esforço de recuperar os diferentes significados que essa palavra apresentava nos séculos anteriores, significados esses muito ligados aos sentimentos piedosos e de ordem moral.

ou como reação a uma realidade. Em seus dizeres, “*Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos e psíquicos, uma vez em contato com a realidade*” (p. 10).⁹

Foi a partir desse interesse pelo estudo das sensibilidades que procurei compreender os impactos sofridos pelos sujeitos na intensa transformação do espaço, que se pretendia urbano e moderno. Nessa perspectiva, tomei, como eixo dessa investigação, a compreensão de como, na experiência da cidade, novas sensibilidades iam sendo constituídas no e pelos sujeitos que passariam a viver na cena urbana, contrastando-se com a rusticidade dos hábitos e dos comportamentos próprios dos habitantes do antigo arraial Curral d’El Rey.¹⁰ Falar da constituição de uma sensibilidade urbana exigiu um olhar atento para o arraial, seus habitantes, suas casas, sua paisagem, seus sons, suas comidas, seus hábitos e ritmos. Foi pelo contraste que conseguimos captar os impactos sofridos pelos sentidos na transformação do espaço urbano.

“(...) o bello arraial, formado de pequenas casinhas baixas, na maior parte caiadas e divididas por extensos muros de adobes, sem junteiras de cal e pela simples argamassa de visguento barro vermelho, que cobre quase todo o solo do povoado (...) cansado e coberto de espessa camada de um pó alvamento e fino que lhe penetra os pulmões e muda as tintas do vestuário em indecisas cores (...) Aqui encontra-se um a aquecer-se ao sol, em cócoras, no batente da porta, vestido de brim nacional ou riscadinho de algodão, em uma flanela a resguardar os membros hirtos de frio, com os pés descalços, unhas roxas e avermelhadas do pó do solo, o cabelo preto, mas desgrenhado e sem cultura. A physionomia é triste, o rosto encovado, as faces fundas e chupadas para dentro, uns dentes irregulares e amarellentos por entre as falhas dos

⁹ Para a mesma autora, as sensibilidades também correspondem às manifestações do pensamento de forma mais organizada quando são traduzidas em termos mais estáveis e contínuos, ou quando as sensações se transformam em sentimentos ou em “estados de alma” (PESAVENTO, 2007a, p.10).

¹⁰ De acordo com Veiga (2002), a mudança do nome Curral d’El Rey para arraial de Belo Horizonte aconteceu em 12 de abril de 1890, por iniciativa de alguns interessados na mudança da capital para a localidade, que enviaram ao então Governador João Pinheiro um ofício, solicitando tal mudança. Dessa forma, quando a localidade foi escolhida e iniciou-se a construção da cidade, o arraial já havia recebido a denominação de Belo Horizonte. Nos documentos produzidos pela CCNC e também nas notícias de jornal, nas crônicas assinadas por Alfredo Camarate, essa denominação é a mais presente. Vale lembrar que a cidade foi inaugurada com a denominação “Minas”, e, somente em 1 de junho de 1901, pela Lei n.302, “*Muda para ‘Bello Horizonte’ a denominação da Capital do Estado de Minas Geraes*”. Dessa forma, utilizarei esta denominação, Belo Horizonte, ao longo da escrita, apesar de muitos autores falarem, em seus trabalhos, do arraial do Curral d’El Rey como nome anterior à inauguração da cidade.

quaes sybilla as demoradas phrases incorrectas e cantadas, como de quem implora protecção ou teme desagradar; a barba pouco limitando-se á um bigode irregular e espetadiço, única distinção d'aquelle semblante pálido e sem expressão alguma (...)."¹¹

Essa é a descrição de um morador do arraial numa paisagem ruralizada e que em breve ganharia outras tonalidades, texturas, odores, sons e formas. Apresentada na primeira revista produzida pela Comissão Constructora da Nova Capital, instigou-nos a pensar como esse sujeito – talvez fictício, mas construído a partir de uma realidade – conviveu com a construção de uma cidade que se desejava moderna. Essa narrativa, como pintura ou fotografia, produz uma visualidade, que, pela minúcia dos detalhes, ajuda-nos a pensar sobre sujeitos num espaço e num tempo.

Paisagem em transformação. Imagens sobrepostas: alargamento de ruas, construção de avenidas, luz elétrica, meios de transporte em velocidade jamais experimentada, convivência com estranhos. Qual é a experiência de vida em uma cidade em construção ou na metrópole? Como sentidos e sensibilidades são impactados e inauguram novas maneiras de estar e sentir o mundo? Como os sujeitos são educados pelo e para o espaço urbano? Encontro com as fontes: como captar sentimentos, expectativas e experiências dos habitantes do arraial que conviveram com essas intensas transformações do espaço urbano?

Escolhi para dizer dessas transformações as lentes de Alfredo Camarate, que, junto com a legislação que regulava a vida na cidade,¹² os periódicos e as imagens,¹³ permitiram-me perceber vestígios da constituição de uma sensibilidade urbana.¹⁴

A produção jornalístico-literária de Alfredo Camarate,¹⁵ em “escritos do cotidiano”, produzida à época da construção da cidade, forneceu-nos indícios tanto da

¹¹ *Revista Geral dos Trabalhos*, Comissão Constructora da Nova Capital, sob direção do Engenheiro Chefe Aarão Reis, Rio de Janeiro H. Lombaersts & C, abril de 1895, p. 12 e 14. Apesar de esse texto ter sido assinado por Fábio Nunes Leal, secretário da CCNC, me sugere, pela forma de escrita e narrativa, que talvez possa ter recebido certa influência de Alfredo Camarate, que também fazia parte dessa divisão. De toda forma, essa descrição é interessante para a nossa pesquisa, na qual nos propusemos a pensar no habitante do arraial.

¹² Mobilizei o aparato legal principalmente no capítulo sobre o tato “Texturas de sentir” e no capítulo sobre o olfato “Cheiros impregnados”, observando as prescrições higiênicas para a cidade, investigando as orientações para a construção das ruas e casas, problematizando materiais utilizados, medidas, etc.

¹³ Algumas imagens foram mobilizadas e antecedem cada capítulo da dissertação.

¹⁴ Sabemos da dificuldade, enfrentada pelo historiador, de recuperar as sensibilidades, formas de apreensão do mundo que escapam a um conhecimento puramente racional e científico. O reconhecimento das subjetividades, pela História Cultural, impôs aos historiadores “um treino no olhar”, conferindo-lhes a capacidade de recuperar a experiência sensível do *outro*. É, nessa direção, que intentamos, por fontes documentais, as quais nos possibilitassem recuperar os sentimentos, reconstruir a emoção de outro tempo histórico, materializada pelos sujeitos do passado – em registros escritos ou imagéticos, os quais servem à investigação como vestígios, marcas, pegadas do passado (PESAVENTO, 2004).

experiência sensível dos sujeitos de outrora, quanto das alterações no espaço físico e social do arraial-cidade. A experiência do cronista foi registrada na série *Por Montes e Valles*, publicada no jornal *Minas Geraes*, ao longo de 1894, primeiro ano de construção da futura capital Belo Horizonte.¹⁶

O que faz das lentes de Alfredo Camarate potentes para perscrutar esse arraial em transformação? Uma primeira leitura foi decisiva para tomar esse conjunto de crônicas como a principal fonte da pesquisa. Escritas por “quem vem de fora”, com olhar estrangeiro, viajante e atento, que tudo estranha, repara e percebe diferenças, chamava-me a atenção as minúcias e os detalhes com que Camarate narrava alterações sutis e singulares, imperceptíveis a um olhar familiarizado. Percebia a potencialidade delas para a pesquisa, uma vez que me davam indícios dos costumes dos habitantes, da introdução de elementos da urbanização, dos espaços do arraial, da construção da cidade. Enfim, os escritos do viajante me mostravam como novas sensibilidades vão sendo fundadas na vivência de uma experiência moderna, o modo pelo qual os sentidos vão sendo impactados, como mudam as maneiras de ver e ouvir, de sentir cheiros e gostos, de sentir uma cidade “pelos poros” do corpo. Tudo isso ele me contava.

Alfredo Camarate, sujeito de múltiplas experiências, veio para Belo Horizonte em 1894, primeiro ano de construção da futura capital de Minas Gerais, tal como já ressaltai.¹⁷ Difícil precisar quais as intenções que o motivaram deixar o Rio de Janeiro, onde vivia há alguns anos, e se mudar para o canhestro arraial, local em que seria erguida a planejada capital “Minas”. Em uma carta dirigida ao Engenheiro Chefe da

¹⁵ A produção literária / jornalística de Alfredo Camarate é bastante referenciada em trabalhos de memorialistas dedicados à cidade e mesmo em pesquisas sobre a história de Belo Horizonte. O primeiro contato com esses escritos foi intermediado principalmente pelas leituras de Abílio Barreto (1936). Essas leituras me deram a indicativa de que as crônicas de Camarate haviam sido publicadas no Jornal Minas Gerais, no ano de 1894. Quero destacar, contudo, o caráter fragmentário e, por vezes, ilustrativo do emprego dessas crônicas em trabalhos sobre a história de Belo Horizonte. Observei a potencialidade delas quando analisadas em conjunto e, sobretudo, quando se dedica atenção a quem as escreveu, buscando sentidos em cada fala, observando consonâncias entre a trajetória do cronista e aquilo que elegeu para narrar em sua série.

¹⁶ A partir da “dica” do trabalho de Abílio Barreto (1936), fui para o arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, percorri todos os números do jornal *Minas Geraes*, publicados nos anos de 1893 a 1895. Localizei 53 crônicas, que compunham uma série assinada por Alfredo Riancho, intitulada: “*Por Montes e Valles*”. Além dessa série, também foram localizadas aproximadamente 50 crônicas publicadas no ano de 1893.

¹⁷ Alselmo Ribas (1893) escreveu sobre sua viagem à Minas Gerais. Algumas crônicas, com o título: *Por Montes e Valles*, assinadas por ele, foram publicadas no Jornal Minas Gerais, n.117, de 1 de maio de 1893, p.2 e 3, e no n.123, em 7 de maio de 1893, p. 3 e 4. Ao que tudo indica, essa publicação foi interrompida. Porém, a viagem de Ribas foi descrita no livro: *Por Montes e Valles (Ouro Preto e Vassouras)*. São constantes, nessa obra, os diálogos entre ele e seu companheiro de viagem Riancho (pseudônimo de Alfredo Camarate). É interessante que, no ano seguinte, “Riancho” passasse a assinar uma série de crônicas com o mesmo título, aqui mobilizadas como principal fonte da pesquisa.

Comissão Construtora Aarão Reis, Alfredo Camarate colocava-se à disposição dessa comissão, mesmo conservando um tom modesto para oferecer seus serviços:

Exmo. Snr. Dr. Aarão Reis

O dr. Ferreira de Araújo, meu velho companheiro de jornalismo, comunicou-me que havia escripto a V. Exa., pedindo-lhe a sua protecção em meu favor.

Conhecendo a responsabilidade do encargo que pesa sobre V. Exc. e ainda as extraordinárias preocupações que deve ter tido, na installação de tão serio quanto importante serviço de lançar os fundamentos de uma grande capital, não me apresentei para pelo menos cumprir os deveres da boa cortezia; convicto de que enredado, no melhor animo, em tão vasto empreendimento, não descerá as minuciosidades de attender a preitos de nonada.

Não me julgo com préstimo e competência, para exercer o mais insignificante cargo, sob as ordens de V. Exc.,; nem a minha idade o permite, nem a exigüidade das minhas aptidões pode fornecer a V. Exa um auxiliar que preste.

Em todo caso, se n'uma emergência qualquer, lhe puder ser útil, disponha V. Exc. do meu desinteressado préstimo, que é servido unicamente pela minha boa vontade e nunca desmentida actividade.

N'estas condicções, assigno-me como venerador e imprestável criado.

A. Camarate

Bello Horizonte, 18 de março de 1894.¹⁸

Podemos indiciar a vinda desse sujeito a partir de alguns vestígios e, sobretudo, fazendo associações entre a sua formação e os múltiplos lugares que ocupou e por onde transitou. Português, nascido em Lisboa em 1840, Alfredo Camarate chegou ao Brasil aos 32 anos de idade. Ainda na Europa, formou-se na Inglaterra em arquitetura, estudando música e crítica de arte.¹⁹ Além disso, Camarate desenvolveu um olhar interessado e sensível por diferentes espaços e sujeitos, percorrendo muitas cidades na Europa e na África. No Rio de Janeiro, foi inspetor do Conservatório Imperial Musical, bem como escreveu para o *Jornal do Comércio*.²⁰ Também há indícios de sua produção jornalística e literária em vários lugares. Camarate contribuiu para a imprensa do Rio de

¹⁸ Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto. Conteúdo: Carta ao engenheiro-chefe referente à prestação de serviços. Notação CCDa 03/001. Local: Belo Horizonte. Data: 18/03/1894. Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

¹⁹ As informações biográficas de Alfredo Camarate foram encontradas na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano XXXVI, 1985, que publicou a série *Por Montes e Valles*, e também nas suas crônicas. Em uma de suas crônicas, Alfredo Camarate comentou sobre sua relação profissional com a arte. Conforme Camarate, “*Se os bens da fortuna nunca me proporcionaram meio de ser colecionador, os encargos da minha profissão, como conservador do museu de arte ornamental, na Academia Real das Belas Artes de Lisboa, e as minhas incessantes viagens puseram-me em contato com tudo ou quase tudo quanto há de belo, nas diversas províncias das Belas Artes*”. RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XI*. *Jornal Minas Geraes*, n 103, 18 de abril de 1894, p. 1 e 2.

²⁰ Em uma crônica Alfredo Camarate fez referência à sua contribuição para o *Jornal do Comercio*, escrevendo sobre os “mestres-de-obra”, na cidade do Rio de Janeiro. RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXV*. *Jornal Minas Geraes*, n 182, 8 de julho de 1894, p. 4 e 5.

Janeiro,²¹ São Paulo e Buenos Aires, assim como para jornais publicados nas cidades mineiras de Sabará e Ouro Preto.²²

Tomando, como fio dessa meada, Alfredo Camarate, podemos distinguir quatro facetas desse sujeito, que nos possibilitariam explorar o objeto desta investigação: o engenheiro/arquiteto; o artista e estudioso de arte; o cronista; o viajante. Esses foram alguns “papéis” assumidos por essa personagem em Belo Horizonte. Trata-se de facetas indissociáveis, responsáveis por tecerem tramas diferentes em determinados momentos e de acordo com a intenção desse sujeito. Vir a Belo Horizonte, estabelecer-se nesse local, lugar impactado por intensas mudanças no espaço físico e social, poderia corresponder a várias expectativas de Alfredo Camarate. Como engenheiro e arquiteto, ele poderia contribuir para a construção da cidade, fazer parcerias, obter negócios.²³ Como homem voltado para as artes, foi um dos primeiros membros do Gabinete Photographico, importante setor da CCNC, que tinha como objetivo registrar os feitos da Comissão além de divulgar, inclusive para fora do país, a cidade-planejada. Sabe-se também que Camarate foi um incentivador da produção musical no local, realizando as primeiras audiências musicais na cidade.

Como viajante, observou que a vinda para uma cidade em construção, planejada para ser a nova capital de um Estado, seria uma experiência da qual não poderia prescindir; “*ponto obrigado hoje, para todos os viajantes*”,²⁴ local onde pretendia demorar-se por algum tempo e recolher da experiência assuntos para muitos artigos. Como cronista e jornalista, encontrou na cidade uma grande oportunidade: escrever para o *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado, publicado em Ouro Preto, na Imprensa Oficial

²¹ Anselmo Ribas, pseudônimo de Coelho Neto, escreveu, em sua obra *Por Montes e Valles*, a respeito de sua estadia em Ouro Preto, no ano de 1893, acompanhado por Riancho (pseudônimo de Alfredo Camarate). Nessa narrativa, Riancho ganhou “voz” e comentou: “*Imaginem vocês eu estava aqui escrevendo as minhas impressões para a Gazeta, uma chronica... Aspira anciado: descrevendo a linda manha de hoje e todos os encantos desta terra, que se não foi o meu berço há de ser o meu tumulo, se Deus quiser...*” (p. 74). Riancho, nessa passagem, escutou uma música e, quando foi à janela, observou um grupo de rapazes acadêmicos. Ouviu que eles estavam vindo saudar “*os representantes da imprensa fluminense*” (p.75). Camarate ficou bastante receoso com a chegada dos rapazes e com a possibilidade de que lhe pedissem que fizesse um discurso.

²² Enveredar pela investigação sobre a sua participação na imprensa poderia ser promissor, mas exigiria uma dedicação e um tempo demasiados, o que comprometeria o escopo deste trabalho.

²³ Nessa iniciativa, integrou-se à Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), responsável pela aprovação das plantas de casas particulares. Além disso, Alfredo Camarate associou-se a outros empreendedores, tais como Eduardo Edwards e Francisco Soucosseaux. A empresa de Edwards, Soucosseaux e Camarate foi contratada pela CCNC para a construção da Estação General Carneiro. É interessante, nesse sentido, observar a presença de imagens da Estação General Carneiro no álbum produzido pela CCNC, tendo em vista que Camarate fazia parte do gabinete photographico.

²⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Jornal Minas Geraes, n 74, 18 de março de 1894, p. 4.

do Estado. Vale dizer que, durante a nossa pesquisa, não foi possível perceber se a publicação das crônicas “*Por Montes e Valles*”, geralmente, em dois dias da semana, fora algo “encomendado”. Mas é fato que, em 1894, ano de início da construção da cidade, as únicas notícias sobre a cidade/arraial, no periódico oficial, eram trazidas pelas crônicas de Alfredo Riancho, pseudônimo de Alfredo Camarate.

Arquiteto, artista, crítico musical, jornalista, viajante: facetas indissociáveis que se amalgamam no cronista. A escrita só é possível e só faz sentido ao narrar a experiência do viajante, daquele que circula, que traz história, mas também a experiência de cidadão – aquele que mora na cidade – que fica, que se demora nela, que se deixa entranhar. Conhece-se esse lugar andando, captando cheiros e sons, dimensões visíveis e invisíveis desse espaço. Faz-se a leitura do espaço citadino, usufruindo de modalidades sensoriais e sinestésicas, já que conhecer a cidade e falar dela exige a presença corporal e sensível.

Para compreender a escrita de Alfredo Camarate, duas noções foram importantes, por me chamarem a atenção da experiência/vivência corporal na cidade e à relação entre os sentidos e as sensibilidades como formas de apreensão do mundo. Trata-se das noções de experiência e narração, inspiradas, principalmente, na obra de Walter Benjamin (1994). Nos trabalhos desse autor, essas duas noções se interpenetram, amalgamadas nas figuras do “velho” narrador e do viajante, que possuem experiências sensíveis no tempo e no espaço. O viajante, “*que vem de longe*”, que “*tem muito que contar*” (p. 198), e o velho, que conta suas histórias e tradições, são aqueles que narram e encontram escuta, que sugerem a continuidade da narrativa, que sabem dar conselhos. “*Tecido na substância viva da existência*” (p.200), o conselho é sabedoria. “*O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros*” (p.201). “*A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores*” (p.198). Experiência é algo que toma o sujeito, que o tomba, que se retém na memória e, por isso, é passível de ser contada. A narrativa, embrenhada de experiência, é distinta da informação, que “*só tem valor no momento em que é nova*” (p.204), que “*aspira a uma verificação imediata*”, que “*precisa ser compreensível ‘em si e para si’*” (p.203). A difusão da informação, que encontra ouvintes ávidos por acontecimentos próximos e imediatos, é responsável pelo declínio da arte de narrar.²⁵

²⁵ Para Benjamin (1994), na modernidade, observa-se o declínio ou o enfraquecimento da experiência. Ela não é mais comunicável e se estabelece outra maneira de rememorar o vivido. Ganha mais sentido, para

É possível pensar Alfredo Camarate como narrador a partir do que Walter Benjamin nos ensina sobre essa figura. Sua escrita parte de uma experiência sensível, que, nas crônicas, expressa imagens literárias. Elejo crônicas que falam sobre a vida na(s) cidade(s) e que se configuram como uma narrativa de um viajante que tem algo a comunicar. Nosso protagonista, a partir de sua escrita, mesmo que parta de uma experiência individual, “*transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito*” (GAGNEBIN, 1994, p.11). Além disso, há um esforço de memória, conjugando-se passado e presente que se expressam na narrativa-escrita.²⁶ Há também uma oralidade nessa escrita, uma fala que evoca a audição do leitor. Como lembra Benjamin (1994), “*Entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos*” (p.198). A narrativa do cronista não quer transmitir uma informação ou um relatório sobre a construção da cidade. “*Ela (a narrativa) mergulha a coisa na vida do narrador*”; na narrativa está impressa a marca do narrador, “*como a mão do oleiro na argila do vaso*” (p.205). Sua escrita, uma narrativa, inicia-se com a descrição das circunstâncias que lhe permitiram e o fizeram contar o que vem a seguir. Por vezes, Camarate imprime, à narrativa, uma experiência autobiográfica e também, em muitas crônicas, narra novamente a experiência alheia, o que seus ouvidos de escuta atenta elegeram reter na memória.

O viajante, que se disponibiliza ao acaso, diferencia-se do turista que, antes de mais nada, quer verificar as informações obtidas *a priori*. Essa faculdade lhe permite estar sempre aberto ao inesperado e, por isso, captar através de seus sentidos singularidades e assuntos para uma crônica. Através dos seus sentidos, também pode ativar sua memória involuntária, aquela que Walter Benjamin (1994) reconheceu em Marcel Proust, em distinção da memória voluntária. Para Proust, a primeira é instigada a partir do contato com algum objeto ou da sensação que este provoca no indivíduo. Considerando essa característica, o encontro com o passado depende unicamente do

se falar dessa nova relação com o tempo, inaugurada pela modernidade, a noção de “experiência vivida” ou vivência, que caracterizam o indivíduo solitário e a privacidade da experiência. Essas noções expressam também os constantes “*chocs*” nos sentidos, provocados pela convivência com a multidão, a velocidade, os aparatos tecnológicos.

²⁶ Gagnebin (1994) expressa a relação entre Walter Benjamin e a obra de Proust. A autora aponta que a experiência vivida de Proust, “*particular e privada, já não tem nada a ver com a grande experiência coletiva que fundava a narrativa antiga*” (p. 15). Contudo, um esforço de lembrança transforma o caráter contingente e limitado da experiência vivida. O acontecimento vivido deixa de ser finito ao se tornar acontecimento lembrado, sem limites, “*uma chave para tudo o que veio antes e depois*” (BENJAMIN, 1994, p.37).

acaso, não é deliberado. A memória voluntária, por sua vez, está a serviço da atividade intelectual e é própria da vivência, ou seja, da maneira de vida dos homens que estão sempre em alerta aos “chocs” e não incorporam as sensações do estar vivo na memória do seu passado.

A composição das crônicas de Alfredo Camarate nos sugere um exercício de rememoração. Passado e presente são cruzados. O passado irrompe no presente a partir de uma percepção, de algo que chega aos sentidos, de uma sensação do agora que puxa uma outra. Essa memória involuntária, fixada em texto, mostra que evocar um passado não requer apenas o uso da inteligência, que recorta previamente o útil e o inútil a ser guardado na memória. Com Proust e Benjamin, entendemos que o passado também está guardado ou oculto em algum objeto material,²⁷ e a experiência sensível com este desperta, no sujeito, uma sensação passada – revivida no presente e imersa na memória. A memória involuntária ressurgue sem porquês, graças a uma analogia com uma sensação do presente. Narrar uma vida, as múltiplas experiências sensoriais, só é possível “*quando percebemos que a vida não é estrada contínua, uma ordem casual e sucessiva entre diversos instantes vividos, mas sim uma difícil recuperação de instantes descontínuos e fragmentados*” (OLIVEIRA, 2006, p. 29). A narrativa não está pronta, porque a memória não é como vagões de trem que carregam determinados acontecimentos e que se descarrega com uma intenção do narrador. O verdadeiro passado, envolto na experiência, vem carregado de cheiros, imagens, sons, sabores e sensações. As crônicas de Alfredo Camarate produzem um outro tempo, comum entre passado e presente. Isso só é possível por alguém, que possui experiência e a capacidade de lembrar.²⁸ A escrita da crônica não se concentra, portanto, em uma relação

²⁷ Proust (2006) elaborou essa ideia, utilizando como metáfora uma crença céltica de que as almas daqueles que perdemos se acham cativas em algum ser inferior, num animal, um vegetal, uma coisa inanimada até que um dia são reconhecidas, são libertadas por nós, vencendo a morte, e voltando a viver conosco. “*É assim com o nosso passado. Trabalho perdido evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca*” (p. 70 e 71). Dando um exemplo desse passado, despertado por uma sensação ou por um objeto do presente, o narrador da obra de Proust (2006, p. 71 e 72) relata sua volta para casa, em um dia de inverno, quando lhe é oferecido, por sua mãe um chá, “*coisa que contra meus hábitos*” Quando deixa amolecer, em sua boca, um pedaço de madalena por uma colherada de chá que leva aos lábios, é tomado pelo prazer, “*sem noção de causa*”. O chá com madalena é um objeto inanimado no qual se encontra escondido a aura de algo que permaneceu intocado pelo funcionamento mecânico do hábito.

²⁸ Esse exercício da memória, revelado na escrita, das crônicas por Camarate, foi também revelado por Anselmo Ribas (1893), quando escreveu sobre um baile e concertos noturnos em Ouro Preto. Nas suas palavras, “*Baile e concerto à noite. Riancho, allegando a sua avançada idade e o peso do seu corpo rotundo, que o impossibilita de fazer voltas de valsas com a graça recommendada por Byron, deixa-se ficar preguiçosamente estirado, recapitulando factos para a sua próxima chronica (...)*” (p. 95).

mecânica e deliberada com uma memória voluntária, com o que se julgou útil reter. É legítimo falar ao leitor de suas experiências, das percepções sensoriais, gravadas no corpo e na memória e que, por acaso e por um fenômeno do agora, vieram a encher o “vaso” do presente.²⁹

As crônicas, reunidas na série *Por Montes e Valles*, não dizem apenas desse arraial-cidade. Partindo da experiência do viajante, elas falam de cidades, expressam o fascínio e o gosto que alguns sujeitos por elas desenvolvem. É perceptível, na narrativa de Alfredo Camarate, as constantes referências aos centros urbanos, a Londres, a Paris, ao Rio de Janeiro e aos modos de vida nesses espaços. A cidade, como uma paisagem que se conhece corporalmente e pelos sentidos, ganha contornos, resulta numa fisionomia. A partir dessas crônicas, é possível montar uma fisionomia³⁰ da cidade moderna. Pensamos nesse gênero literário, tipicamente urbano, como uma “filha” do folhetim, como uma escrita destinada a se vender nas ruas. Como nos fala Benjamin, “*Nesse gênero ocupavam lugar privilegiado os fascículos de aparência insignificante, e em formato de bolso, chamados ‘fisiologias’. Ocupavam-se da descrição dos tipos encontrados por quem visita a feira. Desde o vendedor ambulante do bulevar até o elegante no foyer da ópera, não havia nenhuma figura da vida parisiense que o ‘fisiólogo’ não tivesse retratado*” (1989, p. 33 e 34). Assim, a crônica pode ser reconhecida como uma escrita da rua: lugar onde se coloca o escritor, onde se colhem os motivos, motivações e inspirações para a escrita. Na rua está o seu começo, seu nascimento. Na rua também está seu fim, sua morte, seu esquecimento, quando se torna mercadoria.

Como fisiognomista, Alfredo Camarate conseguiu “*transmitir e preservar a sensação da Modernidade como ‘figura interna’, isto é, como uma experiência gravada no íntimo do sujeito*” (Bolle, 2000, p. 26). O estudo do cotidiano da Modernidade não pode prescindir do olhar de fisiognomistas que “*perseguindo rastros e detalhes ‘aparentemente irrelevantes’, desmacaram feições e feitos da Modernidade, inscrevendo-se entre os grandes ‘detetives’ da história*” (p. 19). Camarate, em suas

²⁹ Oliveira (2006) observa que as “*horas passadas de um indivíduo, para o narrador proustiano, são como vasos fechados, cada um contendo um amálgama de percepções que a memória voluntária não julgou útil selecionar e reter, mas que ressurgem sem porquê graças à misteriosa analogia com a sensação presente*” (p. 29). Por vezes, um desses vasos se move em direção a outro vaso que está sendo preenchido pelo presente “*e o invade e por um instante imobiliza*” (p. 29).

³⁰ Neologismo utilizado por escritores da Modernidade, entre eles, Walter Benjamin, que se refere à fisionomia da cidade e ao olhar do fisiognomista (BOLLE, 2000).

crônicas, matizou a positividade da modernidade, motiva a pensar que o progresso comporta avanços e regressões.

Além disso, a forma da crônica também é reveladora da aproximação desse cronista-viajante com a modernidade. Suas crônicas foram construídas a partir de imagens sobrepostas. Sua técnica de montagem³¹ enquadrava cenas e paisagens, que, por sua vez, foram organizadas como em um álbum. A “radiografia da metrópole” ou da modernidade foi então construída a partir de imagens que se contrastavam: urbano/rural, estação de ferro/tração de boi, etc.

Há uma correspondência entre o ambiente sensorial, as transformações da faculdade perceptiva e a obra de arte/literária.³² Muito daí se explica a aproximação de Walter Benjamin com Baudelaire, uma obra carregada de “*antecipações, presságios, de possibilidades de futuro*” (OLIVEIRA, 2006, p. 32). A partir dessa obra, Benjamin tentaria tornar visível o mundo sensório sobre o qual a obra fora construída. Esses presságios, prognósticos expressam-se também na forma de uma “*prosa poética que se adapte ao ritmo dos ‘sobressaltos’ da consciência daquele que caminha pelas ruas*”, de uma escrita, fruto da frequência à cidade. O artista caleidoscópio se disponibiliza e “*faz de si uma espécie de laboratório sensorial, faz de sua obra uma observação das mudanças estéticas, que estão se processando nele, considerando a si mesmo uma metonímia de todos os da sua época*” (OLIVEIRA, 2006, p. 32). É com essa percepção, cara aos artistas, que acompanhamos a mudança da atmosfera sensível de uma cidade em construção. Alfredo Camarate anunciara o que em breve seria incorporado materialmente à cidade, como os habitantes do arraial iriam perceber tais mudanças e seus sentidos, educados a um tempo de urbanização. A própria crônica, em sua forma, também carrega essa forma de percepção inaugurada na modernidade. “*A obra de arte pode antecipar, exagerar, distorcer para que se possa ver o que está próximo demais. Ou pode simplesmente reproduzir estas novas condições e contribuir para o mero*

³¹ Reconhecemos, em Walter Benjamin, a “técnica de montagem”, extraindo e montando citações como uma forma de narrativa. Esse tipo de escrita parte e tem inspiração na modernidade, na fragmentação do cotidiano, e consegue, pela reunião dos fragmentos, dar forma a uma narrativa, recompondo essa fragmentação. Sobre essa questão ver BUCK-MORSS (2002).

³² Colocando-se em comparação a tela na qual se projeta um filme e a tela em que se encontra um quadro, Walter Benjamin (1894) observou como o cinema é a forma de arte que corresponde aos perigos a que estão expostos os homens contemporâneos. A percepção sobre a forma do choque se impõe como princípio formal. A série de golpes a que se submete o espectador do filme é semelhante a do transeunte nas ruas das grandes metrópoles. Surge uma nova forma de percepção, uma sensibilidade que faz aparar os choques. Os órgãos da sensibilidade não deixam que o estímulo produza traumas, e a percepção sensorial articula-se com a memória, não permitindo que nada se impregne nela, que tudo seja esquecido com a mudança da cena.

treinamento da percepção” (OLIVEIRA, 2006, p.74). A forma das crônicas também ajuda a inaugurar uma nova sensibilidade. Elas possuem um prazo de validade, educam o leitor para novas formas de percepção, relacionadas à velocidade e à exposição a um volume intenso e imenso de informação.

Alfredo Camarate exerce, por isso, a função de artífice e construtor da cidade. Projeta, tomando como modelo, exemplos e contra-exemplos de outros centros urbanos. Suas crônicas produzem um “diagnóstico” do arraial e de seus habitantes. A partir dessa avaliação, Camarate pôde definir o que tornaria a cidade de Belo Horizonte verdadeiramente moderna. Ele projetou, idealizou, previu e ensinou como seria a futura capital, tomando Paris, Londres e Rio de Janeiro como exemplos legitimadores tanto da sua narrativa – já que esteve nesses locais –, quanto do modelo de cidade.

Pensar a constituição de uma nova sensibilidade leva-nos a uma aproximação com a ideia de experiência já aqui apresentada e referenciada em Walter Benjamin (1994). Podemos sugerir que, para o autor, a dimensão do sensível, a presença corporal, os sentidos são formas de se apropriar do mundo e que a relação desses elementos com objetos, pessoas e com a materialidade arquitetônica, por exemplo, dizem-nos sobre as formas de estar no mundo. Podemos também afirmar que os dados coletados pela impressão sensorial em uma cidade em construção também passam por processos de ordenação e são postos em relação com outras experiências e lembranças. Nesse sentido, podemos pensar na sensibilidade do cronista que, a partir da sua impressão sensorial mais imediata no arraial, colocou em diálogo experiências anteriores, materializadas nas suas narrativas no *Minas Gerais*. Por sua vez, a experiência sensível dos habitantes do arraial de Belo Horizonte, no contato com um espaço em transformação, com outros sujeitos, outras experiências e coisas do mundo, ajudou a constituir um “estado de alma”, uma sensibilidade cada vez mais urbana.

Pensar sobre a sensibilidade a partir de Walter Benjamin é reconhecer os significados dados à estética, principalmente à sua dimensão histórica e as mudanças nas formas de percepção. Esse termo vem do grego *aísthesis*, que pode ser traduzido por percepção. “A *aísthesis* é a apreensão do que é corpóreo, através dos poderes ou faculdades próprias ao corpo: visão, audição, tato, etc” (OLIVEIRA, 2006, p. 31). A estética,³³ como ramo da metafísica, está muito associada a um “discurso que investiga

³³ Esse termo, a partir do século XVIII, passou a designar uma parte da filosofia que trata da sensação provocada pelo belo, tanto artístico quanto natural. Em “Crítica da Razão Pura”, de Immanuel Kant, a palavra “estética” ganha a conotação genérica de percepção sensível, conforme salienta Oliveira (2006).

as nossas relações com as obras de arte, e os sentimentos e pensamentos provocados por elas” (OLIVEIRA, 2006, p. 31). Contudo, parece-nos importante extrapolar essa relação estética apenas com o objeto artístico e envolver a percepção – possível pelo corpo e pelos seus sentidos – com outras dimensões da vida. Estamos lidando, portanto, com uma *aísthesis* cotidiana. Não só a obra de arte nos atinge por uma(s) da(s) via(s) do(s) sentido(s). Estar na cidade, apreender o mundo exige a participação deles. No entanto, se “*na metafísica tradicional, a aísthesis sempre foi tratada como propriedade do homem, como um atributo seu, constante e inalienável*” (Oliveira, 2006, p. 31), um pressuposto da obra de Benjamin é de que a percepção sensível é histórica, ou seja, a percepção, os sentidos e as sensibilidades são educados e educáveis. Para Benjamin, “*No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente*” (1994, p.169).

Para a construção desta narrativa sobre a educação das sensibilidades em outro tempo, percebemos a potencialidade de “entrar” no passado por meio de cada sentido, ou seja, perceber como cada um dos sentidos humanos foi(é) impactado pela experiência moderna, pela vida na cidade. Uma leitura das crônicas, sensorialmente orientada, possibilitou-nos essa aproximação do olho, da boca, dos ouvidos, do nariz e do corpo/pele dos habitantes do arraial. Os cinco sentidos do viajante-cronista captaram sons, cheiros, imagens, barreiras físicas, sabores. Sua sensibilidade reconheceu e estranhou aspectos do tempo e do espaço, e é por esse jogo que conseguimos montar uma narrativa.

Falar do olhar na cidade é observar como novos aparatos entram na esfera óptica dos sujeitos, como se estabelece uma relação com o mundo a partir do olhar. O sentido da visão desponta na vida urbana e moderna como via principal de acesso ao mundo e das interações que se estabelecem na cidade. A atitude do cronista de tudo olhar, tudo perscrutar é sinal dessa primazia do sentido da visão. Somos convidados a olhar os habitantes e o arraial, um “horizonte belo de ver”.

À pele e ao corpo são impostas barreiras. Havia um universo de utensílios que entravam no cotidiano da cidade e dos habitantes: xícaras de asas é um exemplo. Há uma pedagogia das coisas, inclusive da própria cidade e da arquitetura dos prédios. Muitas crônicas nos deram indícios das novidades de uma cultura material que se inseria nesse espaço em transformação. Denotam, em tom de prognóstico, como seria

necessário educar corpos, ensinar e aprender uma técnica corporal, uma gestualidade adequada a urbanas formas. Uma nova maneira de estar corporalmente e sensivelmente na cidade inaugurava-se, muitas “texturas de sentir”.

Nos ouvidos, entram as vozes dos habitantes do arraial, o sino da matriz, as resas e cantarias captadas também pelo cronista. Ouvir é captar os sons da cidade em construção, é acompanhar o silvo da locomotiva que inaugura um novo tempo no arraial-cidade. Sobrepõem-se os “sons do arraial e os sons da cidade”.

Sentir os sabores das cidades é descobrir cardápios: europeus e belorizontinos; é falar dos elementos e alimentos postos à mesa, falar de sociabilidades, de civilidades, de maneiras de se portar perante o outro. O abecedário caseiro e o receituário do cronista publicados no jornal são um convite para “muitos provares”.

Pelas narinas, o cronista conseguiu perceber que os cheiros do arraial estavam em transformação. O cheiro da fumaça cobriria o perfume da natureza em uma cidade moderna. E mais: os corpos estavam sendo educados para (su)portar novos cheiros com as alfazemas e perfumarias que entravam no comércio da cidade. Legislava-se também sobre as águas servidas nas ruas, sobre os cheiros da carne para alimentação, sobre os corpos mortos. Há uma concepção higiênica que queria estabelecer um cheiro: “*um cheiro de absolutamente nada*”, eliminando os “cheiros impregnados”.

Novas formas entravam no campo dos olhos, outros sabores entravam no cardápio tão simplificado, os ouvidos tornavam-se sensíveis aos ruídos da modernidade, as narinas identificavam que algo mudava na atmosfera da cidade, o corpo encontrava novas barreiras, e a pele roçava-se em novas texturas. Cada sentido: visão, paladar, audição, olfato e tato, foi impactado. Esses sentidos que aparentemente estão diferenciados, mas que se completam e se entrecruzam na percepção do mundo, foram apenas porta de entrada, convite ao leitor. Que espaço é esse? Que sujeitos são esses?

IMAGENS PARA VER



FIGURA 1: Largo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Arraial de Belo Horizonte. Autoria: Emílio Rouède, 1894.



FIGURA 2: Rua Sabará, Arraial de Belo Horizonte. Autoria: Emílio Rouède, 1894.



FIGURA 3: Panorama do Arraial, Arraial de Belo Horizonte. Autoria: Emílio Rouède, 1894.

1. Horizonte belo de ver

Olhar. Olhar as ruas. Olhar os sujeitos. Desconhecidos. Olhar as luzes. Olhar vitrines. Olhar os reflexos. Olhar rapidamente. Olhar como um caminhante. Olhar lentamente, olhar rapidamente. Olhar por uma janela de trem, do veículo, com uma velocidade que não é a de seu corpo. Olhar ainda por um orifício pequeno. Por algo que se coloca entre você e o a-ser-visto, a máquina fotográfica. Olhar para cima, tentando chegar ao final de um prédio. Olhar para o chão a fim de se cuidar dos desníveis da calçada, das às marcas pelo chão, dos pés que bailam e quase ocupam o mesmo lugar que os seus. Olhar ainda as formas dos corpos, seus trajés, seus gestos. Olhar as texturas, do chão, das paredes. As cores. Letreiros. Olhar o diferente, o estranho. Olhar o corriqueiro, o igual. Olhar para não ser visto. Ser visto pelo olhar do outro. Ir para olhar: o palco, os atores, o ato, a cena ou a grande tela. A cidade em construção. Olhar tudo sem se dar conta de estar olhando. Olhar o nada? Olhar a cidade, olhar na cidade, olhar da cidade.

1.1. Olhar de cronista, artista e viajante

A caminho de Belo Horizonte. Parada. Estação de Santo Antonio. “*Assim que pára o trem, aparecem dois chins, magros, amarelos, chuchados, dois exemplares que realizam perfeitamente o typo convencional do chim, como o pintamos no Rio de Janeiro*”.³⁴

Crônica I. Sua escrita: a série Por Montes e Valles se inicia com uma narrativa de viagem. Embarque: Rio de Janeiro, destino: Belo Horizonte³⁵. Alfredo Camarate descreveu com minúcias a sua experiência nesse deslocamento. As estradas de ferro foram o pretexto e a justificativa para essa crônica. Ele compara. Coloca em contraste uma estação ferroviária da Europa e uma no Brasil: Lá: “*Vendeiras de fructas ostentam as melhores que produz a estação, graciosamente ataviadas de folhas e mettidas em delicados cabasinhos de vime; outras servem o leite frio, com elegantes copos de*

³⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles I. Minas Geraes. Ano III, n.1, 14 de março de 1894, p.2.

³⁵ Alfredo Camarate inicia sua série pela descrição dessa viagem, como se o ponto de chegada fosse o arraial de Belo Horizonte. Porém sabemos que o cronista morou em Ouro Preto durante o ano de 1893 e só em 1894 vai para o arraial. Consideramos essa primeira crônica da série Por Montes e Valles uma estratégia narrativa de alguém que quer falar sobre sua experiência no deslocamento, na viagem, de buscar algo desconhecido.

crystal; algumas oferecem flôres frescas e orvalhadas, como se fossem colhidas naquella occasião; emfim, tudo apparece à venda naquellas rapidas paradas: dôces, trabalhos de pennas, flores de miôllo de figuiera, estampas, romances, etc.; de maneira que uma viagem, por muito calvario que seja, tem sempre como estações de repouso e de delicia as proprias estações de estrada de ferro.³⁶

Aqui: “E como o café, são os biscoutos e como os biscoutos são os fructos; porque parece que todos se congregam para levar às linhas de estrada de ferro tudo quanto ha de mais ordinario, verde, immundo e requentado!”.³⁷

Atenção. Parada: “um ponto, que faz excepção à vergonhosa ladainha de fornecedores, que povoam todas as estações: Santo Antonio”. Os “chins”: “numa bandeja trazem café, que não é precisamente o Moka perfumado, nem o mingau barrento que nos fornecem os filhos do oriente; ainda assim, melhor do que todos quanto nos impingiram os seus dignos predecessores”.³⁸

Sentidos aguçados: “mas, em volta do búle de café, ha umas bolinhas douradas, lustrosas, cheias de aréstas e que despertam o appetite, só de olhar para ellas. São os famosos sonhos da estação de Santo Antonio; esses admiraveis sonhos de uma igualdade inquebrantavel no fabrico e que, em mais de cem vezes, nunca os vi e provei nem mais nem menos appetitosos!”.³⁹

Não só os apetitosos sonhos e o café da estação despertaram-lhe o olfato e o paladar. Seu olhar também foi impactado pela presença dos personagens da estação. “Chim”: o mesmo de chinês. Alfredo Camarate preocupou-se em descrever esses tipos.⁴⁰ Por que “chins”? Gosto pela atividade de estranhamento? Paixão pelo pitoresco e diferente, pelo “outro”? Camarate, também nesse primeiro trecho, deixou revelar seus dotes, sua aproximação com a pintura e como, através dela, sobrelevou sua atividade de observar e representar personagens. Na falta de pincel para pintar esses tipos, recorreu à pena e ao papel. Talvez o mais atraente na estação de Santo Antonio não fossem o café

³⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles I. Minas Geraes. Ano III, n.70, 14 de março de 1894, p.1.

³⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles I. Minas Geraes. Ano III, n.70, 14 de março de 1894, p.2.

³⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles I. Minas Geraes. Ano III, n.70, 14 de março de 1894, p.2.

³⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles I. Minas Geraes. Ano III, n.70, 14 de março de 1894, p.2.

⁴⁰ É interessante a referência aos “chins”, feita por Alfredo Camarate, incluindo a representação pictórica que fazia desses indivíduos no Rio de Janeiro. Acreditamos que esses personagens foram alvo de olhares, de estranhamento e de curiosidades naquela cidade, o que é reforçado pelas referências a eles nas crônicas de Machado de Assis, que se dedicavam a discutir a incorporação dessa mão-de-obra na capital. Sobre essa questão, ver Sidney Chalhoub (2005).

e o biscoito, mas os “typos” peculiares que vendiam esses produtos e a maneira como os vendiam. A estação de trem ganhava uma dinamicidade que agradava o olhar de Camarate, mesmo que, no lugar dos *cristays* das estações da Europa, ele encontrasse “chins” com bules e sonhos a oferecer aos viajantes.

Na experiência de Alfredo Camarate na cidade em construção, é possível identificar diferentes olhares que o viajante lançou sobre ela: olhar de arquiteto, olhar de artista, olhar de cronista. Um olhar mais racionalista, influenciado por sua formação técnica, de especialista, encantado com o planejamento. Outro, mais sensível, cuidadoso, captando e selecionando imagens do antigo arraial e da nova cidade, fazendo observações sobre a arquitetura, sobre a arte. Ainda mais um olhar, apurado, curioso, que captava cenas, costumes e hábitos dos habitantes, que ia às minúcias, dizia de detalhes. O cronista farejava sinais para detectar qualidades e enfermidades, para elaborar suas impressões e fazer comparações. Foi a partir deles que Camarate “coleccionou” informações, personagens, imagens; construiu representações⁴¹ e narrou suas experiências através da escrita. Anuncia uma de suas caras atividades: observar e representar sujeitos.

Esses olhares que Alfredo Camarate lançou sobre o arraial de Belo Horizonte nos aproximam desse espaço em transformação. Educado por outros lugares, pela arquitetura de outras cidades, pelas multidões que as habitavam, pelos elementos que as compuseram, seu olhar, nesse arraial, foi de estranhamento, captando, principalmente, o que lhe era incomum. Saltava-lhe aos olhos a aparência dos moradores, suas casas, suas vestimentas. Seu olhar prendia-se à materialidade do espaço, das ruas, das casas. Esse olhar de cidadão desnaturalizava o que era comum para os habitantes do arraial, conseguia perceber o que lhes era mais característico, idiossincrático. É Claro que esse olhar também carregava (pré)conceitos, bem como era muito guiado por sua experiência de viajante, tal como nos lembra Sandra Pesavento: “*Bem sabemos que o olhar do*

⁴¹ Aqui estamos nos referindo à noção de representação apresentada por Chartier (2002) como uma das principais categorias para a História Cultural. Ao utilizar o conceito, o pesquisador ocupa-se de identificar como determinada realidade é construída, pensada e dada a ler. Dessa maneira, enfocam-se os embates entre diferentes representações de mundo que querem intervir no social e que, portanto, comandam os atos e as diferentes ideias, práticas ou aparatos, os quais expressam concepções de mundo e organizam o “ser e o estar” no meio social. O termo representação também é portador de múltiplos sentidos e pode se referir a uma ausência, sendo, desse modo, necessário colocar algo ou alguém para representá-la. Por isso, guarda semelhança com o que está oculto, com a exibição de objetos ou pessoas. As representações construídas sobre o mundo fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. Em outras palavras, a partir de suas “imagens” de mundo, as pessoas fazem escolhas, constituem relações, inscrevem-se de determinada forma no meio social. Além disso, são responsáveis por gerar condutas e práticas sociais. Os indivíduos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem da realidade.

viajante e passante do século XIX não é neutro e vem carregado dos conhecimentos científicos e dos registros sensíveis do seu tempo, que se traduzem frequentemente em preconceitos, classificações e atribuições de valor formuladas de forma apriorística” (2007b, p.3).

Uma cidade em construção se oferecia aos olhares dos “outros”⁴², portadores de outras referências de apreciação. Alfredo Camarate fora impactado por uma alteridade, detectável na natureza, nas gentes, nos costumes. O seu sentido via-se estimulado pelas cores – que variavam do verde ao vermelho –, pelos tipos – tão simples –, pelas formas – das cafuas. Uma nova realidade se apresentava a uma sensibilidade tão europeia.

Essas sensações físicas que lhe chegavam pela experiência dos sentidos nessa nova realidade seriam logo traduzidas em sua escrita. Suas crônicas, como representações desse espaço, conferem-lhe sentido e reordenam essa nova realidade, através da capacidade mental e criativa de dizer o mundo.

A escrita que fez sobre a cidade não é só portadora dos registros sensíveis do que Alfredo Camarate viu, no imediato. É, antes, uma trama, na qual o escrever entrelaça-se com a experiência sensível, com o saber acumulado, com a memória. A intenção de permanecer por certo tempo nesse local e a escrita da série sobre a construção de Belo Horizonte favoreceram o envolvimento de Camarate com esse espaço. O estranhamento, à primeira vista, levava-o a tentar compreender o que se passava frente a seus olhos. Os textos assinados pelo viajante, portanto, tanto traduziam sua percepção, elaborada pela apreensão do visto nessa cidade, quanto se agregavam aos outros elementos de sua bagagem, preenchida, ao longo da vida, pela experiência em outros espaços e por um repertório acumulado, pela intensa inserção cultural na esfera da arte, da arquitetura, da ciência, do jornalismo, em tantas e diferentes instituições.

As crônicas de Alfredo Camarate podem ser interpretadas como a experiência do olho a vagar pelas ruas. Camarate deixava-se impactar, captava cenas e instantes, o que via e o que lhe mais chamava a atenção. De volta à solidão do quarto, reelaborava, revivia e retrabalhava. Como o pincel na tela, o cronista batia nas teclas da máquina, saindo a folha de papel, desenhada com cenas mais elaboradas, com experiências que se misturavam, mesmo que, entre si, fossem muito distantes temporal e espacialmente. Esse talvez fosse o motivo pelo qual as crônicas começassem, muitas vezes, com um

⁴² Aqui, com a utilização dos termos “os outros”, estamos nos referindo, principalmente, aos membros da Comissão Construtora da Nova Capital e a outros sujeitos que vieram a Belo Horizonte no processo de sua construção. Dessa forma, Alfredo Camarate também se configurava como um “outro” para os moradores do arraial.

assunto tão “pequeno”, e, depois, a narrativa vai se avolumando, ganhando elementos, muitas vezes aparentemente tão desconexos. Os sentidos lhes permitiam isto: resgatar da memória a experiência sensorial de um instante de vida único. Nas palavras de Walter Benjamin (1995, p.27), “*O trabalho em uma boa prosa tem três degraus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida*”. Composta na experiência dos sentidos, arquitetada na memória e tecida na escrita.

Chega a Belo Horizonte. O seu gosto particular pela atividade de observação dos espaços e dos sujeitos tornara-se uma “profissão”. Nas primeiras crônicas, Alfredo Camarate já revelava seu método: observar, ser surpreendido, deixar-se ao acaso e ao imprevisto. Nada lhe escapava: a topografia das ruas, a coloração das casas, o clima da cidade, a aparência dos moradores.

Posicionava-se como viajante, mas não como turista. Queria deixar-se levar pelo imprevisto, queria colher experiências, recusando prescrições e conselhos de “*Guias e Itinerários*”. Em suas palavras: “*Em Bello Horizonte, tenho feito o que sempre fiz em todos os pontos que tenho visitado: sigo pelas ruas, travessas e praças, ao acaso; colhendo, na inesperada variedade de episódios que o acaso me proporciona, muito melhor e proveitoso ensinamento*”.⁴³ Nada pode ser pré-determinado, não se pode ver o que o outro já viu, ter a mesma experiência ao olhar, nada substitui o **seu** olhar, que não pode ser guiado pelo outro e, muito menos, pela página impressa de um guia. Olhar desobediente, que elege o que quer ver: “*Segui o itinerários dos Guias, por muito bons que elles sejam, é, para mim, uma cousa identica a obedecer às despoticas regras dos academicistas ou aos rigorosos preceitos dos classicos puros e enfumados*”.⁴⁴ Seu guia era os sentidos:

Para os gozos do espirito, para as galas deslumbrantes, que nos acariciam os olhos, o acaso e o imprevisto são, para mim, as condições mais efficazes, para a impressão esthetica. Assim como não ha dois paysagistas que vejam e sintam um ponto da paizagem da mesma maneira; assim tambem não ha auctor de *Guia* ou de *Itinerario*, que descreva um logar ou um monumento por modo que se coadune com o differente temperamento artistico dos seus diversos leitores ou consultantes.⁴⁵

⁴³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes. Ano III, n.80, 25 de março de 1894, p.1.

⁴⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes. Ano III, n.80, 25 de março de 1894, p.1.

⁴⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes. Ano III, n.80, 25 de março de 1894, p.1.

Nesse exercício, Alfredo Camarate foi retirando, da sua experiência, as impressões do arraial, assim como foi prevendo as transformações que a cidade e os modos de vida dos habitantes iriam experimentar com a chegada da civilização. Tendo percorrido diversas cidades, estabeleceu relações entre elas. Esse vagar e esse olhar de *flâneur* pela cidade fez dele também um narrador porque retira da experiência o que conta e transformava o que vivia em algo comunicável. Longe de dar informações sobre lugares, suas crônicas contam de algo, são um convite para que o leitor continue narrando outras histórias. Contraditoriamente, o viajante fez isso através de crônicas, uma forma aparentemente tão efêmera de literatura (BENJAMIN, 1994).

A análise das crônicas assinadas por Alfredo Camarate nos mostra como seu olhar foi um importante sentido para se relacionar com o mundo, para conhecê-lo. O cronista-viajante narra ao leitor o que já “viu” pelo mundo. Ele retirou da imagem das coisas, captada pelo olhar, a matéria para suas crônicas. E o que via, observava, analisava, examinava, diagnosticava, conhecia.⁴⁶

Essa característica do olhar que exige um contínuo exercício de estranhar e familiarizar-se, de detectar as diferenças e de acomodá-las, vai edificando uma sensibilidade, sempre maleável, sempre em construção. Foi por meio desse jogo que Camarate estranhou e conheceu o outro, assim como dos habitantes também foi exigido um exercício dos olhos. Novas formas, novos sujeitos, novos materiais constituíram, pouco a pouco, uma sensibilidade urbana.

1.2. O olhar sobre o Belo Horizonte

Depois de uma longa viagem a cavalo, partindo de Sabará, Alfredo Camarate avistou “*a povoação de Bello Horizonte, encrustada n’uma matta verde-negra e densissima, d’entre a qual emergiam os campanarios da igreja, construida nas primitivas simplicidades da architectura*”.⁴⁷ A distância do povoado permitia-lhe apenas lançar o olhar sobre seu destino. Captou as cores da natureza do lugar e as

⁴⁶ Esta relação entre o ver, o olhar e o conhecimento é anunciada por Marilena Chauí (1988), que nos questiona: “*Mas, o que é ver?*” e nos responde: “*ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento*”. O olhar e o conhecimento estreitam-se de tal forma que, por vezes, confundem-se: “*cremos que as coisas e os outros existem porque vemos e que os vemos porque existem*” (p. 32).

⁴⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles III. Minas Geraes. Ano III, n.77, 21 de março de 1894, p.1.

formas da arquitetura. Olhar de artista, que matiza a paisagem natural, e de projetista, que já “prevê” e qualifica a arquitetura do local.

Ainda lhe faltavam algumas léguas a percorrer até a chegada ao destino planejado. Nesse momento, Alfredo Camarate Observa que a paisagem começava a se modificar. Se antes a paisagem era composta e descrita pelas belezas e surpresas da natureza, agora ganhava outros elementos. A viagem começava a apresentar uma feição absolutamente diferente:

Enveredamos por uma rua extensissima, muito larga, muito parecida com alguns caminhos de certas povoações da África occidental. Umas casas muito humildes com apparencias de cubatas e, nos intervallos das casas, longos muros de barro vermelho, assombreados por arvores fructiferas. Mas tudo aquillo muito limpo, muito alinhado e sempre da mesma forma e com o mesmo encanto se chega a Bello Horizonte; “um bello horizonte; na realidade”!⁴⁸

Captar o horizonte só é possível pelo olhar. De longe, não é possível tocar, cheirar, ouvir, saborear. O horizonte só se oferece à vista. O olhar do cronista fora atraído pela paisagem do arraial. Nesse lugar, que, para o olhar estrangeiro, pouco havia sofrido as intervenções da urbanização e da modernidade, o que mais lhe agradava aos olhos, o que fixava seu olhar era justamente a paisagem mais próxima do natural. Esse olhar – não necessariamente de artista que se dedica à pintura, mas de alguém que possui uma relação estreita com a produção da arte – lhe permitia escrever e descrever uma paisagem carregada por detalhes, cores, perspectivas: *“Têm-se escripto milhares de artigos, contando as espantosas bellezas da paizagem brasileira; têm-se elevado às mais altas hyperboles os encantos do seu colorido, a magestade das suas linhas, a variedade dos seus planos, a transparencia do nosso céu, a multiplicidade de verdes da nossa vegetação; mas, sobre o que poucos têm fallado, é nas insuperaveis difficuldades que a nossa natureza apresenta aos paizagistas e, ainda mais, dos constantes e repetidos insuccessos dos que, em presença della, têm tido os artistas, nacionaes ou estrangeiros, que tentam interpretal-a”*.⁴⁹

Para Camarate, escrever sobre a diversidade e as belezas da paisagem era tarefa mais fácil, menos penosa e mais generosa que conseguir colocar sobre a tela todo o seu colorido e as suas diferentes profundidades. Para o cronista, a tradução da paisagem era mais fácil se descrita em letras, pois traduzi-la em outra imagem, essa difícil tarefa do

⁴⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles III. Minas Geraes. Ano III, n.77, 21 de março de 1894, p.1.

⁴⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IX. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.1.

pintor, era estabelecer uma comparação que revelaria a cópia, sempre longe do real. Dessa forma, não economizava na descrição em um tom poético da paisagem do arraial, sinalizando sua maior destreza com a pena e com o papel, sem, de todo, eliminar os riscos os quais seriam também aqueles do pintor. Pintar e escrever sobre a paisagem no Brasil, ou, em suas palavras, “falar” sobre ela, é correr-se sempre o risco de torná-la homogênea, de retirar-lhe sua diversidade e, mais ainda, de impedir o leitor ou expectador da obra que seja impactado justamente pelas diferenças, ou melhor, pelo que lhe é estranho ao olhar. Por isso, pelo estranhamento que causa, a paisagem no Brasil, se desperta sensações boas, se provoca impressões ruins, seria agradável para a contemplação.⁵⁰

Depois, *fallar* na paisagem brasileira, no tom da mais absoluta generalidade, equivale a dar uma phisionomia geral à natureza das diferentes partes do mundo; que é tão diferente e variada, quanto é variada e diferente o seu clima e até a sua civilização.

Mas, em todo o caso, apesar da grande diversidade de paisagens nos diferentes Estados do Brazil, nem por isso deixam todas ellas de ser uniformemente difficeis, esmagadoras, para os creditos de pintores, passados, presentes e futuros que sempre foram, são e serão assoberbados pelas dimensões colossaes da nossa flora e, sobretudo, pela intraduzivel transparencia dos nossos céus, que apresentam, de minuto para minuto, todas as tonalidades magicas e fugitivas, que apresenta o nácar, nunca exhauste, dos seus cambiantes e matizes!

Em resumo, diante da immensa grandesa da paisagem do Brazil, o pintor fica constante, irremissivelmente pequeno!⁵¹

O cronista olhava para essa paisagem, por sua sensibilidade estética,⁵² e comunica ao leitor os sentimentos provocados por esse olhar. Ao fazê-lo, despertava a memória de sensações anteriores a ela. Ao olhar outras paisagens, aproximava e distanciava espaços distintos, sobrepunha, às paisagens europeias, aquelas do arraial. A Europa foi a baliza para essa comparação, marcando as diferenças, seja para dizer o que é melhor ou pior: “*Se no Brazil ha paisagens que se assemelham, embora ligeiramente,*

⁵⁰ A ideia de tradução, em Walter Benjamin, ajudou-nos a pensar nas crônicas como um exercício de tradução. As imagens do arraial, captadas pela visão, foram traduzidas em texto. A tradutibilidade compreende não só a sua tradução em diferentes línguas, mas também da “*língua muda da natureza e dos objetos para a língua humana, sonora e articulada*” (GAGNEBIN, 2007, p.21). As traduções manifestam a sobrevivência do original e a sua continuação viva, uma vida que pertence à história. Em Benjamin, há uma tensão imposta à tradução. Se, por um lado, a verdade do original se revela pelo afastamento dele e pelas traduções históricas que dele foram feitas, por outro, a tradução implica uma violência, por causa da arbitrariedade presente nesse processo e da estranheza das línguas.

⁵¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles. Minas Geraes IX. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.1-2.

⁵² Estamos compreendendo como estética o discurso que investiga as nossas relações com as obras de arte, como também os sentimentos e pensamentos provocados por elas. Na metafísica tradicional, a *aisthesis* sempre foi tratada como propriedade do homem, como um atributo seu, constante e inalienável. Contudo, na esteira de Walter Benjamin, compreendemos que a percepção sensível é histórica, ou seja, é educada por um tempo e por um espaço (OLIVEIRA, 2006 e BENJAMIN, 1994, p.165).

*às da Europa, é com certesa Bello Horisonte. Quando contemplamos um ponto de vista desta localidade, recebemos, desde logo, no seu conjuncto uma impressão identica à que sentimos deante das paizagens do sul da Italia, de Hespanha ou de Portugal”.*⁵³

Se, a princípio, Alfredo Camarate fazia um elogio à paisagem de Belo Horizonte, logo marcaria as diferenças entre o arraial e a Europa. O olhar do estrangeiro e europeu captou, sobretudo, as diferenças, “*quanto é variada e diferente o seu clima e até a sua civilização*”. Na perspectiva do viajante,

O firmamento, aqui, não é tão atrevidamente azul como, por exemplo, em Napoles; não ha, como n’aquele ridente golpho, tantos vapores que fundem os diferentes pontos e os harmonizam sem recortes e sobressaltos; mas, em compensação, a vegetação de Bello Horisonte tem verdes mais profundos e limpos; porque, affastados de estradas muito transitadas, conservam o lustre na folhagem, que se ostenta sempre limpa e lavada, como se horas antes tivesse sido banhada por copiosa chuva!⁵⁴

Se, por um lado, a paisagem de Nápoles sobressaía pelo azul e pelos vapores que a compunham e nos informa sobre um tempo que se vivera na Europa, por outro, o verde do arraial, profundo e limpo, dizia de um espaço que ainda desfrutava de sua vegetação, longe da fumaça que já cobria as cidades modernas. A escala de cores desse arraial ainda era completada pelas tonalidades da terra que cobria o povoado: “*Enquanto à entoação do solo, percorre toda a escala chromatica de gradações, entre o vermelho e o amarello e entre esta côr e o branco. Terrenos tão quentes no colorido, só os vi iguaes no sul da Hespanha e nas cercanias de Lisboa, onde ha areaes que ostentam as pompas da mais assarapanteada purpura!*”⁵⁵ E sua descrição, ou quase pintura dessa paisagem, segue:

Mas, no que as paizagens de Bello Horisonte excedem as demais que conheço no Brazil, é na multiplicidade de planos que apresentam.

Essas grandiosas e respeitaveis montanhas das visinhanças do Ouro Preto; as rendilhadas cordilheiras que circundam e affogam a cidade do Rio de Janeiro, são aqui substituidas por uns montes ligeiramente ondulados nos cúmes, e nunca tão altos que escondam outros que lhes ficam por detrás, e assim, de plano em plano, a palheta do pintor é provocada pelo natural, que lhe exige uma infinda gradação de matizes; tantos quantos podem existir entre um primeiro plano violentamente vermelho e os ultimos planos que se fundem quase com os céus, num azul ligeiramente violaceo que, para quem

⁵³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁵⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁵⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

não conhece a localidade, será considerado verdadeira hyperbole de perspectiva aérea, fantasia descabellada de pintor suíço, ilustrando tampas de caixa de rapé.

Ignoro se a localidade tem ou não água bôa e sufficiente para abastecer uma grande Capital, e devo crer mesmo que a tem, louvando-me na probidade exigível do relatório feito a tal respeito por engenheiro idoneo e competente; mas o que posso affiançar é que ha imensidade de corregos, nascentes, que proporcionam graciosissimos episodios de paisagens e que lhes serpentêam as linhas e adoçam essa tal ou qual secura apparente, que têm todas as paisagens que accentuam o vigor dos seus primeiros planos no amarello ou no vermelho.⁵⁶

Embora tenha alertado sobre as dificuldades em se pintar um panorama que contemplasse todas as entonações, planos e minúcias de uma paisagem, o cronista, como alguém que se inseria na construção da cidade, advertiu e destacou a necessidade de se encomendar quadros desse tipo, para que, principalmente, fossem guardados – na memória e nos arquivos – perspectivas desse pedaço de terra que recebeu as (des)graças da civilização. Dito da dificuldade, Alfredo Camarate insinuava, principalmente para os membros da Comissão Construtora, que era preciso pagar bem para possíveis artistas que fizessem tal trabalho. Isso, para o cronista, seria um bom investimento para aqueles que também queriam ser perpetuados – na memória e nos arquivos – por terem sido responsáveis pela construção de uma cidade moderna. Nas palavras do cronista,

Os que so occupam um pouco com a pintura e sobretudo com a pintura da paisagem, devem saber que o genero panoramico não é muito da predilecção dos paizagistas. Poucos são os que emprehem semelhante diffiuldade e, na qual, as minuciosidades são por tal modo repetidas, que um quadro, por muito bem remunerado que seja, raras vezes paga condignamente o trabalho incessante que deu.

Não é natural, portanto, que paizagista se atreva, por conta propria, a traduzir, na tēla, um ponto de vista, que represente, em toda a sua grandeza, esta diversidade de planos, que ostentam as paizagens de Bello Horisonte.⁵⁷

Como foi dito, a construção de uma memória desse arraial, mas principalmente a memória da construção da capital, também foi uma preocupação de Alfredo Camarate, expressa em suas crônicas. Não seria possível comprovar os feitos da Comissão e os benefícios trazidos pela edificação da cidade sem o contraste. Contraste do vermelho da terra com o calçamento de pedra, entre as paredes das casas de adobe e as pedras dos prédios construídos, as ruelas esburacadas e as largas avenidas. Na pintura, ficaria o arraial, em um tempo que se passou, e, na “realidade”, vista e vivida pelos habitantes, a

⁵⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IX. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁵⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IX. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

cidade moderna. Contraste entre a pintura e a realidade. Contraste do que era, do passado, com o presente *cortado* e com o futuro *construído*. Na crônica de Camarate, a Belo Horizonte arraial já havia virado recordação: “*E, contudo, parece-me que sera cousa para tentar; para que, nos arquivos da municipalidade futura ou nos da secretaria d’Agricultura, ficasse uma recordação do que era Bello Horisonte, antes de se começar a cortar e a construir a nova capital “Minas”*”.⁵⁸

Alfredo Camarate, na narrativa elaborada, ainda demonstrou sua sintonia e afinidade com as transformações do mundo. Apesar de sua explícita articulação com as artes plásticas, principalmente com a pintura, nas crônicas são frequentes as referências ao recém-descoberto processo da fotografia. Ele chegou a pensar na hipótese de utilizar a máquina para o registro do antigo arraial, mas logo explicou a seus possíveis leitores que a tinta e a mão eram ainda os mais indicados para fixar no tempo cenas desse espaço: “*As photographias, embora tornadas de grande duração pelos processos da photo-gravura, nunca darão uma idéa exacta do que era a natureza aqui; já porque lhes faltam as galas do colorido; já porque nunca ellas darão, com a desejada nitidez e precisão, a intensidade gradativa que offerecem todos os planos*”.⁵⁹ Mesmo sabendo das dificuldades em se pintar os panoramas da cidade, dos riscos, que correm os artistas, de “diminuir” a variedade da natureza, dos seus planos e cores, ainda assim, as pinturas seriam preferíveis a enfrentar o preto e branco da fotografia, ou a falta de nitidez de um processo ainda em desenvolvimento.

É interessante, contudo, que o cronista, apesar de manter um discurso inicial que sobressalta as belezas e particularidades da paisagem do arraial, logo tenha mudado o tom da conversa e começado a falar das belezas que trariam a civilização. De certa forma, Alfredo Camarate assumiu o seu lugar: de viajante, de cidadão e ainda de alguém que contribuía para a construção da cidade. Assim ele ressalta: “*Salvo encomenda a artista conhecido, e dois ou tres pontos principaes de Bello Horisonte, todas estas bellezas deixarão de ficar archivadas; embora deixando em seu logar, as bellezas que provêm das futuras conquista da civilisação*”.⁶⁰ No lugar das pinturas, única possibilidade de se lembrar desse arraial, ficaria a realidade embelezada pelas conquistas da civilização, expressa na materialidade da cidade construída.

⁵⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁵⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁶⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

Alfredo Camarate sabia também que essa transformação não era tão fácil e rápida, que havia um caminho a ser percorrido, e, por isso, devia-se registrar passo a passo dessa transformação: *“E será pena que taes quadros se não façam; porque, como diziam os velhos: ‘não ha maior prazer, para quem têm de andar muito, de que olhar para o caminho que já se tem andado!’”*⁶¹ Mais um contraste foi utilizado para criar uma visualidade entre o arraial e a cidade planejada e construída, contraste entre o campo e a cidade, entre o chão de terra e a rua de calçamento, entre a verticalidade das árvores e da plantação e a verticalidade das casas construídas ao longo do caminho: *“Para transformar estes campos esplendidos de cultura, em ruas esplendidas de casaria, não é tão curto o caminho, que não haja desejo de ter o allivio de contemplar o caminho já andado”*.⁶² O cronista leva o leitor a imaginar “campos esplendidos de cultura” e a sobrepor-lhes rapidamente a imagem de “ruas esplendidas de casaria”.

Deixa para o final da crônica, uma descrição minuciosa do arraial. Essa descrição poderia substituir uma possível falta de registros desse espaço, apesar de o cronista ressaltar que *“pontos predilestos para paizagistas, esses não faltam aqui, e a cada canto”*.⁶³ Com esse receio e também se colocando como artista, Camarate iniciou seu quadro emoldurado pelo jornal que abriga sua crônica:

As casas, quasi todas com a modestia e encantos de verdadeiras choupanas; as ruas sempre margeadas por sébes, todas no mais gracioso desmancho e irregularidade; grupos de verdejantes bananeiras, destacando-se, muitas vezes, sobre os tons verde-azues dos eucaliptos; rochedos das mais atormentadas linhas, d’entre os quaes surgem pittorescas quédas d’aguas; todas as estradas animadas, especialmente agora, por carros chiadores, pacífica e vagarosamente arrastados por dez bois, que mascam de alegria quando a chuva lhes mitiga o prolongado cansaço da tracção; todas as ruas onde, por emquanto apascentam livremente cabritos e ovelhas; em todas as festas e reuniões do povo um trajar rutilante no colorido e quasi que à moda do Minho, a unica parte do Portugal em que a invasão civilisadora não destruiu completamente os costumes de outr’ora; tudo, finalmente, aqui é theatro de vastissimo e inexgotavel, para os Corots⁶⁴ da nossa terra e do estrangeiro!⁶⁵

⁶¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IX. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁶² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IX. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁶³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IX. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁶⁴ Referência ao Jean-Baptiste Camille Corot (1796 a 1875), cuja obra é reconhecida pelo estilo paisagístico realista. Esse artista é também referenciado na obra de Marcel Proust (2006) “No Caminho de Swann”, quando o narrador fala que sua avó não se resignava de comprar um objeto que pudesse tirar algum proveito intelectual e sobretudo que proporcionasse o deleite e a apreciação de “coisas belas”. Presenteava tentando atenuar a vulgaridade comercial das fotografias de monumentos e como

Essa descrição nos permite montar uma paisagem, uma composição de elementos da natureza, com vestígios de vida. As casas são choupanas e expressam a simplicidade e modéstia de seus moradores. As ruas apresentam uma contradição: apesar da tranquilidade da paisagem, composta por bananeiras e vagarosos carros de bois, incomoda os olhos do estrangeiro o desmancho e a irregularidade do traçado. Cabritos e ovelhas, que circulam, livremente, nesse espaço e que estão a ele incorporados, brevemente deixarão de aparecer no campo de visão dos moradores. Deixarão de ser “naturais” a esse espaço e, por isso, passarão a ser controlados e estranhos a uma nova sensibilidade.⁶⁶ A comparação agora é realizada entre arraiais: Belo Horizonte e o Minho. O Minho aparece como um futuro bem próximo de Belo Horizonte, onde se observa a convivência de elementos da tradição, dos costumes de um pequeno povoado e da civilização que chega às suas fronteiras.

Narrando o cotidiano da cidade em construção, lembrando sempre aos leitores do *Minas Geraes*, das pequenas transformações que captavam seus olhos, o cronista não deixava de anunciar a chegada e a presença de alguns sujeitos nesse espaço. Suas crônicas nos deixa montar uma cena – de teatro, de pintura, de fotografia ou de cinema. De cenário, pano de fundo, plano posterior, há um arraial em desmancho; no plano ou na tomada subsequente, há uma cidade se erguendo; por e entre esses planos, circulam personagens. Aparecem tanto aqueles que “aqui estavam”, quanto aqueles “que aqui chegavam”. Elaborar-se uma cena de cidade, onde convivem conhecidos e muitos estranhos. No entanto, falar de alguns “estranhos” a essa cidade é torná-los conhecidos, principalmente aqueles que contribuem, de alguma forma, para a constituição da capital: arquitetos, engenheiros, pintores, fotógrafos e viajantes. A exposição desses

subterfúgio dava-lhe sempre fotografias de pinturas de paisagem e dentre essas estava a Catedral de Chartres” pintada por Corot. (p. 65 e 66)

⁶⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Portes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁶⁶ Muitos decretos, publicados nos primeiros anos da capital, referem-se às proibições da presença de animais no ambiente urbano, evidenciando diversos aspectos, que vão desde a preocupação com a beleza e organização do espaço urbano até a prática do higienismo e do sanitarismo. Havia tropas de animais passeando pelas ruas, aves soltas, engorda e matança de suínos na zona urbana, caça de animais com armas de fogo nas imediações das zonas habitadas, cenas com as quais uma capital deveria “desacostumar-se”. Desse modo, “*Fica proibido, nas zonas urbanas e suburbanas, o commercio de aves de quaisquer espécies, tocadas em bandos pelas ruas e praças, conduzidas suspensas, de pernas ou azas atadas; A prefeitura estabelecerá um typo de pequenos carros, de molas flexíveis, em formato de gaiolas, que serão puchados a mão ou por meio de animais. Nesses vehiculos, os commerciantes dessa especialidade ou seus prepostos transportarão o objecto de seu commercio. Será observado, nessas veículos o maior asseio possível. E o conductor será obrigado a ter sempre, em logares adequados, água e alimento próprios*”. Minas Gerais. Decreto n.1436 de 27 de dezembro de 1900. Regulamento sobre aves, cães e cabritos. Cidade de Minas, 1900. Art. 1 e 2.

personagens é pedagógica, informa, aos moradores do arraial, um modo de ser: o cronista explora suas atitudes, suas funções no social, suas ocupações, seus hábitos alimentares, suas vestimentas, suas trajetórias de vida.

Um desses personagens aparece com relativa frequência. Trata-se do pintor Emilio Rouède. Alfredo Camarate celebrou a chegada do artista: “*Corri pressuroso à porta e eis o que vi: Emilio Rouède, a cavallo num burro cinzento, com as pernas abertas e os braços estendidos, seguido por um camarada a cavallo e por outro animal, trazendo, à guiza de cangalhas, uma mala e uma penca de telas por pintar*”.⁶⁷ Na crônica, a casa de Alfredo Camarate é a porta de entrada da cidade para o pintor, que se dirige à casa do amigo, ou talvez daquele que seria mais apto a receber um artista. E, se ainda fora Alfredo Camarate quem havia anunciado no jornal a necessidade de se fazer alguns planos do arraial, sugerindo, inclusive, algumas tomadas e pontos que deveriam ser registrados, também seria ele o portador da notícia da chegada de Rouède e cicerone desse artista: “*E sem mais tir-te nem gar-te, obrigou-me a pôr o chapéu, a descer os cinco degrãos da minha escada e a correr atraz dele, como cão fradiqueiro, à cata de pontos de vista, para os seus futuros quadros*”.⁶⁸ Rouède e Camarate saíram à procura dos pontos de vista. “*Mas, na realidade, Emilio Rouède não precisava de cicerone, para achar pontos de vista; porque ao cabo de duas horas, tinha quatro ou cinco já armados dos seus primeiros, segundos e terceiros planos foi, nas perplexidades deste embaras de choix; que me vi tonto para aconselhar*”.⁶⁹

Onde para o olhar do artista? Qual local, plano, tomada os artistas escolhem para “guardar” de um arraial em breve desmanchado? Sem dúvida, os pontos a serem perpetuados nos arquivos e na memória deveriam trazer símbolos bastante característicos desse tempo/espço. Esses eram:

No dia seguinte, estava já o nosso artista, em frente da *Igreja matriz*, com a tela deante de si, sentado no pedregulho duro e ponteagudo e eu, ao lado d'elle como companheiro inseparavel, adoçando, com o frivolo palrear, os tremores e arripios que sentimos, com um frio de seiscentos milhões de demonios!

À tarde Emilio Rouède pintava outro ponto: a Estrada de Sabará; na manhã seguinte, o *Panorama de Bello Horisonte*, visto do alto do Cruzeiro.⁷⁰

⁶⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.188, 14 de julho de 1894, p.6.

⁶⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.188, 14 de julho de 1894, p.6.

⁶⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.188, 14 de julho de 1894, p.6.

⁷⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.188, 14 de julho de 1894, p.6.

A Igreja Matriz, a Estrada de Sabará e a vista do alto do Cruzeiro. Não só as marcas de um povoado religioso e as características arquitetônicas das casas e do templo fazem referência ao passado colonial. Interessa-nos também as cores, matizes, formas, contrastes empregados na representação iconográfica.

No Largo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem,⁷¹ interessa-nos os arruamentos, casarios e aspectos naturais. No primeiro plano, está a ponte sobre um riacho, margeada por uma vegetação rasteira. Na composição à esquerda da tela, uma casa, tipicamente colonial, com uma pintura de barrado talvez para disfarçar a poeira que impregna tudo e todos. Mais adiante, segue o carro de boi e quase se escuta os “*carros chiadores, pacífica e vagorosamente arrastados por dez bois, que mascam de alegria quando a chuva lhes mitiga o prolongado cansaço da tracção*”.⁷² O templo religioso vem em posição de destaque, talvez ressaltando o espaço que esse lugar e as práticas a ele relacionadas ocupam na vida dos habitantes. O céu de intenso azul também não poderia deixar de ser contemplado, principalmente pelos leitores das crônicas que tanto se detêm à sua limpidez e profundidade.

Na Estrada de Sabará,⁷³ os volumes chamam mais a atenção. O solo, de terra batida, prende o observador, que acompanha os rastros dos carros de boi. O olhar completa um círculo na observação da paisagem retratada: vai à esquerda e depara-se com um muro praticamente camuflado, com uma tonalidade próxima à da terra do solo e em meio à vegetação; o olhar é conduzido pelo aclave da rua e ao fundo encontra casarios, um homem guiando o carro de boi e outro montado a cavalo; no alinhamento da rua, o olhar percorre os muros das casas, concentradas no lado direito da pintura. Esse conjunto de elementos sugere uma sensibilidade rural: ruas tortuosas, de terra avermelhada; casas tingidas pela poeira; sulcos no terreno indicando a presença de animais; uma vegetação “natural” do lugar; passantes exercendo atividades próprias do campo e portando vestimentas características. As cores empregadas na composição

⁷¹ Ver Figura 1: Título: Largo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Autoria: Émile Rouède. Data: 14/08/1894. Instituição de Guarda: Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB0096 93). Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

⁷² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IX*. Minas Geraes. Ano III, n.96, 11 de abril de 1894, p.2.

⁷³ Ver Figura 2: Título: Rua do Sabará. Autoria: Émile Rouède. Data: 14/08/1894. Instituição de Guarda: Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB0095 93). Na descrição apresentada pelo Museu Abílio Barreto, essa seria uma “*vista parcial do curral Del Rei, retratando um trecho do início da rua Sabará, logo depois da ponte sobre o Córrego Acaba mundo, no Largo da Matriz da Boa Viagem. O local era um dos pontos mais tradicionais do primitivo arraial; estendia-se do Largo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem ao Cardoso, ponto hoje correspondente à região próxima ao quartel do primeiro batalhão da polícia militar, na praça Floriano Peixoto*”. Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

iconográfica também nos informam sobre a sensibilidade dos moradores do arraial: sobressaltam o vermelho e suas gradações, laranja e marrom, passando do verde ao azul. Esses diferentes matizes evidenciam um olhar do campo, onde se tolera a heterogeneidade das cores que preenchem tudo, do solo ao céu.

O Panorama de Belo Horizonte⁷⁴ é o olhar de um artista do ponto mais alto do arraial. Esse olhar afastado e do alto permite observar a geografia e o traçado do espaço. A terra batida e algumas pedras ocupam o primeiro plano. Uma estrada, margeada pela vegetação, conduz ao Cruzeiro que convida o observador a se colocar diante dele e contemplar o arraial, que se apresenta com uma intensa vegetação e com casarios bastante dispersos; sobram espaços livres. A Igreja Matriz coordena a organização do espaço, está no centro e configura-se como ponto de convergência, guiando os arruamentos, indicando o sentido da expansão do povoado. Esse traçado típico da arquitetura colonial, na qual os templos religiosos ocupam uma posição geográfica destacada e possuem esta dupla função de agregar os poucos moradores e indicar os limites de uma determinada região pelo espaço que lhe está submetido, será rompido com o planejamento da nova capital.

Alfredo Camarate, que pôde observar a evolução do artista amigo nos últimos anos, verificou como as pinturas de Rouède, dessa fase, seriam válidas no futuro: *“Transformado e melhorado como está o nosso pintor, não é muito que, logo às primeiras pinceladas, segurasse o efeito geral dos seus tres quadros, que serão para o archivo municipal de Bello Horizonte, tres brilhantes attestados, do que fez o Congresso e o conselheiro Affonso Penna, pelo engrandecimento de Minas; transformando um local misero embora pittoresco, numa formosa e adeantada capital, como a merece o florescente Estado de Minas”*.⁷⁵ Tanto a construção da Nova Capital, documentada e comprovada com a pintura do arraial, quanto a própria obra de arte, que porta valores históricos e artísticos, seriam reconhecidas no futuro, como observa, a partir de sua posição de crítico de arte, aquele que contribuiu com a construção física da cidade: *“já não pinto ha muitos annos, nem sei mesmo, se o que fiz em outros tempos, merece o nome de pintura; mas ainda sou medico sufficiente em artes, para que possa*

⁷⁴ Ver Figura 3: Título: Panorama do Arraial. Autoria: Émile Rouède. Data: 14/08/1894. Instituição de Guarda: Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB0092 93). *“Além do largo da matriz, com seu casario, podem ser identificadas as ruas do Capão, à esquerda, e, mais aos fundos, a rua General Deodoro e o Largo do Rosário.* Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

⁷⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII.* Minas Geraes. Ano III, n.188, 14 de julho de 1894, p.6.

*prognosticar que as tres composições que vai fazer Emilio Rouède serão tres futuras glorias para os mineiros”.*⁷⁶

1.3. Olhar na cidade e olhar da cidade

Falar de Belo Horizonte, da experiência corporal e sensorial em um espaço em transformação, que se prepara para se tornar cidade, também instiga o cronista a pensar sobre a vida, sobre o morar e o andar nos grandes centros urbanos. A escrita de Alfredo Camarate, portanto, permite-nos uma aproximação das condições sensoriais, a que estavam expostos os habitantes das primeiras metrópoles modernas, e expressa o fascínio, o gosto, pelas cidades e por seus personagens, que alguns sujeitos por elas desenvolvem.

Foi com este olhar, de quem sabe que a cidade é uma paisagem que se conhece corporalmente e pelos sentidos, andando pelas ruas, colhendo cenas do cotidiano, experienciando, que Alfredo Camarate apontou as sutilezas do espaço citadino. A narrativa empregada na série *Por Montes e Valles* extrapola os limites do arraial de Belo Horizonte e do espaço onde foi construída a nova capital. Suas crônicas também apresentam um conjunto de imagens, de retratos de cidades, de fragmentos urbanos.

Lisboa, Londres e Paris: centros populosos nos quais a sensibilidade do viajante fora educada e que ele parece não querer esquecer. Em crônica sobre as cidades, Camarate inicia seu texto com uma pergunta: *“Como se passam os dias em Bello Horizonte?”*⁷⁷ E ele responde: *“Eis uma pergunta que me fazem, a todo o momento, amigos intimos, que me sabiam acostumado a viver sempre em grandes centros populosos; pergunta aliás justificadissima e à qual me parecem acertado responder, quando mais não seja, para que não me arreiem com sacrifícios que me não illustram”.*⁷⁸

Falar desses espaços não passa apenas pelas suas feições materiais e arquitetônicas ou sobre o traçado das ruas que caracterizam a cidade. Falar de cidade, para o viajante, implica dizer como se vive, como se relaciona, como se diverte, como

⁷⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.188, 14 de julho de 1894, p.6.

⁷⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

⁷⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

“*se passam os dias*”, como se sente esse espaço. Alfredo Camarate informa-nos como avaliar as maneiras de ser e estar nos espaços citadinos: “*Quem anima as cidades não são as suas grandes populações; mas o caráter geral, o temperamento, a educação e hábitos d’aquelles que a compõem*”. Para Camarate, “*Londres, apesar de possuir no seu seio uma população quasi igual à do nosso Estado de Minas, tem dias do mais soberano e mortal aborrecimento*”.⁷⁹ De onde provém esse aborrecimento? Esse sentimento aparentemente contraditório para alguém tão afeiçoado pelos centros urbanos.

Aos olhos de um viajante, os estrangeiros são os mais perspicazes na avaliação da atmosfera afetiva de um espaço. Mais que os moradores do local, conseguem captar o que é mais particular, o sentimento comum, compartilhado, que chega e contamina aqueles que a visitam. Pela característica nômade do viajante, a identificação das particularidades de um espaço é mais rápida. Ele se acostuma a estar sempre com os sentidos aguçados e abertos para novas sensações e a entrar em sintonia com determinada atmosfera sensorial. Ao contrário de alguém arraigado em um único espaço, consegue também fazer relações, tecer comparações, montar sobreposições de imagens e sensações desses lugares que experimenta. O que há de comum entre os espaços urbanos, e, principalmente, quais seriam as diferenças entre eles, as suas singularidades? A cidade, como uma ideia homogênea, não é possível para o viajante. Nas crônicas, encontramos cidades.

De onde vem o aborrecimento de Londres? “*Os domingos, talvez que o não sejam para os orgulhosos filhos do Albion; mas as localidades são menos avaliadas pelos que as habitam, do que por aquelles que as visitam e, com certeza, nenhum estrangeiro dirá de Paris ou de Vienna o que dizem de Londres, esse immenso **deserto povoado!***”⁸⁰ Mais uma sobreposição de pensamentos: *deserto* – vazio, homogêneo, monótono, solitário – *povoado* – cheio, diverso, múltiplo, heterogêneo. Duas expressões absolutamente divergentes e que se entrelaçam para dar o tom àquela cidade. Aí está aquela perspicácia. Camarate revela-se um mestre em causar impressões na imaginação dos seus leitores.⁸¹ Consegue comunicar com precisão o sentimento de alguém estranho e estrangeiro a essa cidade: “*E dizendo “deserto povoado” não faço mais do que dizer*

⁷⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

⁸⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

⁸¹ Nicolau Sevcenko (1992) chama a atenção para a técnica dos cronistas de forçar o efeito de estranhamento, inerente às condições de metropolização.

*o que sinto; porque não conheço ermos que mais confranjam o coração, que mais fecundam a tristeza, do que as cidades onde, por falta de parentes, de amigos e de conhecidos, nos sentimos isolados, no meio d'aquelle turbilhão vertiginoso de homens e mulheres, que correm, sem sequer se ocupem de nós, no continuo tropel diario e nocturno, que se chama a **lucta pela vida!** ”*⁸² Nessa descrição, Alfredo Camarate atinge seus leitores e faz com que os moradores desse pequeno arraial, onde todos são conhecidos, projetem-se em uma metrópole. Suas palavras transmitem um sentimento negativo, de alguém oprimido e comprimido pela multidão. Multidão, claro, também oprimida, ocupada apenas com a “luta” pela sobrevivência, adaptada, plasmada, no ritmo das máquinas, dos meios de transporte. “Luta” por manter sempre o mesmo ritmo, ao dia ou à noite. Desce do trem e corre, pára de trabalhar e continua com a mesma postura – contra ou a favor do relógio? –, mecanizada, contínua, repetida. Nada lhe tira dessa rotina. Medo de (e por) perder a vida?

A liberdade do diálogo está-se perdendo. Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração pelo parceiro era natural, ela é agora substituída pela pergunta sobre o preço de seus sapatos ou de seu guarda-chuva. Fatalmente impõe-se, em toda conversação em sociedades, o tema das condições de vida, do dinheiro. No caso, trata-se não tanto das preocupações e dos sofrimentos dos indivíduos, nos quais talvez pudessem ajudar um ao outro, quanto da consideração do todo. É como se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira-se ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira-se ou não, objeto do pensamento e da fala. (BENJAMIN, 1995, p. 23).

A “resistência” do cronista a certos aspectos da modernidade não equivale a dizer que também não se encante com esta. Aliás, sua vida foi pautada pela experiência da metrópole, pelo tipo de socialização que a rua permite; seus encantos provieram da circulação de mercadorias, da exposição dos produtos em vitrines, das múltiplas

⁸² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles*. Minas Geraes XV. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4. Alfredo Camarate, ao expressar esse seu sentimento na vivência da cidade moderna, indica para as novas formas de comunicação entre os indivíduos, impostas pela convivência entre estranhos. Georg Simmel (1979) analisa esta vivência, só possível nos grandes centros urbanos, experimentada quando estamos diante de um desconhecido durante horas, sem travar nenhum diálogo. Essa situação parece corriqueira para a sensibilidade atual, mas é explosiva se a transportamos, imaginariamente, para um habitante das cidades, impactado pelo crescimento da urbanização. No século XIX, um desses passageiros de bonde, que está obrigado a olhar para alguém sem estabelecer qualquer diálogo, poderia ter nascido em um vilarejo ou em uma área rural onde todos sabiam não só a história de seus vizinhos, mas também a história de sua ascendência. Para o autor, a emergência dos romances policiais denuncia um clima de desconfiança, gerado pela situação dos desconhecidos. Junto a esse tipo literário, cuja trama é montada sobre os rastros deixados por um criminoso, o olhar assume sua primazia na cidade, ajudando a calar os sujeitos. De acordo com Oliveira, “*O homem isolado em seu longo mutismo na multidão está todo nos olhos. São eles que se responsabilizam por sua conexão com os outros. O isolamento de cada um em sua bolha visual inspira medo*” (2006, p. 60).

experiências sensoriais possíveis na cidade. Essa contradição e esse modo próprio⁸³ de ser cidadão expressam-se em suas palavras: “*As grandes colectividades soffrem, em geral, de febre obcecadora do mercantilismo, e não é nas mais populosas cidades que se encontram meios de nos distrahir e foliar e, se Paris faz excepção à regra geral, é porque é uma cidade que tem por especial motor da sua extraordinaria vitalidade, a população fluctuante, na maior parte composta de estrangeiros, que alli vão para encanto dos olhos e gozo de todos os demais sentidos*”.⁸⁴ Dizer que os espaços com grandes concentrações humanas permitem experiências é destituir desses lugares sua responsabilidade também na “alienação” dos sujeitos. O encanto de Paris e a sua diferença em relação às outras metrópoles do século XIX é que essa cidade foi ocupada por pessoas que escapam de uma rotina, uma lógica moderna. Elas ainda conseguem encontrar, no espaço urbano, elementos que lhes impactam os sentidos, que lhes encantam os olhos. Estão, nesse espaço, como viajantes e, por isso, devem lá se portar de maneira distinta daqueles que o ocupam de forma mecanizada, receosos aos choques, sempre em alerta com o olhar, com seus sentidos embotados.

Existe, porém, uma outra cidade que parece encantar Alfredo Camarate. Nápoles é constantemente referenciada em suas crônicas. Em uma delas, Nápoles também aparece como exemplo próximo à Paris, embora contenha uma dinamicidade própria. A especificidade de Nápoles está na sua característica de conciliar talvez uma contradição da modernidade: possuir poucos moradores e desfrutar de elementos e hábitos próprios da civilização e da modernidade. Assim nos fala o cronista dessa cidade: “*Mas o que faz Paris, com seus tres milhões de habitantes, fal-o Napoles com os seus quinhentos mil, e, ainda com mais expontanea e ruidosa animação, as pequenas cidade de Cadiz ou de Sevilha*”.⁸⁵ A cidade configura-se como uma balança ou uma cidade em transição, onde ainda há espaço para o divertimento, onde nem tudo é controlado, onde se desfruta de um outro tempo.

⁸³ Claro que o “próprio” não se refere apenas ao cronista que perde tempo para construir sua narrativa. Muitos outros personagens da cidade se colocam nessa mesma posição: são *flâneurs*; prostitutas; jogadores que resistem à submissão ao tempo da fábrica, mas usufruem da rua, dos elementos da modernidade, personagens da cidade referenciados por Benjamin (1989).

⁸⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

⁸⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

Outros dois viajantes quase contemporâneos de Alfredo Camarate também nos dizem sobre a “*alma*”⁸⁶ da cidade de Nápoles. São eles: Walter Benjamin e Asja Lacis que, como em um relato de viagem, dão exemplos da convivência de duas temporalidades distintas nesse espaço. Esses viajantes captaram “*o fato de que as fronteiras modernas do capitalismo – entre privado e público, entre labor e ócio, entre pessoal e comunitário – ainda não tinham sido estabelecidas*” (BUCK-MORSS, 2002, p.510). Para Benjamin, Nápoles poderia, assim, ser caracterizada:

A arquitetura é porosa como as rochas. Construções e ação se entrelaçam uma à outra em pátios, arcadas e escadas. Em todos os lugares se preservam espaços capazes de se tornar cenários de novas e inéditas constelações de eventos. Evita-se cunhar o definitivo. Nenhuma situação aparece, como é, destinada para todo o sempre; e nenhuma forma declara o seu “desta maneira e não de outra”. Aqui é assim que se materializa a arquitetura, essa componente mais concisa da rítmica da sociedade. Civilizada, privada e ordenada apenas nos grandes hotéis e nos armazéns do cais – anárquica, emaranhada e rústica no centro da cidade, onde só há quarenta anos se abriram a picareta grandes arruamentos (BENJAMIN, 1995, p.148).

Benjamin e Lacis ainda observaram que ninguém se orienta pela numeração das casas, e são as lojas, fontes e igrejas que fornecem os pontos de referências. Essa forma de localização sugere ainda a predominância do público e a falta de necessidade de identificar casas. Trata-se de um lugar onde seus moradores ainda se conhecem. A porosidade da cidade não se revela apenas na sua materialidade, mas na paixão de seus habitantes pela improvisação. Qualquer espaço serve como palco para congregação e encontro: “*toda a gente os divide num sem-numero de áreas de representação simultaneamente animadas. Balcões, átrios, janelas, portões, escadas, telhados, são ao mesmo tempo palco e camarote*” (BENJAMIN, 1995, p. 148). Uma sociedade em transição revela-se por meio de imagens de anarquia espacial, de interação social; pela impermanência e pela impressão de nada sugerir-se definitivo. A rua expressa a forma de vida desses habitantes: artistas a pintar com giz colorido em troca de moedas, comer macarrão com a mão, remuneração pelas pontas de cigarro catadas nas fendas dos cafés, vendas de crânios de gato cozidos e de mariscos nas bancas dos bairros portuários, música radiante pelas ruas, “*assim toda a alegria é transportável: música, brinquedo, sorvete, se alastram pelas ruas*” (BENJAMIN, 1995, p.149). O tempo também parece

⁸⁶ Expressão utilizada por Andrea Moreno (2006) que se refere à “alma” de um espaço, de uma época e de um povo, a uma “*atmosfera, um ar que se respira, um sentimento, um comportamento, de um tempo e de um lugar, coisas que juntas (e sempre juntas!) vão possibilitar acontecimentos, fatos, como também podem explicar suas ausências*” (p. 131).

não obedecer ao relógio: o feriado se faz em qualquer dia de trabalho, sempre há um tom de domingo em qualquer dia da semana. Para Nápoles, fora transferido um dos sete pecados capitais: a preguiça. A loteria permanece como uma atividade de sustento. Não há hora certa – nem para a infância – de comer ou dormir. A preguiça, essa relação com o tempo, a presença de “tempos livres” e as formas de divertimento informam-nos sobre uma sensibilidade ainda em molde e que permite uma vida urbana em contornos ainda maleáveis, pouco rígidos.

Se Alfredo Camarate se aborrecia em Belo Horizonte e em Ouro Preto, era justamente pelos hábitos caseiros de seus habitantes. *“Disse-o e repeti-o por diversas vezes, aos que se queixavam da monotonia e tédio dos dias e noites de Ouro Preto, que essa monotonia e tédio provinham exclusivamente dos hábitos caseiros da sua população, d’essa vida quasi monástica que leva a maior parte das senhoras ouro-pretanas, d’esse séstro, quiçá herdado dos tempos coloniais e que nos faz parecer os habitantes de Ouro Preto como esquivos e bisonhos; quando, realmente, na intimidade, são dados, hospitaleiros, alegres e espirituosos”*.⁸⁷ O que fazia com que Camarate se deliciasse em Paris e principalmente em Nápoles é essa permeabilidade da rua na casa. Nas palavras de Benjamin (1995), *“a vida doméstica é repartida, porosa e entremeada. (...) cada atitude e desempenho privado é inundado por correntes da vida comunitária”* (p.152). A experiência que a rua permite na modernidade é então aproveitada pelos sentidos, principalmente pelo olhar que é estimulado pelos elementos que a compõe: corpos, mercadorias, vitrines, prédios, alimentos e a maneira como esses elementos estão expostos ao exercício das vistas.

Ao longo da série de crônicas, são apresentados aos leitores estes dois tempos que passaram a conviver na construção de Belo Horizonte: o tempo dos hábitos caseiros dos moradores, que não têm a rua como lugar de sociabilidade, e o tempo da incorporação de novos elementos que convidam para o espaço público. Belo Horizonte poderia se tornar uma Nápoles? Depende. Sua ligação com o espaço doméstico também poderia se transformar no extremo do privado, no isolamento completo, na fragmentação dos laços afetivos e sociais com a construção da cidade moderna. Então, Camarate já advertia sobre a necessidade de se criar espaços que favorecessem essa socialização: bares, cafés, musicatas, bailes dançantes. Os sentidos também deveriam ser instigados com a diversificação dos gêneros alimentícios, com as encenações teatrais

⁸⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

que chegam aos olhos, com os aparatos higiênicos e de embelezamento que transformam os corpos e os preparam para a exposição nas ruas.

A dificuldade inicial de conseguir abrigar tantos estrangeiros justificava a carência de divertimentos e de “*gosos dos sentidos*”:

A principio, os arranjos domesticos preocuparam exclusivamente todas as familias. Não era negocio de pouca monta accommodar filhos e demais parentes, em casas mal abrigadas e despidas de toda a sorte de conforto; puchar pelo talento culinario, para fazer refeições ingeriveis, com os parcos recursos de que se dispõe, arranjar servos onde até faltam cavadores de enxada; descobrir agulhas, alfinetes, fitas, pentes, perfumarias, papel, pennas, etc, porque tudo faltava, nos primeiros dias, n’uma população preparada para as mais simples exigencias de um povo do interior de Minas.⁸⁸

A falta de acomodações e de alimentos que satisfizessem a sensibilidade dos recém-chegados denuncia, para o cronista, além do despreparo do povo para receber aqueles que ajudariam na constituição e na construção da cidade moderna, uma sensibilidade “*preparada para as mais simples exigencias de um povo do interior de Minas*”. Objetos indispensáveis à uma vida urbana – agulhas, fitas, pentes, perfumarias, papel, penas – refletem uma preocupação com a aparência, com o cultivo do corpo, resultado de uma sociabilidade intensa, na qual todos estão expostos aos olhares dos outros. Não nos esqueçamos de como o olhar ganha privilégio sobre os outros sentidos na modernidade e passa a intermediar, ou pré-intermediar, a relação entre pessoas e objetos. Papel e penas são indispensáveis àquele que faz, da experiência urbana, o seu trabalho e que diariamente utiliza esses materiais na escrita do cotidiano.

Desses objetos, a constituição de uma cidade moderna não poderia prescindir. Sem elementos que conformam certa tolerância à aparência, aos cheiros exalados pelo corpo, aos trajes que o cobrem, que também o expõem ao olhar e sem um cronista para narrar o cotidiano da cidade, o plano do urbano não se efetivaria. Algumas mudanças materiais já aconteciam na cidade, e agora outras deveriam modificar o cotidiano, incorporando-se novos hábitos, alterando costumes. “*Mas agora, que o **stock** dos armazens d’aqui se tem avolumado consideravelmente; agora que todos ou quasi todos têm as suas choupanas com modesta garridice de salões, começa-se a pensar no alimento do espirito e, para as senhoras, o **alimento do espirito** são bailes, musicatas e reuniões de todo o genero; reuniões que se fazem sem programma, porém que o espirito*

⁸⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

da mulher substitue victoriosamente, com milhares de frivolidades, de bellos nadas; mas que ao adormecer, nos deixam recordações vagas e gratissimas de uma noite deliciosamente passada”.⁸⁹

A principal cidade-capital do país também ganhou destaque nas crônicas de Alfredo Camarate. Lugar onde viveu por muitos anos, o Rio de Janeiro aparece, em seus escritos, como uma cidade cujos costumes estão bastante mesclados com os hábitos europeus. Cidade, portanto, habitável por sujeitos portadores de sensibilidades cidadinas e modernas, educados com balizas europeias quanto à arquitetura, às formas de sociabilidade, à diversidade de espaços de divertimento, às maneiras de se vestir e de estar na rua. O Rio de Janeiro oferecia-lhe uma aproximação com uma sensibilidade agora distante, mas que por ela fora educado e marcado em sua maneira de ser, sentir e estar no mundo. Pegar o trem, percorrer *montes e valles* e chegar à capital da República é uma forma de (re)ativar essa sensibilidade, permitir que os sentidos sejam impactados por elementos que compõem uma cidade, sejam nos artefatos da vida material ou na imaterialidade das formas de ser cidadão. Assim, vai Camarate “*à cata de cousas que os estabelecimentos de Bello Horizonte ainda não possuem e tambem para desenferrujar as pernas e lubrificar o espirito; que, por emquanto, a famosa Capital, nas penumbras de um risonho futuro, ainda embota a intelligencia e emperra os membros locomotores, e uma e outros, como todos o sabem, são como estomagos de dispeptico e fantazias de moça; que carecem de bastante campo, muito exercicio e muitissima variedade*”.⁹⁰

Apesar do pouco tempo em que se afastara da cidade, ao retornar, Alfredo Camarate conseguiu captar algumas mudanças na paisagem urbana e na “atmosfera sentimental” de seus habitantes. Encontrou “*uma certa actividade municipal*”, considerada por ele, ainda rasteira em relação às carências de “*uma cidade tão mal agraciada pelos seus benefícios*”. Essa atividade interferiria, primeiro, na materialidade, na arquitetura do lugar: “*As quatro ruas que emolduram a Praça da Constituição foram alargadas em mais do dobro e, desta transformação, resultaram dois effeitos com que eu não contava: primeiro, o do jardim ficar aparentemente tão grande como d’antes; segundo, o de toda a fileira de casas da rua que se prolonga, da Carioca até a do Visconde do Rio Branco, ficar transformada num renque de choupanas, cubátas, cafuás*

⁸⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XV*. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de maio de 1894, p.4.

⁹⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, n.202, 20 de julho de 1894, p.4.

e pardieiros; fatal consequencia das leis do contraste, em que se apoucam e amesquinham as cousas pequenas, em comparação do que é extenso, largo e grandioso".⁹¹ A intervenção no traçado das ruas é o primeiro passo da remodelação da cidade, já que ela se tornava um símbolo da modernidade, onde tudo acontece, onde tudo (e todos) se expõe(m) aos olhares, onde a ciência e a racionalidade também se materializam e se apresentam como ideal, como forma de pensar e estar no mundo. Para o olhar de arquiteto e artista, haveria uma desarmonia expressa no contraste entre o novo das ruas e o antigo das moradias. Existiria uma desarmonia de proporção entre a extensão, a largura das ruas e a miudez das casas, que, passariam a ganhar o nome e o contorno de cafuas, pardieiros, choupanas. Com essa percepção do olhar, Camarate conseguiu confirmar o que lhe tinham "*ensinado as theorias de livros e mestres, que exigiam monumentos e edificios com tamanhos e alturas proporcionadas às praças e ruas em que tinham de ser erigidos*".⁹² A preocupação com a estética cidadina, que educa o olhar para as proporções, para a simetria, para a homogeneidade dos traçados arquitetônicos, anunciou-se: "*Assim como seria erro esthetico e contrasenso grosseiro metter o Rocio na Bitêsga; assim não menor attentado ao gosto e à logica seria ornamentar grandes superficies com labores miudinhos, e ainda maior vandalismo margear grandes praças e largos, com casebres microscopicos e como que tallados para pigmeus*".⁹³

Essa percepção também não deixa de ser um conselho àqueles responsáveis pela construção de Belo Horizonte. Aqui, o contraste poderia ser ainda mais acentuado, já que uma cidade planejada se erguia sobre um canhestro arraial. Essa sabedoria "livresca" e prática ganhou a narrativa das crônicas e tinha, por pressuposto, que seria lida, que talvez servisse como lembrança para o companheiro arquiteto: "*Endósso esta licção architectonica ao dr. José de Magalhães; se é que architecto de tanta monta carece de licções, ainda que sejam por endosse!*"⁹⁴

Além dessas mudanças materiais, Alfredo Camarate observou uma mudança do cotidiano, talvez identificada apenas por aqueles que se distanciaram da cidade e que estavam, naquele momento, também contaminados por um modo de vida próximo ao do

⁹¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, n.202, 20 de julho de 1894, p.4.

⁹² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, n.202, 20 de julho de 1894, p.4.

⁹³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, n.202, 20 de julho de 1894, p.4.

⁹⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, n.202, 20 de julho de 1894, p.4.

rural. Camarate percebeu uma sutileza, uma mudança de comportamento nos habitantes do Rio de Janeiro e que uma nova forma de estar no mundo se fundava. Essa narrativa sobre tais alterações na atmosfera sensível da cidade só foi possível a partir da sua impressão, que sugere uma presença física, um exercício e gasto do olhar. Nas palavras do cronista, que afirmou sua “queda” pelos impressionistas na literatura e na arte – os quais consideram a impressão como forma de atingir o leitor –, “*a impressão só pode originar-se da contemplação do facto e ainda mais de o **haver vivido** (...)*”.⁹⁵

Essa narrativa, que surgiu e foi construída a partir da “*contemplação do facto*” e do “*haver vivido*”, sugere, por isso, que não se pretende uma obra literária, a qual atingiria o leitor, provocando-lhe entusiasmo e despertando-lhe a admiração pelo autor. Pretende mais comunicar uma experiência, narrar sobre uma percepção. Nesse sentido, Alfredo Camarate assim se refere à sua escrita e à sua impressão do Rio de Janeiro: “*Mas como dos **Montes e Valles** eu não queira e não posso fazer obra acabada e antes pretenda deixal-os com os caprichos e imperfeições de um esboço, citarei as impressões que senti nesta minha ultima viagem ao Rio de Janeiro exactamente como ellas actuaram em mim; manifestando-as, com as hesitações, sinceridades e incorrecções de um impromptu*”.⁹⁶

A impressão de Alfredo Camarate era a de que: “*O povo do Rio de Janeiro [estava] militarizado*”. Por que esse fato chamou a atenção de Camarate? Distante um tempo dessa cidade, ressaltava a seus olhos o novo espírito que acometia a cidade, mudava o seu cenário. Vale notar que o cronista não fez uma distinção acentuada entre os militares e os moradores “civis” da cidade. Ambos compunham o urbano, influenciavam-se. Ele percebeu, primeiro nas alterações dos militares, uma mudança no comportamento do cidadão, uma contaminação do modo de ser soldado na vida do cidadão carioca. O que fizera a participação dos soldados nas frentes de batalha, em momento posterior, a cidade faria com seus habitantes: exercitava-os, disciplinava-os. Observando diversos corpos de guarda nacional, Camarate teve a impressão de que esses corpos em nada diferiam dos corpos dos soldados de linha. Estavam, portanto,

⁹⁵ Essa expressão utilizada pelo cronista nos leva a uma aproximação com a idéia de experiência elaborada por Jorge Larrosa Bondiá (2002), como algo que nos passa, acontece e toca. A experiência para o autor é distinta da informação, quando se tem ou adquire informação sobre algo. O sujeito de experiência é uma superfície sensível já que aquilo que lhe “*acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos*” (p. 24). Aquele que tem o saber da experiência é um sujeito que se ex-põe, que se deixa afetar, tombar. RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXX*. Minas Geraes. Ano III, n.205, 1 de agosto de 1894, p.5.

⁹⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXX*. Minas Geraes. Ano III, n.205, 1 de agosto de 1894, p.5.

preparados na cidade para enfrentar uma guerra. Ele notou nesses corpos um “*verdadeiro garbo militar, virilidade no aspecto dos soldados, firmeza e exactidão nas manobras; todas estas qualidades que, francamente, não eram a primeira virtude dos fluminenses*”.⁹⁷ O fluminense, portador de outro modo de ser, representado, muitas vezes, na figura do capoeira, do vagabundo, passara a ser educado, na sua corporeidade, por um modo de ser militar e também cidadão.⁹⁸ O fluminense era, naquele momento, habitante de uma cidade controlada, que se pretendia civilizada, que tentava impor regras tanto na arquitetura, na sua materialidade, quanto em uma atmosfera sensível, controlando comportamentos de uma multidão de desconhecidos.⁹⁹

Apenas aquele que se disponibiliza consegue, pelo que lhe chega aos sentidos, notar essas sutis transformações e fazer dessa percepção o mote para a escrita e para pensar sobre a vida, na cidade. Para João do Rio, “*Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite (...)*”.¹⁰⁰ Estar nas ruas, sentir a rua, a cidade como um diletante. Depois desse exercício na rua, Alfredo Camarate refugia-se também no público: “*Na primeira do **Maphistopheles** escondi-me numa galeria, no paraíso dos verdadeiros **dilettanti***”.¹⁰¹

⁹⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXX*. Minas Geraes. Ano III, n.205, 1 de agosto de 1894, p.5.

⁹⁸ Andrea Moreno (2006) sinaliza como a “alma” do fluminense “rejeitou” a *gymnastica* como prática e linguagem cultural de esquadrinhamento dos corpos. Em diálogo com a literatura, a autora conseguiu captar essa “alma” e perceber como o corpo fluminense era mais afeito a outras práticas corporais, como a dança e a capoeira.

⁹⁹ Não há dúvidas de que o crescimento da urbanização impõe a convivência dos habitantes desconhecidos entre si. A cidade ganha um caráter ameaçador, obrigando, à percepção visual, a passagem de um transeunte desconhecido que caminha a centímetros dos nossos olhos. Por isso, como assinala Benjamin, dialogando com Simmel, “*É evidente que o olho do habitante urbano está sobrecarregado com funções de segurança*” (1989, p.142). O olhar sempre em alerta, à procura ou à espera de alguma invasão no campo sensorial, está sobrecarregado com funções de segurança. Ele vagueia inquieto e não se detém demoradamente em nada. Como ressalta Oliveira, “*O olhar modifica-se, sem que a fisiologia do olho tenha de sofrer alterações. O olhar é determinado historicamente. Seu campo de visão é fragmentário e entrecortado. Esta mobilidade e vaguidão, aliadas a um tenso estado de alerta, funcionam como defesas para o que Benjamin chama de ‘choque’ (‘Chock’)*” (2006, p. 61).

¹⁰⁰ João do Rio, 1997, p. 50.

¹⁰¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXX*. Minas Geraes. Ano III, n.205, 1 de agosto de 1894, p.5.

1.4. Olhar a cidade na planta, erguê-la na imaginação e na escrita

O cronista da capital chegou ao arraial ainda nos primeiros dias da construção da cidade. Para dizer melhor, essa construção ainda se dava nas mentes, nos pensamentos daqueles que a planejavam. Alfredo Camarate viu a cidade se erguendo, primeiramente, nos traços, nos desenhos, nas perspectivas saídas da imaginação e das mãos dos engenheiros, arquitetos, desenhistas. Uma cidade pré-existe antes da sua existência material. Está ali, esboçada, riscada, detalhada, medida. Seus prédios passam a ocupar determinados locais na planta. Já se compõem espaços, para isso, para aquilo. Definem-se estilos, tamanhos, materiais. A cidade está sonhada. O cronista conseguiu decifrar e ler esses planos porque estava perto de sujeitos e espaços nos quais esses sonhos eram imaginados. Frequentava gabinetes, olhava para as plantas: *“Vivo aqui, com quasi todos os engenheiro da comissão constructora da nova capital de Minas, e o que sei não indago, o que ouço não pergunto; nem no meio desta febril actividade dos trabalhos iniciaes, ha recursos para descobrir ideias futuras, ou planos que ainda devem estar nebulosos e indecisos, na mente dos planejadores”*.¹⁰²

Apesar dessa discrição do cronista, que nada indagava diretamente àqueles que tinham a cidade na mente, Alfredo Camarate conseguiu prever o que esses sujeitos elaboraram para a construção da cidade. Havia um ideal de cidade que perpassava os planos de reordenação do urbano, postos em execução ao longo do século XIX e que, sem dúvida, guiavam os traçados desses produtores do espaço.

O olhar científico que portaria esses especialistas do urbano – engenheiros, arquitetos, médicos, sanitaristas – tornava-os aptos a reconhecer “problemas” do espaço. Como nos lembra Giovanaz (2000), esses ditos problemas do urbano são detectáveis pela observação desses técnicos e ganham relevância pela legitimidade dos discursos e das suas ações, considerados mais aptos na intervenção do urbano. Nas palavras da autora, *“... o olhar do saber urbano inventa os problemas urbanos”* (p. 40). Esse mesmo olhar que cria/detecta o problema será também lançado sobre o espaço para encontrar soluções, planejar, tomar medidas. As tarefas destinadas a esses técnicos nesse momento de grandes intervenções nos espaços urbanos eram muitas e calcadas nas expectativas de funcionalizar, descongestionar, sanear, enfim, modernizar. Esses especialistas e o poder público, que concebiam a cidade como um conjunto, lançavam

¹⁰² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVI. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.

sobre ela um olhar eminentemente racional, enxergavam a *urbs* “*como um mecanismo que deve ser regulado tal qual um relógio, ou seja, projeta uma imagem de funcionalidade*” (GIOVANAZ, 2000, p.42).

A respeito de Belo Horizonte, não podemos dizer propriamente de uma “cidade problema”, que necessitava de um olhar o qual identificasse dificuldades e propusesse soluções. A cidade problema era a antiga Ouro Preto, que comportava todos os empecilhos de uma cidade-capital: dificuldades na circulação, arruamentos desordenados, problemas no abastecimento de água e no escoamento dos esgotos, topografia acidentada, entre outros. Sobre o pequeno arraial, facilmente uma nova cidade poderia se erguer, sem enfrentar muitas barreiras na sua edificação. Belo Horizonte surgiu, principalmente, como uma cidade desejada e sonhada, projetada para o futuro. A cidade-arracial, do passado, não precisava ser saneada, remodelada, reordenada. Ela precisaria ser projetada, traçada, riscada, sobreposta. Encontrar esses projetos, tanto nos desenhos técnicos, plantas, perspectivas assinadas por engenheiros e arquitetos da Comissão Construtora da Nova Capital, quanto nas crônicas assinadas por Alfredo Camarate, permite-nos acessar uma cidade do futuro – próximo e/ou distante –, oferece-nos também representações imagéticas e literárias da cidade a ser edificada.

Alfredo Camarate, ao se apresentar como um desses produtores e planejadores do espaço urbano, sugeria o traçado das ruas, avenidas e o alinhamento das construções, tudo isso adequado a uma concepção de cidade:

Parece apenas que as ligeiras ondulações que tem o terreno se prestarão a bons efeitos de agrupamento dos edificios, e sobre tudo a deliciosos pontos de vista, e que a localidade se presta a delinear avenidas de alguns kilometros de extensão e às quaes se poderá dar a largura de sessenta metros; que a média do declive, da maior parte das ruas, regulará por tres ou quatro por cento, um declive famoso, para o transito, para o esgotamento das aguas pluvias e para o serviço do esgoto, e que algumas ruas talvez 10% de declive, mas que serão poucas e as necessarias para os moradores, que consideram as subidas moderadas como altamente vantajosas para a actividade e funcções do estomago e para aquelles que, por natural vaidade, gostam de olhar sempre para o proximo, de cima para baixo!¹⁰³

Largas avenidas, ordenamento das construções, preocupação com o trânsito e com a higiene estavam na base dos planos; formavam um alicerce, imprescindível à construção da cidade. Sem dúvida, são, as ruas, o principal elemento que ocupava os planos dos engenheiros, já que a rua “*apresenta-se como espaço por excelência da*

¹⁰³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVI. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.

circulação, do tráfego de homens e mercadorias, e, enquanto palco privilegiado para a observação, é sobretudo nela que se tornam públicas e visíveis as transformações na topografia da cidade” (KROPF, 1996, p. 183). O traçado das ruas, que risca a paisagem da natureza, é capaz de informar sobre os sentidos da ação humana e de seus interesses. Também é a rua “*expressão física e simbólica do poder da imaginação e da vontade transformadora*”; ela exerce a “*função de representar a própria cidade e a sociedade que nela se estrutura, a rua passa a ser vista como um poderoso instrumento para uma pedagogia civilizatória da população*” (KROPF, 1996, p. 183).

O retilíneo das ruas, apresentado na planta da cidade, a *uniformidade* na disposição e nas medidas de cada componente do espaço urbano, a *proporcionalidade* entre diferentes aspectos como declives, largura, altura e comprimento das edificações e, principalmente, a *visibilidade* como capacidade de tornar visível o planejamento e a concepção de cidade como “*espetáculo simbolizador de uma nova sociedade em edificação*” (KROPF, 1996, p. 184, 185) informam-nos sobre uma nova educação dirigida ao olhar, que deveria se acostumar com essa nova ordenação do espaço e incorporar tais elementos também na sua forma de ver. Outra sensibilidade se fundava. Outra maneira de ver o espaço, outra forma também de vida: racional, simétrica, funcional, retilínea, uniforme, controlada.

1.5. Olhar os sujeitos: personagens da cidade

Em algumas crônicas, Alfredo Camarate apresenta personagens do arraial, esse espaço em transformação. Essas personagens, que talvez não sejam “reais”, mas que surgem da aproximação do cronista com a realidade, auxiliam o leitor do jornal a montar uma imagem desse espaço e dos habitantes que o ocuparam. Dessa forma, o cronista informa-nos não só sobre as transformações da cidade, mas também sobre seus habitantes, sempre conjugando imagens do que é, ou foi, e do vir a ser.

Uma das personagens de suas crônicas é um velho. Um homem de agulha. Camarate, em um dos seus “*constantemente passeios matutinos*” avistou “*perto da janella de uma modesta casa térrea, um velho cosendo, ainda pelo antigo processo da agulha manuseada a dêdo*”.¹⁰⁴ Chamaram-lhe a atenção tanto esse sujeito e o lugar que ocupava, quanto o seu fazer e o modo do fazer. Esse gesto de manusear, com os dedos,

¹⁰⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles VIII. Minas Geraes. Ano III, n.94, 8 de abril de 1894, p.1.

a agulha, a linha e o tecido surpreendeu o cronista que, acostumado – expressão que não denota uma postura passiva ou acrítica – a uma lógica dos grandes centros urbanos, estava ciente da incorporação da máquina e de uma nova temporalidade estabelecida entre o homem e o trabalho. O vagar, o cuidado e a destreza, exigidos em um trabalho manual, teriam sido substituídos por um gesto mecânico, automatizado. Em suas palavras, esse processo de costurar uma peça com as mãos e a agulha, “*mesmo em França, é preferido pelos que compram, com grandes resistencias dos que vendem*”.¹⁰⁵ Alfredo Camarate apontava, então, para uma nova relação com a mercadoria, que deixava de ser única, produzida de alguém para alguém, de um conhecido para outro conhecido, para se tornar um objeto, sobretudo de venda e, por isso, produzido pela máquina, em grande quantidade e para um outro desconhecido.¹⁰⁶ Essa relação com a mercadoria, posta na modernidade é observada por Georg Simmel (1979): “*Na esfera da psicologia econômica do pequeno grupo, é importante que, sob condições primitivas, a produção sirva ao cliente que solicita a mercadoria, de modo que o produtor e o consumidor se conheçam. A metrópole, entretanto, é provida quase inteiramente pela produção para o mercado, isto é, para compradores inteiramente desconhecidos, que nunca entram pessoalmente no campo de visão propriamente dito do produtor*” (p. 13 e 14).

O cronista ainda admirou essa personagem por outros motivos relatados ao longo da narrativa: “*Tenho notado uma cousa: é que o moço mineiro póde ser ou não ser um homem bonito; mas um mineiro velho é quasi sempre mais bonito e, dessa belleza veneranda, que inspira respeito e sympathias; um como que respeito filial que sentimos, por aquellas alvas barbas; cuidadas quasi sempre com a garridice se não impropria pelo menos muito pouco de esperar-se, num ancião de setenta annos*”.¹⁰⁷ A impressão que lhe causava a beleza física do velho confundia-se com uma admiração

¹⁰⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VIII*. Minas Geraes. Ano III, n.94, 8 de abril de 1894, p.1.

¹⁰⁶ Nicolau Sevcenko (2001) observa as alterações nos padrões de comportamentos impostas pela preeminência da industrialização, dos fluxos acelerados pelos meios de transporte e pelas máquinas. A relação entre as pessoas também sofre as consequências dessa aceleração do tempo e a forma de identificar e conhecer os outros é a mais rápida e direta: “*pela maneira como se vestem, pelos objetos simbólicos que exibem, pelo modo e pelo tom com que falam, pelo seu jeito de se comportar*” (p.64). Nesse bojo, a comunicação básica entre as pessoas, aquela que precede a fala, é baseada em símbolos exteriores. A avaliação das qualidades humanas é substituída pela apreciação das mercadorias que exhibe e ostenta, no vestuário, nos aparatos, objetos pessoais e no corpo. Esses fatores associados irão provocar uma mudança profunda nas sensibilidades e na percepção sensorial dos habitantes metropolitanos, com a supervalorização do olhar e a sofisticação/treinamento desse sentido em um ambiente de imagens, símbolos, velocidade e trânsito.

¹⁰⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VIII*. Minas Geraes. Ano III, n.94, 8 de abril de 1894, p.1.

pelos traços, gestos, expressões de alguém que possuía experiência e que, pela sua condição – de viajante do tempo e morador desse lugar –, podia ainda comunicá-la. Essa admiração ainda se revela em um outro trecho:

Tenho passado, por muitas vezes, diante desses rostos venerandos; mais venerandos do que os que descreve a historia sobre os antigos patriarchas; admitto, sempre com instinctivo respeito, o modo pausado, seguro e justificadamente sentencioso, desses homens dos principios do meu seculo e que na simplicidade dos seus habitos, na modesta grandesa das suas virtudes; na sobriedade das suas exigencias; no seu quasi constante isolamento, que nada tem de feroz nem de ostentoso, podem fallar debaixo para cima, com todos os homens da geração que succedeu á sua e que tão cheios são de requintes, de pretensões, de vaidades e orgulhos e que olham de revez para o proximo, com a soberana convicção desse proximo estar muito *distante delle*.¹⁰⁸

Essa crônica sobre o velho costureiro também aponta para outra questão, posta por aqueles que fazem da cidade seu *locus* de observação. Alfredo Camarate, apesar de ter se revelado um cidadão, não deixou de perceber como a vida urbana inaugurava outra forma de estar no mundo e, principalmente, novas maneiras de se relacionar com o outro. Voltando à crônica, Camarate fala de um hábito próprio e só possível de ser visto em pequenas localidades: “*O bom do velhinho, o meu alfaiate, mantendo-se um tanto, nas despreensões do curioso, um tanto nas seguranças do official de officio, deu-me os bons dias, costumes invariavel em tordas as terras pequenas do Estado de Minas, onde se considera toda a população como um cacho de parentes, mais ou menos radicados, no tronco que a todos foi berço!*”.¹⁰⁹ Todos eram conhecidos e, mesmo que não o fossem, ainda fazia sentido o cumprimento, que predispõe o indivíduo a estabelecer uma relação, iniciar uma narrativa.

1.6. Olhar o arraial-cidade e seus espaços

Alfredo Camarate narrou sua experiência de passear pelo Bairro das Cafuas no arraial, local considerado “*pelos pintores e pelos poetas, a cousa mais bella e pitoresca, que possue esta povoação.*”¹¹⁰ Ele destacou, pelos recursos da linguagem, que “[*ia*] muitas vezes passear pelas cafúas”, um hábito que possuía em Belo Horizonte. Talvez

¹⁰⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VIII. Minas Geraes. Ano III, n.94, 8 de abril de 1894, p.1.

¹⁰⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VIII. Minas Geraes. Ano III, n.94, 8 de abril de 1894, p.1.

¹¹⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXVIII. Minas Geraes. Ano III, n.191, 18 de julho de 1894, p.5.

não só nessa cidade. A experiência sensível de andar por esse espaço/lugar, a rua das Cafuas, ativava-lhe a memória e lhe fazia lembrar de certas ruas que viu na África Ocidental. Vale ressaltar que, no arraial, deteve sua análise sobre o que foi construído pelos moradores desse espaço, e a sua comparação entre o arraial e a África carrega sentidos. Se o clima de Belo Horizonte desperta a mesma sensação do europeu, e a paisagem também impacta o olhar com a variedade de tons como na Suíça, o que foi construído pelo homem do arraial, o não natural, é comparável com uma área empobrecida, ainda a civilizar.

Mais uma vez a arte e a observação dos sujeitos são aproximadas. Para definir o que é o belo e o pitoresco, sabendo que esses dois elementos ganham sentidos muitos diversos, Alfredo Camarate acabou “pintando” uma cena do que seria o belo para alguns iluminados da pintura. Apesar de não dizer claramente que se trata do Bairro das Cafuas em Belo Horizonte, a descrição leva o leitor a identificar esse local. Camarate utilizou-se de um gosto “que não é o seu” e se referiu aos iluminados da pintura que defendem que as manifestações do belo consistiam “*numa camponesa suja e andrajosa (coberta por farrapos), calcando a lama ou o pó das estradas, com os pés descalços: isto é, com os pés cobertos de poeira e lama!*”.¹¹¹

Além de “pintar” uma possível moradora da cafua, Alfredo Camarate descreveu também o animal e o pardieiro dessa camponesa: “*num sendeiro felpudo e escanzelado, com almatriz de palha e toda cheia de buracos, ruminando com dificuldade algumas magras folhas de erva ressequida e queimada pelo sol. Num pardieiro derrocado, com calvas e soluções de continuidade nas telhas, com as portas sem gonzos, com as janellas sem vidro nem caixilhos; uma morada menos abrigada do sol, do vento e da chuva de que os negros covis das feras*”.¹¹² Nos detalhes das portas sem dobradiça e das janelas sem vidro o cronista acabou nos informando às avessas o que considerava como o “belo”.

Camarate até achava possível que os artistas “iluminados” considerassem essa cena bela e digna de ser pintada, portanto, perpetuada nos contornos da moldura. Mas lhe indignava – e o que nunca esteve disposto a aceitar – era quando esses artistas reclamavam que lhes tirava a inspiração “*quando lhes vestem e lavam as camponesas, quando lhes engordam e ensinam devidamente o sendeiro (cavalos), quando lhes*

¹¹¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXVIII. Minas Geraes. Ano III, n.191, 18 de julho de 1894, p.5.

¹¹² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXVIII. Minas Geraes. Ano III, n.191, 18 de julho de 1894, p.5.

rebocam, entelham e consertam o pardieiro!”.¹¹³ Num jogo de linguagem, Camarate colocava em disputa entendimentos a respeito da arte, do belo e, principalmente, da necessidade de educar corpos e civilizar espaços. Se os pintores reclamavam: “*estragaram-me a minha camponeza; despoetisaram o meu sendeiro, escangalharam a minha choupana*”, para Camarate, na linguagem deles, os verbos: estragar, despoetizar e escangalhar têm por sinônimo “*lavar, engordar e concertar!*”. Ou seja, civilizar corpos, vestir-lhes, limpá-los, alimentá-los.

Alfredo Camarate observou que o prolongado convívio com pintores, escultores e poetas já havia sido contagiado por “*honrosas perversões do gosto*”. Ele mesmo advertiu que, apesar das belezas bucólicas impressionarem-lhe agradavelmente, tinha dúvida se tais belezas influenciariam tanto na sua “*estesia*”, “*do mesmo modo por que os amargos e piccantes atuam no palladar*”. Camarate deixou, contudo, uma ressalva: “*necessario contraste, para saborear as iguarias que real e logicamente se podem se considerar boas!*”.¹¹⁴ Para o cronista, algo que impactasse suas sensibilidades poderia tornar-se hábito e, segundo filósofos e moralistas, “*uma segunda natureza*”. Acharia, pois, natural se acostumar com as cafuas e que elas passassem a ser toleradas pelo seu gosto, assim como considerava natural ter vivido o processo de dura aprendizagem graças ao qual se acostumara ao “*horripilante*” gosto da cerveja e ao “*enjoativo e amargo*” do fumo. Assim, poderia se acostumar com as cafuas e “*sobre os efeitos do habito*”, deu o exemplo de uma empregada paraguaia que se queixava de não apanhar mais do marido. As sensibilidades eram educadas, outras tolerâncias poderiam ser adquiridas, mesmo que aparentemente ganhassem um tom de “*retrocesso*”, ou de perversão do gosto, para utilizar sua expressão.

Então, Alfredo Camarate fez uma descrição minuciosa dessa paisagem, voltando-se para as cafuas e para a rua:

Casas, nas paredes, cubatas, nos telhados de colmo; com o esqueleto de madeira tósca, a sair por entre o barro, como ossos de físico a accusarem-se atravez da transparente e livida pele; toda esta miséria, que provém mais do abandono do que da pobreza, é emmoldurada numa vegetação opulenta, prodiga, que, nas empafias da sua riqueza, nos desmandos da sua prodigalidade, parece assoberbar ainda mais essas mesquinhas tócas de humanos que, por irrisoria philaucia, se dizem pertencer à raça dos reis da criação!

¹¹³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 18 de julho de 1894, p.5.

¹¹⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 18 de julho de 1894, p.5.

A terra da rua parece uma alcatifa vermelha, floreiada com verde vivo, brilhante esmeraldino; o céu parece que reserva o fausto das suas orgias de côr, para encimar aquella como que aldeia de indios, sem a virilidade, energia, robustez e destreza dos seus habitantes!¹¹⁵

Essa crônica que narra um outro “typo” humano é singular para falar do olhar do cronista sobre a cidade em construção. O que escutava o cronista desses “typos” e do espaço que ele habitava? Escutava a necessidade de um olhar sobre eles, sobre suas doenças, seus corpos e o que expressavam. Com “ar” de autoridade, como se assumisse um lugar que deveria ser ocupado por outro especialista, ainda nas primeiras crônicas da série, Alfredo Camarate ocupou-se de avaliar a aparente saúde dos habitantes de Belo Horizonte. Mesmo informando ao leitor que pouco sabia de medicina, que, por sinal, era, para ele, ciência com os dias contados, iria se ocupar dessa tarefa. Apesar de não ser um especialista da medicina ou da “moderna hygiene”, também possuía qualidades e experiência para observar atentamente a “aparente” saúde do povo. Aqui, vale a atenção para a palavra “aparente”, que qualifica e sobressai o mérito e a experiência do cronista no olhar.

Ao lermos a crônica, notamos um tom de “encomenda” em resposta às notícias que corriam sobre a localidade, escolhida para ser a nova capital de Minas. A cidade seria contaminada por bôcio, e aqui se encontravam apenas “papudos”. Para tirar do imaginário essa ideia sobre o povo, Camarate foi verificar esse “boato”. A nova capital não poderia estar contaminada desde o seu nascedouro. O arraial do Curral d’el Rey deveria conter todos os préstimos para justificar a escolha dessa localidade. O cronista-médico escolheu, então, um dia de festividade, em que se produzem raras aglomerações, para avaliar o quadro de seus pacientes. Colhendo indícios, conseguiu definir um diagnóstico. Feito o diagnóstico, precisava estudar as causas desses males. Seria o bôcio? Não para Camarate. Na “multidão”, notou apenas alguns “papudos” e lhe foi informado que moravam em uma localidade distante. Seria o clima? O clima da cidade lhe parecia ameno e comparável ao clima europeu. Logo, a causa seria os hábitos alimentares dos moradores.

¹¹⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 18 de julho de 1894, p.5.

IMAGENS PARA TOCAR

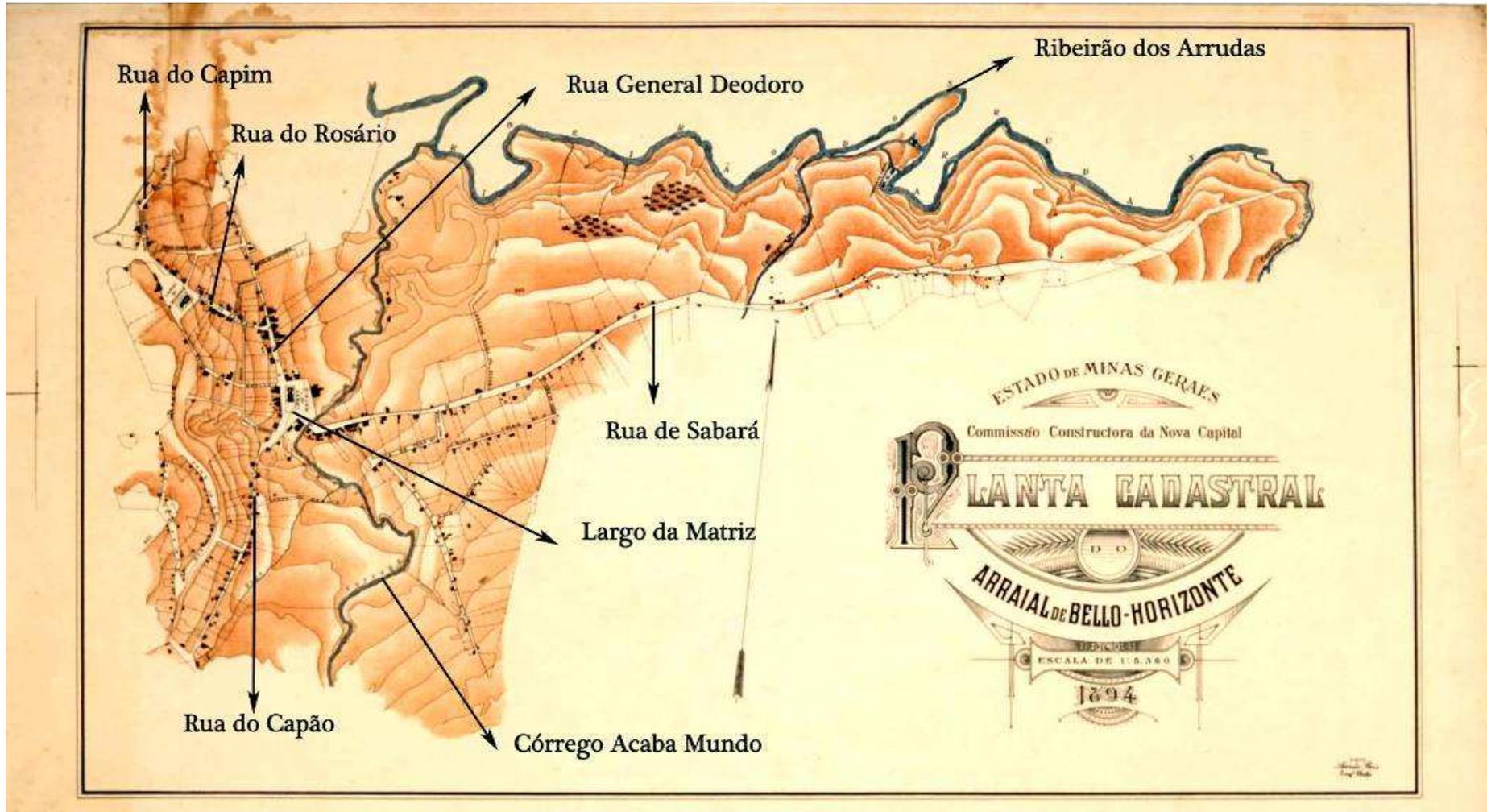


FIGURA 4: Planta Cadastral do Arraial de Belo Horizonte, 1894.



FIGURA 5: Rua General Deodoro, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895.

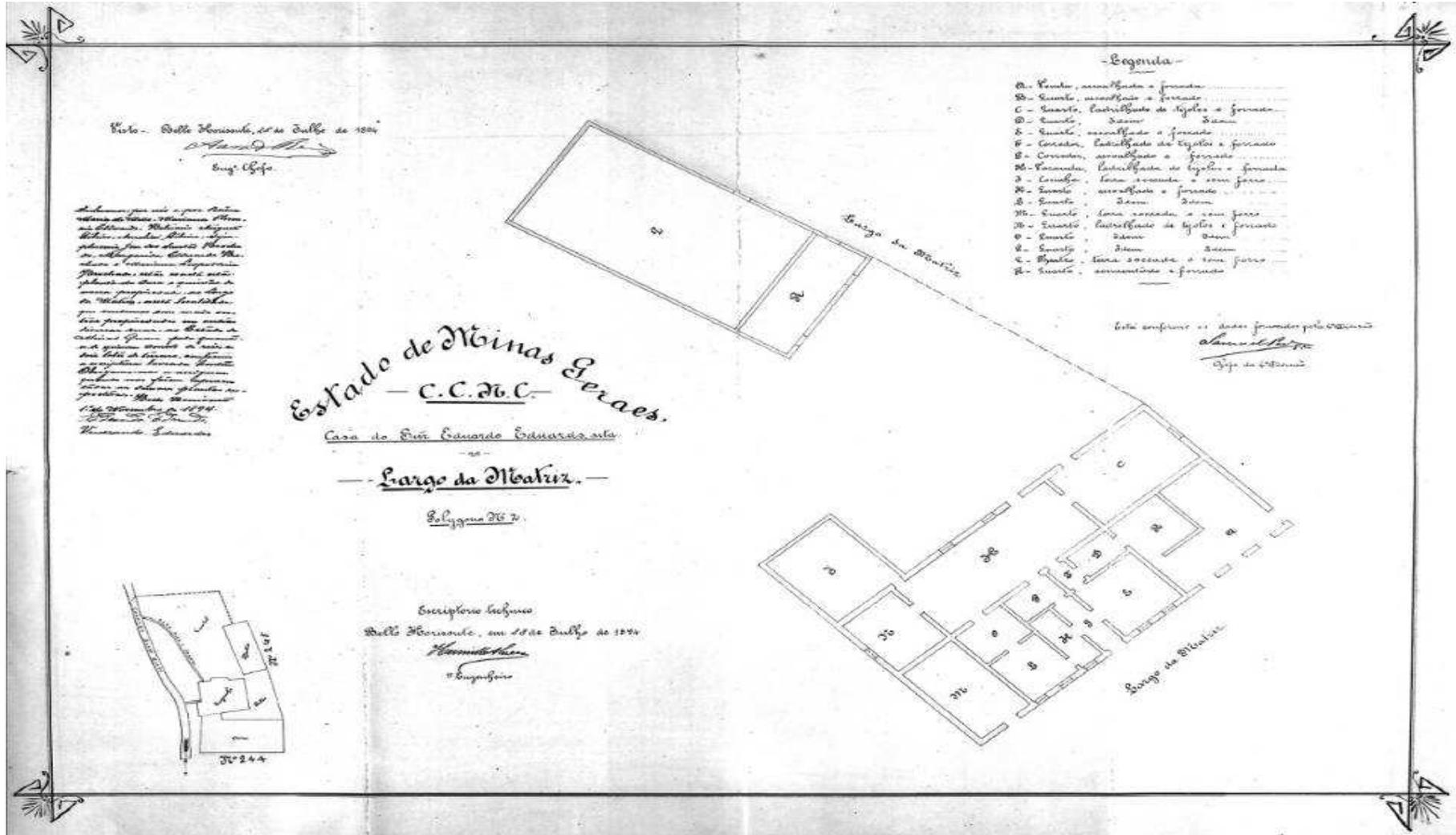


FIGURA 6: Planta da Casa de Eduardo Edwards, Largo da Matriz, Arraial de Belo Horizonte, 1894.

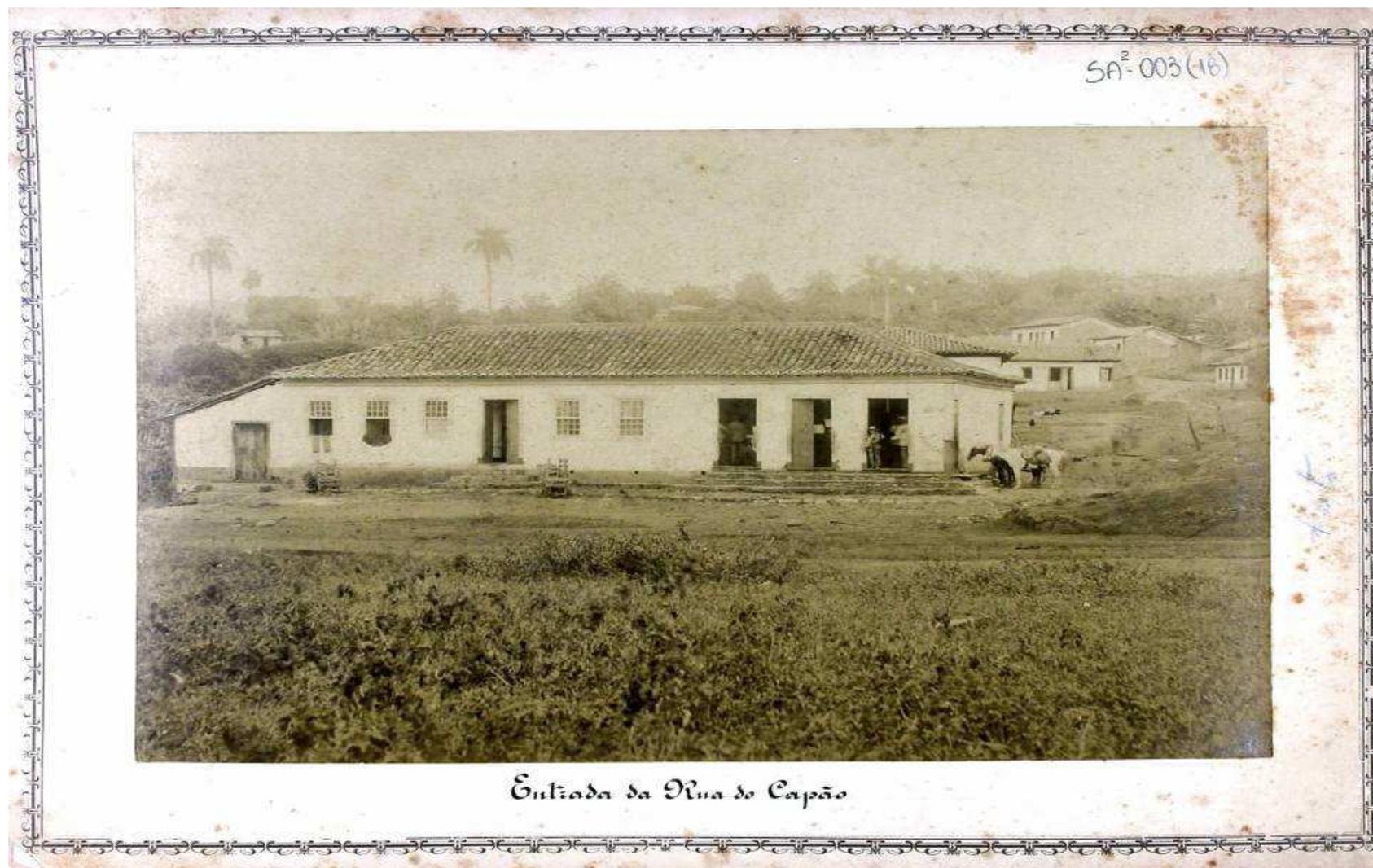


FIGURA 7: Entrada da Rua do Capão, Casa Comercial de Eduardo Edwards, Arraial de Belo Horizonte, 1894.



FIGURA 8: Rua do Sabará, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895.



FIGURA 9: Rua do Capim, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895

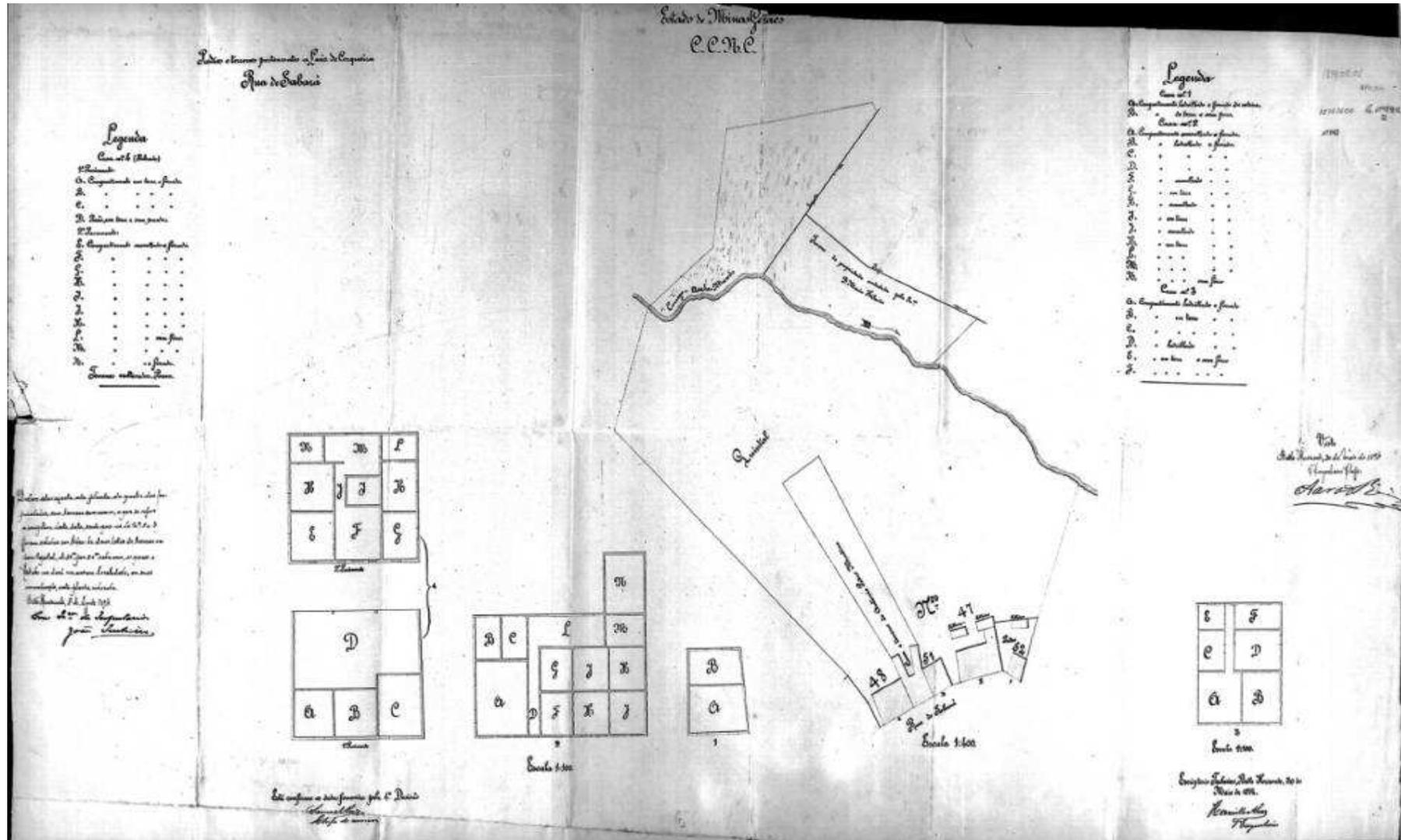


FIGURA 10: Plantas de prédios e terrenos de Luiz de Cerqueira, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1901.



FIGURA 11: Rua de Sabará, Arraial de Belo Horizonte, 1894.

2. Texturas de sentir

Tato. Pele. Corpo. Sensações térmicas: frio, quente. Texturas. Tecidos. Objetos. O arraial: o barro, o pó, a terra batida, casebres, cafuas. O chão. A rua: calçamento, meios de transporte. A cidade: os prédios, a arquitetura. Materiais: a terra, a pedra, o ferro, o vidro. Encontro com o outro. O toque. Escolhas. O morar: ornamentos, mobília, aparatos higiênicos. Hotel para os viajantes. O conforto.

2.1. De terra e capim: o morar no arraial

*“Um fazendeiro abriu hotel, a instantes rogos de seus amigos e matém-o, com a independencia de quem está fazendo um favor a seus hospedes; os proprietarios de predios, a muito custo, caiáram a fachada dos seus modestos casebres e, para que se veja como aqui se faz errada idéia do que são as exigencias da hygiene e do moderno **comfortable**, basta dizer que são rarissimos os quartos de cama que tenham, por soálho, outra cousa que não seja a vermelha terra da localidade, molhada e batida, por processos absolutamente primitivos”*¹¹⁶

O pé pisa a terra, tinge-se pelo tom avermelhado. A pele tolera a irregularidade e a temperatura do chão. O conforto ao corpo frenético, exausto, ainda não é pensável. Para quê? Talvez não seja necessário descansar um corpo que não tenha atingido o alerta da exaustão. *Hygiene e moderno **comfortable***? Essas exigências não entram em pauta para os moradores do arraial, menos por uma suposta falta de esclarecimento que por necessidade. Ausências intoleráveis ao corpo do estrangeiro.

Modestos casebres, alguns pincelados à cal, chão dos cômodos cobertos pela terra. Cobertura de telha ou capim, forros de esteira. Elementos de uma arquitetura captada pela sensibilidade estrangeira. Sobre essas plantas erguem-se novas construções, moradias. Incorporam-se outros materiais e processos construtivos. A pele é afetada por tais mudanças, o tato desorganiza-se passando a sentir novas pressões, texturas, temperaturas. Compreender o morar, habitar, o estar nos espaços e principalmente as mudanças dessas ações em uma cidade em construção passa pela

¹¹⁶ RIANCHO, Alfredo. Colloborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes. Ano III, n.80, 25 de março de 1894, p. 1.

dimensão corporal, por processos de reordenações das sensações, acomodações, habituar-se.

O chão pode nos dizer de uma sensibilidade moderna, ou da constituição dessa sensibilidade em um espaço em transformação. No arraial o cuidado com a terra batida que cobre os quartos de dormir é uma *“especialidade de soálhos [,] é quasi muito preconizada; sendo consideradas as taboas do soálho, modas requintadas e exquisitas de fidalgos!”*.¹¹⁷

Intolerável a terra à pele do estrangeiro: *“Um resultado já conheço eu, desta moda: é ter ficado, com as camisas, punhos, collarinhos, toalhas e lençóis litteralmente cobertos de uma vellatura vermelha, muito igual e transparente, que nos dá apparencias de pintura antiga, em que a patina dos seculos actuou; dando-lhe uns cambiantes de ouro quente; essa tonalidade que só dá a palheta do tempo e que os pintoros modernos têm inutilmente tentado imitar”*.¹¹⁸

Os moradores do arraial toleram essa fina camada de terra que recobre roupas, casas, a pele e que lhes dão outra tonalidade. Sujos estão aos olhos estrangeiros. Naturalizados ao tato dos corpos do Bello Horizonte. Para disfarçar essa tonalidade, parecer menos sujo uma encomenda a um velhinho alfaiate, já feito personagem desse texto: calças de brim. Alfredo Camarate encomendava-lhe, *“então, seis pares de calças de brim pardo; uma côr que se aproxima um tanto das entoações do barro que, aqui, encobre por emquanto todas as ruas, todas as casas e todos os corpos do Bello Horizonte”*. O tom e a textura do tecido pareciam-lhe estranhos, mas a rusticidade e a tonalidade “encardida” são mais adequados ao arraial. A *“encommenda de meia duzia de calças”* não comportava *“ostentações philanthropicas de altruista”*, mas o cronista *“necessitava realmente dellas e não eram demais; porque não é licito pedir um bis a qualquer peça de roupa, que a gente vista uma vez”*.¹¹⁹ Apesar da tonalidade não sugerir limpeza àqueles acostumados a uma estética do branco, sabia-se que a troca diária da peça de roupa era um compromisso com a higiene, com o corpo limpo.

¹¹⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes. Ano III, n.80, 25 de março de 1894, p. 1.

¹¹⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes. Ano III, n.80, 25 de março de 1894, p. 1.

¹¹⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VIII. Minas Geraes. Ano III, n.94, 8 de abril de 1894, p. 1.

Nas plantas e desenhos técnicos criados para a desapropriação¹²⁰ das casas dos moradores do arraial, o chão parece expressar valores daquela morada. Nas legendas, os cômodos da casa, alguns identificados pela função (quarto, cozinha, sala), outros identificados apenas por letras, são caracterizados, basicamente, pelo tipo de cobertura do solo.¹²¹ Assoalhado, chão, terra batida, piso batido. A forração e o tipo de cobertura também merecem destaque: sem forro, forrado com esteiras, coberto de telhas, coberto de capim, telha vã. Essas características de cada compartimento fornecem um valor da habitação, valor simbólico que é quantificável pelo olhar técnico da Comissão Construtora.

Os materiais construtivos servem de balizas para caracterização, des(valorização) do imóvel. O cuidado dos moradores com a terra que cobria o quarto era desleixo ao olhar estrangeiro. Se permeável, a terra era condenada, e o contato com o solo, ainda mais intolerável. Medo da contaminação. Daí a necessidade de cobri-lo com um material pouco permeável, invariável, asséptico. A madeira, os ladrilhos, o assoalho e o cimento para interiores, o calçamento para exteriores.¹²²

¹²⁰ Quanto às desapropriações, várias leis foram elaboradas e expressam um processo autoritário. No Art. 28 do Decreto n.1.211, de 31 de outubro de 1898, que “*Promulga as posturas da cidade de Minas*”, parece significativo o pagamento de aluguéis ao estado pelo proprietário de imóvel no arraial, caso o proprietário continuasse na moradia após a desapropriação, ou depois da venda do imóvel para o Estado. Segundo o artigo, “*Os moradores das antigas casas do arraial de Bello Horizonte, e pertencentes ao Estado, estão sujeitos desde já ao pagamento dos alugueis mensaes, e será effectuado adeantadamente, sob pena de despejo. Não poderão fazer accrescimos nos prédios nem outras obras no terreno annexo e quando o façam com licença da Prefeitura, não poderão desmanchal-as, nem terão direito a indemnização alguma, quando houverem de se retirar*”.

¹²¹ Nem todas as plantas feitas pela Comissão Construtora possuíam esse detalhamento de divisão dos cômodos e emprego de materiais. A maioria dessas plantas apresenta apenas o contorno da casa e do terreno que seriam vendidos para o Estado. Tentamos selecionar aquelas casas e plantas que apresentavam mais dados, sejam aquelas com plantas mais detalhadas, sejam aquelas que também tinham outro tipo de registro, como o fotográfico. Esse material foi consultado no site: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

¹²² Os contratos celebrados entre a Comissão Construtora e as empreiteiras responsáveis pelas obras de construção de edifícios públicos deveriam seguir algumas orientações e especificações. Muitas delas prescreviam sobre os revestimentos e tipos de acabamento para pisos, tal como se pode observar: “VII – Revestimento dos pavimentos – Classificação. Art.33 Os revestimentos dos pavimentos serão classificados do seguinte modo: 1ª classe, ladrilhos; 2ª classe, calçamento; 3ª classe, cimentação. “Calçamentos – Art. 36. Os calçamentos poderão ser das seguintes categorias: 1ª, lagedos; 2ª, paralelepipedos; 3ª, alvenaria ordinária. Lagedos – Art. 37. Os lagedos poderão ser de pedra apicoada na face aparente e nas lateraes formando rectangulos; ou de pedra plástica perfeitamente endurecida e que apresente resistência proximamente igual á das pedras naturaes. As dimensões das lages serão sempre as determinadas pelo engenheiro residente, em ordem de serviço. O assentamento será feito sobre o chão bem socado e resistente, admittindo-se, para o nivelamento das lages, o emprego de lascas de pedra com argamassa. As juntas serão tomadas com argamassa de cimento e não deverão apresentar mais de 0m,005 (cinco millímetros) de largura. Parallelepipedos. Art. 38 – Os calçamentos de parallelepipedos serão feitos sobre uma camada de macadam de 0m,10 a 0m,15 (dez a quinze centímetros), bem socada e coberta de uma camada de areia de 0m,04 (quatro centímetros) devendo o terreno ser perfeitamente regularizado e apiloado, antes de receber a pedra britada do macadam. Os parallelepipedos serão assentados com as juntas alternadas, e perfeitamente encostados uns aos outros. A superfície calçada será

Olhar para as plantas das casas e terrenos dos moradores do arraial, organizadas, principalmente, entre os anos de 1894 e 1895, para a desapropriação dos imóveis, como uma das primeiras providências da Comissão responsável para construção da cidade moderna, fornece-nos indícios das maneiras de morar e da relação corporal e tátil que se estabelece com o local no qual se habita. Parece significativo também o grau de detalhamento de algumas plantas de casas, geralmente aquelas localizadas nas principais ruas do arraial (Largo da Matriz, Rua de Sabará, Rua General Deodoro, Rua do Capão, Rua do Rosário).¹²³ Encontramos algumas plantas bastante detalhadas quanto ao emprego de materiais, condições das casas, comportando legendas e com a identificação dos cômodos, que seriam propriedades de moradores, como Eduardo Eddwards. A identificação dos cômodos seria uma exigência daqueles moradores mais abastados? A Comissão precisava tomar mais cuidados e ser mais criteriosa com determinadas desapropriações?

Uma propriedade localizada no Largo da Matriz é assim caracterizada: *“uma casa, engenho, moinho, pequeno terreno inculto, e uma dependência que serve de teatro”*.¹²⁴ O cadastro desse imóvel consta nos registros de números 244 e 245, sendo

coberta por uma nova camada de areia de 0m,02 (dois centímetros) de espessura e resocada com pilão largo e pesado ou, de preferência com rôlo mechanic. Alvenaria ordinária. Art. 39 – os calçamentos de alvenaria ordinária serão feitos sobre o chão perfeitamente regularizado, apiloado e coberto da quantidade de areia necessária para encher os vãos devidos às irregularidades da pedra. As pedras deverão ser desganhadas, de modo que possam encostar-se umas às outras sem deixar grandes vãos. A superfície calçada será coberta por uma nova camada de areia de 0m,02 (dois centímetros) e resocada com pilão largo e pesado, como nos calçamentos a paralelepípedos. Cimentação. Art. 40 – A cimentação dos pavimentos, áreas ou terraços será feita com concreto, em camada delgada, bem socada, sobre um chão previamente regularizado e apiloado. Sobre o concreto será lançada a argamassa de cimento, que deverá ser espalhada e desempenada á regoa, e depois, alisada com a colher, si assim o for ordenado pelo engenheiro residente. Soalhos art.50 – as taboas para soalhos serão da melhor qualidade na classe escolhida e sem defeitos. Serão aparelhadas á macho e fêmea e assentadas conforme o desenho respectivo para os diversos aposentos. Serão pregadas nas juntas com pregos dos denominados sem cabeça, nunca de mais de 0m,05 (cinco centímetros) de comprimento (...)” (BARRETO, 1936, p. 203, 204 e 205). Optamos por transcrever essas prescrições para explicitar o detalhamento das orientações para a feitura do piso. Essas prescrições, sem dúvida, expressam ideais higiênicos e sanitários que embasaram as reformas urbanas do período. Certamente, a feitura de um piso, uma ação sobre ele, ao contrário do piso “natural” ou trabalhado por processos rudimentares no arraial, impactam a percepção tátil.

¹²³Ver Figura 4. Planta Cadastral do Arraial de Belo Horizonte. Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto; Fundo / Coleção: Comissão Construtora da Nova Capital; Título: Planta Cadastral do Arraial de Belo Horizonte; Notação: CC Dt 06 001 a 004, Responsabilidade: Aarão Reis. Local: Belo Horizonte; Data: 1894; Notas: Planta do arraial com identificação de ruas, becos, lotes, edificações e trechos dos córregos: da Serra, do Cardoso, do Acaba-Mundo e do Arrudas. Ver Figura 5 Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto; Fundo / Coleção: Comissão Construtora da Nova Capital; Título: Rua General Deodoro; Notação: CCALB01 013, Autoria: Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital. Local: Arraial de Belo Horizonte. Data: Entre 1894 e 1895. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br>

¹²⁴ Propriedades prediais e territoriais do Distrito de Belo Horizonte no perímetro abrangido pelos polygonos estudados até esta data pela secção de topographia. Listagem – por logradouro – das propriedades prediais e territoriais de Belo Horizonte (com o tipo dos imóveis e respectivos proprietários)

tais registros em nome da “viúva e herdeiros de Eduardo Edwards”, como transmitentes. O primeiro imóvel é caracterizado como “*casa coberta de telhas e quintal*”, recebendo a designação de “*casa de vivenda*”. Foi vendido à Comissão Construtora pela quantia de 3.000.000 contos de réis. Ainda foi feita uma concessão aos proprietários, porque eles teriam o “*direito a retirar o moinho e o engenho de mandioca, ficando os telheiros*”. O outro imóvel, cadastrado como o 245, é caracterizado como barracão, tendo, na sua situação (que informa a localização), a Rua do Capão. Esse imóvel recebeu o título de “*theatro*” e foi vendido para a comissão pela quantia de 1.000\$000 conto de réis.¹²⁵ Apesar desses imóveis terem sido registrados separadamente, estão representados em uma mesma planta.¹²⁶

Como pode se observar na planta representativa do imóvel da família Edwards, no Largo da Matriz, existe um detalhamento cuidadoso da divisão dos cômodos e do material de revestimento do piso e do tipo de forração. A maioria dos cômodos recebe a denominação de quartos, os quais se diferenciam, principalmente pelo tipo de pavimento: assoalhado, ladrilhado de tijolos, terra socada. Quase todos são forrados. Não é possível identificar o uso desses cômodos identificados como quarto. Contudo, parece significativo que os cômodos localizados à frente do imóvel, os corredores e a própria venda sejam assoalhados. Essas características e cuidados específicos com esses cômodos poderiam indicar uma área de maior circulação de “não moradores” ou visitas.

no perímetro abrangido pelos polígonos estudados pela Seção de Topografia Instituição: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, Notação: AI.01.04.02 – 326. Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

¹²⁵Quadro das propriedades adquiridas pelo Estado, com discriminação de nomes e domicílios dos antigos proprietários. Instituição: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Notação: AI.01.04.02 – 324. Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

¹²⁶ Ver Figura 6 - Planta da casa de Eduardo Edwards - Largo da Matriz. Nessa planta, observa-se a inscrição: “Declaramos por nós e por Petrina Maria de Mello, Mariana (?) Eddwards, Belisário Augusto Ribeiro(?), Symphonio José dos Santos Brochado, Margarida Eddwards Brochado e Mariana Leopoldina Brochado, estão (?), da casa e quintal de nossa propriedade, ao Largo da Matriz, nessa localidade que vendemos com mais outras propriedades em outras diversas ruas, ao estado de Minas Geraes pela quantia de quinze contos de réis e dois lotes de terreno, conforme a escriptura lavrada (?). Obrigamo-nos a assignar quando nos forem (?) as demaes plantas respectivas. Belo Horizonte 1 de novembro de 1894”. Planta da casa de Eduardo Edwards – Largo da Matriz, Instituição: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, Fundo / Coleção: Secretaria Municipal de Administração. Notação: AI.01.06.00-389(197). Responsabilidade: Dr. Aarão Reis; Dr. Hermillo Alves; Samuel Pereira. Local: Belo Horizonte. No processo de tombamento, cujos vendedores são a viúva e herdeiros de Eduardo Edwards, constam diversas propriedades, localizadas na Rua da Matriz, na Rua do Capão, na Rua Sabará, na Rua Deodoro e na Estrada de Sabará. Segundo o documento que localizamos, “*Casa quintal e dependências (Largo da Matriz); Casa e quintal à Rua de Sabará; Casa e quintal á rua Deodoro – Ponte do Sacco; Casa Sítio do Navio; Barracão coberto de telhas á Rua do Capão*”. Esses imóveis foram vendidos por 15:000.000 e “*2 lotes na Estação*”. Processo de tombamento dos imóveis da viúva e herdeiros de Eduardo Eddwards – Largo da Matriz, Rua Sabará, Rua Deodoro e Estrada de Sabará Instituição: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Notação: AI.01.04.01 - 310 (244 a 248). Data: 31/10/1894 . Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

Os quartos posteriores são ladrilhados de tijolos, e um distanciamento da rua poderia indicar os quartos reservados aos dormitórios, que não possuem janelas, diferenciando-se daqueles localizados rente à rua. Observa-se, como característica das casas coloniais, que os quartos ficavam, geralmente, localizados no centro das casas, afastados da área exterior e das áreas de circulação e permanência dos visitantes (REIS FILHO, 1897). A cozinha aparece quase deslocada da casa, e observa-se que seria o cômodo mais “simples”, com terra socada e sem forro. Também é significativa, nessa representação, a presença de um cômodo identificado como “Theatro”, e, apesar de ser pavimentado com terra socada e não possuir forro, era antecedido por um quarto cimentado e forrado. Seria esse um cômodo destinado aos artistas? Além das características da moradia, verifica-se que o terreno também era ocupado por quintal, pátio, e o engenho, aí construído pela proximidade do córrego Acaba Mundo. Esses componentes indicam uma atividade agrícola interligada à residência, a qual também acomodava uma atividade comercial.

Podemos ainda discutir outros aspectos relativos ao posicionamento dos cômodos no imóvel e a presença de aberturas. Quanto às portas, vê-se uma interligação dos cômodos, inclusive daqueles que comportam certa intimidade, como os quartos posteriores. As poucas representações gráficas de janelas podem indicar a necessidade da configuração de um discurso em torno da ciência, do higienismo e a defesa de uma circulação livre do ar, justificando inclusive a desapropriação e a demolição desses imóveis. A carência de janelas nessas moradas passaria a representar o medo da estagnação, da contaminação do ar.

Contrastando a representação gráfica da planta à uma fotografia,¹²⁷ observa-se a identificação entre essas. A fotografia permite ocupar-nos de outros detalhes, como a coloração mais escura ao pé da fachada, calça dependurada na janela, animais próximos à entrada da venda. Outras fotografias¹²⁸ feitas no período da construção da cidade ajudam a compor essa materialidade do arraial. Casas cobertas por capim, paredes

¹²⁷ Ver Figura 7. Entrada da Rua do Capão. Instituição de Guarda: Arquivo Público Mineiro; Título: Entrada da Rua do Capão; Fundo: Secretaria da Agricultura - Comissão Construtora da Nova Capital; Notação: SA2 003 018; Autoria: João Salles; Local: Belo Horizonte. Data: 1895; Notas: CCALB01 010. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br>. “*Casa comercial do sr. Eduardo Edwards (Eduardinho) na esquina do Largo da Matriz, junto à ponte da Rua de Sabará. À direita vêem-se casinhas da Rua do Capão*” (BARRETO, 1936, p.39).

¹²⁸ Ver Figura 8 e Figura 9. Instituição de Guarda: Museu Histórico Abílio Barreto. Título: Rua de Sabará. Fundo: Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: CCFot1894 003 e CCFot1894 006. Autoria: Francisco Soucassaux. Local: Belo Horizonte. Data: Entre 1894 e 1895. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br>

descascadas que permitem ver o esqueleto de madeira e o barro utilizado na construção¹²⁹ dão visibilidade às texturas a que estavam expostos os corpos arraialenses. O contraste entre essas casas e uma cidade que se edifica sobre a égide do ferro e do vidro indica a formação de uma sensibilidade urbana, a exigência de uma impositação táctil, tendo como via o toque em novos materiais e objetos.

2.2. De vidro e ferro: a cidade e uma nova materialidade

A cidade moderna é pensada na sua materialidade. Alguns elementos são escolhidos para comporem e construir essa materialidade. Ferro e vidro. São esses os elementos do moderno. O vidro, tão duro e liso que nada nele se fixa. Inimigo do mistério, nada fica às escondidas, ocultado, com a presença de sua transparência. Permite ver além, ver o outro, vigiá-lo e ser vigiado. Também é inimigo da propriedade. Não deixa rastros. Nada do sujeito se impregna em janelas de vidro, nada pode ser posto, depurado, feito, reorganizado (BENJAMIN, 1994). O toque é quase proibitivo, repele o corpo, estabelece (e impõe) uma distância.

Ao informar a experiência sensorial em diferentes metrópoles, Alfredo Camarate consegue projetar o porvir de Belo Horizonte, observando a introdução de novos elementos, aparentemente muito “sem importância”, mas que indicam a constituição de uma maneira de ser cidadão e uma sensibilidade urbana. Em uma de suas crônicas, Camarate comenta a instalação de vidros no quarto em que morava no arraial. Proteger-se do frio, prometido pelos habitantes, nos meses de inverno fez com que esse viajante/estrangeiro tomasse algumas medidas: *“Mas, diga-se em abono da verdade, que, de ha mais de um mez, me preparo para os desafôros siberianos, que me*

¹²⁹ Essas técnicas construtivas são denominadas de arquitetura vernacular por empregarem materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída, apresentando, desse modo, caráter local ou regional. A taipa é uma técnica construtiva à base de argila (barro) e cascalho. Existem duas formas de taipa: a taipa de pilão, também dita *apiloada*, na qual o barro é compactado horizontalmente, com o auxílio de formas e pilões; a taipa de mão, também conhecida como “*à galega*” em Portugal, em que o barro é aglutinado horizontalmente, num trançado de madeira para formar a parede, com as mãos. No Brasil, essa técnica também é conhecida como pau-a-pique, técnica de construção muito utilizada no período colonial e no século XIX, que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais, fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu amarradas entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transformava-se em parede. Podia receber acabamento alisado ou não, permanecendo rústica, ou ainda receber pintura de caiçação. O Adobe é uma técnica que consiste em moldar o tijolo cru em fôrmas de madeira, onde o bloco de terra é seco ao sol, sem que haja a queima do mesmo. A mistura a ser moldada pode ser feita apenas com água e terra ou com o acréscimo de fibras naturais e é amassada com os pés, formando-se uma mistura plástica. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_a_pique; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Adobe>; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Taipa_\(material\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Taipa_(material)). Consulta em 14 de janeiro de 2010.

promettiam os habitantes do logar, com cobertores de lã e de papa, com esteira assente sobre a lona que me reveste o soalho do quarto e com vidros na janella".¹³⁰ Alfredo Camarate passara a ser um dos poucos "protegidos moradores" de Belo Horizonte: "É verdade, tenho a honra e o orgulho de ser um dos raros habitantes de Bello Horizonte que possuem vidros na janella; o que, aqui para nós, já me tem valido algumas mordeduras e piccadas dos invejosos". O vidro é algo particular, estranho aos moradores do arraial, mas significativo a alguém que conhece as transformações dos grandes centros urbanos, empreendidas ao longo do século XIX. O vidro é um emblema dessas transformações, é símbolo de um (novo) tempo, de uma sensibilidade e de percepções urbanas e modernas. A instalação dos vidros na janela de Camarate também não poderia ser feita por alguém que desconhecesse seu manuseio, sua natureza frágil, sua falta de maleabilidade: "A *collocação deste portentoso vidro assistiram: um architecto, um constructor e um carpinteiro, mandado vir expressamente da Capital Federal para este e outros serviços e permittam-me que diga aos meus leitores que, com todos estes matadores technicos, o vidro ficou, como era de preceito, torto que fazia gosto; fato que se dá infalivelmente todas as vezes que se reúnem, com um só fito, architectos, constructores e carpinteiros!*".¹³¹

A cidade moderna, para que fosse construída, carecia de sujeitos acostumados com esses materiais, vindos de outros espaços, onde esses elementos já faziam parte de uma concepção arquitetônica moderna. As construções de adobe, taipa e pau-a-pique, feitas "à mão", manuseando o barro, dariam lugar ao vidro, ao ferro.

Os vidros escolhidos para comporem o quarto do cronista mereciam cuidado, assim como uma escolha criteriosa. Observa-se o valor em colocar o vidro: é algo que está exposto ao exterior, ao olhar do outro. Representa e define diferenças: "*E os meus vidros, ou, antes, o meu vidro é de musselina esmaltado de rosaceas azuis: um amor de vidrinho, digno de figurar como **vitraux** numa cathedral de estylo ghotico ou de qualquer outro estylo, porque a igreja de S. Francisco de Paula do Rio de Janeiro tem **vitraux** e é de estylo barroco ou philippico que, entre os dois, leve o diabo à escolha!*".¹³² A instalação do *vitraux* foi tomada como um evento para o cronista. Essa instalação teria conturbado o cotidiano do arraial, e, portanto, esse vidro era algo que

¹³⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 14 de julho de 1894, p. 6.

¹³¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 14 de julho de 1894, p. 6.

¹³² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 14 de julho de 1894, p. 6.

merecia ser visto, apreciado, verificado. A inauguração do *vitraux* de Camarate merecia ser contemplada:

Depois de convidadas as summidades scientificas do logar, para assistirem à inauguração do celebrisado *vitraux*, às quaes offereci um copo de agua, na sua mais restricta accepção do termo, estava um dia destes scismador e meditabundo, contemplando o esguio canudo de luz, que me introduzia no quarto a minha monumental fresta envidraçada, quando sinto chamarem-me, da rua, em alta grita e repetidas vezes, como se a visita não permitisse delongas para seu solemne e faustoso recebimento.¹³³

É interessante que esse evento, momento singular, que mereceu ser narrado em crônica, tenha sido acompanhado por “sumidades scientificas”. É significativa essa correlação: vidro e ciência. O vidro como a materialidade, materialização de um tempo. A ciência como ideal, fundamento desse mesmo tempo: a modernidade. O vidro aqui oferecia, além de uma visão do exterior e um pré-encontro com o amigo Emílio Rouède, uma técnica a serviço de ideais e saberes que balizariam ações, justificariam intervenções nos espaços urbanos. O vidro, a sua transparência, a dureza, a mobilidade serviria à higiene, à circulação de ar, à penetração da luz. A técnica empregada na construção da cidade informa sobre uma nova maneira de morar, indica novas relações entre espaço público/urbano e privado, bem como noções de higiene e assepsia, educa e forja outra sensibilidade.

Apesar de Alfredo Camarate ter se orgulhado da colocação dos vidros, nas imagens das casas do arraial, observamos uma casa que parecia se destacar. Essa casa pertencia a Luiz de Cerqueira, proprietário de alguns imóveis na Rua de Sabará. Na planta¹³⁴ de desapropriação, observam-se quatro imóveis. Os identificados na planta com os números 1, 2 e 3 aparecem também representados em uma fotografia.¹³⁵ Apenas

¹³³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXVII*. Minas Geraes. Ano III, n.191, 14 de julho de 1894, p. 6.

¹³⁴ Ver Figura 10. Plantas de prédios e terrenos de Luiz de Cerqueira - Rua Sabará. Instituição: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte; Fundo / Coleção: Secretaria Municipal de Administração. Título: Plantas de prédios e terrenos de Luiz de Cerqueira - Rua Sabará. Notação: AI.01.06.00-389(042). Responsabilidade: Dr. Aarão Reis; Dr. Hermillo Alves; Samuel Pereira. Local: Belo Horizonte; Data: Entre: 23/05/1894 e 23/05/1901. NOTAS: Plantas anexas aos processos de tombamento para desapropriação AI.01.04.01 - 310/ Processos 47, 48, 51 e 52 Série Tombamentos. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br>

¹³⁵ Ver Figura 11. Rua de Sabará. Instituição de Guarda: Arquivo Público Mineiro. Título: Rua de Sabará. Fundo: Secretaria da Agricultura - Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: SA2 003 004; Autoria: João Salles. Local: Belo Horizonte (MG). Data: 1895; Notas: CCALB01 011 CCFot1894 018. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br>. “Trecho da Rua de Sabará, ao sahir do Largo da Matriz, vendo-se em frente: 1) a casa que pertenceu a Antonio Manoel de Abreu; 2) a casa grande com 9 janellas e uma porta, que pertenceu a Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira e onde se editava

o sobrado (número 4) não aparece. A casa de número 3 é identificada pelas suas nove janelas na fachada, todas com vidro em caixilhos de madeira. Dessa forma, vale o questionamento do vangloriar, do cronista, em relação à instalação dos vidros no quarto que ocupava, o que pode ajudar a tencionar o discurso do estrangeiro quando se refere ao arraial.

As orientações para a instalação de vidros nas construções da cidade são também emblemáticas:

Vidros: Art. 69. As coberturas de vidro serão sempre compostas de armação de ferro especial ou caixilho, para receber o vidro. A forma da armação, classe, qualidade, grossura e mais particularidades dos vidros, serão indicadas por ordens de serviço do engenheiro residente. Todo o ferro da armação respectiva será pintado com três demãos de zarcão, recebendo depois a cor definitiva que for escolhida pelo engenheiro residente. A massa para a colocação dos vidros será composta de zarcão, alvaiade de chumbo e óleo de linhaça, triturados até obter-se a homogeneidade perfeita das partes.

XII – Vidraças – Qualidade – Art. 70 os vidros empregados na sobras serão da melhor qualidade na classe indicada; serão bem transparentes e claros, não influenciando em nada nas cores vistas através; serão livres de qualquer defeito, perfeitamente planos e sem bolhas.

Assentamento Art. 73. Ter-se-há o maior cuidado no assentamento dos vidros em caixilhos, tanto de ferro como de madeira. Antes de serem os vidros collocados nos rebaixos do respectivo caixilho, serão esses bem limpos e raspados e o caixilho receberá uma demão de alvaiade (quando de madeira), ou de zarcão (quando de ferro). Os vidros serão assentados em seus respectivos logares e seguros nos caixilhos com pequenos preggos sem cabeça denominados de vidraceiro, dispostos a 0m,15 (quinze centímetros) de distancia um do outro e, depois, seguros com massa applicada e comprimida fortemente contra os vidros e o caixilho. A massa nunca deverá passar a face do rebaixo interior e deverá ser igual em largura em todo o perímetro do vidro (BARRETO, 1936, p.210 e 211).

A característica do vidro como um material transparente, que permite ver além, ver o outro, cumpre-se. Sua coloração, sua transparência, não deveria influir “*nas cores vistas através*”. O cuidado com o ferro, utilizado como moldura para o vidro, deveria favorecê-lo, evitando-se a ferrugem com o zarcão. Essas prescrições parecem pedagógicas. Ensinam a técnica para o emprego do novo material.

Uma personagem da construção da cidade é recorrentemente apresentada nas crônicas assinadas por Alfredo Camarate: “*José de Magalhães nasceu em Pernambuco, fez o seu curso de engenharia na escola central do Rio de Janeiro; seguindo depois para Paris, onde estudou architectura, na Academia de Bellas Artes, debaixo da*

‘A Capital’; 3) casa que pertenceu ao sr. João de Carvalho Aguiar e que era habitada pelo sr. Antero da Silveira” (BARRETO, 1936, p.389).

direcção do celebre Daumet, o architecto da Ecce Homo de Jerusalem".¹³⁶ Sua presença na cidade é emblemática para se pensar no novo tempo/espço que se ergueu com a construção da capital. Estudar arquitetura em Paris, reconhecida como a capital do século XIX (BENJAMIN *et al.*, 2007), era participar de uma ambiência composta por elementos materiais e imateriais que, em via de mão dupla, construíam e eram construídos pela modernidade. Em Paris, elementos arquitetônicos, formas e principalmente os materiais empregados na técnica construtiva dão visibilidade a um modelo. A cidade de Paris não era apenas inspiração arquitetônica, era também modelo de ações, de maneira de viver urbanas, inauguradas na modernidade.¹³⁷

Alfredo Camarate se rendeu à inspiração parisiense: *"Eu, que tive a felicidade de ser modestissimo discipulo de um notavel discipulo de architectura, da Academia de Bellas Artes de Paris, considere sempre o estudo desta disciplina artistica muito mais perfeito, completo e methodisado na França do que na Italia e mesmo na Allemanha"*. A França, na opinião do cronista, reunia elementos que a configuravam como modelo. Na Itália "moderna", apesar de darem fuga e liberdade às criações da pintura e da escultura, *"os seus architectos, como que alheios às exigencias da vida actual, tem-se por demais mantido nas formulas classicas, purissimas se o quizerem, mas inteiramente avessas ao modo de viver e de sentir do homem do seculo dezenove"*.¹³⁸

A arquitetura aparece como uma expressão da maneira de viver e sentir. Da mesma forma que a sua materialidade informa sobre aquele que a produziu – suas concepções, interesses, saberes e práticas – e que ali habita e elege como lugar de morada – seja ela fixa, seja ela passageira –, a arquitetura também educa os corpos, indica seus usos e ainda corrobora um padrão legítimo como expressão material de um tempo. Esses ideais expressos pela materialidade arquitetônica estão longe de uma unicidade. Cada aspecto, tomado como expressão estética, característica de determinado

¹³⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIII*. Minas Geraes. Ano III, n.171, 27 de junho de 1894, p. 4.

¹³⁷ Walter Benjamin explorou alguns impactos na atmosfera sensível da cidade com as bruscas e intensas transformações do espaço sobre o comando e a idealização de Haussmann. A construção de largas avenidas permite o olhar em perspectiva. A perspectiva constrói a cidade, assim como é construída por ela. *"Esse ideal corresponde à tendência do século XIX de enobrecer necessidades técnicas com fins artísticos"* (ROUANET, 1992, p. 55). Essa excessiva destruição e reconstrução de Paris, com finalidades estratégicas para evitar a formação de barricadas e facilitar a movimentação de tropas através do alargamento das ruas, traria consequências como a modificação do lugar de morada das classes proletárias, uma intensa especulação imobiliária e principalmente uma crença na universalidade da cidade. Esse processo, contudo, não deixa de ser observado criticamente, principalmente por inaugurar uma indisposição com o velho (casas, edifícios, igrejas) e apontar para uma percepção acostumada com a transitoriedade das coisas.

¹³⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIII*. Minas Geraes. Ano III, n.171, 27 de junho de 1894, p. 4.

grupo/tempo/espço, matiza e sugere diferenças culturais, práticas e sensibilidades singulares. Essas diferenças foram captadas pelo cronista: “*Na minha humilissima opinião não é na contemplação e respeito da arte grega que o architecto moderno se deve inspirar, nem tão pouco, no exagerado senso pratico da architectura norte-americana; ainda menos na architectura ingleza, que representa a infeliz lucta da esthetica, com as hyperboles do **confotable** e com a suffocante necessidade do espço*”. A França, contudo, oferece um modelo quase universal a ser seguido. “*A França architectonica moderna é, no meu entender, o unico modelo a seguir, porque se adapta, com pequenas modificações, aos povos do norte, do sul, das zonas friidas ou das zonas quentes*”.¹³⁹ Essa característica universalista do modelo arquitetônico francês talvez possa se pautar principalmente nos elementos construtivos empregados nas construções. Ferro, vidro, mármore servem a todas as temperaturas, tempos e espaços. Eles ganham, também por isso, um caráter universalista.

As passagens, galerias de exposição de mercadorias elaboradas em meados do século XIX, inauguram-se na utilização desses materiais de construção. Foram cobertas por vidros e suas paredes, revestidas pelo mármore. Ao dia, permitem a penetração da luz solar e, à noite, podem continuar sendo exploradas pelos passantes, com a presença da iluminação artificial (BENJAMIN *et al.*, 2007). A transparência do vidro e a possibilidade de moldar o ferro favorecem a iluminação e, com isso, diminuem as fronteiras entre dia e noite, interior e exterior, público e privado.

A aplicabilidade do modelo francês na arquitetura da cidade de Belo Horizonte deveria servir de inspiração para a construção da cidade e daqueles envolvidos com a elaboração dos projetos e planos. Alfredo Camarate esperava que o seu entendimento sobre a universalidade de tal modelo de expressão arquitetônica correspondesse aos preceitos e desejos dos construtores de Belo Horizonte: “*O dr. José de Magalhães parece que tambem assim o entendeu e fez-se um architecto francez e, creio pensou bem!*”.¹⁴⁰

O encontro de Alfredo Camarate com o arquiteto José de Magalhães era anterior à vinda ao arraial. No Rio de Janeiro, já se debatia sobre a indisposição de seus habitantes para os serviços de arquitetos. Essa indisposição era compreendida como uma carência de sensibilidade estética ou de um olhar educado às artes. “*O dr. José de*

¹³⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIII*. Minas Geraes. Ano III, n.171, 27 de junho de 1894, p. 4.

¹⁴⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIII*. Minas Geraes. Ano III, n.171, 27 de junho de 1894, p. 4.

Magalhães encontrou, portanto, um theatro vastissimo, onde pudesse exercer a sua actividade e competencia artistica; mas tambem uma indisposição quasi geral dos habitantes da Capital contra os architectos; indisposição em parte justificada tambem pela insufficiencia, atraso e pedantismo de alguns arqchitectos que havia então e que realmente não eram architectos senão no nome!”¹⁴¹ Vale destacar aqui a estreita relação entre o arquiteto e a formação artística, diferenciando-o do engenheiro.¹⁴²

A serviço do *Jornal do Commercio*, Alfredo Camarate fora acompanhar a reforma do edifício da câmara municipal do Rio de Janeiro, “*um acêrvo de disparates architectonicos e que fôra entregue ao dr. Magalhães, para o modificar e remendar como possivel lhe fosse.*”¹⁴³ Tal encontro permitiu muitos debates entre os dois arquitetos e nos sugerem concepções, ideias e preceitos arquitetônicos, esboçados na virada de séculos. Camarate expunha “*todos os planos estrategicos da minha consoante e encarniçada guerra contra os mestres-de-obra;*” Magalhães expunha “*suas idéas sobre a difficuldade com que ia luctar no Rio de Janeiro, cuja população ainda estava tão pouco preparada, para auxiliar e aproveitar um architecto*”. O trabalho do arquiteto exige também racionalidade, planejamento, preceitos. Alfredo Camarate, dispondo-se das palavras do arquiteto Magalhães, observou o passo a passo desse fazer:

Um architecto tem um edificio que construir, dizia-me elle. Dão-lhe um programma confuso como, de ordinario são todos os programmas. É forçoso satisfazer as necessidades e serviços diversos. Depois de varias combinações tendo enchido muitas folhas de traçados julga o architecto achar, no seu programma uma idéa principal, dominante, póde entrever o edificio, e como os serviços diversos se devem sujeitar a uma disposição larga, commum a todos.

Achando o plano: o edificio levanta-se no seu espirito, a estabilidade, os meios de construcção indicam-lhe a apparencia externa porque as disposições ultimas devem-se manifestar no exterior; a idéa do plano é accusada na elevação, umas partes, devem ser enriquecidas, outras sacrificadas.¹⁴⁴

Tais cuidados na edificação sinalizam uma preocupação com a estética da cidade e principalmente com uma educação dirigida àqueles que a habitam. Os habitantes da

¹⁴¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

¹⁴² Benjamin (2007) explora como o conceito de engenheiro teve suas origens nas guerras da Revolução Francesa e a maneira pela qual se iniciou uma rivalidade entre construtores e decoradores, entre a *École Polytechnique* e a *École des Beaux-Arts*.

¹⁴³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

¹⁴⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

cidade deveriam ser educados para o belo, o homogêneo, o planejado e para uma arte posta à disposição da arquitetura. Também deveriam se acostumar a habitar lugares construídos com novos elementos, com outros materiais. Seus corpos se colocariam diante de barreiras que expõem a mudança de um tempo e solicitam outra sensibilidade. Portar-se, andar, encostar, sentir a pedra, o vidro e o ferro. Alguns materiais foram postos quase na ilegalidade. Não podiam mais compor a cena urbana. Esse processo enfrentava resistências, expressas na conversa entre arquitetos: “*E então procurava-me convencer de quanto seria difficil fazer acceitar todos estes requintes de architectura aos nossos compatriotas ainda tão bisonhos na arte*”. Quanto ao emprego dos materiais, afirmava Camarate: “*E depois continuou, fazendo-se ver a necessidade de abolir a construcção com revestimento de cal, que dá aos edificios a apparencia de pão de ló enfeitado, verdadeira obra de confeitiro!*”.¹⁴⁵

A arquitetura, compreendida nos moldes dos discípulos franceses, exigia e mesmo dependia de determinados materiais: “*Não ha architectura, sem o emprego indicioso de materiaes, taes, como o tijolo, o marmore, granito, etc.*”¹⁴⁶ À revelia dessa concepção arquitetônica e da obediência a determinados materiais e técnicas, os arquitetos davam um panorama sobre as construções no país:

No Brazil, não se vê senão columnas e cimalthas de cal, fingindo pedra; estuques fingindo marmore, esculturas e lavores de cal, abobadas de ripas, revestidas de cal, etc. A architectura, entre nós procura com maus materiaes simular qualquer cousa; procura enganar em quanto à forma e à materia; construe-se empyricamente obra de mestre vulgar que deixa de parte todos os processos modernos.¹⁴⁷

Apesar do emprego da cal e das ripas, impróprias para as construções modernas, observa-se que os “fingimentos”, os disfarces e imitações sugerem uma observância quanto a determinados materiais. Esse diálogo sobre a arquitetura, ocorrido em outro espaço, foi finalizado com a expectativa da construção de uma nova cidade, que não careceria de reformas e poderia ser erigida sobre preceitos arquitetônicos consolidados

¹⁴⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

¹⁴⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

¹⁴⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

numa concepção do moderno: “*Eis, pouco mais ou menos, como pensa o engenheiro architecto, que vem construir a Nova Capital de Minas*”.¹⁴⁸

A arquitetura é um objeto constante de discussões, teorizações, exemplificações nas crônicas publicadas no Jornal Minas Gerais. Alfredo Camarate apresentou a “arte de construir edifícios”, muitas vezes de maneira teorizada. Trata-se de um discurso legitimado pelo diploma que carregava e pelo saber constituído nas diferentes instituições que se inseria. Além desse saber e desse discurso mais próximo das técnicas construtivas, das teorizações e concepções de arquitetura, a escrita sobre a temática não deixa também de expressar uma aproximação com a arte, com um olhar atento e sensível sobre as cidades e seus habitantes. Esse caráter duplo da escrita do cronista se expressa assim: “*Diz-se que a architectura é a expressão material das necessidades, das faculdades e dos sentimentos do tempo em que ella se manifesta, e que o estyllo é a fôrma particular que toma expressão, sob a influencia do clima, e dos costumes, dos materiaes de que se dispõe e do estado das sciencias que se applicam*”.¹⁴⁹ Um olhar sobre a arquitetura, específica de um tempo/espaço, serve a uma análise mais ampla, compõe e congrega sentimentos, sensibilidades, tolerâncias e também concepções, idéias, saberes. Conforme Camarate,

Existe, com effeito, como diz Reynaud, uma certa relação entre os usos e costumes, os conhecimentos e os sentimentos da humanidade, nos diversos periodos do desenvolvimento da architectura; e essa relação constitue uma sublime e mysteriosa harmonia, que é accentuada, em todos os trabalhos da mão do homem; mas, se bem que tenhamos consciencia della, não podemos lêl-a em cada um deles; ao passo que a architectura tem o poder de a resumir e de a expôr claramente. Os sentimentos, conhecimentos e usos traduzem-se, nos edificios, pela decoração e pelas proporções, pela natureza e emprego dos materiaes, pelo numero e distribuição das suas peças; a riqueza e grandeza dos monumentos representam, além disso, o poder e a industria das nações que os levantam. Uma vez que a distribuição esteja conforme com as exigencias dos costumes; uma vez que os processos de construcção sejam aquelles indicados pela sciencia; uma vez que as proporções e o systema de decoração decorram naturalmente dos sentimentos e do gosto da época, o systema de architectura, que resultará de todas estas condições, ha de forçosamente possuir o privilegio de representar a sociedade sob todos os seus aspectos. Dirigir-se-á a todas as faculdades do homem; será, de certo modo, uma admiravel encyclopedia será o harmonioso e completo resumo de qualquer synthese.¹⁵⁰

¹⁴⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXIV. Minas Geraes. Ano III, n.175, 1 de julho de 1894, p. 6.

¹⁴⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 4.

¹⁵⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 4 e 5.

Atribuindo-se à arquitetura a expressão material de um tempo, traduzindo “*sentimentos, conhecimentos e usos*”, é possível acessar, a partir dos elementos decorativos, das técnicas construtivas, do emprego de determinados materiais e da distribuição e do número de cômodos, a sensibilidade urbana que se pretende fundar em uma cidade em construção. Mesmo em se tratando da construção de uma igreja, ou melhor, de um edifício para fins religiosos, a construção deve expressar uma “*synthese*” das “*faculdades*” dos homens. “*Seja qual for a mythologia que domine um povo, ha portanto necessidade de erguer um templo, para a congregação dos seus crentes e fieis e a religião catholica, espalhada por todas as partes do mundo, injectada pela doce e persuasiva palavra dos missionarios, no espirito dos povos mais ferozes e selvagens, não podia deixar de ter um grandioso templo na nova capital de Minas; porque, felizmente para nós é n’este Estado de Brazil que persiste, com mais fé, pureza e desafogada crença, a religião christã; que tambem sempre foi a religião dos que nos povoaram e colonisaram*”.¹⁵¹ Essa edificação não deveria apenas expressar o fervor religioso, característico dos tempos coloniais, deveria conter também elementos que anunciassem um tempo distinto ao do arraial, um tempo da cidade moderna. Nas palavras de Camarate, “*Mas um templo, erguido na nova Capital do Estado de Minas Geraes, tem a um tempo de ser condigno com os sentimentos piedosos dos mineiros e a altura dos progressos e conquistas do seculo desenove*”. A própria construção desse espaço estaria a cargo de um arquiteto que reunisse e sintetizasse a permanência da religiosidade do povo e a incorporação de ideias e hábitos modernos. Nesse sentido, conforme Camarate, “*É ao architecto que compete crear esse edificio e essa criação é n’este caso tão grande, que comprehende implicitamente todas as outras que elle inspira e dirige*”.¹⁵²

O templo religioso deveria estar de acordo com a estética moderna, com a cidade planejada e com todos os elementos que a fariam moderna:

A esthetica moderna já não admittiria as ammaneiradas formas de um Churriguera, cujo estyllo barroco, constrangido e caprichoso se alastrou durante muitos annos, pela Hespanha, por Portugal, no Brazil e sobretudo no Estado de Minas; nem, nos esplendores de uma das raras capitaes talhadas para isso, desde o nascedouro, com ruas de vinte metros de largo, com avenidas de cincoenta, com illuminação e bonds electricos, com encanamentos de agua e de exgôto aperfeiçoadissimos e sobretudo com

¹⁵¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/ Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

¹⁵² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/ Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

talhadas dimensões de grande cidade, que possa comportar duzentas mil almas, quinhentas, um milhão, que sei eu? Se póde conceber erguer se um templo, com as angustas dimensões de uma capella; uma igreja com simplicidades e modestia de eremiterio!¹⁵³

A construção da cidade e o gasto com a construção e ornamentação dos edifícios também foram observados por Alfredo Camarate. À primeira vista, a preocupação com a estética da cidade poderia soar como o investimento em gastos desnecessários àqueles acostumados com a simplicidade das construções e com o emprego de materiais extraídos da natureza, como o barro, para as paredes, e o capim, para a cobertura dos casebres. Essa pretensa economia do povo deveria ser ponderada pelos riscos de se construir uma cidade sem os contornos da modernidade:

A economia mineira tem sido, até hoje, uma proverbial virtude deste povo; que tanto à riqueza do seu solo como aos escrúpulos com que pratica a economia, deve o seu desassombrado estado financeiro e a influencia que tem sobre todos os demais Estados do Brazil; mas é necessario lembrarmo-nos de que os excessos mesmo das melhores qualidades se transformam em defeitos, e sobretudo cumpre que o povo mineiro comece a convencer-se de que ha um profundissimo abysmo entre as despesas que são puros esbanjamentos e aquellas que, embora pesadas no inicio, se classificam na verba dos *gastos productivos*.¹⁵⁴

A exemplo de Paris, consegue-se projetar as virtudes dos investimentos na estética da cidade. Para Alfredo Camarate, “*Foi com essa verba, que o barão de Haussmann enriqueceu Paris, e todos sabem quanto aquellas colossaes **despesas productivas** foram combatidas, não é na imprensa francesa, como no parlamento, e mesmo por homens que se alinham como luminares na sciencia da economia*”.¹⁵⁵ Sem tais “*despesas productivas*”, a Paris não teria se tornado a capital do século XIX, a cidade Luz, a cidade exemplo e a expressão da modernidade. Além disso, não seria um ponto de convergência de turistas e viajantes, não habitaria sonhos de um dia caminhar pelos bulevares planejados por Haussmann e nem se dispor à contemplação das mercadorias sob a proteção das galerias e passagens. A cidade se constrói também na mentalidade coletiva e se enriquece materialmente pela atração que provoca: “*Uma capital raras vezes vive da riqueza natural do seu solo e mesmo das suas cercanias; o*

¹⁵³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

¹⁵⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

¹⁵⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

que alimenta as grandes collectividades, as cidades sumptuosas, é a sua população flutuante, esse Potosi incalculavel e incalculado por nós, e a população fluctuante não se attrahe sinão pelo fausto, pela commodidade e pela ostentação”.¹⁵⁶

A cidade que se projeta precisa ser ímã:

O Estado de Minas, actualmente, tem tudo quanto póde desejar um Estado nascente; mas, devemos convir que até hoje não conseguiu ter um centro de população que, pela sua importancia, conforto e variedade de attractivos, chame affluencia dos nacionaes e de estrangeiros.

Chegou agora o ensejo de crear esse centro; dando á capital de Minas uma grandesa e importancia proporcional a um grande e florecente Estado que conta para mais de quatro milhões de habitantes, e convem não perder esse ensejo; unicamente por não chocar melindres de campanario.¹⁵⁷

Comodidade, ostentação, conforto e variedade de atrativos são essenciais para favorecer o curso da população flutuante e a circulação da própria cidade como imagem e verbo em múltiplos espaços. Para Alfredo Camarate, *“E uma grande capital, como vai ou como deve ser a que actualmente se está erguendo, tem necessariamente de possuir palacios, theatros, jardins, parques e sobretudo igrejas; porque é necessario attentar a este rarissimo phenomeno, que se dá em Minas e que consiste em seus filhos fazerem caminhar perfeitamente de parceria os progressos da civilização, com a conservação das puras ideias religiosas, cousas que eu, de ha muito, sustento que podem marchar perfeitamente de braço dado”*.¹⁵⁸ O ponto de convergência da capital mineira seria, então, justamente, essa congregação entre a expressão material da cidade, planejada e moderna, e a sua particularidade sensível, expressa na religiosidade dos habitantes. O templo, para exercício dessa religiosidade, merece cuidados, planejamentos; tem, ou deveria ter, poder de síntese:

O dr. José de Magalhães está projectando a igreja, que deve substituir a acassapada matriz, que actualmente se ergue no arraial de Bello Horizonte.

É uma igreja de estyllo ghotico; não sei se de ghotico *vertical, florido, chammejante ou manuelino*; mas é desse estyllo livre, em que se pódem ligar, em harmonioso conubio, todos os lineamentos e ornatos; desse ghotico que, para mim, tem a suprema qualidade de manifestar, melhor do que qualquer outro estyllo mais ou menos pagão, o sentimento religioso dos christãos; esse ghotico que, no subir da base até ao ápice das suas agulhas, procura symbolizar a ascensão das preces dos creados, para o seio do Creador.

¹⁵⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

¹⁵⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

¹⁵⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV*. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

Mas quantas vezes tenho eu visto o nosso architecto, hesitando, dando tractos á sua bem educada esthesia artistica, murmurar com magua:

- Como ficaria bem, aqui, uma rosacea; alli um rendilhado, acolá umas nervuras! Mas é o demonio, fica a obra mais cara!

Quanta lastima ver em tão soberbo templo, sempre o cunho de uma esthetica barata!¹⁵⁹

Além de uma estética da aparência, com o visto e com aquilo a ser visto na cidade construída, o emprego de determinados materiais e de técnicas construtivas informava sobre a construção de uma *urbs* moderna. Muitos desses materiais, embora incorporados, ou mesmo constituindo apenas o esqueleto das obras, portanto, invisíveis aos olhos quando finalizada a construção, diziam sobre preceitos de racionalização da arquitetura. O uso desses materiais já estava determinado, pré-estabelecido: “*Como era fatal e irremediavel, todas as construcções que se vão realizar na Nova Capital de Minas, terão, por material: a madeira, o tijollo, a pedra e por excepção, algum ferro, nas thesouras de certos armazens*”.¹⁶⁰ A distância do litoral criava justificativas para a permanência de determinados materiais na construção da cidade. Se não fosse essa uma dificuldade, madeira e pedra dariam lugar ao ferro e ao tijolo. Nos preceitos, arquitetos e engenheiros sabiam dos materiais e técnicas a serem empregadas:

O ideal do dr. José de Magalhães e o da maioria dos engenheiros e architectos modernos e que consiste em substituir as velhas e pesadas carcassas de pau, encascadas na não menos velha e pesada alvenaria de pedra, pelas elegantes, leves e racionaes construcções de ferro e tijollo, ainda não póde ter cabida, n’um logar distante do littoral em mais de cem leguas e quando para approximar essa distancia, temos apenas, como recurso, o serviço insufficiente e morôso, da nossa Estrada Central do Brazil!¹⁶¹

Às pretensas orientações, contidas nas crônicas publicadas no periódico, quanto ao emprego dos materiais para a edificação da cidade, somam-se outras prescrições elaboradas ao longo do período da construção e após a inauguração da cidade. Prescrições elaboradas na forma de regulamentações ganharam caráter legal, estabelecendo punições e multas aos infratores ou a aqueles que não observassem as orientações de construção. A necessidade de controle sobre as construções era explícita:

¹⁵⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV. Minas Geraes. Ano III, n.222, 19 de agosto de 1894, p. 5.

¹⁶⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles LII. Minas Geraes. Ano III, n.327, 5 de dezembro de 1894, p. 3.

¹⁶¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles LII. Minas Geraes. Ano III, n.327, 5 de dezembro de 1894, p. 3

§ 4. Quinze dias, pelo menos, antes de terminar o prazo para o início da construção, o proprietário deverá ter submettido á aprovação da Prefeitura os desenhos do projecto a executar, acompanhados do requerimento, pedindo alvará de licença para a construção.

§ 5. Os desenhos do projecto deverão ser apresentados em duplicata, sendo um exemplar em papel cartão, que deverá ser restituído ao proprietário e outro em tela, que será archivado, no caso de ter sido aceito o projecto. Os referidos desenhos conterão:

1. Assignatura do proprietário ou de seu procurador e do desenhista ou architecto, auctor do projecto;

2. Designação do numero de cada um dos lotes, do quarteirão e da secção, com declaração de ser urbano ou suburbano;

3. Planta cotada, na escala de 1:500, do terreno com exacta indicação dos lotes e de todas as construcções existentes ou por se fazerem, sendo aquellas desenhadas a nankin e estas a carmim;

4. Planta cotada, na escala de 1:100, de cada pavimento do corpo principal do prédio e de todas as suas dependências;

5. Elevação, na escala de 1:50, das fachadas principaes, com indicação do grade da rua;

6. Secções longitudinaes e transversaes do corpo principal e dependências, na escala também de 1:50.

§ 6. Os projectos da accrescimos ou modificações dos prédios serão também sujeitos previamente á aprovação da Prefeitura.¹⁶²

Uma habitação ideal foi traçada na legislação: “*São prohibidas na zona urbana da cidade as construcções com cobertura de capim ou quaesquer materiaes inflammaveis*”.¹⁶³ Os casebres ou cafuas cobertas de capim, constantes no arraial, colocadas a baixo nas desapropriações, parecem ter inspirado a proibição desse tipo de morada. Latrinas, mictórios e outros aparatos higiênicos também foram incorporados às habitações: “*São obrigatórios em todas as casas commodos para banheiros e latrinas, que como as cosinhas deverão ter as paredes revestidas de cimento, ladrilhos ou azulejos até a altura de 1^m,0 no minimo*”.¹⁶⁴ Para os locais públicos, essas preocupações foram mantidas, observando-se, sempre, a proporção de usuários: “*Nas casas collectivas, taes como hotéis, hospedarias, asylos, collegios, hospitaes, quartéis e postos de guardas, serão exigidos, além das prescripções regulamentares, banheiros e latrinas em quantidade proporcional ao numero de habitantes. Ficarão sujeitas á visita da auctoridade sanitária e da Prefeitura, que indicarão as medidas necessárias ao bem geral*”.¹⁶⁵ Tais aparatos higiênicos também exigiam um adestramento do corpo.

¹⁶²Decreto n. 1.211, de 31 de outubro de 1898. Promulga as posturas da cidade de Minas, Art. 6.

¹⁶³Decreto n. 1.211, de 31 de outubro de 1898. Promulga as posturas da cidade de Minas, Art. 49.

¹⁶⁴Decreto n. 1.211, de 31 de outubro de 1898. Promulga as posturas da cidade de Minas, Art. 50.

¹⁶⁵Decreto n. 1.211, de 31 de outubro de 1898, Promulga as posturas da cidade de Minas, Art. 52.

2.3. Entre o corpo e a arquitetura: a linguagem pedagógica das coisas

A incorporação de elementos ao cotidiano do arraial foi notada por Alfredo Camarate. Pouco a pouco, o cronista anunciou, na série *Por Montes e Valles*, objetos, utensílios, aparatos higiênicos, futilidades que entrariam na lista de produtos consumíveis ou utilizáveis pelos moradores, lembrando que esse grupo também aumentou com a chegada de sujeitos responsáveis pela construção da cidade de Belo Horizonte. Essa lista apresentada por Camarate carrega o tom de sugerir a mudança de um tempo, a chegada do progresso¹⁶⁶ naquele canhestro arraial pelos aspectos materiais incorporados à *urbs*.

O habitar, ou o habituar-se a um espaço, não se limita a um contato único com paredes, piso, fachadas, teto. Paredes não estão nuas, pisos carregam a mobília. Na construção racionalizada de tijolos, cimento, ferro e vidro, os objetos têm uma ação sobre os corpos. Estimulam o movimento do corpo, inspiram o toque, criam uma relação de pertencimento do corpo em relação ao espaço. A organicidade do corpo, com suas formas, curvas, a maleabilidade das mãos e a flexibilidade das pernas e pés, conforma-se às formas orgânicas dos objetos, pensados para se encaixarem, para se envolverem na ergonomia humana. Sem esses objetos, o que seria dos corpos em confronto direto com o corpo da arquitetura, diante da retidão das paredes e pisos, da verticalidade e da horizontalidade postos como guias para o olhar?

Apesar de a arquitetura despertar um sentimento de abrigo, ela ainda comporta um distanciamento do corpo, do tato. Os objetos estão ali, ao alcance, são portáteis, podem se movimentar, tal como o corpo. Podem ser acariciados por tatos e olhos, perscrutados com dedos. Tornam-se quase extensões do próprio corpo. Mediam a relação corpo-mundo. Sim, alguns são logo descartados. Outros passam a ter um uso tão continuado que são impregnados pelas marcas deixadas pelo corpo: se engorduram com o suor, são desgastados pelo contato repetido, ficam marcados pela forma da pegada, são gastos pelo atrito com as mãos, com os lábios.

¹⁶⁶ A ideia de progresso liga-se aos aspectos materiais incorporados à *urbs*. Na concepção de Alfredo Camarate, que se ocupava “*por montes e vales, dos futuros progressos de Minas*”, o progresso da cidade seria notado na incorporação desses elementos, permitindo o desenvolvimento dos “recursos de vida”. Para Le Goff (1997b): “*O que sustem esta concepção e a faz desenvolver são os progressos científicos e técnicos, os sucessos da revolução industrial, a melhoria, pelo menos para as elites ocidentais, do conforto, do bem-estar e da segurança, mas também dos progressos do liberalismo, da alfabetização, da instrução e da democracia*” (p. 353).

Objetos se interpõem entre o corpo e o chão, entre o corpo e a parede. A ergonomia orienta a feitura dos objetos, preside suas dimensões e formatos, pensa em maneiras de deixá-los mais ajustáveis às dimensões humanas. Por essas características, os objetos são aqueles que mais podem ser utilizados para gerarem um conforto ao corpo. Alças, espaldares, texturas macias, envolvimento parecem facilitar, aperfeiçoar qualquer ação do corpo. Não guardamos aqui uma visão positiva dessa potencialidade dos objetos. Apesar de uma busca do bem-estar através de múltiplos utensílios e móveis colocados a serviço do corpo, eles também expressam a tentativa de descansar da fadiga do trabalho (SENNETT, 1997). Estão também, ou somente, a serviço do trabalho excessivo, da submissão do corpo, da exaustão como marca dos tempos modernos. No bojo da expansão capitalista, do trabalho fabril levado a extremos, a fadiga e o cansaço passam a ser pensados sobre a ótica da produtividade.¹⁶⁷

A busca pelo conforto também sugere novas formas de estar no mundo e uma mudança nas relações sociais. Para Sennet, “*No século XIX, a busca do conforto insere-se nesse contexto. O modo mais cômodo de viajar, móveis confortáveis, lugares destinados ao repouso, permitiam que se recuperassem as forças exauridas. Porém, desde então, por um desvio de trajetória, a comodidade assumiu um caráter individual. Se era capaz de baixar o nível de estimulação e receptividade de uma pessoa, podia funcionar para afastá-la das demais*” (1997, p. 274). Alfredo Camarate, em sua viagem em um *Nocturno*, do Rio de Janeiro a Ouro Preto, comenta sobre o conforto:

O *comfortable* é de procedencia exclusivamente inglesa; mas de muito mais facil assimilação do que o *box* e o *flirt*; porque está provado que todos os povos se soccam e flirtam, conforme as impetuosidades do seu temperamento, conforme as provocações do sol que os illumina.

O *comfortable* é a commodidade elevada ao seu mais alto gráu, pela methodisação de todos os actos da nossa vida; é uma sciencia que se adquire pouco a pouco, desde a meninice, pelos pautados processos da educação.¹⁶⁸

Para o cronista, o “*comfortable* fez carreira pelo mundo, ao menos em palavra; exceptuando Portugal, Hespanha e Brazil, onde, por grande apêgo á trilha e ás tradições dos nossos antepassados, resistimos, por extraordinaria excepção, a esta invasão britannica; talvez a unica que se não effectuou, pelos beneficos e persuasivos

¹⁶⁷ Sennett (1997) explora a obra *A fadiga* (1891), do fisiologista Ângelo Masso, explicando que as pessoas começam a se sentir esgotadas antes de se tornarem incapazes de mais esforço. Essa sensação permite ao corpo controlar suas forças, protegendo-se de abusos.

¹⁶⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações – O Nocturno*. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

efeitos do bombardeio!” No Brasil, “*conhecemos ou fingimos conhecer apenas a commodidade*”, que “*tem menos pequices e refólhos do que o comfortable; adquire-se com menos estudo e disciplina; tem campo mais vasto, para se desenvolver e sobretudo uns limites de elasticidade inacreditaveis!*”. A comodidade, contudo, se permite alguém viver sobre as “*regras inflexíveis do methodo*”, pode também permitir viver “*empregando a commodidade de não fazermos nada absolutamente pela commodidade*”.¹⁶⁹ A comodidade, para o cronista, estagna, impede a ação:

Usamos janellas que não nos garantem das correntes de ar, que se introduzem pelos seus intersticios; as paredes dos nossos predios, delgadas e transparentes como cascas de cebola, mal nos resguardam do sol e do frio; comemos sem horário, sem methodo nem systema na qualidade e na quantidade, recebemos e fazemos visitas a todas as horas; resignamo-nos com os maus calçamentos, com maus exgottos, com a ausencia de distracções, só para grisarmos a commodidade de não nos occupar com a commodidade.

Dos abusos do comfortable e do asseio, que é um dos poderosos elementos do *comfortable*, nascem os chinellos para o pé direito e para o pé esquerdo e as escarradeiras em certas ruas das cidades da Hollanda; do uso e abuso da nossa commodidade do Deus dará, nasce a nossa sobriedade, que faz do brasileiro o primeiro soldado do mundo; o desapêgo pelo luxo e pelas riquezas (...).¹⁷⁰

Essa distorção do *comfortable*, como se transformou “*num preceito de educação, procuramos fingir que o adoramos*”. Com isso, alguns hábitos são apresentados por Alfredo Camarate:

Somos inexoraveis com as camaras municipaes, que não mandam apanhar, de hora em hora, as cascas de bananas e laranjas, que atiramos para os passeios e calçadas, de minuto em minuto, exigimos policia que nos garanta o socego e segurança; mas que nos permitta que interrompamos o socego e segurança do proximo; queremos todos os requintes de um grande centro de collectividade civilisado e exclusivamente para nós o direito de escarrar no chão, de chegar á janella em trajos menores; a liberdade de nos sentirmos no collo dos outros, sem nos lembrar que os limites do nosso *comfortable* e da nossa liberdade terminam, onde começam os limites do *comfortable* e da liberdade do visinho.¹⁷¹

Esses abusos dos direitos e deveres expressam a constituição de uma individualidade como uma marca da sociedade moderna. O conforto transforma-se em

¹⁶⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

¹⁷⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

¹⁷¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

preceito, dirige formas de agir e cria barreiras – físicas e imaginárias – entre indivíduos, assumiu, como lembra Sennett (1997, p.), “*um caráter individual*”, bem como estimula e proporciona o afastamento dos corpos.

Esse discurso de Alfredo Camarate sobre o conforto parece ter sido provocado pela viagem a Minas Gerais e pelas promessas de uma viagem confortável de trem. De acordo com o cronista,

Entre o grande numero de commodidades ficticias e que inventamos, para termos fôros de povo civilisado, figura a instituição do trem nocturno.

Um vagão macio de rodas, que nos transporta em coberta enxuta e ao abrigo das brisas impertinentes, com camas, colchões, lençóis e travesseiros; tendo ao pé ou á mão ou, ainda, ao pé da mão: lavatorios, toalhas, agua potavel, sabonete, etc., etc.

Uma verdadeira maravilha, e eu que sempre e tive fraco por tudo quanto devida ou indevidamente se alcunha de maravilha, resolvi-me a tomar um trem nocturno da Capital Federal para Ouro Preto, resignando-me a viajar, numa sexta-feira, o que para os povos de raça meridional é sempre dia de maus agouros!¹⁷²

Os objetos dão o tom ao conforto esperado na viagem: camas, colchões, lençóis, travesseiros, lavatórios, toalhas, sabonete. Contudo, o viajante é seduzido pelo vagão-leito e compra o bilhete para o número 1. “*Na frente, estava o carro numero 5; atraz delle, outro voagon-lit que não tinha numero*”. O carro número 5, correspondendo à descrição anterior e ao desejo do conforto, “*dava, ás camas de solteiro, as larguezas e regalias de camas de casados; tinha cortinas de fazenda verde; uma limpesa convidativa nos lencóes, e nos metaes, recebia as confidencias de uns raios de sol rubro e pimpão, que lhe beijava os lampeões e os travesseiros; um verdadeiro ninho, emfim, para viagens de noivos*”.¹⁷³ O carro sem número “*era sombrio, lembrava certos dias de nevoeiro grosso da altiva Albion; os cortinados apparentavam desbotes de longo serviço, coloridos indecisos de muitas barrelas e de muitíssimas camadas de pó; uma verdadeira penitenciaria ambulante, onde, aos negrumes da prisão (?), se alliavam os solavancos de gale(?), em dias de temporal desfeito*”. Para a surpresa do cronista, o vagão sem número era o número 1, e “*Alfredo Riancho, com aquelle caiporismo proverbial, teve a dita de ser enfachado naquella armadilha, pomposamente decorada com o titulo de vagão-leito*”. Acomodando-se no trem: “*Puchei as cortinas. Já não tinham nem botoes nem presilhas (...) As portinholas não tinham um store servível; o*

¹⁷² RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

¹⁷³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

*vento entrava no carro como dentro de uma canastra; os colxões escorregavam pela palhinha, como se tivessem lubrificações de sêbo. Os efeitos da viagem, sentia-os no corpo: “Por volta das tres horas da noite, senti as mãos pegajosas, cobertas com essa poeira indefinível das estradas de ferro, tão inexplicavel como o cheiro de graxa que se sente, em todos os trasatlanticos; entrei no toilette dos homens – não tinha agua e affianço que dei á bomba pelo espaço de tres ou quatro segundos; resolvi-me a entrar no toilette das senhoras, naturalmente deserto áquella hora; mas recuei”.*¹⁷⁴ Um homem já ocupava sentado um lugar incorreto para ele.

O trem para: *“E cheguei a Ouro Preto, com desenove horas de viagem, velocidade modesta para um expresso, com os olhos empapuçados pelo somno, com as mãos sujas como a Judic nos Charbonies, com o estomago revoltado, pelas inundações de café falsificado com feijão tambem falsificado, mas impando a gloria, por ter viajado n’um trem, no qual os progressos da industria nos dão fóros e commodidades de nababos, á razão de mais cinco mil e tantos réis!”*¹⁷⁵

Não é por acaso que mudanças sutis foram apresentadas no decorrer da série de crônicas. Trata-se de mudanças expressas em uma materialidade visível e que penetra no cotidiano. Há um tom pedagógico em apresentar tais objetos. As próprias coisas também possuem uma linguagem pedagógica. Com Pasolini (1990), tomamos objetos como signos linguísticos, por comunicarem ou expressarem alguma coisa. Os objetos falam objetivamente e se fazem decifrar como novos e desconhecidos. Essa comunicação dos objetos é essencialmente pedagógica; eles indicam locais de nascimento, sinalizam pertencimento, informam sobre modos de vida. Educam hábitos e maneiras de fazer: *“Ensinavam-me onde eu tinha nascido, em que mundo vivia e, acima de tudo, como devia conceber meu nascimento e minha vida”* (p. 126).

Aos objetos que se conhece e com os quais se é educado na infância, vão se somando *“discursos de coisas”* ao longo da vida, e outros objetos passam a informar sobre outros modos de vida, outros tipos de morada, a utilização diferenciada de utensílios e objetos. A partir desse conhecimento do mundo material, começamos a relacionar e identificar objetos com mundos diferentes. Classifica-se o outro, estabelecem-se comparações. Apesar disso, os objetos que compõem o próprio mundo e com os quais mais se está habituado parece sempre o mais verdadeiro. Alfredo

¹⁷⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

¹⁷⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaborações – O Nocturno. Minas Geraes. Ano II, n.1162, 17 de junho de 1893, p. 5.

Camarate queria ver no arraial e sentir as formas de elementos que compunham e que educaram a sua sensibilidade, o seu tato. Queria reconhecer o familiar, enquanto os objetos e mesmo a realidade física do arraial lhe pareciam estranhos, anômalos, por vezes, inquietantes. Na concepção do cronista, que se ocupa “*por montes e valles, dos futuros progressos de Minas*”¹⁷⁶, o progresso da cidade seria notado na incorporação desses elementos, que permitiriam o desenvolvimento dos “*recursos da vida*”.

Cada crônica em que são anunciadas tais mudanças soa como um alívio ao corpo estrangeiro. O cronista observa que “*Os recursos da vida, em Bello Horizonte, têm-se desenvolvido e augmentado consideravelmente*”. Para o viajante, já existe um hotel “*que proporciona grandes commodidades a seus hospedes e que foi estabelecido pelo sr. Lima, que creio haver sido funcionario em Ouro Preto*”. O que mais lhe agrada nesse estabelecimento? Nas palavras de Alfredo Camarate, “*A mesa é farta, variada e bôa; os quartos, todos assoalhados (!) tem mobillia decente, roupa limpa nas camas, lavatorio, jarro e bacia (!!)* e a esposa do dono do hotel é de extraordinario cuidado e carinho para com os seus hospedes(!!!!)”¹⁷⁷.

Quartos assoalhados, mobiliário adequado às noções do conforto, roupas de cama e aparatos higiênicos (lavatórios, jarro e bacia) revelam que, pouco a pouco, as exigências do estrangeiro incorporaram-se no cotidiano do arraial e educaram os sentidos em relação a outras tolerâncias. O arraial começava a ganhar ares de uma “*grande cidade*”. Incorporar hábitos higiênicos, “*adestrar*” o corpo, deixando-o apto para usar aparatos de uma grande cidade passava por essa mudança.

A regulamentação para o uso desses espaços coletivos viria com a inauguração da cidade. Os cuidados, prescritos para os hotéis, com a higiene e com o conforto dos hóspedes parecem corresponder às expectativas do viajante; dão contornos de elementos incorporados aos interiores e que expressam a constituição novas tolerâncias:

Art. 13. Os leitos e as roupas dos leitos serão sempre mantidas em bom estado de asseio.

Art. 17. Logo que um quarto for desoccupado, as janellas serão abertas, far-se-ha nelle minuciosa limpesa, e, ao novo locatário fornecer-se-ha roupa de cama perfeitamente limpa e assejada.

Art. 18. Todos os quartos terão um lavatório, vasos de noite e uma vasilha com agua potável.

¹⁷⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XI*. Minas Geraes. Ano III, n.103, 18 de abril de 1894, p. 2.

¹⁷⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVI*. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p. 3.

Art. 19. Além dos quartos de dormir, os hotéis devem ter cosinha, banheiros e um numero sufficiente de peças es-pecíais para o dia.

Art. 22. Os gabinetes para *water-closets* serão caiados, suffieientemente arejados e illuminados directamente.¹⁷⁸

O cronista era sensível à rapidez dessas alterações, apesar de perceber certa demora na construção da cidade:

Mas, ainda assim, tudo o mais tem caminhado com essa assombrosa rapidez dos que respeitam o rifão: andar devagar, para chegar depressa!

E os hotelleiros, os negociantes, os armazenistas, como as palhinhas arrastadas pelo tufão, vão caminhando, por bom ou máu grado. Já ha perfumarias, cápas à hespanhola, fogos da China e chicaras com aza!

Só faltam theatros e um jornal.

Comedias e comedia!¹⁷⁹

Se para Benjamin conseguimos “*descobrir a cristalização do acontecimento total na análise dos pequenos momentos particulares*” (BENJAMIN *apud* BUCK-MORSS, 2002, p. 108.) observamos o e no detalhe a construção da cidade e a combinação de elementos que vão compor a melodia da modernidade. Xícaras com asa. Tomar café nesse utensílio exige uma educação da mão. Equilíbrio, cuidado, uma adaptação dos dedos às dimensões das alças-asas. “*A educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física – em outras palavras, dos fenômenos materiais da sua condição social –, torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. O que é educada é a sua carne, como forma do seu espírito*” (PASOLINI, 1990, p.127). Os objetos também emitem outras mensagens mais sutis que informam maneiras de se portar perante o outro que se coloca à frente de uma mesa, sentado em uma determinada mobília, manipulando utensílios. Outra gestualidade se funda com esse objeto e outros objetos, os quais, por sua vez, emitindo uma linguagem pedagógica, informam uma maneira adequada de ser cidadão.

¹⁷⁸ DECRETO N. 1.367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas.

¹⁷⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XX. Minas Geraes. Ano III, n.141, 27 de maio de 1894, p. 5.

IMAGENS PARA OUVIR



FIGURA 12: Igreja do Arraial do Curral d'EL Rey. Autoria: Honório Esteves, 1894.



FIGURA 13: Projeto da Estação General Carneiro. Arraial de Belo Horizonte, 1894.

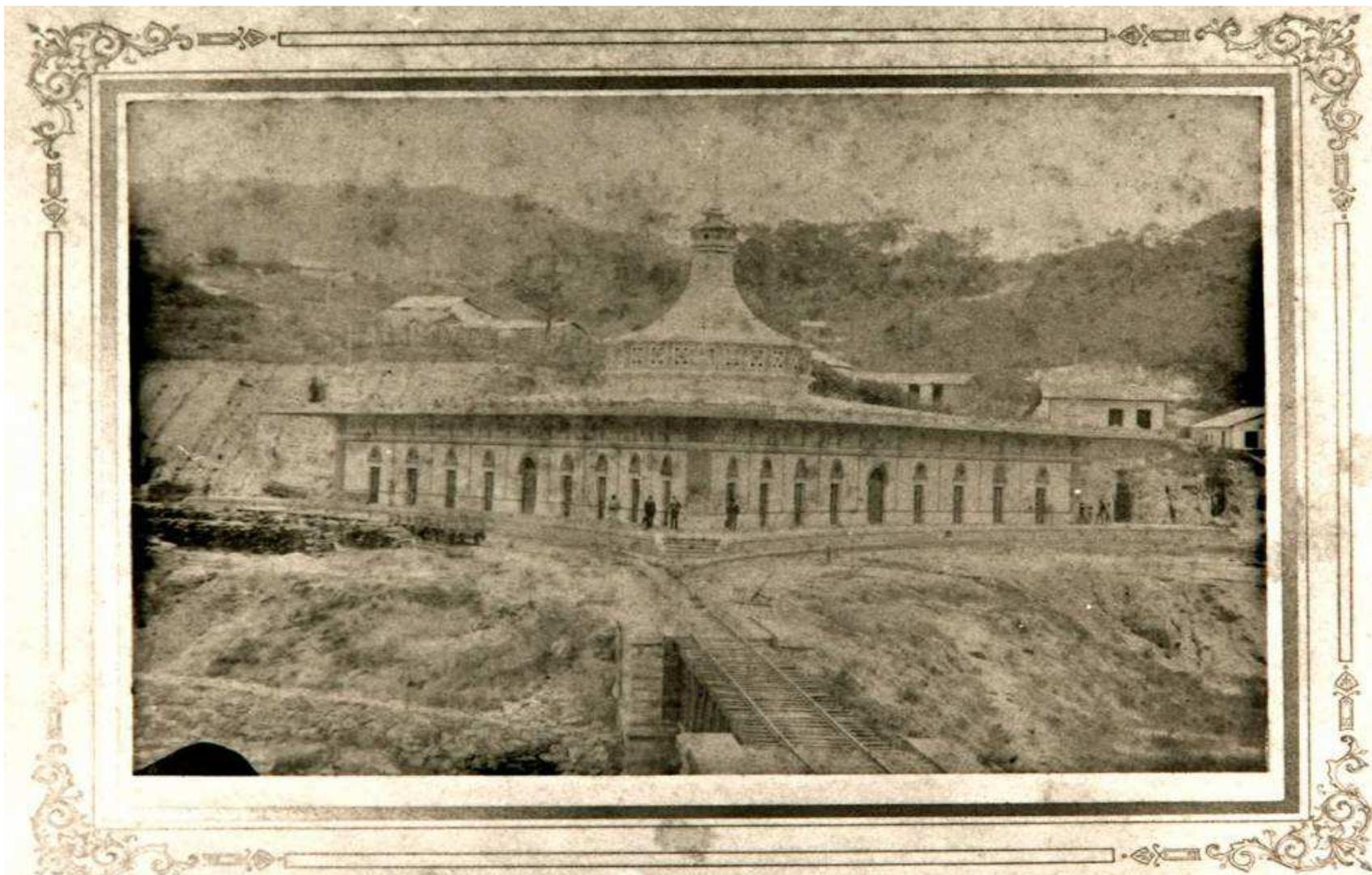


FIGURA 14: Estação Triangular de General Carneiro. Autoria: Raimundo Alves Pinto, entre 1894 e 1896.

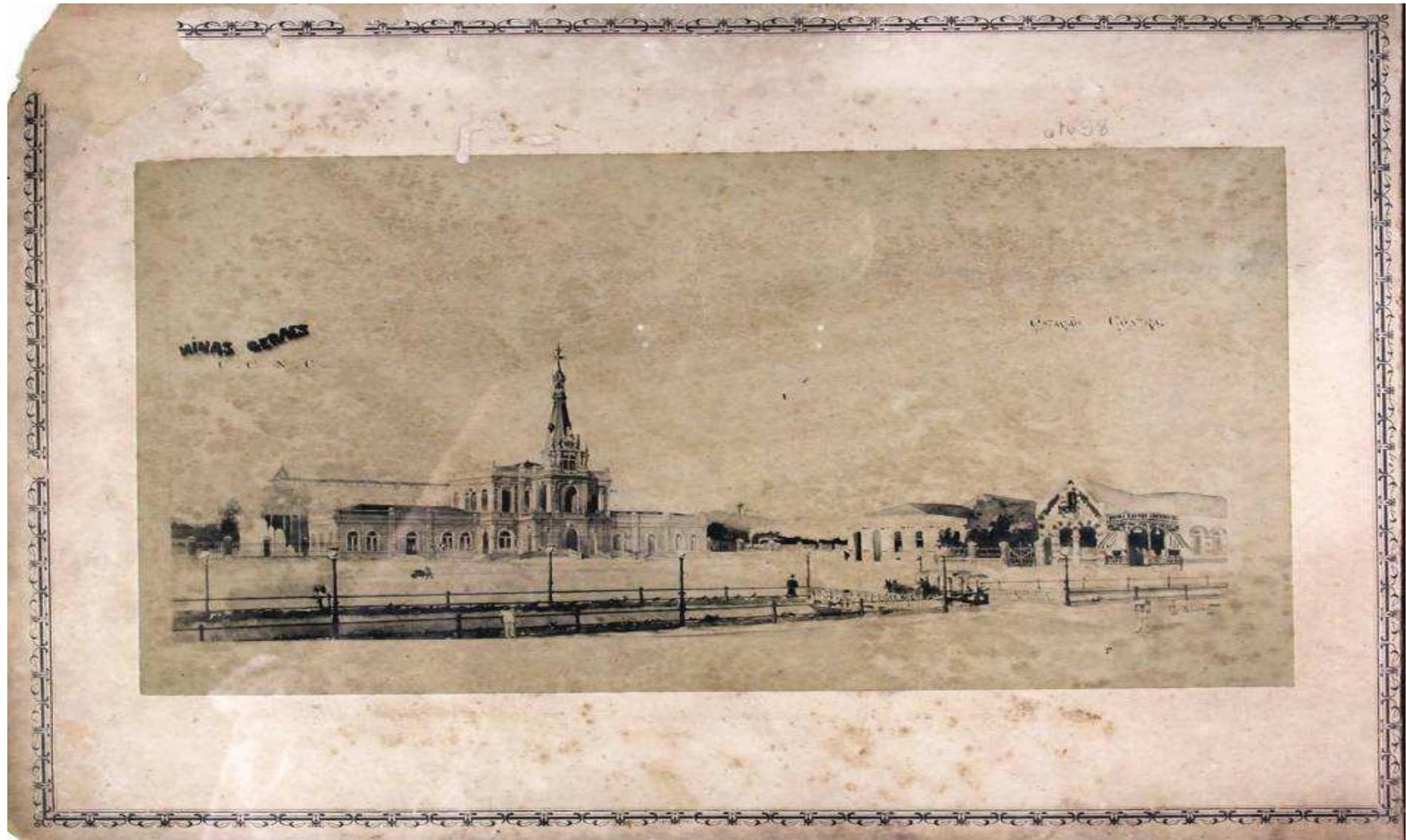


FIGURA 15: Estação Ferroviária, Arraial de Belo Horizonte, entre 1894 e 1895.

3. Sons do arraial, sons da cidade

Murmúrios, sussurros, chiado. Voz, som, ouvido, escuta. Orações, cantorias, missas, procissões, silêncio. Canto, música, timbres. Ritmo, partitura, instrumentos. Mudo. Surdo pisar. Estacas, trânsito. Palavras e nomes estrangeiros. A boca completa o ouvido. Barulho. Incômodo. Progresso. Modernidade: o relógio e o silvo da locomotiva.

3.1. Sentido geográfico

*“A procissão, que se realizou na noite de 17 corrente, levava um prestito extraordinario. Como a banda de musica não pudesse ir tocando continuamente e os fieis, que acompanhavam a procissão, fossem no mais respeitoso **silêncio** ainda augmentado pelo **surdo pisar** na terra das ruas, aconteceu passar-me a procissão, por de frente das janellas da casa onde residio, sem que eu a pressentisse.*

Vi-a já de escôrço, pela cauda do prestito.

Uma grande massa de povo, em que avultavam as mulheres quasi todas vestidas de branco, que se tornava solemnemente azulado, por um luar de uma ostentação tropical.

*O céu limpido, profundo ceruleo, estava recamado de scintillantes estrellas e aquella serpente humana, piccada por centenaes de pontos luminosos, ondulava **muda** pela extensa rua.*

*Nunca as harmonias da laconica philarmonica local deviam ter **perturbado** aquella magestosa harmonia da natureza”¹⁸⁰ (grifos meus).*

A experiência do viajante, o olhar estrangeiro, a formação cultural e artística permite que os sentidos desse personagem da cidade estejam sempre “abertos”. Coloque-se na escuta, capta sons e ruídos, estranha. Com a audição, sentido que comporta “qualidade geográfica”, de reconhecimento do espaço, Alfredo Camarate acompanhava a sonoridade do arraial.¹⁸¹ Trata-se de uma sonoridade peculiar, muitas vezes inaudível para os ouvidos acostumados com o som dos grandes centros urbanos. Seria mesmo muda a serpente humana que se formou na procissão? Alfredo Camarate apesar de fazer

¹⁸⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles V. Minas Geraes. Ano III, n.83, 28 de março de 1894, p.2.

¹⁸¹ Sobre essa qualidade da audição, comenta Diane Ackerman (1992): “os sons têm que ser localizados no espaço, identificados pelo tipo, intensidade e outras feições. A audição possui qualidade geográfica” (p.218). Pela audição, conseguimos reconhecer, distâncias, lugares, ameaças, aproximações.

questão de detectar, experienciar, sentir tudo o que se passava naquele espaço, não conseguiu “pressentir” a passagem dos fiéis. Seu sentido lhe traiu. Os ouvidos não detectaram nenhum ruído, qualquer vestígio de som. Conseguira captar uma tênue onda sonora quando a procissão já havia lhe passado da janela. O olhar é o que lhe permitiu ver apenas o esboço: “efeito de perspectiva que representa menores que o natural os objetos que se vêem de frente ou a distância”.¹⁸² Viu apenas o bosquejo, o esboço, o delineamento das mulheres, coloridas pelo azul-celeste, pelas estrelas cintilantes.

Qual era a sonoridade do arraial? Que sons captava a percepção do cronista? “*Em Bello Horizonte, a vida continua, na sua suave e encantadora monotonia, que, como a toadilha dos fados populares, acaba por adormecer nesses meios somnos, que representam a suprema delicia do dormir acordado.*”¹⁸³ Alfredo Camarate percebia a toadilha, a toada: “*música com que a letra se acompanha; canto monótono; ruído, rumor, som vago e mal definido; rumor, boato, noticia vaga que corre de boca em boca.*”¹⁸⁴

A quebra da monotonia do arraial, da sensação de “dormir acordado” – como estar em um sonho que não tem som –, acontecia sempre que o espaço era tomado por uma manifestação religiosa: uma missa, uma procissão, uma festa, a chegada de alguma autoridade religiosa, e mesmo quando ocorria algum velório ou enterro. Com o sentido do reconhecimento do espaço, Alfredo Camarate estranha e conhece esse lugar pela audição. Pelos ouvidos conseguimos perceber os sons do espaço com o qual estamos acostumados. Sons da casa, sons da rua. Não reconhecer esses ruídos cotidianos lança-nos numa atividade de estranhamento e também de acomodação do que nos é pouco comum no campo auditivo e também visual. Por isso, é perceptível, em algumas crônicas, que alguns sons do arraial, principalmente aqueles provenientes das manifestações religiosas, são identificados como barulho, como um incômodo, alterando a sonoridade do espaço. Esse incômodo oriundo da tal sonoridade também revela a frouxa ou tênue relação que esse estrangeiro estabeleceu com esse espaço. Camarate não o reconhecia como lugar afetivo, familiar, comum. Nesse estranhamento auditivo, conseguimos esboçar traços da atmosfera sonora do arraial e captar sons comuns do cotidiano dos arraialenses.

¹⁸² Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlp>>.

¹⁸³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XIV*. Minas Geraes. Ano III, n.120, 6 de maio de 1894, p.2.

¹⁸⁴ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlp>>.

3.2. Sons das rezas, das missas, das festas

A percepção sonora do cronista identificava, com frequência, os sons que rompiam com o suposto silêncio do arraial: “*A monotonia do logar foi apenas quebrada pela chegada do bispo, que veio visitar as suas ovelhas*”. O religioso foi recebido, no alto do Cruzeiro, com uma cavalgada de mais de cem fiéis e conduzido pela comitiva “*por debaixo de bananeiras de ocasião e de festivos arcos de fitas graciosamente entrelaçadas*”.¹⁸⁵

A sensibilidade atenta do crítico musical captava os elementos que alteravam a sonoridade do arraial: “*Houve chrisma, reza e cantoria no templo e nas ruas.*” Após a despedida do bispo, a sonoridade do arraial se restabelecera: “*Mas, sahido que foi o Bispo, Bello Horizonte continuou no seu costumado ram-ram; alternado apenas pelo somnolento chiar dos carros, que é tambem outro ram-ram convidativo, para longas e reparadas séstas!*”.¹⁸⁶ Ram-ram: monotonia, som arrastado, sempre igual.

É interessante como a sonoridade religiosa atingia a percepção do cronista. O incômodo ficava evidente: “*Sahi de casa, no dia 16 deste mez, depois de haver accordado às cinco horas da madrugada, pelo esfuziar dos foguetes, pelo estampido dos morteiros e pelo badalar dos sinos da matriz, que são dois; mas dos quaes o sineiro tira tanto partido e effeitos, que parecem repicar as matinadas dos portentosos carrilhões do Convento de Mafra, padrão da estupidez de um dos reis de Portugal e gloria de um dos mais celebres sineiros de Antuerpia.*”¹⁸⁷

O arraial, no mês de agosto, estava envolvido com uma festa religiosa: “*Ha tres dias que succede invariavelmente esta série de cerimoniaes do culto religioso*”. E o cronista não deixou de expressar seu descontentamento com a mudança do cotidiano: “*Devo começar primeiro por dizer que Bello Horizonte tem andado, estes ultimos dias, num desengajar de festas religiosas muito edificantes para a alma; mas muito amolladoras para o corpo!*”.¹⁸⁸ Camarate, então, descreveu o amanhecer e o acordar forçados pelos estrondos, ribombos, retumbar de foguetes e sinos:

¹⁸⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XIV. Minas Geraes. Ano III, n.120, 6 de maio de 1894, p.2.

¹⁸⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XIV. Minas Geraes. Ano III, n.120, 6 de maio de 1894, p.2.

¹⁸⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXV. Minas Geraes. Ano III, n.229, 26 de agosto de 1894, p.3.

¹⁸⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXV. Minas Geraes. Ano III, n.229, 26 de agosto de 1894, p.3.

De madrugada, muito antes de cantarem os gallos e de cacarejarem as gallinhas, espojando-se na terra e sacundindo as azas para expurgarem os restos de somno do corpo entorpecido pelo dormir de pé e fazendo gymnastica nas instabilidades de um poleiro cylindrico; antes de se erguerem das casas e cafuas essas columnas de fumo azuladas, que indicam desde logo a furia ou serenidade dos ventos para o seguir do dia, funga meia duzia de foguetes, ribombam alguns morteiros com um estrondear que parece zombar das **posturas municipais** e dos direitos de propriedade dos senhorios que mantêm os seus casebres em pé, pelas mais inacreditaveis leis de equilibrio; os sinos multiplicam-se como os pães na mão do Redemptor, e toda a povoação religiosa e profana salta da cama, os primeiros com préces mastigadas a custo nos labios; os segundos murmurando pragas e maldições, capazes de arripiarem o proprio diabo caudato e bicornuto!¹⁸⁹

Existiriam mesmo “posturas municipais” que regulamentariam a hora e a sonoridade das manifestações religiosas? Não estaria incorporado à sensibilidade apenas dos estrangeiros daquele espaço essa necessidade de conter e privatizar tais manifestações? O repicar dos sinos não seria um incômodo apenas para os ditos “profanos”? Alfredo Camarate registrou, em seus escritos, o programa da festa. A atenção do cronista voltava-se para a sonoridade:

A's dez horas, missa cantada e acompanhada pela banda de musica que veio expressamente de contagem para esta extensa solemnidade; sendo louvaveis os esforços que os cantores empregam para se fazerem ouvir e os não menos ingentes exforços de banda marcial, para não inundar as vozes com o hyperbolico estrondear dos seus ophicleides e trombones.

A sahida da missa é um espetaculo muito para ver-se.

A maior parte dos fieis é composta de senhoras, que, na simplicidade do seu trajar, na compostura dos seus gestos e na suave combinação das côres claras dos seus vestidos, produzem uma marcha harmoniosa e variada, que provoca a palhêta de um pintor.

Entre a missa e a festa da tarde, a banda de musica, composta de moços com os mais robustos pulmões que tenho visto na minha vida, apparecem tocando em toda a parte! De longe ou de perto, todo o dia se ouvem polkas, marchas, quadrilhas, dobrados etc., e tem sido tal a escovadella que tem apanhado o tocador de bumbo, que este instrumento supergrave já vae, no couce, às cavalleiras de um crioulo que, vergado para deante, sente a todo o momento os tremeliques da vibração da pelle que lhe echôa por sobre o lombo e os não menores tremeliques do orgulho, por se ver em tão honrosa e sonora posição social... ou instrumental, se assim o tiverem por melhor!

Os foguetes, lançados alternada e economicamente, tambem intervallam as peças de musicas, com os seus estalidos.

À tarde, résa, procissão, sermão, fogueira e levantamento de mastro embandeirado, acompanhado de nutridas gyrandolas de foguetes, que têm sido epilogada, por duas rodinhas com côres, para grande satisfação dos festeiros e gaudio da garotada, que as festejam com enthusiastica e atroadora grita!¹⁹⁰

¹⁸⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXV. Minas Geraes. Ano III, n.229, 26 de agosto de 1894, p.3.

¹⁹⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXV. Minas Geraes. Ano III, n.229, 26 de agosto de 1894, p.3.

Missa cantada, reza, sermão, banda de música, foguetes, estalidos, polcas, quadrilhas, marchas e dobrados, peças musicais. Esforço dos cantores para se fazerem ouvir, cuidado da banda com o estrondar de seus instrumentos. Robustos pulmões de músicos, penosa experiência do tocador de bumbo, entusiasmada e retumbante alegria da garotada. Essa é, na percepção do cronista, a composição sonora do arraial em festa.

A percepção auditiva de Alfredo Camarate era muito informada pela sua experiência com a música. Há notícias que Camarate contribuiu com a crítica musical e artística no Rio de Janeiro.¹⁹¹ Também são constantes as crônicas publicadas no jornal Minas Gerais que tratam dessa temática. “O ensino da Musica nas escolas normaes”, “Os pianos em Ouro Preto”, “As transformações no piano I e II”, “A companhia de Zarzuleas”, “Duas operas novas o ‘falstaff’ de Leão Verdi e ‘os palhaços’ de Leoncavallo”, “As três companhias lyricas”, “Um gigante sonoro” (falando sobre orgãos), “A nossa banda de policia”, “Composição musical”, “Os instrumentos unguulares” são algumas dessas crônicas musicais.¹⁹² Em algumas dessas crônicas, Camarate desempenhou sua tarefa de crítico musical, observando os “defeitos” das companhias musicais e artísticas que se apresentavam em Ouro Preto. Além dessa tarefa de discutir na imprensa questões que tocavam na necessidade de uma educação musical, sonora e estética, Alfredo Camarate apresentou-se como professor de piano e de “theoria musical” nas seções de propagação do jornal oficial.¹⁹³ É também singular que, em quase todas as crônicas, publicadas em 1893, que têm como temática a música, o cronista não tenha se identificado pelo pseudônimo (Alfredo Riancho), mas pelo nome próprio (Alfredo Camarate). Isso não seria uma estratégia para atrair alunos para as aulas de piano? Os possíveis alunos, ao lerem as crônicas, não se interessariam por ter aulas com alguém que também participasse da imprensa?

Essa percepção sonora, informada pela aproximação com a teoria musical, é perceptível em outras crônicas, mesmo naquelas que não tratam diretamente da temática. Tal aproximação evidencia-se em uma das crônicas dedicadas a observar os aspectos religiosos do arraial. Além de analisar os aspectos arquitetônicos e estilísticos de dois templos do local, Alfredo Camarate teceu comentários sobre os hábitos

¹⁹¹ Há indícios da contribuição de Alfredo Camarate no Jornal do Brasil, na Gazeta Musical e no Jornal do Comercio, periódicos publicados no Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século XIX.

¹⁹² Essas crônicas foram publicadas ao longo do ano de 1893, no Jornal Minas Geraes, quando Alfredo Camarate chegou a Minas Gerais e se estabeleceu em Ouro Preto.

¹⁹³ Minas Geraes, 6 de agosto de 1893, n.211, ano II, p.8. “*Annuncios – Alfredo Camarate – Professor de Piano e de Theoria Musical. Recados obsequiosamente recebidos no estabelecimento do Sr. Ferreira Real. Ouro Preto*”.

religiosos dos habitantes de Belo Horizonte, ressaltando que “*A todas as solemnidades religiosas, a que tenho assistido, sempre houve cantoria. Todos os motetes*¹⁹⁴ *são executados a tres vozes, por um grupo de fieis, que ficam junto ao sacerdote e repetidos, quasi sempre tambem a tres vozes pelo povo*”.¹⁹⁵ Comentando sobre alguns exemplos de vozes de alguns “cantores” da igreja, Camarate deixou revelar sua formação artística. Ele fez questão de classificar os timbres vocais dos fiéis que compunham o coro e percebeu que havia “*uma voz de baixo clara e que, em certos trechos, [mantinha] um pedal de grande belleza*”. Camarate também falou dos fiéis que acompanhavam a missa, salientando que “*o povo responde sempre ao primeiro côro, com igual affinação e sobretudo com o imponente effeito das grandes massas coraes*”. Ele ainda distinguiu, entre os fiéis, “*um meio-soprano-contralto, com uma vóz muito bem timbrada, arredondada nos centros e sempre muito igual em todos os registros*”. Somando-se a esses elogios, outros foram dados às vozes dos fiéis: “*Está, talvez, perdida, n’aquella grande colectividade de cantores, uma **prima donna** de primeira ordem. Entre os homens que cantavam no côrpo da igreja, ouvi tambem um barytono e dois baixos cantantes muito aproveitaveis*”.¹⁹⁶

Apesar dessas qualificações, Alfredo Camarate também diagnosticou que os habitantes do arraial não teriam passado, ainda, por uma educação estética, do corpo e da audição, não possuindo, desse modo, vozes e ouvidos refinados para o exercício do canto, como é o caso de “*uma voz de senhora, potente, vibrante, muito affinada; mas tambem com todos os vicios da emissão, aliás muito naturaes em quem nunca cultivou a arte do canto e de mais a mais nas repetidas festas desta igreja dá, em voz, tudo quanto tem e mesmo mais do que era lícito exigir-lhe*”.¹⁹⁷

O cronista elogiou o sacerdote do local “*que muito dado à arte da musica*” cultivava regularmente essa prática e, nesse caso, todas “*as festas da sua igreja hão de ter sempre o character religioso e artistico, que deriva de um bom sacerdote e de um bom amador de música*”.¹⁹⁸ Em seus escritos, Camarate chama atenção para espaços,

¹⁹⁴ Forma de composição musical dos séculos XII-XVII. Canto polifônico religioso ou música religiosa com letra. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlp>>.

¹⁹⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles V. Minas Geraes. Ano III, n.83, 28 de março de 1894, p.2.*

¹⁹⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles V. Minas Geraes. Ano III, n.83, 28 de março de 1894, p.2.*

¹⁹⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles V. Minas Geraes. Ano III, n.83, 28 de março de 1894, p.2.*

¹⁹⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles V. Minas Geraes. Ano III, n.83, 28 de março de 1894, p.2.*

nesse particular, a igreja, importantes para se apurar os sentidos e promover uma educação estética. Colocou em associação o caráter religioso e o artístico, presentes na celebração de uma missa, local que poderia se configurar como importante espaço para “sensibilizar” ouvidos a determinado tipo de som.

É também singular como Alfredo Camarate projetou uma cidade que vai se tornando cada vez mais musical. Alguns espaços de divertimento foram pensados, e a música estava presente, dando ritmo a uma determinada sociabilidade que se constituía com a crescente urbanização. Depois de instaladas as famílias estrangeiras, passou-se a pensar em outras demandas de uma população que, distintamente dos moradores do arraial, considera o espaço público como principal meio de socialização: *“Mas agora, que o stock dos armazens d’aqui se tem avolumado consideravelmente; agora que todos ou quasi todos têm as suas choupanas com modesta garridice de salões, começa-se a pensar no alimento do espirito e, para as senhoras, o alimento do espirito são bailes, musicatas e reuniões de todo o genero; reuniões que se fazem sem programma, porém que o espirito da mulher substitue victoriosamente, com milhares de frivolidades, de bellos nadas; mas que ao adormecer, nos deixam recordações vagas e gratissimas de uma noite deliciosamente passada”*.¹⁹⁹ Se, antes, no arraial, a igreja e a casa cumpriam esse papel de lugares socializadores, agora os divertimentos e encontros aconteceriam em um espaço impessoal, próprio para o encontro entre desconhecidos, que se encontram por apenas uma noite.

A cidade passava, então, a exigir uma vivência acústica, associada à constituição de uma determinada sociabilidade, a outras formas de divertimento e a novos padrões estéticos e de gosto: *“apareceu, em Bello Horizonte, uma lista cheia de nomes de membros da comissão, subscripta com o fim de utilizar os momentos de ocio em dar bailes, reuniões, concertos, naturalmente epilogados por chá, com dôces e torradinhas, que, nesta especialidade, são as senhoras mineiras mestras sabidas como nenhuma outras”*.²⁰⁰ O local para essa determinada experiência sonora era pensado: *“Ainda não ha sala apropriada; mas esta lacuna tem de naturalmente desaparecer, ou construindo-se um pavilhão de modesto dispendio ou aproveitando qualquer casarão, por meio da restauração de diversos e diversas colaboradoras; seja de que modo fôr, os bailes hão de realizar-se; porque, quando passa pela cabeça da mulher o suave*

¹⁹⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de março de 1894, p.4.

²⁰⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de março de 1894, p.4.

rodopiar da valsa, fiquem certos que ella ha de dançar, mesmo que seja em cima do fundo de uma agulha!”.²⁰¹

O divertimento para a cidade urbana era pensado com a presença da música: “*E como a sociedade de Bello Horizonte está com a mão na massa dos divertimentos, procuram-se minuciosamente as cantoras da localidade e entre as recémchegadas; e consta-me que, com esse numeroso supprimento, se tenciona executar uma grande missa festiva, em que se ostentem córos de trinta ou mais senhoras acompanhados pelo bom orgam que tem a igreja que com certesa, nesse dia solemne, enriquecerá as suas alfaias e paramentos, com muitas, dadivas e a sua ornamentação os graciosos e artisticos enfeites, que sabem fazer as senhoras das grandes cidades*”.²⁰²

Certamente, Alfredo Camarate deveria se envolver com essa preparação dos divertimentos musicados e previa que iria lhe desabar “*sobre o lombo, muito ensaio cheio de prolongadas minuciosidades*”. Ainda torcia para não lhe “*impingirem algum solo de tenor; a mim que, de ha muito, tenho o sol rouco e o lá encantarroado, o si gosmento e o dó de peito, com um pigarro chronico, que o vela com uma deslumbrante e sonora aphonía*”, apesar de ter a certeza de que “*pela idade e pelas manhas de macaco velho, saber illudir as difficuldades, quando as não posso vencer!*”. A estreia do cantor-cronista no arraial é por ele qualificada: “*O meu solo de tenor será, portanto, um solo de illusões!*” Os divertimentos e uma nova utilização do espaço público antecipariam a inauguração da cidade moderna. Mas, enquanto a cidade fosse ainda um arraial, o dia e a noite, Camarate passaria de outra maneira: “*Emquanto se conspiram estas festas de character sacro e profano, eu alterno os afazeres de redacção e collaboração de folhas diarias, com passeios matutinos e vespertinos e, nas horas intermediarias, passo o tempo...*”.²⁰³

3.3. Educação estética e para os ouvidos

A participação de Alfredo Camarate na imprensa foi bastante marcada por sua trajetória como crítico musical. Para Camarate, a música, além de ser uma experiência sonora, era também objeto de teorização. Fica claro, em muitas das suas crônicas sobre

²⁰¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de março de 1894, p.4.

²⁰² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de março de 1894, p.4.

²⁰³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. Minas Geraes. Ano III, n.124, 10 de março de 1894, p.4.

uma teoria musical, um tom pedagógico, incentivando uma educação estética e auditiva a partir da apreciação sonora. Discorrendo sobre o ensino da música, o cronista diz que a música “*é uma cadeira obrigatoria dos cursos primarios e secundarios*”.²⁰⁴ em todas as nações civilizadas.

O viajante estabeleceu também uma diferença entre o ensino empregado nos conservatórios e institutos de música e a presença dessa disciplina nas escolas normais. Para Alfredo Camarate, “*Empregar, nas escolas normaes, as minuciosidades e rigores de ensino de um conservatorio é uma tarefa impossivel, sem vantagem para os conhecimentos musicaes do alumno (...)*”. A presença do ensino da música em uma instituição voltada para a formação de professores não teria por objetivo “*preparar alumnos para exercerem a carreira artistica, nem essa escola tinha competencia nem tempo para isso.*” Cobia-lhe “*familiarisar os discipulos, com essa linguagem universal, que, apesar dos seus grandes defeitos de notação e de temperamento, é o idioma mais espalhado do mundo*”.²⁰⁵

Parece que a escrita dessa crônica fora incentivada por uma proposta de realização de um concurso para o preenchimento de “*dois logares de professor de musica de escolas normaes*”. Assim, Alfredo Camarate informava aos leitores de seu texto e pretensos candidatos o que seria necessário ensinar e, portanto, saber sobre a música. Para tanto, traçou quase um programa de ensino:

Duas claves, a de *sol* na segunda linha e a de *fa* na quarta, bastam para um alumno de escola normal; umas noções geraes de arte, muito pouco decoradas e muito racionadas; o conhecimento dos tetracordes pythagoricos, nome que assusta um pouco os alumnos; mas, que, em duas licções, os põem ao facto das escalas diatonicas de todos os tons, da ordem e da collocação dos accidentes e igualmente da causa da sua disposição na armadura do pentagrama. O solfejo resado e nunca cantado no primeiro anno; conhecimentos vagos sobre a contextura da nossa escala temperada, sobre a nomemclatura e corte de peças, sobre a constituição das grandes e pequenas orchestras, sobre a formação das bandas e fanfarras; sobre a historia, estylos e epochas da musica; de maneira que um homem possa ter noções exactas, si bem que limitadas, sobretudo quanto respeita a musica e saiba fallar, ouvir e apreciar um trecho, com o goso sereno, completo e consciente daquelles que conhecem a matéria de que fallam, a obra artística que apreciam.²⁰⁶

²⁰⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ O ensino da musica nas escolas normaes. Ano II, n.173, 28 de junho de 189, p.3.

²⁰⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ O ensino da musica nas escolas normaes. Ano II, n.173, 28 de junho de 189, p.3.

²⁰⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ O ensino da musica nas escolas normaes. Ano II, n.173, 28 de junho de 189, p.3.

Fica evidenciada uma estratégia retórica nessa proposição do cronista. O emprego de termos técnicos indicaria que não poderia ou não deveria se inscrever, no concurso, qualquer candidato. Na sua concepção: “*para professor de musica de uma escola normal, não basta um musico, embora muito habilitado nas transcendencias do contraponto e da fuga; é necessario um artista muito instruido e illustrado; que tenha estudado a musica, (...)*”. Estaria aí Alfredo Camarate defendendo e valorizando sua própria formação em relação à música, mais voltada para a teoria, a instrução e a crítica do que a própria prática como músico? A exposição desse programa também parece informar aos examinadores alguns pontos a serem observados na especificidade do ensino da música: “*a mesa examinadora, mais competente do que eu, fará o que entender, ou, antes, o que lhe dictar o programma dos estudos, mas, sem lhe fugir inteiramente, aos seus dictames, poderá transformal-o um pouco, no sentido das modernas doutrinas da arte*”.²⁰⁷ Essa possível maleabilidade da banca examinadora, da qual parece que fora excluído, expõe também uma crítica a um processo de formação e educação:

O tempo das mudanças, do escarcejo, do *fa* certo, já passaram; a moderna geração, como si as velocidades da electricidade e do vapor lhe fossem contagiosas, tem necessidade de chegar depressa, embora superficialmente illustrada, ao acabar todos os cursos sem excepção; vamos pois, com o seculo, como temos sempre de ir com todas as evoluções da lingua, da litteratura, da sciencia e como já não temos meios de fazer mestres, ao sahir da escola, tratemos de preparar alumnos completa e largamente habilitados para, ao terminar os cursos, poderem começar a estudar profundamente a materia, em cujos elementos se iniciaram apenas na aula.²⁰⁸

Nesse trecho da crônica, Alfredo Camarate parece sinalizar que o tempo necessário para uma educação estética é distinto daqueles outros saberes contemplados pela formação oficial. Para Camarate, “*Em fins do seculo dezenove, já não pode haver escolas, de onde saia mestres; mas officinas de debaste, donde saíamos aparelhados methodicamente, para entestar com as maiores transcendencias da sciencia ou da arte. E é esse ‘debaste’ e esse ‘aparelho’ a maior difficuldade que tem diante de si a pedagogia moderna*”.²⁰⁹ Seria mesmo suficiente apenas aparelhar e “debastar” os alunos? Desengrossar, tornar menos basto, aperfeiçoar, polir, dar dos primeiros ensinamentos? O cronista mostrou ter um olhar atento às transformações mais amplas

²⁰⁷ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ O ensino da musica nas escolas normaes. Ano II, n.173, 28 de junho de 189, p.3.

²⁰⁸ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ O ensino da musica nas escolas normaes. Ano II, n.173, 28 de junho de 189, p.3.

²⁰⁹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ O ensino da musica nas escolas normaes. Ano II, n.173, 28 de junho de 189, p.3.

da sociedade impactada por um “tempo das mudanças” aceleradas e profundas e como tais alterações resvalavam em concepções que envolvem a educação e principalmente uma educação voltada às sensibilidades e à percepção estética. A educação das sensibilidades exigiria também um cultivo, um aperfeiçoamento.

3.4. Barulho e intolerância

“Na noite de 14 d’este mez, deu-se, em Bello Horizonte, um facto muito insignificante na apparencia, mas que póde ser origem de outros mais graves, e contra os quaes será difficil redigir, sem o emprego violento da força; emprego muitas vezes legal, logico e inevitavel, mas que representa actos muito avêssos ao character brasileiro e á civilisação do nosso seculo”. Ocorrência: *“Na rua dos Capões, deu-se o obito de uma mulher idosa e do povo e, como parece que é de praxe, reuniram-se, no seu quarto, varios homens e mulheres, para fazerem as honras de camara ardente á defunta, comendo, bebendo e cantando”.*²¹⁰

Incômodo, barulho, intolerância: *“Cada qual deve entender a religião lá a seu modo e o processo de acompanhar o corpo do defunto, na noite do seu passamento, com comes e bebes, se bem que lembre um tanto as honras funebres dos ciganos, estaria comprehendido entre muitos outros, que merecem a mais absoluta e completa tolerancia”.* Essa liberdade de expressão religiosa não deveria, contudo, às vistas do cronista, ser confundida com excessos, com a invasão do espaço público para a manifestação do luto. Os sons, ou barulhos da cantoria invadiam o arraial: *“os cantos, porém, que echoam por portas afóra, já não podem ser classificados entre as liberdades religiosas de qualquer seita, porque constituem um attentado á liberdade dos outros, á que, a horas mortas da noite, tambem têm o incontestavel direito de repousar, na quietação do somno, pelo muito que mourejaram durante o dia”.*²¹¹

Em um arraial, onde quase todos os habitantes são conhecidos entre si, compartilham as mesmas crenças, rituais e hábitos, passar a noite velando a “mulher idosa e do povo” é uma expressão de uma interdependência fortalecida.²¹² Esse ritual

²¹⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVIII. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

²¹¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVIII. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

²¹² Nicolau Sevcenko (1998), ao analisar as mudanças e os impactos da tecnologia nos hábitos e costumes da sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX, observa como esse tempo de mudanças aceleradas favorece o “estiolamento das tradições e o afrouxamento das relações familiares, comunitárias e interpessoais” (p.605). Essas tendências favorecem também o reforço do individualismo,

não gera incômodos, intolerâncias. Porém, o arraial passaria a ser habitado por estrangeiros, estranhos àquela rede constituída. Nesse rearranjo social, novos comportamentos são exigidos, e, nesse bojo, a cisão entre espaço público e privado se consolida. Nada do que está no âmbito particular, como a expressão de uma crença, pode invadir a vida pública. O cronista, estrangeiro e estranho, incomodava-se com essa mescla presente no arraial: a ligação entre a vida pública e a vida privada ainda não havia sido rompida. Talvez nem houvesse essa diferenciação. O espaço da casa era público, assim como a rua permite comportamentos próprios do privado.

Alfredo Camarate, com sua crônica, nesse caso, com um tom jornalístico e pedagógico, queria intervir no espaço que se reordenava. Ele alertava sobre a necessidade de contenção de determinados comportamentos, principalmente daqueles que deveriam se restringir ao espaço privado, do íntimo. Camarate sugeria que, em uma grande cidade, o espaço público é alvo de constante vigilância, seja por uma pressão mútua entre os habitantes, seja devido à presença de uma força externa, legítima, que impede, ou tenta intermediar a relação dos sujeitos, tolhendo liberdades.

O silêncio, apesar de não fazer parte da vida cidadina, composta por ruídos, gritos, palavras e sons diversos, é muitas vezes almejado, tido como valor. O silêncio se torna uma condição, principalmente na noite, momento de descanso daqueles que trabalham ao longo do dia. O barulho pode denunciar a desordem, a falta de regras, os comportamentos pouco civilizados e indesejados. Tanto é que a voz tênue, baixa é associada a uma boa educação, à urbanidade.

Essa condição do silêncio noturno é apresentada com o tom recriminador da crônica que não se baseia no incômodo sentido pelo próprio cronista, mas toma como exemplo o aborrecimento de outro morador assim definido: *“Um visinho da casa mortuaria, moço trabalhador, zeloso cumpridor dos deveres e que tem por norma entrar cêdo na repartição, depois de muito bem banhado, escovado e almoçado, começou, por volta de meia noite, a embirrar com o eterno e atoador cantico de defuntos; levantou-se, vestiu-se e curtindo um frio de lavar couro e cabelo, foi-se pela rua em fora, á cata da auctoridade, representada por um capitão da policia de Sabará*

do isolamento, da configuração de papéis sociais em substituição às relações afetivas e a relevância das mercadorias e objetos nas relações sociais. Queremos com essa interpretação sinalizar *“o modo pelo qual a experiência de viver nas grandes cidades modernas, planejadas em função de novos fluxos energéticos e marcadas pela onipresença das novas técnicas, influencia e altera drasticamente a sensibilidade e os estados de disposição dos seus habitantes”* (p.522). A partir desse interesse, pensamos sobre o processo de urbanização de um arraial e como a introdução da tecnologia pode interferir nas relações estabelecidas, nos modos de vida, no *“estado de espírito”*, mediados por novos meios de comunicação, de transporte e que fazem da modernidade uma *“experiência existencial e íntima”*.

e que, em *Bello Horizonte*, exerce as funções de delegado”.²¹³ É interessante que a qualificação do vizinho da defunta carregue também vestígios de uma qualificação dos moradores do arraial. O moço trabalhador, zeloso e cumpridor de seus deveres não poderia ser incomodado pelos sons provenientes de uma casa onde se reuniam outros habitantes. Alfredo Camarate reclama uma civilidade e um respeito ao outro que escolheu não estar naquele lugar, velando a defunta.

A autoridade foi reclamada para intermediar o incomodado e os incomodantes: “A auctoridade policial attendeu á queixa do moço, com toda a atenção e cortezia foi logo ao local indicado, acompanhando-se de duas praças e, por meios brandos, ordenou que cessasse a cantoria, allegando que as rézas já devam ter feito mais do que o necessario, pela alma da pobre velha, que não constava estar assoberbada pela carga de grandes pecados mortaes ou mesmo veniaes!”. O objetivo da patrulha policial era por fim no barulho incômodo que invadia a janela alheia: “O côro funebre pôz, portanto, ponto final na sua elegia, representada por uma melodia mais ou menos plangente, cantada em intervallos de terceiras, sextas e algumas quintas á mistura; quintas, que arripiariam um severo mestre de contra-ponto, mas que tinham, como attenuante, o facto de não serem commettidas com premeditação”. Cessados os ruídos, tudo voltava à normalidade: “o capitão-delegado foi para sua estação e o moço foi ver se assignava o ponto do somno, a horas de não levar falta e desconto no ordenado”.²¹⁴

O que essa crônica expressa e nos ajuda a perceber é a constituição de padrões de comportamentos considerados legítimos pelo grupo social quando a sociedade se complexifica com o embrenhamento de estrangeiros na rede de relações com a crescente urbanização. Como ressalta Revel (1991), “(...) os procedimentos de controle social tornam-se mais severos, através das formas educativas, da gestão das almas e dos corpos, encerram o indivíduo numa rede de vigilância cada vez mais compacta” (p.170). Dessa coerção sobre o espaço público também se constituem, à margem da vida coletiva, espaços protegidos da vigilância exercida pelo outro, como o doméstico ou o familiar. Esses dois movimentos, apesar de opostos, compõem duas faces inseparáveis do processo de divórcio entre público e privado. Apesar de soar contraditório, o processo de publicização das vidas e o movimento da exposição pública são

²¹³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

²¹⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

acompanhados pela crescente individualização. Contudo, ambos os processos se encontram ou mesmo são forças motrizes para o realce do controle sobre corpos e comportamentos.

No arraial, essa cisão ainda é superficial, e a resistência a tal processo se expressa com a continuidade do ritual fúnebre: *“Mas, um quarto de hora depois, recomeçou o câro de carpideiros, e o moço que já estava dormindo apenas com um dos olhos fechados, como dizem que dormem as lebres, atirou com os lençóis por ares e ventos, enfiou-se de novo na roupa e nas botas e foi elle de novo para a estação, que já lhe ia parecendo uma verdadeira estação de Calvario”*. A força policial foi mais uma vez solicitada: *“O delegado ficou furioso com a reincidencia dos cultores do **de profundis**, chamou uma praça e ordenou-lhe que fosse imediatamente a casa da defunta, para intimar de novo os cantores que se calassem; se não, que os metia na estação ou em cacête!”*.²¹⁵ A força policial, no entanto, não conseguiu tolher a manifestação religiosa, que permaneceu por toda noite ainda mais eloquente, mais sonora. Essa resistência às determinações policiais poderia denotar uma solidariedade e uma coesão entre os habitantes do arraial? E os próprios praças estavam certos da necessidade de coibir a cantoria? Para Alfredo Camarate,

Neste ponto, divergem os auctores.
A praça foi e o câro calou-se...
Mas recomeçou outra vez.
E então é que choveram ave-marias, bemditos, padre-nossos,
ladainhas, orações especiais para allivio e conchêgo das almas dos mortos em
peccado, etc., etc, e tudo por musica; ave-marias, bemditos, padre-nossos,
ladainhas, orações especiais e até os etc., etc.!
Foi um desengaçar de nébias lacrimosas, por sopranos, contraltos,
tenores, barytonos e baixos, que se prolongou até as horas frescas e
orvalhadas da rouxa e tremula aurora!
E a auctoridade?
Dormiu ou cedeu; o que, para o caso vertente, deu como resultante um
exemplo pernicioso, para a futura ordem e disciplina na nova capital.²¹⁶

Alfredo Camarate elaborou uma metáfora para mostrar a necessidade de conter os excessos cometidos pelos habitantes. Ele apontou para uma exigência imposta pela grande cidade e pela convivência entre estranhos. Se no arraial, de poucas ruas, poucos moradores, poucos espaços de convivência, todos eram conhecidos, e a convivência era

²¹⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

²¹⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

facilitada, a chegada de “elementos estranhos” e a multiplicação da população traziam novas exigências. Se a vigília do olho, posta entre aqueles conhecidos, diminuía a possibilidade de excessos e contravenções, agora era necessário outro olhar, externo, estranho, para regular a vida, como observa o viajante: *“Outra cousa supponho desde já necessaria, e essa suposição deriva exclusivamente da minha impressão pessoal: é haver aqui uma força policial, não para manter a ordem na povoação, porque, aqui, a gente é boa, ordeira e cortez para com todos; mas para manter em respeito os que, pela sizania e intriga, com fins inconfessaveis, pretendam inimisar os que estavam com os que chegaram”*.²¹⁷

Para governar a cidade nascente e torná-la habitável, eram necessárias regras; era preciso prescrever comportamentos, mediar relações com o outro e com o espaço da cidade. Era, enfim, necessário pedagogizar a cidade, educar seus cidadãos, ou melhor, o povo, tal como escreveu o cronista: *“Ninguem mais do que respeita o povo, essa volumosa massa, que as liberdades modernas ampliaram por tal modo, que todos atualmente são povo ou pretendem sê-lo e assim se formou, real ou aparentemente, a democracia, que repousa, real ou aparentemente também na igualdade e fraternidade. Mas, eu, apesar de me considerar homem do povo, em toda a acepção da palavra, nem por isso desconheço os pecados e defeitos do povo, que são também defeitos e pecados meus”*.²¹⁸ A metáfora, elaborada pelo cronista, expressava a necessidade dessa educação para o público:

O povo é o barro mais plástico, que tem produzido a terra; é dúctil a todas as exigências da modelação, é obediente a todos os caprichos do escultor; mas, como barro que é, precisa ser desde o começo comprimido na sua estrutura interna; por que balofa que ela fique, todas as demais camadas sobrepostas repousam em falso e a estátua derroca, amais pequena oscilação da temperatura; porque assenta no vácuo ou num espaço que não resiste aos empuxos, que se originam da sua própria plasticidade. Se, ao núcleo de habitantes que vai formar essa futura capital, se applicasse, desde logo a ação prudente e enérgica da autoridade, a futura capital, essa colossal estátua de barro, dúctil, e maleável, porque será feita de elemento mais maleável e dúctil, o homem, ficaria desde princípio, assente em sólido miolo e as deslocções e movimentos das suas futuras camadas externas já não fariam perigar a sua geram solidez; porque tinha, pór esteio resistente, o seu bem conformado e disciplinado centro.²¹⁹

²¹⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VII. Minas Geraes. Ano III, n.91, 5 de abril de 1894, p.2.

²¹⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVIII. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

²¹⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVIII. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

A disciplina, imposta desde o nascedouro da cidade e mesmo no período de sua gestação, seria, para Alfredo Camarate, a receita para uma cidade civilizada, controlada. Contrariando essa concepção, segundo a qual o povo poderia ser moldado, assim como o barro pode ganhar uma forma por meio de um trabalho de uma mão “externa”, o que se viu, no “caso da defunta”, foi o povo assumir a dita “liberdade” e resistir à imposição da força policial e à reprovação de um co-cidadão. Falando disso, Alfredo Camarate expressou sua insatisfação: *“Mas deu-se exatamente o caso oposto; o povo é quem venceu e nestas surtidas contra a disciplina, como em todas as coisas deste mundo, iln’y a que Le premier pás qui coúte o amanhã, a autoridade será novamente desobedecida, depois de amanhã desrespeitada, no dia seguinte vaiada, se não apedrejada!”*.²²⁰ Sobre a cidade ideal, o viajante comentou: *“sempre entendi, como melhores locais para viver ou as cidade mais completas e perfeitamente policiadas, ou então, aquelas em que se encontra o mais pequeno agente armado”*. Saindo desse padrão: *“uma cidade, com polícia sem força ou sem prestígio, é um ninho de desordens e conflitos e na qual apanham, entre as duas partes beligerantes, aqueles que ficam no meio!”*.²²¹

Essa diferenciação entre espaço público e privado na vigília e no disciplinamento do povo por forças “externas” pode ser vista como parte de um processo de constituição de um autocontrole que implica a implantação e a reprodução de normas sociais, a interiorização individual das regras e, finalmente, a mudança de comportamentos. Para Revel, *“A disciplina coletiva torna-se, assim, objeto de uma gestão pessoal e privada”* (1991, p.170). Só há incômodo com o comportamento do outro quando esta cisão entre público e privado se consolida. Incutir uma atitude sociável, tarefa de múltiplas instituições, como a escola, a polícia, o estado e a família, passa por uma dimensão coercitiva, mas que tem, por fim, implantar um trabalho sobre si, em relação ao outro.

3.5. O tempo do arraial: sons do sino da matriz

“A matriz de Bello Horizonte tem um relógio e um relógio que dá horas e todas as pessoas que conhecem a minha ogeriza, com os relógios de torre e seus derivados, já podem ter calculado o que tenho sofrido; tendo, a cavalleiro da minha estafada

²²⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

²²¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n.134, 20 de maio de 1894, p.3.

individualidade, o badalar do sino deste relógio que, nos seus séstros, manhas e manias, anda na mais completa oposição, com tudo quanto ha de logico e de racional".²²² O badalar do sino da matriz organizava o tempo do arraial.²²³ Para o cronista, entretanto, essa forma de controlar o tempo, um tempo do coletivo, pouco se adequava aos espíritos acostumados com a individualidade, com a lógica e a racionalidade. No arraial, além do tempo ser controlado pela vida religiosa, pelo badalar dos sinos que clamavam pelos fiéis na hora da missa, o amanhecer e o anoitecer ditavam seus ritmos, serviam de balizas para suas atividades. Nessa direção, vale destacar que os hábitos matutinos das senhoras do arraial, por exemplo, foram apresentados em crônica: *"A's seis horas da manhã, quando o crepusculo ainda conserva, em entoações violáceas, as cristas das montanhas, já se encontram senhoras passeiando pelas ruas de Bello Horisonte. As manhãs aqui são fresquissimas e a atmosphaera, de excepcional pureza e transparencia, não encobre, como no Rio de Janeiro, pela manhã, o azulado fugitivo dos ultimos planos"*.²²⁴ Esse clima propício e a plena iluminação logo no início do dia, porém, não explicariam ao cronista esta característica matutina do arraial: *"Os encantos do clima, as bellezas da paizagem devem influir um tanto na feição madrugadora das senhoras residentes em Bello Horisonte; mas eu estou disposto a crer antes que o facto das noites monotonas que ellas passam e que as arrasta a deitarem-se pelas nove horas é que é o principal elemento d'estes matutinos pendores para o bucolismo"*.²²⁵ Não seria esse hábito matutino ou madrugador um reflexo de um tempo mais comunitário, de espírito comum, controlado apenas pela mensuração dos sentidos? Ver o dia e a noite, sentir a brisa fresca e o calor...

²²² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXII*. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

²²³ Ver Figura 12. Igreja do Arraial do Curral d'El Rey. Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto. Fundo: Pinacoteca. Título: Igreja do Arraial do Curral Del Rey. Autoria: Honório Esteves. Data: 1894. Notação: MHAB0197 93. *"Dados históricos: Pintura datada de 1894, de autoria de Honório Esteves, nascido em Ouro Preto em 1860 e falecido em Mariana em 1894. a formação profissional do artista deuse, sobretudo, entre 1883 e 1890, quando freqüentou a Imperial Escola de Belas Artes/R.J. Seu valor documental reside no fato de trazer registrada a feição primitiva do ponto mais tradicional do arraial do curral Del Rei: o entorno imediato da matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Erguida no início do século XVIII, a igreja obedecia ao padrão construtivo das primeiras matrizes mineiras, tornando-se logo o mais importante referencial urbano e sócio-cultural da localidade"*. Disponível em: <www.comissãoconstrutora.pbh.gov.br>.

²²⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XI*. Minas Geraes. Ano III, n.103, 18 de abril de 1894, p.1.

²²⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XI*. Minas Geraes. Ano III, n.103, 18 de abril de 1894, p.1.

Alfredo Camarate, acostumado com os grandes centros urbanos, indicou como o tempo passava a ser cada vez mais controlado e individualizado. Cada um, pelo uso do relógio individual, passava a ser o dono do seu próprio tempo. O habitante da cidade moderna pode nem mais perceber que o dia já está no seu fim, já que a iluminação elétrica e artificial substituiu prontamente a iluminação natural, que cessa com a chegada da noite. As atividades comerciais podem continuar acontecendo, e a rua pode continuar como um espaço habitável na claridade da noite. O cronista queria ter seu tempo controlado. Por isso, a indignação com a imprecisão dos relógios da matriz:²²⁶ *“Em primeiro lugar, o relógio da matriz de Bello Horizonte, animado do mais louvável espírito de classe, serve para que toda a população da localidade nunca saiba a que horas anda!”*.²²⁷

Essa imprecisão dos relógios da matriz acontecia com outros sinos que regulavam o tempo de outras cidades onde *“o badalar das três pancadas do meio dia sucede-se, em todas as torres e campanários, pelo espaço de meia hora”*. Alfredo Camarate se lembrava dos badalares da sua cidade natal: *“Vim uma vez, de Belém para Lisboa, que ficam a uma legua bem puchada, ouvindo os toques do meio dia, desde o momento da partida até o momento da chegada. E o facto repetiu-se por tantas vezes, que cheguei a acreditar que o meridiano daquellas duas cidades ribeirinhas do ‘Tejo de crystal’ fazia diferença de meia hora!”* A explicação para a imprecisão do badalar estava ligada à necessidade de uma mão humana para comandar o tempo. Em Lisboa, quem dava as três badaladas do meio dia era o sacristão *“mal pago pela igreja, vê-se na necessidade de accumular dois empregos: o de vendeiro, por exemplo ou, então o de alfaiate ou sapateiro”*.²²⁸ Esse tipo de marcação temporal estava sujeita ao tempo de alguém. Não ao contrário, como acontece com os relógios mecânicos que submetem os homens a um tempo abstrato, invariável. O tempo do sacristão era também o tempo do vendedor que não pode perder o freguês: *“pode exigir se, de um pobre sacristão, que abandone o freguez, a quem vende meio kilo de toucinho ou dois decilitros de cachaça;*

²²⁶ “A palavra inglesa *clock* relaciona-se com a francesa *cloche* e com a alemã *glocke*, todas elas significando sino. Na Idade Média e no Renascimento, a vida das cidades era regida pelos sinos – ‘uma cidade sem sinos’, disse até mesmo Rabelais, inimigo da pontualidade, ‘é como um cego sem bengala’. Mas as horas que eles marcavam, no início do segundo milênio, eram canônicas e imprecisas, e havia pouquíssimas delas por dia, para dar um ritmo razoável aos horários urbanos” (CROSBY, 1999, p.82 e 83).

²²⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXII*. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

²²⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXII*. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

*pode impor-se um mesquinho aquinhado pelas rendas da igreja, que abandone umas tombas bem assentes e cosidas num par de botas, só para ir puchar pela corda do sino, que tem por missão anunciar aos povos que é ou que póde ser meio-dia; porque, no seculo dezenove, já não ha quem acredite piamente, nas horas fantasiosas de campanario nem na palavra de honra nunca cumprida dos alfaiates!”*²²⁹

Se na Europa os campários ainda conservavam a imprecisão, e o tempo estava submetido à vontade de alguém, não seria lícito solicitar uma mensuração rigorosa do tempo no arraial. Alfredo Camarate, então, escrevia: *“É por isso que respeito o sino do relógio de Bello Horizonte: conserva intacta a vetusta tradição de que “os relógios de torre servem exclusivamente para nunca sabermos que horas são!”*. O cronista, apesar de respeitá-lo, tentava encontrar os motivos dessa imprecisão, criando estratégias para controlar os erros da marcação do tempo e criar para si um tempo mais preciso. Detectou que o defeito do sino *“é a de deitar a correr à desfilada, no tempo quente, e de ficar quasi immovel, nos dias frios!”*. Fato detectado, Alfredo Camarate adiantava-se para saber o estado de espírito do sino: *“De madrugada, quando me levanto, tenho por habito consultar um thermometro que possuo dependurado à cabeceira e, tão habituado estou a regular a actividade e a preguiça do relógio da matriz, pela ascensão ou descensão da columna de mercurio do meu thermometro, que instinctivamente, murmuro sempre: “Doze graus! Grande preguiça no relógio da matriz”*. Ou então: *“Olá! Vinte oito graus centigrados! O relógio da igreja, com certeza, já, a estas horas, está no dia de amanhã!”*²³⁰ É singular como o cronista arranjou outra maneira de controlar o tempo, utilizando um aparelho do qual dispõe para mensurar precisamente a temperatura.

O cronista, com ares investigativos, quis saber o motivo de tanta maleabilidade do tempo do sino. Alfredo Camarate soube, assim, que *“O relógio é, de vez em quando, lubrificado com azeite de peixe, de peixe ou de algodão, de algodão ou de qualquer outra procedencia vegetal, mineral ou animal, que pertença ao capitulo dos azeites baratos! Como se limpe raras vezes o relógio, ou como mesmo elle nunca se limpe, as camadas accumuladas de óleo de varias procedencias formam crôstas espessissimas, que se liquidificam com o calor ou, então, que se tornam de uma grossura densa e*

²²⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXII. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

²³⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXII. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

teimosa, quando o frio aperta...”.²³¹ Essa imprecisão da “desconjunctada caranguejolla” também explicava, para o viajante, o motivo dos “*incolas de Bello Horizonte se [levantarem] mais cêdo no verão e mais tarde de inverno*”.²³²

Essas constatações, levadas à prova pela medição da temperatura, não foram suficientes para o cronista-investigador que indicou sua necessidade de perscrutar determinados acontecimentos, comportamentos, manias do arraial: “*O relógio de Bello Horizonte é, portanto, uma das minhas infelicidades e como eu, pelas muitas que tenho tido, já as estude e encare frente a frente, fui saber que o famoso desregulador da igreja matriz de Bello Horizonte havia sido construído por um ferreiro chamado Manoel José das Infelicidades!*”. Os motivos da qualificação do nome pelas “infelicidades” da vida do ferreiro foram contados ao cronista que reteve duas explicações na memória: “*o desastroso parto daquelle relógio, que foi uma espantosa infelicidade e o desgraçado parto de uma filha, chamada Prisca, que nascera cega de um olho: do esquerdo ou do direito, que já me não lembro bem!*”.²³³ O cronista parece ter instigado os interlocutores moradores do arraial para saber mais do ferreiro e acrescentou, às informações algumas, qualificações suas:

E contaram-me que era um ferreiro habilissimo; mas tão infeliz, tão caipóra, tão perseguido pela macaca, que tudo lhe sahia às avessas e, como o feitiço sempre lhe virasse contra o feiteiro, adoptou o nome de Manoel José das Infelicidades; verdadeiro ferreiro de maldição, que, quando tinha ferro, não tinha carvão.

Eu, por colleguismo, perdôo-lhe o mal que me faz, com o irregular andamento do seu relógio; porque, coitadinho! mais caipóra do que elle, só conheço um – eu!²³⁴

Caipora, às avessas, desregulado. Esse aparente tom descritivo e pouco relevante da crônica, carregando um tom pejorativo para explicar os motivos da imprecisão do relógio e do sino da Matriz, pode ser desconstruído se tomamos Alfredo Camarate como um sujeito em constante diálogo com o discurso científico, cuja sensibilidade fora muito educada a partir de elementos, traços, objetos, sentimentos de uma vida urbana que se

²³¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXII. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

²³² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXII. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

²³³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXII. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

²³⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XXII. Minas Geraes. Ano III, n.148, 3 de junho de 1894, p.3.

expandia. A esse *modus vivendi*, acrescentamos, como característica, o controle do tempo, uma dimensão educativa, que passa a ser cada vez mais individualizado, incorporado como principal sensor da vida. A difusão dos relógios de bolso sugere a exatidão calculista da vida moderna e exhibe essa sensibilidade que se organiza. Como observa Simmel, “*a técnica da vida metropolitana é inimaginável sem a mais pontual interação de todas atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal*” (1979, p.15). Por mais que cada gesto, como o de retirar o relógio do bolso, possa parecer superficial, está prenhe de sentido. Todas as exterioridades, das mais banais da vida, estão ligadas a decisões concernentes ao significado e ao estilo de vida. Tal gesto é exemplar de como a “*pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana*” (SIMMEL, 1979, p.15). A contínua mensuração do tempo pode soar como um traço aparentemente insignificante, que se situa sobre a superfície da vida, mas ele indica a constituição de uma sensibilidade cidadina, vinculada aos elementos do capitalismo, à crença no progresso.

3.6. Sons da modernidade: o silvo da locomotiva

Uma cidade em construção: “*Por todas as ruas, travessas e largos, por todas as picadas e veredas, o solo já está crivado de estacas, enterradas com a cabeça á flor da terra e com o seu prégo cravado e a sua testemunha encostada junto aos muros ou á beira de viçosos valados; todas as horas e por todos os montes e valles das circunvisinhanças, os engenheiros, manuseando o nivel, o theodolito ou o transito, conductores e auxiliares, tudo n’uma faina de quem quer chegar depressa, e sempre com a convicção de que não chegarão tão depressa quanto o dr. Aarão Reis desejaria*”.²³⁵ As crônicas de Alfredo Camarate são vias privilegiadas para captarmos a força e a ressonância dos impactos da construção da cidade e da inserção de aparatos tecnológicos na vida dos moradores do arraial. O som da cidade se erguendo impactava os sentidos desses habitantes, novos ruídos eram captados e uma sensibilidade auditiva, própria do cidadão que se acostumava à sobreposição constante de barulhos, ia se constituindo. O silvo da locomotiva era o estalar dessa nova atmosfera auditiva que se constituía.

²³⁵ RIANCHO, Alfredo. Colloborações/Por Montes e Valles XIV. Minas Geraes. Ano III, n.120, 6 de maio de 1894, p.2.

As estações das estradas de ferro parecem um componente fundamental na escrita do cronista, também viajante e arquiteto. A construção da cidade e a incorporação de determinados elementos, como a estrada e a estação de ferro, queriam marcar outro tempo na vida dos habitantes de Belo Horizonte. O progresso aí se explicava com essa mudança de temporalidade. Passar de um tempo para outro. A chegada desse novo tempo era sinalizada por um som que impactava o sentido. Nas palavras do cronista, *“O silvo da locomotiva será o signal de uma vida absolutamente nova para Bello Horisonte e a estrada, que ligar a zona da nova capital com os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brazil, marcará uma éra inteiramente nova para aqui”*.²³⁶

Para Le Goff (1997b), a partir do século XVIII, o conceito de progresso tendeu a generalizar-se, ganhando também os domínios da história, da filosofia e da economia política. Segundo o historiador, *“Ao longo de todo este período o que, com avanços e recuos, favorece o nascimento da idéia de progresso são em primeiro lugar as invenções, a começar pela imprensa, o nascimento da ciência moderna tendo episódios espetaculares o sistema copernicano, a obra de Galileu, o cartesianismo e o sistema de Newton. É também o crescimento da confiança na razão e a idéia de que o mundo físico, moral e social é governados por leis”* (p. 346) .

São singulares as descrições dos projetos e dos planos das estações de estrada de ferro que seriam construídas para a nova capital, como a construção da Estação General Carneiro:²³⁷ *“Questões de interesse particular levaram-me ao local, em que se vai levantar a estação do entroncamento, onde se devem ligar as linhas de trilhos do ramal de Bello Horizonte às da Estrada de Ferro Central do Brasil”*.²³⁸ Tais questões particulares, ou seja, que não tinham apenas o interesse de colher informações e divulgá-las na esfera pública, através de crônicas jornalísticas, são explicadas ao final da crônica. O texto trata da abertura do concurso para a escolha do empreiteiro da construção da estação e a firma vencedora... *“O proponente acceito é a firma commercial Edwards, Soucasaux e Camarate”*.²³⁹

²³⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVI. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.

²³⁷ Ver Figura 13. Projeto da Estação General Carneiro. Instituição de Guarda: Museu Histórico Abílio Barreto. Título: Projeto da Estação General Carneiro. Fundo: Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: CCALB01 030. Local: Arraial de Belo Horizonte. Data: entre: 1894 e 1895.

²³⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXII. Minas Geraes. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.5.

²³⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXII. Minas Geraes. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.6.

A construção das estações de estradas de ferro, além de interferirem na percepção visual do habitante, é indício de como os sons invadiam a vida urbana, desafiando os ouvidos, acostumados com o silêncio e com a tênue sonoridade do arraial. A descrição do local escolhido ganhou o tom e detalhes minuciosos, comuns nas crônicas nas quais Alfredo Camarate escreveu sobre a paisagem:

A estação fica mesmo na fóz do Arrudas, ribeirão manso e modesto, durante os seis mezes de secca; ribeirão largo, espraído, tumultuoso e com arreganhos de rio caudaloso, emquanto duram as épocas chuvosas que, no dizer da gente da terra, duram, muitas vezes, cinco e seis mezes. Como ponto de vista, o logar escolhido é admiravel. Dir-nos-íamos diante desses pittorescos largos em que abunda a Suissa, com mais rutilancias de sol, com mais hyperboles de colorido na vegetação, com mais tons quentes nos terrenos e, por emquanto, com o selecto encanto da solidão, porque não me parece que tres homens, duas mulheres, tres crianças e seis vaccas, possam riscar a fóz do Arrudas do mappa dos ermos conhecidos e desconhecidos deste mundo.²⁴⁰

Três homens, duas mulheres, três crianças e seis vacas compunham a paisagem dessa localidade, caracterizada, pelo cronista, como um “*seleto encanto da solidão.*” Essa paisagem, contudo, foi quebrada por uma imagem cenográfica, rápida, efêmera, movimentada, iluminada. O silvo da locomotiva era o sinal dessa mudança: “*Esta ascética localidade tem, porém, quatro minutos no dia, em que se transforma em paragem movimentada, com assomes de civilização: é quando passa o trem de ferro, de Sabará para Santa Luzia e de Santa Luzia para Sabará; viagem redonda que, por emquanto, tem duas edições, o que produz alternadamente quatro minutos de scenographia animada e movimentada; talvez movimentada demais, por que o trem de ferro descreve a graciosa curva em que desenha por aquelle local, a todo o vapor, transformando, por consequencia, aquella apparição numa apotheose de magica, que passa sempre a fugir pelos olhos dos espectadores, para escamoteação da imperfeição das minucias e economia dos fogos de bengala, que a illuminam e engrandecem!*”²⁴¹ É interessante como essa apreensão pelos olhos e ouvidos do cronista, sobre esse momento singular, contudo, efêmero, repetitivo, e, mesmo assim, quase inapreensível, aproxima-se não de uma paisagem estática de um quadro, mas de uma imagem cinematográfica, em movimento. Mesmo que ainda seja muito precoce falar que Alfredo Camarate tenha experimentado alguma aproximação com o cinema, há uma

²⁴⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXII. Minas Geraes. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.5.

²⁴¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXII. Minas Geraes. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.5.

ambiência na sua narrativa que inaugura uma sensibilidade própria da vida citadina: a velocidade, que entra como principal atriz dessa composição.²⁴² Nada mais se fixava, o olhar não escolhia mais o quanto queria ver. A paisagem lhe escapava ou se transformava em borrão na janela do trem em movimento.²⁴³ O barulho do trem, a sua passagem efêmera são interpretados pelo cronista como o sinal de movimento, da animação, uma “apoteose mágica” e, principalmente, como um prelúdio da chegada da civilização naquela canhestra ou asséptica localidade. Os aparatos modernos, como os trens de ferro, a serviço da velocidade, inundavam os espaços com os ruídos da tecnologia e exigiam outro treinamento dos sentidos. E o cronista reforçou essa metamorfose da localidade: “*As obras da estação do entroncamento a consequente paragem dos trens da Central, o interesse das multidões que exploram as multidões que residem, metamorphosearão, em breve, aquella deliciosa solidão, logar que eu considerava o paramo ideal, para lá ir curtir os meus amúos, desgostos e rabugices*”.²⁴⁴ O que nos vale ressaltar é como essa sucessão vertiginosa de ruídos na cidade passaram a exigir um esforço de adaptação sensorial. Nesse sentido, os olhos e ouvidos se completavam na percepção de múltiplos estímulos que cresciam como e com a cidade.

O cronista, por meio de seus escritos, apresentou, ao público, os responsáveis pela construção da Estação General Carneiro:

Descrevei-os-hei, com a justiça imparcialidade e independencia que sempre me têm assistido, na imprensa jornalística.

O primeiro chama-se Eduardo Edwards. É brasileiro, mas filho de inglez. Corado, calvo (o que é sempre indício de juizo e sensatez), muito delicado e amavel no tracto e negociante de ha muito estabelecido em Bello Horizonte, onde é conhecido, respeitado e estimado.

O segundo chama-se Francisco Soucasaux, vulgarmente o Braguinha. Baixo, com muito cabelo na cabeça e muitissimo nos bigodes. É artista e operario de grande reputação no Rio de Janeiro e construiu, além de diversos

²⁴² É singular problematizar que uma das primeiras exposições de imagens em movimento ocorreu na Europa, em 1895, com o filme *A Chegada do trem na estação de Louis Lumière*. Essa exibição representa um trem em uma ferrovia, que, ganhando velocidade, parecia avançar sobre o espectador. Essa exibição parece ter provocado bastante desconforto entre os espectadores mesmo sendo apresentada em um Congresso das Sociedades Fotográficas Francesas, cujo público principal era pessoas familiarizadas com instrumentos ópticos e com a técnica de captação de imagens (Sevcenko, 1998, p.517).

²⁴³ Sevcenko (1998) discorre sobre algumas mudanças na percepção humana sob o impacto das novas tecnologias, principalmente nas viagens ferroviárias. O autor tomou, como exemplo, alguns escritores do século XIX, como aqueles de Victor Hugo e de artistas, como Van Gogh, que conseguiram expressar nas suas obras como a velocidade ou os “efeitos desfigurativos produzidos pela aceleração da locomotiva” (p.516) alteraram a percepção da paisagem, agora composta por manchas, por traços, por esboços.

²⁴⁴ RIANCHO, Alfredo. Collocações/Por Montes e Valles XXXII. Minas Geraes. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.5.

predios a grande fabrica de moveis Moreira Santos, um dos maiores edificios do Rio de Janeiro, dentro do qual elle montou tambem todos os innumerados e complicados machinismos da tal fabrica; os quaes no primeiro dia em que foram tocados pelo poderosissimo motor a vapor que lhes dá movimento, trabalharam todos sem a menor hesitação duvida ou soluço. É um homem pratico as direitas.

O terceiro dá pelo nome de Alfredo Camarate, foi educado na Inglaterra, mas detesta as bebidas alcoolicas. É baixo e calvo (os calvos estão em maioria nesta razão social). É architecto e com pergaminho; mas, sobre a sua competencia architectonica, esquivo-me a dizer palavra, porque Alfredo Camarate é meu mais intimo e fiel amigo, para quem não tenho segredos, nem arrufos, ganhando e gastando ambos, como se a bolsa fosse comum...

Nestas circunstancias, o meu juizo sobre elle seria fatalmente dado como suspeito!²⁴⁵

Alfredo Camarate e seus sócios seriam, então, os responsáveis por potencializar essa imagem cenográfica, ampliar o número de exhibições diárias da passagem do trem e, principalmente, integrar um cenário próprio de uma estação de ferro que simbolizava a chegada da civilização na cidade. Vale dizer que a descrição desses personagens da construção parecem justificar para o leitor a escolha certa da empreiteira. O primeiro, comerciante e morador de Belo Horizonte; Soucasseau, artista e operário, construtor de edificios importantes na capital federal e responsável por mecanizar e modernizar a fábrica com motor a vapor; Alfredo Camarate, educado na Inglaterra, país identificado à modernização e industrialização, era arquiteto. Tais características eram compatíveis e mesmo potencializavam a construção arquitetônica que mais expressa a inauguração de um novo tempo, fundado na racionalidade, na previsibilidade e no cálculo. A estação de estrada de ferro era estandarte da vida urbana.²⁴⁶

A descrição da construção da principal estação da estrada de ferro, instalada na futura capital, é ainda mais singular para o trato dos sentidos. A arquitetura se constituía como uma das principais formas de educação das sensibilidades modernas, já que, por um lado, emprega a técnica e a tecnologia, e, por outro, está também a serviço da estética. Para Giovanaz, *“A arquitetura como uma forma de intervenção na cidade, nos demonstra formas de sentir, de pensar e de transformar a cidade, para os historiadores, seus relatos representam uma fonte possível de reconstrução não somente da cidade concreta, mas também da cidade sonhada e pensada através do tempo”* (2000, p. 39).

²⁴⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXII. Minas Geraes. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.6.

²⁴⁶ Ver figura 14. Instituição de Guarda: Arquivo Público Mineiro. Título: Estação de General Carneiro. Fundo: Secretaria da Agricultura - Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: SA2 004 001. Autoria: Raimundo Alves Pinto. Local: Belo Horizonte. Data: Entre: 7 AGO 1894 e 11 NOV 1896. Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

A visualidade provoca os sentidos, faz com que os sujeitos apreendam a técnica através da estética. Ainda que não compreendam a técnica, a expressão estética educa os habitantes citadinos. Dessa forma, podemos dizer que, na arquitetura, tanto a técnica está a serviço da estética, quanto é verdadeiro o inverso dessa afirmativa. Alfredo Camarate encontrava-se na articulação dessas duas expressões. Ele era um arquiteto conectado às transformações técnicas e tecnológicas do mundo e um arquiteto voltado para as expressões artísticas. Desse lugar que ocupava, pretendia traduzir para o leitor de suas crônicas e para os moradores do arraial a experiência da modernidade, tendo como principal mote a expressão arquitetônica pensada para essa época.

A beleza, as formas, a estética das construções também são importantes aos olhos do artista: “*Vi, sem cometer indiscreção de reporter, o plano da estação da estrada de ferro e que me pareceu edificio de grande gosto architectonico e, em todo o caso, muito superior, em beleza, às estações que possuem as nossas estradas de ferro*”.²⁴⁷ Na construção da nova capital, uma das principais preocupações seria justamente o plano e a construção da estação da estrada de ferro, porta de entrada – e saída – da cidade e que simboliza sua entrada na modernidade.

A cidade também se apresentava ao viajante como texto a ser lido, interpretado. Sua estrutura física era comparada aos efeitos e às estratégias de discursos empregados na construção de um texto literário. A construção da cidade e a escrita de um texto possuem uma mesma função, qual seja: a de impactar seus habitantes e leitores. Para tanto, são empregadas, para tal efeito, diferentes estratégias:

Dizem alguns, que se deve reservar, para o fim, os grandes efeitos e estes entendem que, no discurso, no livro, no drama, o epílogo deve ser a apoteóse que tem de coroar toda a obra oratoria, romantica ou dramatica; essa famosa chave de ouro que, na opinião delles, resgata todas as faltas e fraquesas do principio e do meio e que se esteia, no velho adagio francez: *tout est bien, qui finit bien*.

Sustentam outros e com argumentos não menos convincentes, que todo o effeito esthetico de qualquer producção litteraria ou de arte depende da primeira impressão, que a obra litteraria ou artistica exerce sobre o leitor ou sobre o espectador e fundamentam elles esta opinião, em que o espirito dos homens se leva, por todos os atalhos agrestes e fatigantes, por todos os meandros tortuosos e cobertos de silvas, contanto que os primeiros passos da jornada se effetuem, por caminho plano, direito, agradável e assombreado.²⁴⁸

²⁴⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVI. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.

²⁴⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XX. Minas Geraes. Ano III, n.141, 27 de maio de 1894, p.5.

Os efeitos na linguagem, que visam tanto prender a atenção do leitor, quanto dar visibilidade às boas qualidades do autor, também devem servir como estratégia para aqueles que devem construir um texto cidadão. Camarate indicou sua preferência na escrita das suas crônicas e apontou também como a cidade deveria ser construída para que seus efeitos fossem valorizados por aqueles que a habitavam e que a visitavam. Em outras palavras, Alfredo Camarate dava um conselho de “bom” escritor para o construtor da cidade:

Eu, por minha parte não digo positivamente nem que sim nem que não; porque, por ambos os principios tenho deixado empolgar o meu interesse e a minha atenção; mas, em todo o caso, se bem que vá de encontro a todos os principios da logica, opto pela doutrina de conquistar as sympathias e benevolencia dos que me lêem ou dos que me ouvem logo nas primeiras palavras ditas ou escriptas; porque, para o recheio central ou final, nunca me faltam artes e manhas, para navegar corajosa e desafrontadamente num mar, que eu já sei de ante-mão que está livre de tufões e de procellas.²⁴⁹

Posicionando a favor dos grandes efeitos na literatura e na cidade, logo na primeira olhada, Camarate apontou o que deveria ser melhor trabalhado na construção da *urbs*. Logo que chegar à cidade, o viajante e o próprio morador devem saber ou lembrar – no caso do morador – o lugar onde estão. A percepção do olhar informa sobre esse espaço, ou melhor, sobre a sua representação, sua concepção, seus princípios norteadores. O que colocar à primeira vista daqueles que chegam à cidade? Que construção escolher para dar significado a esta cidade? Simbolizá-la. Qual é a sua porta de entrada?

Alfredo Camarate não sabia se o engenheiro responsável por escrever o texto da cidade estava observando esse princípio de causar efeito e impactar as vistas logo na chegada à cidade. Contudo, Camarate observou que, mesmo sem essa intenção, a recepção na cidade pelo prédio da estação ferroviária²⁵⁰ causaria muitas impressões: “*o que posso afiançar é que os **touristes** que visitarem o ex-Bello Horizonte transformado na garbosa “Minas” embatucarão imediatamente, diante da estação da estrada de ferro, erguida na nova Capital!*”²⁵¹

²⁴⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XX*. Minas Geraes. Ano III, n.141, 27 de maio de 1894, p.5.

²⁵⁰ Ver figura 15. Estação Ferroviária. Instituição de Guarda: Museu Histórico Abílio Barreto. Título: Estação Ferroviária. Fundo: Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: Ccalb01 057 Local: Arraial de Belo Horizonte. Data: entre 1894 e 1895. Disponível em: <www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>.

²⁵¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XX*. Minas Geraes. Ano III, n.141, 27 de maio de 1894, p.5.

Quais os motivos que levariam os estrangeiros embatucarem diante da construção, do edifício da estação? É a suntuosidade arquitetônica do edifício que deve produzir essa deslumbrante impressão? Essa pré-construção imagética da estação é traduzida na narrativa:

É a grandeza da construção?

É a prolixidade da ornamentação?

É o estylo exotico e torturado dos lineamentos principaes do edificio?

Não é nada disso que deve ostentar a futura *gare* da Capital de “Minas”.

O que este edificio tem de mais caracteristico é a sua feição eminentemente pratica, emoldurada numa architectura simples e relativamente economica e que, no meio da sua economia e simplicidade, apresenta grande elegancia no agrupamento de linhas, grande clareza no aspecto exterior e que faz saltar aos olhos o fim a que é destinado o edificio e sobretudo uma grande commodidade; destas commodidades que se não arreiam com ostentações de requintado conforto e que se traduzem – por tudo quanto é necessario e nada mais do que o strictamente necessario!

Na fachada principal, nota-se, logo à primeira inspecção, esse ecletismo architectonico moderno, que é a feição quasi geral dos edificios construidos na segunda metade deste seculo. O pavimento terreo (se assim se póde chamar) tem grande harmonia de linhas, graciosamente interrompida por duas rampas com balaustres e que corta artisticamente essa tal ou qual superabundancia de parallelas, que ostentam todos os estylos de architectura.

Estas duas rampas dão serviço aos peões, que têm, além disso, como entradas e vomitorios, duas portas lateraes; ao passo que os ricos ou os commodistas têm acesso directo pela porta principal, onde os carros entram e rodam com o maior desafogo.²⁵²

A descrição que leva ao leitor a construir imageticamente a estação expressa essa fusão entre técnica e estética, possibilitada pela arquitetura. A feição prática e econômica do edifício está aliada à elegância do agrupamento de linhas, ao ecletismo moderno, à harmonia das linhas. Além disso, a construção é pedagógica, fazendo saltar “aos olhos o fim a que é destinado o edifício”. O que se quer revelar, “o fim que se destina” seria também uma forma de revelar a cidade. A arquitetura expressa a técnica, a velocidade, a ciência. Também expressa a estetização desse espaço, o controle das formas. O cronista, como catalizador de sentimentos, mostra como essa união impacta os sentidos: “*Poderia apresentar ainda muitas informações sobre as dimensões, sobre detalhes na decoração e ornamentação do edificio que se vae construir em Bello Horizonte, mas eu tenho, por séstro velho, escrever segundo as impressões do momento e se, nas descrições, a analyse perde com isso, ganha a verdade do que descrevo e que*

²⁵² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XX. Minas Geraes. Ano III, n.141, 27 de maio de 1894, p.5.

faço sempre, respeitando a sinceridade da comomoção esthetica e a probidade na sua manifestação".²⁵³

Construir uma cidade moderna passaria pela certeza apoiada na razão. Há um saber técnico que guiava a construção da cidade, respeitando cálculos, medidas e padrões que permitiriam a construção de uma cidade racionalizada, ou seja, que não autorizaria o aleatório, o não-planejado. Essa construção, guiada por “espíritos” educados ao “rigor”, também deveria imprimir, nos corpos e nas sensibilidades dos seus habitantes, as suas mesmas características. A modernidade, para além dos aspectos físicos da cidade, também se afirmaria na vida cotidiana, nas mentalidades. A urbanização desse arraial e a introdução de múltiplos aparatos expressivos desse tempo que se inaugurava podem nos indicar, de acordo com Sevckenko (2001, p.13), “*o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas*”. O desenvolvimento tecnológico que assegura o domínio da natureza, as fontes de energia cada vez mais potentes, os novos meios de transporte e comunicação têm impacto fulcral nas formas de percepção humana, nos limites de tolerância, na constituição de uma sensibilidade urbana.

Podemos indiciar o desconforto dos moradores do arraial com essa abundância de ruídos simultâneos que passaram a envolver esse espaço. Esse possível incômodo sugere uma sensibilidade em formação, ainda desacostumada com a simultaneidade dos estímulos sonoros e ainda pouco treinada a reagir, a sentir pouco, a tornar um barulho ensurdecedor, do trem cortando a cidade, em algo quase inaudível, ou imperceptível aos ouvidos citadinos.

Além disso, o crescente número de pessoas, principalmente estrangeiros, circulando nas ruas do arraial, oferecia aos ouvidos uma nova polifonia de palavras, muitas vezes carregadas por sotaques e nomes estrangeiros. Esse estranhamento foi sentido por D. Joana Jardim, senhora responsável pela agência postal de Belo Horizonte. “*Imaginem um quartosinho, com dois metros de largura e com cinco ou seis de comprimento, ocupados por um leito antigo, sem colxões e com as tabuas a descoberto, por uma mezasinha de pau e uma area de pinho e aqui está o que é a agencia postal de Bello Horizonte*”.²⁵⁴ Nessa agência de correio/casa de uma moradora, a entrada era livre, pertencia aos moradores do arraial, como observou Alfredo

²⁵³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XX. Minas Geraes. Ano III, n.141, 27 de maio de 1894, p.5.

²⁵⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XLI. Minas Geraes. Ano III, n.259, 26 de setembro de 1894, p.4.

Camarate, “*Não ha uma grade uma sombra de teia com balaustrada, que separe o publico, da senhora que exerce as funções de agente do correio. Tudo alli entra, à vontade e sem cerimonia, revolvendo maços de cartas, escolhendo os jornaes que lhes pertencem ou dizem pertencer levando cartas para si, para parentes, para amigos, para conhecidos, para visinhos e, de toda esta embrulhada, resulta em phenomeno muito curioso é que, em Bello Horizonte, ha muito mais pessoas que carreguem cartas, do que pessoas que as recebam*”.²⁵⁵ Retirar uma carta que pertencia a um familiar ou vizinho parecia fazer parte do cotidiano dos arraialenses, já que, em um ambiente de conhecidos, o conteúdo das cartas também não deveria ser algo tão pessoal, restrito ou privado. Ao estrangeiro Camarate, incomodava mais essa “confusão” entre os espaços do público e do privado no arraial. A correspondência “aberta” poderia trazer-lhe o constrangimento de tornar conhecido, público alguma informação que cabia apenas ao âmbito pessoal, do privado. Essa atividade doméstica da agência postal começou a se alterar com a chegada de estrangeiros, que precisavam se comunicar por cartas com aqueles que haviam deixado além das fronteiras do arraial. Essa alteração e o trabalho da senhora foram descritos por Alfredo Camarate:

A agencia do correio em Bello Horizonte está confiada a uma senhora viuva, carregada de filhos, um exemplo de modestia e de delicadesa e que não obstante o consideravel augmento no movimento postal d’esta localidade, desempenhou e desempenha ainda, a contento, geral, a espinhosa missão de receber e distribuir milhares de cartas, para uma população nova, desconhecida para ella e que, na maior parte dos casos, dá por nomes muito arrevezados; ora com uma chusma de *i i* e de consoantes de ostentação, como usam os italianos; ora com uma floresta de troncos para cima e para baixo, parecendo um escaler que rema ávante por bombordo e cia a ré por estibordo, como nas palavras da lingua allemã e, depois ainda, a ortographia descabellada do povo dos campos de Portugal e do Brazil; a fantazia calligraphica dos semi-analphabetos; os zig-zags das mãos tremulas ou das mãos inexperientes e não é necessario dizer mais, para fazerem ideia dos martyrios, que deve ter soffrido esta digna senhora, que vivera, durante annos, na doce e quieta existencia das humildes tapéras dos logarejos do interior de Minas e que, como agente do correio em Bello Horizonte, expedia, um dia sim outro não, quatro ou cinco cartas, que o rossinante postal, impando de contente pela levesa da carga, levada para Sabará; se é que o rossinante não era um homem: que, a passo de tartaruga, percorria tres leguas, satisfazendo cabalmente as exigencias do povo da localidade que, em materia de correspondencia, devia ser, como em tudo o mais de uma paciencia ultra-jobiana.²⁵⁶

²⁵⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/ Por Montes e Valles XLI*. Minas Geraes. Ano III, n.259, 26 de setembro de 1894, p.4.

²⁵⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/ Por Montes e Valles XLI*. Minas Geraes. Ano III, n.259, 26 de setembro de 1894, p.4.

Além de padrões arquitetônicos, maneiras de vestir e comer, objetos e aparatos tecnológicos, a invasão de estrangeirismos implicava numa nova capacidade sensorial, auditiva, no arraial, carregada com palavras inglesas, francesas, alemãs, italianas, com outras grafias, com mais consoantes, enfim, exigindo dos ouvidos um exercício de (re)conhecimento de sons e palavras, que saíam da boca dos estrangeiros. Walter Benjamin (1989) nos ajuda a pensar sobre essa mudança na percepção sonora em uma vida cidadina: *“As pessoas tinham de se acostumar a uma circunstancia nova e bastante estranha, característica da cidade grande. Simmel fixou essa questão acertadamente: ‘Quem vê sem ouvir fica muito mais inquieto do que quem ouve sem ver. Eis algo característico da sociologia da cidade grande. As relações recíprocas dos seres humanos nas cidades se distinguem por uma notória predominância da atividade visual sobre a auditiva. Suas causas principais são os meios públicos de transporte. Antes do desenvolvimento dos ônibus, dos trens, dos bondes no século XIX, as pessoas não conheciam a situação de terem de se olhar reciprocamente por minutos, ou mesmo por horas a fio, sem dirigir a palavra umas às outras’”* (p.36). O predomínio do olhar, o barulho da cidade, a relação com tempo, a convivência entre estranhos coibiriam a comunicação, a fala, o dirigir-se ao outro? Estaria aí um sintoma da morte da narrativa e também da experiência, já que a experiência não encontra mais ouvidos atentos para a escuta? O habitante citadino pode emudecer-se, silenciar-se diante dos ruídos da modernidade.

IMAGENS PARA PROVAR



FIGURA 16: Residência de uma Papuda, Arraial de Belo Horizonte. A autoria: Raimundo Alves Pinto, entre 1894 e 1896



FIGURA 17: Largo do Rosário, Arraial de Belo Horizonte. Autoria: João Salles, 1895.

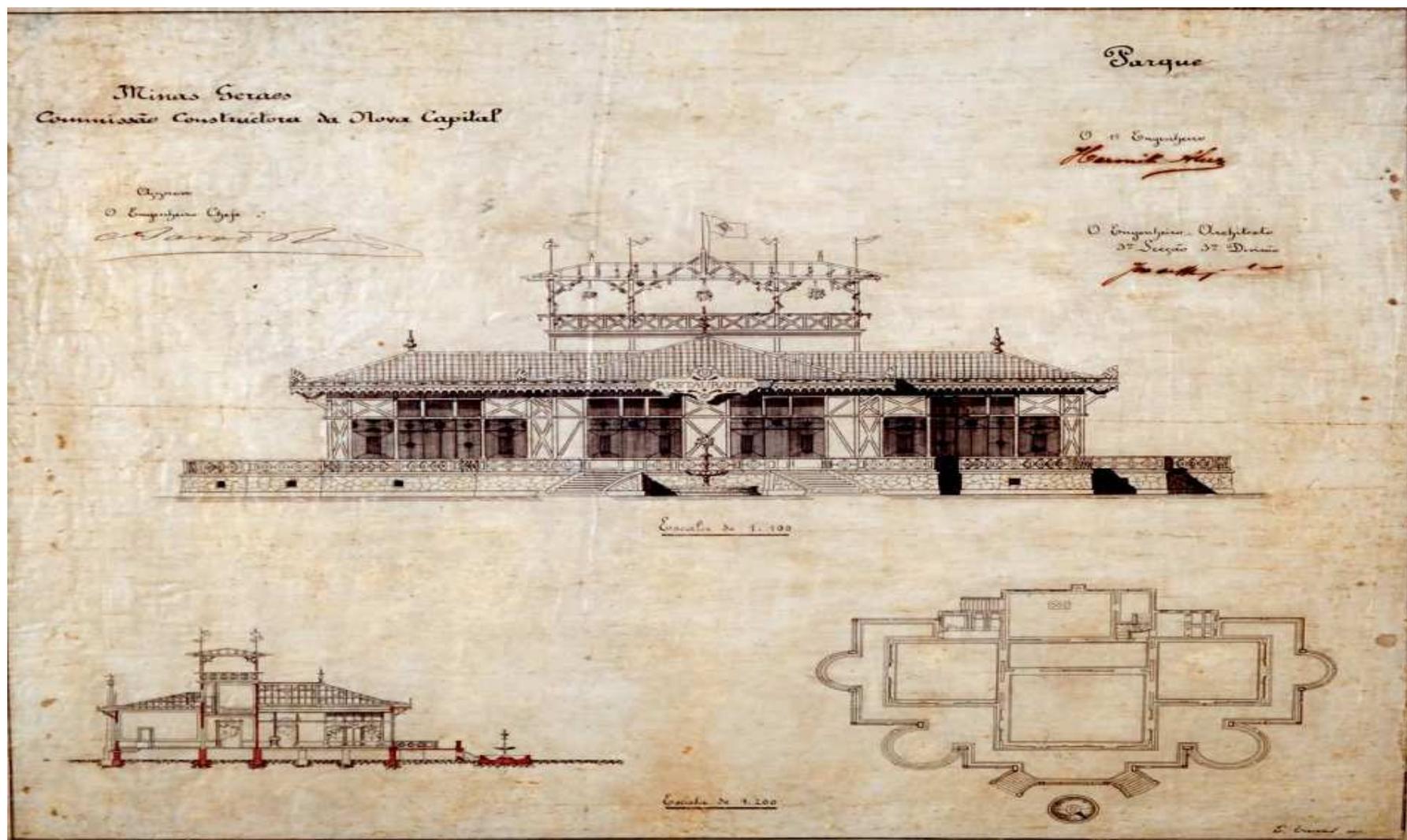


FIGURA18: Parque-Restaurante, Projeto Arquitetônico (sd).

4. Tantos Provares

Orifício. Boca. Língua. Sensação. Sabor, gosto. Encontro de sentidos: olfato, tato, olhar. Escolhas, cardápio, *menu*. O que se come? Como se come? Com quem se come? Julgamento, teste. Estranhamento. Tolerância. Resistência. Delícias. Estar à mesa: aparatos, utensílios. Preparo: cozinha, higiene. Comportamento: comensais, costumes, tempos, espaços. Alimentar o corpo. Alimentar o sentido. Necessidades do físico, gozo dos sentidos. Expressões no corpo: magreza, saúde, beleza, feiúra.

4.1. O “typo geral do povo” e o que se come no arraial

*“O typo geral deste povo é doentio. Magros, amarelos, pouco desempenados na maioria; havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e rachíticos”.*²⁵⁷

Em uma de suas crônicas, Alfredo Camarate, colocando-se na posição de um “outro”, estranho e estrangeiro, ocupou-se de anunciar as características físicas dos habitantes do *Bello Horizonte*, deixando claro, porém, sua “ignorância” e sua crítica em assuntos de medicina. *“Por isso, se me vou ocupar da aparente saúde dos habitantes de Bello Horizonte, não vão em mim descocadas pretensões de decisões competentes; mas simplesmente o desejo de dizer, a meu costumado modo, a ideia que faço deste bom povo, pela impressão que me apresenta o seu aspecto, que eu tenho estudado attentas e repetidas vezes, nestes dias de festividades que aqui produzem raras e numerosas reuniões, dos habitantes do logar e cercanias”.*²⁵⁸ Essa crônica deixa revelar um dos maiores interesses do cronista: os sujeitos. Esta “missão” de caracterizar um povo, um grupo, pessoas, parece ter sido, para Camarate, uma atividade cara, que lhe despertou interesses. Apesar de não possuir “pretensões de decisões competentes”, o viajante parece estar acostumado com a observação, que, para essa crônica, ganha um tom de “estudo” e revela tanto uma preocupação em demonstrar sua experiência como um investigador do “outro”, quanto sugere uma pretensão científica. É também singular que Alfredo Camarate tenha dito observar, nesse estudo, o povo, as figuras em conjunto, na multidão, reunidos nos dias de festividade. Talvez esse olhar sobre o coletivo reafirme ainda

²⁵⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.1. Ver figura 16. Instituição de Guarda: Arquivo Público Mineiro. Título: Residência de uma Papuda. Fundo: Secretaria da Agricultura - Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: Sa2 004 007. Autoria: Raimundo Alves Pinto. Local: Belo Horizonte. Data: entre 7 ago 1894 e 11 nov 1896. Disponível em: www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br.

²⁵⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.1.

mais o caráter científico da sua observação, encontrando mais o geral que o singular, mais as regras que exceções.

Estudar a aparência, a partir desse olhar atento, colher indícios de como é a vida, oferecer um diagnóstico. Inicialmente, faz-se uma anamnese e logo se define um padrão para os habitantes. Para o olhar do cronista, o corpo expressava um problema, indicava ausências. Era preciso saber de onde vinham as causas dessa aparência doentia do povo. *“Ora, esta physionomia quasi geral da população de Bello Horizonte desharmoniza completamente com a amenidade do clima, com o ar secco e batido quasi constantemente pela brisa, com a natureza do sólo que é magnífica e com a bôa saúde e pantagruelico appetite que têm os que para aqui têm vindo e que, em mais de um mez de residencia, já iriam percebendo symptomas e prenuncios de mal-estar futuro”*.²⁵⁹ Se não está no clima ou na qualidade do solo, a causa de um corpo amarelado estaria em outro lugar. Alfredo Camarate procurou diagnosticar, então, essa aparência do povo, lançando seu olhar sobre um hábito, sobre os costumes, no dia-a-dia.²⁶⁰

Esse sujeito que se colocou na função de analisar e “estudar” o outro assim se justificou: *“Mas o mesmo estudo profano mas sincero que tenho feito nas physionomias, applico-o, com igual bôa vontade, à mesa, apreciando, com os cuidados de estatística, o que cada um come e quando come!”*.²⁶¹ Estudar a “mesa” dos habitantes não está na mesma linha da observação das fisionomias. É preciso uma aproximação, mobilizar outro sentido. O distanciamento de estudar o outro, pelo olhar, foi trocado por levar até a boca, provar, degustar o que o outro comia. *“O paladar é sentido íntimo; não podemos sentir gosto à distância. E o gosto que sentimos das coisas, assim como a composição exata de nossa saliva, pode ser tão individual quanto nossas impressões digitais”*(ACKERMAN, 1992, p. 162).²⁶² Apesar da característica muito particular da sensação do paladar, o cronista-estudioso afirma que iria recorrer aos métodos e à exatidão da estatística. Talvez essa fosse uma maneira de se

²⁵⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.1.

²⁶⁰ Renée Valeri (1989a) observa como o estado físico manifesta as consequências de diversas carências, principalmente em regimes limitados e monótonos. Mesmo que esses diagnósticos sobre a ausência ou carência não possam ser analisados apenas em uma perspectiva objetiva, porque se encontram entremeadas por questões culturais, é interessante como se construiu esse “método” de observação do outro, bem como o diagnóstico e o julgamento de determinada carência alimentar.

²⁶¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁶² A autora explica que paladar e gosto carregam um sentido duplo. Segundo Ackerman, *“a palavra vem do inglês médio, tasten, que significa examinar pelo toque, teste ou prova, e tem suas origens latinas em taxare, tocar com força. Portanto, paladar é sempre julgamento ou teste”* (1992, p. 163).

proteger diante dos leitores, tornando a análise dos habitantes e da mesa menos pessoal, com ares científicos.

Sua análise estatística recaiu sobre o que lhe foi servido. Em seus escritos, logo trouxe uma certeza: “*a julgar pela alimentação que nos propinam no hotel e pela de algumas casas que tenho visitado, o povo de Bello Horizonte, num clima depauperante e abafadiço como o do Rio de Janeiro, não seria magro, nem amarello, nem franzino; seria apenas uma multidão de cadáveres!*”.²⁶³ Seria interessante saber se o cronista se alimentava na casa de algum morador do arraial. A observação da mesa nas casas que vinha visitando não indica, necessariamente, que ele tenha se alimentado, nem se as próprias visitas foram tão numerosas de modo que lhe autorizassem a dizer sobre um costume, para ele, tão regular, idêntico. As estatísticas estariam, talvez, mais concentradas no que era servido em um lugar destinado a abrigar e a servir o “outro”, geralmente estrangeiro. Aí não comportaria uma diferença? “*O proprietario do hotel, homem sincero e honrado, e que procura por todos meios possiveis e imaginaveis estar à altura das exigencias e niquices*”²⁶⁴ dos *senhores fidalgos* que lhe chegaram da capital, dá-nos, como já disse noutro artigo, invariavelmente ao almoço e ao jantar: feijão, arroz, carne de vento e café!”.²⁶⁵ Essa alimentação que “*faria fugir a sete leguas um europeu ou mesmo um fluminense*” representava para esse povo um festim comparado “*às bôdas de Camacho!*”.²⁶⁶ Nesse escrito, o viajante sugere como a alimentação do arraial era diferente de um “padrão civilizado”, estabelecido já na Europa e muito incorporado pelos fluminenses. Nesses dois espaços, existia e exigia-se uma educação do sentido, uma sensibilidade que toleraria a variedade dos gostos. Para o viajante, aí seria possível o prazer do paladar. Em Belo Horizonte, o sentido não era “instigado”. A homogeneidade dos alimentos embotaria o sentido. O benefício da alimentação era físico, nutritivo apenas. E talvez, para o cronista, nem isso, já que a aparência dos habitantes era doentia.

O viajante, que em muitas crônicas se colocou como pertencente ao meio, em assuntos da alimentação, da mesa e do paladar, fez questão de definir o “eu/nós” e o “outro” do arraial. Alfredo Camarate estabeleceu e esclareceu as diferenças: “*Ninguém aqui tem semelhante*

²⁶³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁶⁴ Para estudar as crônicas, foi necessário um investimento no significado de algumas palavras desconhecidas por mim. *Niquices* está definida no dicionário assim: “Que se preocupa com as nicas, bagatelas, impertinente, rabugento”.

²⁶⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁶⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles VII*. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

ostentação de menu; ninguém aqui se sente, como nós, assoberbado pela prodigalidade e variedade de tais manjares, ninguém de Bello Horizonte, mesmo que seja remediado ou rico, mesmo que festeje baptisado ou casamento, se mette em funduras alimentares d'este jaez; funduras que seriam consideradas regalias e acepipes de nababo ou de príncipe russo!".²⁶⁷

Para ajudar-lhe a diagnosticar com mais precisão a saúde da localidade, Alfredo Camarate recorreu à "higiene da alimentação", "*sciencia tão querida e explorada dos franceses*".²⁶⁸ "*Sem medo de engano ou do cochillo científico*",²⁶⁹ afirma que um regime permanente de feijão e arroz e raras surtidas de carne-de-vento, não podia levar ninguém a "*ostentar faces rubicundas e bochechudas de camponez minhôto, que recheia e alaga o estomago com carne, fructas e generoso vinho; nem tão pouco exhibir têt, com louçanias de moringa da Bahia, como apresentam os súditos de S. Majestade a Imperatriz do Reino Unido e Índias; que se atascam, de manha à noite, em monolithos de roast-beef, em saladas e conservas de toda a especie e tudo mergulhado na nutritiva e córante pale-ale ou em ingestões frequentes de Sherry ou do Porto, na phrase delles, e que corroboram e fortificam*".²⁷⁰ Essa descrição acaba por denunciar uma alimentação por ele considerada "correta", em moldes estrangeiros, que passa pelo nutritivo e também pelo gozo do paladar. Camarate apresenta, dessa forma, um rico e saboroso cardápio aos paladares belohorizontinos. Instiga e faz brotar água na boca.

Alfredo Camarate concluiu que a palidez e a magreza dos filhos dessa terra eram uma enfermidade, portanto, fácil de ser tratada. Essa cura nem mesmo necessitaria de "*aconselhamentos paternos*", para que os filhos se alimentassem devidamente. Para Camarate, "*(...) o exemplo, dado na maneira de viver dos outros, será o sufficiente para acabar, pela raiz, com este enfezamento artificial; como o exemplo do viver dos ingleses, franceses e allemães, transformou completamente a mesa dos habitantes do Rio de Janeiro, que, observados por mim durante o espaço de vinte e tantos annos, provam que lhes foi facil e agradável trocar pelas honestas entoações do vermelho, a cara de desmamar crianças que*

²⁶⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VII. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁶⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VII. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁶⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VII. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁷⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles VII. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

possuiam outr'ora!”.²⁷¹ Apesar de não precisar “aconselhar”, o viajante colocou-se como o responsável por dar os exemplos.²⁷²

Só pode oferecer um padrão ou modelo aquele que o conhece, pratica ou exercita. Na escrita de Alfredo Camarate, há uma sutil sugestão de que seria ele o responsável por essa transformação do paladar e na mesa dos fluminenses. A sua crônica, a sua escrita carrega um tom pedagógico: busca compreender, analisar, observar e ensinar por exemplos. O exemplo não seria um aconselhamento? A transformação – que muitas vezes é considerada penosa, difícil –, nesse caso, torna-se prazerosa, “fácil” e “agradável”. Quem não gostaria de se deliciar com os sabores de uma farta e diversificada mesa?²⁷³ O cronista parece mostrar que não seria necessário – e talvez isso seria impossível – impor um outro/novo hábito alimentar aos habitantes do arraial. Os habitantes, com a convivência com o estrangeiro, sujeitos portadores de outros valores, hábitos, sensibilidades, acostuariam o paladar a determinados alimentos e sabores.

4.2. O “Abecedário Caseiro”: passo a passo da ciência culinária

Apesar dessa aparente despreensão nos aconselhamentos em assuntos alimentares, é instigante pensar que Alfredo Camarate assinou uma série de crônicas intituladas *Abecedário*

²⁷¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles VII. Minas Geraes. Ano III, nº 91, 5 de abril de 1894, p.2.

²⁷² Observamos como o discurso do cronista está impregnado por uma concepção de um padrão civilizado, tomando a Europa como modelo, como a irradiadora de costumes e hábitos, sobretudo daqueles ligados à alimentação e à cozinha, já que era nesse espaço/tempo que regras, condutas e gestos ganhavam visibilidade, eram exercitados na presença do outro. A formação de um padrão no ritual diário que envolve a alimentação foi sendo delineado ao fim do século XVIII pela aristocracia francesa. Esse padrão foi se imiscuindo no cotidiano da sociedade e, pouco a pouco, mesmo que sofresse pequenas alterações, foi naturalizado por uma sociedade que se reconhece como civilizada. Para Elias (1994), a investigação dos modos à mesa, da gestualidade que a envolve, da maneira de utilizar cada utensílio, tomada em uma temporalidade alargada permite perceber como “*novos imperativos são acrescentados, relaxam-se outros antigos, emerge uma riqueza de variações nacionais e sociais, e se constata a infiltração na classe média, na classe operária e no campesinato no ritual uniforme da civilização. A regulação dos impulsos que sua aquisição requer varia muito de força. Mas a base essencial do que é obrigatório e do que é proibido na sociedade civilizada – o padrão da técnica de comer, a maneira de usar a faca, garfo, colher, prato individual, guardanapo e outros utensílios – estes permanecem imutáveis em seus aspectos essenciais. Até mesmo o surgimento da tecnologia em todas as áreas – inclusive da cozinha – com a introdução de novas formas de energia, deixou virtualmente inalteradas as técnicas à mesa e outras formas de comportamento. Só com uma verificação muito minuciosa é que observamos os traços de uma tendência que continua a desenvolver-se*” (p. 113, 114).

²⁷³ Contudo, estamos cientes de que essa transformação atravessa vários fatores, além de envolver uma reeducação do paladar e da sensibilidade. Também não ignoramos que tais fatores comportam situações do espaço econômico e social. Seria essa transformação tão rápida como a construção da cidade? Sabemos que, pouco a pouco, estes hábitos alimentares de cidadão, que permite com mais facilidade, pelas trocas culturais, uma variedade de produtos seriam impactados. Não esquecemos que esse processo guardou resistências e permanências.

Caseiro, publicadas na seção *Collaborações* no *Jornal Minas Gerais*.²⁷⁴ Mesmo que essa publicação tenha acontecido no ano anterior à sua chegada no arraial fornece indícios de que os hábitos alimentares e os gestos envolvidos a essa prática cotidiana merecem ser ensinados. Essa escrita é quase um livro de receitas. Trata-se de receitas não apenas do preparo dos alimentos, mas de um receituário da principal atividade da casa: a arte culinária,²⁷⁵ arte que envolve aspectos que passam desde a arrumação da cozinha e suas condições higiênicas indispensáveis até o serviço adequado, aparatos necessários para servir ao outro, móveis, talheres, a escolha e o preparo dos alimentos. Não deixa de ser instigante pensar também na figura masculina, colocando-se na esfera pública com uma temática tão feminina. Por que a ele seria possível falar sobre o abecedário caseiro? Dar conselhos e “*meter o bedelho*” na cozinha? Dar receitas e opinar sobre os serviços domésticos? Essas crônicas nos fornecem indícios de uma fala particular, que parte de uma experiência, também de um viajante e de alguém que transitava, que se movimentava e com ele transportava ideias, hábitos, costumes, maneiras de fazer e, por que não, materiais para se fazer um “belo” almoço.

A série de crônicas sobre a “*administração de uma casa*”, “*uma sciencia transcendente e complicada*”²⁷⁶ inicia-se com uma reflexão sobre a aprendizagem de uma educação doméstica e a falta desse saber “*pratico ou theorico*” na realização das tarefas da casa. Se a administração da casa, para o cronista, configurava-se como uma *sciencia*, parecia ser mais legítimo e profícuo aprendê-la em espaços de educação formal: “*Na Allemanha, o unico paiz em que a mulher aprende, com os elementos da instrucção primaria e secundaria, as regras praticas da direcção da sua casa, a sahida de uma creada pode causar encommodos de espirito à familia, sobretudo si ella for serva fiel e activa durante muitos annos; mas nunca produzir perturbações que affectem a economia, o bom andamento e regra da administração de uma casa de familia*”.²⁷⁷ A aprendizagem “teórica”, racionalizada, metódica de um “saber prático” na instituição escolar permite, mesmo com a ausência de alguém que domine a prática desse fazer, manter as “regras”, a “economia” e o bom andamento da “empresa” doméstica.

A escrita de Alfredo Camarate também carrega uma balança que dispõe de pesos do ensino teórico e da aprendizagem prática. Há, sem dúvida, uma desqualificação desse trabalho

²⁷⁴ Essa série é composta por quatro crônicas, publicadas em 1893.

²⁷⁵ A leitura das crônicas permite verificar que o ensino do abecedário caseiro concentrava-se, principalmente, nas atividades envolvidas com a alimentação.

²⁷⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro I*. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁷⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro I*. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

prático e de alguém que o faz sem pensar sobre processos, escolhas, a melhor maneira de fazer. Por isso, ele tem de ser ensinado, por métodos, seja em instituições escolares, seja no âmbito familiar. Esse ensino, talvez, coubesse ao cronista que, através de suas crônicas publicadas como manual, valorizaria essa *sciencia*. Quem sabe os métodos, além de poder fazer, sabe, principalmente, mandar, sabe ensinar a alguém como fazer: “*Tenho-o dito e escripto por diversas vezes: ninguem ensina uma filha a cosinhar, afim de que ella seja cosinheira para o futuro; mas para que possa dirigir, com conhecimento de causa, os seus cosinheiros ou cosinheiras*”.²⁷⁸ Essa balança, contudo, deve estar em equilíbrio:

Assim como a direcção de um bom mestre de obras – pratico, tem mais efficacia sobre os trabalhadores e operarios, do que a de um engenheiro, que ainda esteja adstricto ás theorias que aprendeu nas escolas especiaes; assim tambem os conselhos, advertenciais e admoestações, que uma dona de casa empregue para a direcção dos seus famulos, terão tanto mais effeito, quanto elles mais conhecerem, que esses conselhos advertenciais e admoestações são esteados na consciencia da superioridade de quem lh’as faz; que, nas expressões e na maneira pratica por que aponta os exemplos, demonstra clara e eloquentemente, que não só é ama, como também *mestra* e *mestra* consumada; porque bebeu, na pratica e na theoria todas as suas lições da sciencia caseira.²⁷⁹

Alfredo Camarate faz uma crítica à educação recebida pelas meninas no Brasil, observando as senhoras nas dificuldades quando se veem sem os criados e criadas de casa. Essa dificuldade nos afazeres domésticos “*deriva-se da falta que tiveram seus pais, em a não preparar, conjunctamente com o ensino de línguas, piano, bordados e milhares de outras frivolidades da educação geral brasileira, para poder, num caso dado, supprir a falta momentanea dos servos ou mesmo a sua falta por muitos dias*”.²⁸⁰ Como por ele frisado, se o fazer doméstico “obrigatório”, eminentemente prático, por um lado, não seria um ideal para determinadas mulheres – a não ser as servas e criadas –, por outro lado, se contrabalanceado pelo saber teórico e metódico, poderia ser atraente. Nas suas palavras: “*porque, si a cosinha grosseira e brutal repugna a natural delicadeza de uma mulher; a cosinha methodica, asseada e – permitta se e o termo – elegante, é occupação attrahentte para todos, homens e mulheres, e a nenhuma arte ou sicencia se pode accomodar este ditado, com tão pequena*

²⁷⁸ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁷⁹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁸⁰ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

modificação: “dize-me o que comes e eu te direi quem tu és!”.²⁸¹ Talvez esse ditado devesse ser estendido; importa não só “o que comes”, mas como comes, quando comes, onde comes.

A arte do sabor envolveria múltiplos elementos:

Primeiro passo: “*para que possamos exercer a profissão de cosinheiros, embora provisoriamente, é necessário, primeiro do que tudo, que tenhamos sempre a cosinha, o fogão, as prateleiras, as paredes, tectos e chão aladrilhados, no mais escrupuloso estado de asseio*”.²⁸²

Essa primeira dica de uma boa receita expõe o que, aos olhos do cronista, não estaria sendo feito, ou o que estaria sendo feito de forma errada: “*Nas nossas cosinhas, em geral, o fogão não é mais do que a succursal de uma carvoaria e, desde o tecto até as paredes, desde o chão até os armarios, uma vassoura e um vasculhador escrupulosos teriam que fazer por duas semanas, para reduzir aquelle antro de petiscos, a uma sala limpa e decente, onde devem entrar, a qualquer hora, sem desdouro e vergonha para a dona da casa, as visitas de mais cerimonia e etiqueta*”.²⁸³ A preocupação do cronista não era apenas de manter os cuidados higiênicos, dificultando a contaminação. Havia uma preocupação com a ordem, com um representar uma maneira de ser perante o olhar do “outro”, da visita. A preocupação com a limpeza extrapolava os efeitos da contaminação e diziam sobre gestos, comportamentos, maneiras de se portar. A justificativa do cronista sobre a necessidade de se manter os espaços do preparo do alimento e da própria alimentação limpos e decentes expressa uma ansiedade perante o olhar do outro, principalmente daquele já educado por um padrão reconhecido e legitimado nas relações. Como nos lembra Norbert Elias (1994), o avanço do patamar de vergonha, “*sob a forma de refinamento’ ou como ‘civilização’*” expressa como um “*dinamismo social específico desencadeia outro de natureza psicológica, que manifesta suas próprias lealdades*” (p. 110).

A arte ou a *sciencia* culinária apresentada pelo cronista foi construída pelo uso de múltiplos aparatos que envolviam todo o processo. Os fogões de tijolos foram “*destronados completamente*” pelos “*fogões de ferro, conhecidos pelo nome de fogões economicos*”.²⁸⁴ Nesses fogões e “*sobretudo nos fogões de ferro fundidos americanos*”, a fabricação é pensada cientificamente, tecnologicamente: “*a irradiação do calor é mais bem distribuída;*

²⁸¹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁸² RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁸³ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁸⁴ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

poupam mais combustivel; dispõe-se mais facilmente da sua força calorifera, augmentando-a ou diminuindo-a, á vontade".²⁸⁵ Há, contudo, uma outra maneira de usá-los e "*a sua conservação é relativamente facil, desde que obriguemos os nossos criados a tratá-los, não aos encontrões e ponta-pés, mas como se deve tratar uma machina delicada e perfeita e que deixará de funcionar, com todos os seus recursos e vantagens, desde que lhe falte a mais insignificante peça*".²⁸⁶ O empilhamento de tijolos se tornou uma *machina* delicada, que exigia a prescrição de um novo uso.

As crônicas sobre o receituário caseiro, que prescrevem as minúcias da cozinha, expressam também uma tentativa em definir papéis. Quem cozinha e quem lava os utensílios; quem prepara, organiza, oferece um serviço. Esta definição de papéis, "amas" e "criados", também sugere a quem é direcionada essa fala, a quem interessa a leitura das crônicas:

É um erro dizer-se que, de criados, não se obtem semelhantes cuidados.

Assim como dizem que é a mulher que faz o marido, assim poderemos dizer também que é a ama que faz os criados; porque não ha insubordinação nem desmaselo de famulos, que resistam a uma inspecção diaria intelligente, e uma dona de casa, por muito que caminhe a civilização, por muito que se esforce a industria do seculo, para lhe minorar as obrigações, encargos e difficuldades, ha de estar fatalmente agrilhoada ao cêpo da administração caseira; porque só os olhos do dono é que vêm bem e porque as mais descabelladas theorias da emancipação da mulher ainda não cogitaram em substituir, no lar, esse anjo mixto de encantadoras severidades e de adoraveis carinhos, essa estrella guiadora que dirige, pela branda persuasão e pelas attrahentes seducções da sua linguagem, que convence sem discutir e vende sem humilhar, os homens ainda os mais insensíveis ou despoticos!²⁸⁷

É, entretanto, singular que, em algumas falas, o cronista tenha encontrado uma homogeneidade na sociedade "curralense". Ao seu olhar não havia diferenças entre "ricos" e "pobres". Ele enxergava, sobretudo, uma carência "coletiva", uma inobservância "geral" dos aspectos da higiene, dos padrões do "moderno comfortable". Apesar de as crônicas do Abecedário Caseiro terem sido publicadas anteriormente à chegada de Alfredo Camarate ao arraial de Bello Horizonte, essa definição de papéis, expressa na escrita, anunciam e dão contornos de um porvir.

Segundo passo: "*aconselho ás minhas leitoras que o exijam sempre limpo, por dentro, retirando-lhe amiudamente as cinzas; por fóra, mandando-o lavar com um panno molhado e, depois, passar todas as superficies com um pedaço de toucinho; operação que deve ser*

²⁸⁵ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁸⁶ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

²⁸⁷ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.1.

seguida pela passagem de um panno grosso e limpo; por maneira que si, por acaso, uma senhora vestida de branco se encostasse ao fogão, ficasse com esse vestido tão limpo e immaculado, como antes!”.²⁸⁸

Para o cronista, essas primeiras orientações e “*exigencias*” para começar a se pensar em uma arte culinária poderiam soar, para a maior parte de suas leitoras, como “*ostentoso e exagerado*”. No entanto, Alfredo Camarate observa “*que este preceito é posto em pratica, em todas as cosinhas da Europa, em que o asseio é tido, não por uma ostentação, mas por uma resultante indispensavel da boa educação*”.²⁸⁹

Comparar as cozinhas da Europa com as cozinhas do Brasil seria o próximo passo do receituário do Abecedário Caseiro. Havia uma preocupação com o delineamento, com uma construção imaginária, nas mentes de seus leitores, de suas leitoras, de uma cozinha ideal e, sem dúvida, desejava-se instigá-los a se imaginarem nesse espaço, dispendo e utilizando determinados aparatos de uma cozinha ideal: moderna, higiênica. Os exemplos dessa cozinha ideal seriam trazidos de longe: “*No Brazil – e mesmo no Estado de Minas onde o asseio está mais desenvolvido, – ainda não temos cosinhas, que, mesmo de longe, possam passar por modelos*”.²⁹⁰ Talvez esse ideal de cozinha só existisse como representação, na imaginação do cronista, que a construiu a partir da experiência, a partir desta característica do viajante de percorrer, transitar e levar – mesmo que na memória – uma bagagem de idéias, coisas, objetos, etc.

“*O ideal seria uma cosinha, com tecto gradeado, paredes de azulejo, chão de tijollo ou ladrillo; fogão alimentado a gaz corrente ou, então, a carvão, por mais limpo, se não mais economico do que a lenha; com tanques de ferro esmaltado para as lavagens, torneiras de estanho, etc.*”.²⁹¹ Alfredo Camarate lembra, porém, que essa cozinha ideal “*deste typo, são rarissimas as casas, no Brazil, que as possuem*”.²⁹² Para Camarate, diante das dificuldades de “*uma transformação radical*” nas cozinhas, dever-se-ia “*tratar de as melhorar apenas*”.²⁹³ Contudo, essa concessão para as cozinhas já existentes não seria concebível na construção de

²⁸⁸RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.2.

²⁸⁹RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro I. Minas Geraes. Ano II, nº 241, 6 de setembro de 1893, p.2.

²⁹⁰RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

²⁹¹RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

²⁹²RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

²⁹³RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

uma nova cidade. Cidade ideal: cozinha ideal. “*Si porventura realizarmos uma nova capital para o Estado, quer ella seja na Varzea do Marçal, em Ouro Preto ou em qualquer outro lugar, então será necessario legislar rigorosamente sobre tal assumpto; visto que a cosinha é, conjunctamente com o dormitorio, a peça mais importante de uma casa*”.²⁹⁴ Organizar, legislar e prescrever. Maneiras de materializar um ideal.

Como a cidade ideal e a cozinha ideal ainda estavam na mente, nos planos e projeções do viajante, a intervenção deveria acontecer no já materializado, no “mais” real: “*Por emquanto, limpemos os nossos fogões; areámos semanalmente as torneiras das aguas e diariamente os tanques esmaltados; exija-se a passagem da vassoura todos os dias pelo ladrilho; uma lavagem do chão e uma vasculhadella de tectos e paredes por semana e, com especial attenção, devemos evitar que fiquem, de um dia para outro, os detritos dentro do barril ou caixão do cisco*”.²⁹⁵

Terceiro passo: “*Enquanto à lavagem e limpeza das diferentes vasilhas, empregadas no cosinhar e na mesa, devem ser feitas com grande cautella e sobretudo com grande methodo*”.²⁹⁶

A limpeza da cozinha exige um método. Se existe uma sofisticação dessa tarefa cotidiana com a incorporação de variados utensílios, com a incorporação de técnicas de preparo, há também uma necessidade em sistematizar os cuidados com essas novas exigências. A arrumação, a ordenação, a higiene e a assepsia, as proibições e concessões que envolvem a prática alimentar resvalam no desenvolvimento de tolerâncias, em uma educação do paladar. Prescrições em torno da limpeza, da utilização de utensílios à mesa, como pratos, copos, facas, colheres e garfos individuais, que se interpõem entre o corpo e a comida, evidenciam não só uma obsessão higiênica, mas também um progressivo individualismo.²⁹⁷ Os utensílios erguem paredes invisíveis entre os comensais.

²⁹⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

²⁹⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

²⁹⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

²⁹⁷ Flandrin (1991) nos ajuda a pensar como as ideias de limpeza e sujeira não possuíam os mesmos significados no passado e nos dias atuais. No século XVII, a limpeza estava mais ligada à ideia de elegância. A preocupação com a assepsia apareceu séculos antes de Pasteur descobrir a existência dos micróbios. O que vem a ser essa sujeira que tanto se temia? Não seria principalmente o medo do contato com o outro?

As crônicas, como um manual,²⁹⁸ auxiliam nesta tarefa de informar um padrão considerado adequado e, por isso, cabível, plausível de ser ensinado, divulgado. Nos escritos de Alfredo Camarate, a lavagem dos utensílios ganhou destaque e era anunciada e prescrita de maneira detalhada, metódica. Preferia as celhas de madeira, encontradas em muitas casas na França, “*os tanques esmaltados e mesmo as bacias de ferro esmaltado que devem ser em numero de tres*”. Esses tanques evitariam o uso do “*systema, que se torna pouco asseado dentro em poucas semanas*”, já que “*pelos poros mesmo da madeira menos porosa, passam as gorduras e uma cêlha só poderia ser empregada impunemente para toda a sorte de louça, si fosse renovada uma vez por mez, o que é absolutamente impraticavel*”.²⁹⁹

Cada tanque ou bacia esmaltada seria utilizado para a lavagem de determinado utensílio: “*uma para os côpos e chicaras; outra para os pratos, travessas e terrinas e a terceira, finalmente, para o trem de cosinha*”.³⁰⁰

Lavagem dos copos:

As mais comensinhas regras do asseio indicam, que se comece a lavagem e a limpeza pelos côpos.

Passados os côpos de água e de vinho por uma primeira agua, renova-se esta, sendo os vasos tirados, da agua e pôstos de fundo para o ar, numa mesa bem limpa.

Com um panno grosso, seccam-se todos os côpos primeiro; com outro panno de algodão fino, acabam de se limpar; deixando-os transparentes e brunidos, como se tivessem sido comprados horas antes. O segundo panno de algodão deve ser substituído por outro completamente secco, logo depois de se lustrarem uns quinze ou vinte côpos.

Faz-se, em seguida, identica operação ás chicaras; exceptuando apenas o búle de chá, que deve ser limpo e seccado por fóra, mas apenas enxagnado por dentro e, depois, posto a escorrer, de fundo para o ar, em cima de uma mesa limpa.³⁰¹

Lavagem dos pratos:

Tomando, então, outra bacia de ferro esmaltado, passamos á lavagem dos pratos, que se deve effectuar em agua quente e senvindo-nos de um trapo ou de um esfregão de louça, como antigamente lhe chamavam. Esta operação é um tanto mais difficil e, sobretudo, mais desagradavel, especialmente a quem não tenha mãos habituadas a taes serviços.

²⁹⁸ Os manuais de civilidade medievais condenavam as manifestações de gula, a agitação, a sujeira e a falta de consideração pelos outros convivas. Novas prescrições foram acrescidas nos séculos XVII e XVIII. Para Flandrin (1991), manuais de civilidade prescreviam também novas tolerâncias ao olhar que se colocava perante o outro comensal. Para Norbert Elias, muitas das proibições dos gestos que envolvem as maneiras à mesa relacionam-se ao que é desagradável aos olhos, o que pode causar ao outro conviva determinado ato ou gesto. Compreender essas proibições, pelas quais são modelados os indivíduos, ajuda-nos a pensar como a gestualidade na mesa, uma educação do corpo e o desenvolvimento de tolerâncias, de sensibilidades, longe de serem “auto-evidentes”, “... aos poucos, transforma-se em um hábito internalizado, em parte do ‘autocontrole’” (ELIAS, 1994, p. 106).

²⁹⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

Passada uma segunda dóse de agua quente nos pratos e terrinas, enxaguam-se, finalmente, em agua fria e procede-se á limpeza, servido-nos tambem de dois pannos.³⁰²

Lavagem do trem de cozinha:

Emquanto ás vasilhas de cosinha, o melhor é mettel-as na terceira bacia de ferro e, cheia de agua quente, expol-a ao fogo, para ferver por alguns minutos.

Limpem-se por fóra, com pannos grossos e virem-se, nas prateleiras de fundo para cima e está a operação mais desagradavel da cosina terminada.³⁰³

Lavagem dos talheres:

Pelo que respeita colheres de chá, de sôpa, garfos e facas, merecem lavagem especial. As colheres de chá numa agua; as de sôpa em duas e estas quentes e os garfos e facas em agua fria e com um exfregão, passado com muita força, para tirar a gordura do ferro.

O uso que temos de lavar as facas e os garfos em agua quente é prejudicial. Em poucos mezes, os cabos descollam-se dos garfos e das facas.

Depois da lavagem, é conveniente passar as facas, pela roda lustradora, havendo-a, ou, então, pela tabua de arear, empregando, a sêcco, o pó destinado para tal fim. Os côpos, chicaras, pratos, terrinas, e pratos cobertos devem ser, uma hora depois de limpos, guardados nos armarios e guarda-pratos.³⁰⁴

Esse detalhamento e essa minúcia na lavagem dos utensílios, a troca de panos, a fervura e as trocas de água também sugerem uma temporalidade. O cuidado ainda era mantido como patamar. Não importava quanto tempo se levaria para se deter em cada detalhe da cozinha. Era importante que tudo fosse pensado, detalhado. Havia aí, implícita, outra relação com o tempo. A eficiência – em fazer algo com o menor tempo possível – ainda não era um preocupação. O ritual da cozinha, o preparo do alimento e a degustação ainda comportavam um vagar, um ater-se aos detalhes, ao deixar-se contaminar pelos sabores e odores de um prato.

Percebe-se também, mais uma vez, a delimitação de papéis e funções nesta tarefa diária. A lavagem é sempre posta como função dos empregados, cabendo às senhoras apenas a orientação e o mando dessa tarefa: *“É necessário lembrar que esta operação, contra a qual naturalmente se revolta uma senhora, rarissimas vezes terá de ser feita por ella. Sahia a cosinheira; mas, quasi sempre, ha um moleque ou criadinha, que se encarrega provisoriamente desta tarefa, por demais grosseira, para as mãos de uma senhora”*.³⁰⁵ O

³⁰²RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰³ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰⁵RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro II. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

próprio cronista destaca essa divisão de papéis e nos dá dicas a respeito do destinatário da sua receita: *“Mas a receita ahi vai, não para que ella a ponha em pratica; mas para que a possa ensinar aos creados effectivos ou provisorios”*.³⁰⁶

Esse cuidado na lavagem dos utensílios também nos revela uma obsessão higiênica que se forjava nesse momento. Buscava-se a limpeza, a luta contra o invisível. As ciências se sofisticavam. Substâncias eram elaboradas, entravam no cotidiano, mesmo que enfrentando resistências: *“Enquanto ao sabão, ao sapolio e a outros ingredientes recommendados pela chymica industrial, sou contra tudo isso. O sabão e o sapolio limpam, é verdade, a louça das gorduras; mas é necessario, depois, limpal-a ainda com mais cuidado, do sabão e do sapolio!”*.³⁰⁷

Apesar de falar de uma atividade de “segunda linha” da cozinha, o cronista, com o detalhamento que apresenta, chama-nos a atenção para a sofisticação e a instrumentalização do hábito alimentar. Estes variados aparatos: facas, garfos, copos, taças, vasilhas, travessas, e muitos outros nos fazem pensar sobre a incorporação desses aparatos no “ritual diário”, seus significados e, principalmente, a exigência de uma técnica corporal, de uma educação do corpo para o desenvolvimento de uma “técnica de consumo”.³⁰⁸ Como ressalta Norbert Elias (1994, p. 105), *“O emprego de casa utensílio é limitado e definido por grande número de regras bem precisas. Nenhuma delas é evidente por si mesma, como pareceram a gerações posteriores. Seu uso foi desenvolvido aos poucos em conjunto com a estrutura e mudanças nas relações humanas”*.

Esse cuidado do cronista com a lavagem minuciosa desses aparatos também nos instiga a pensar que nem a limpeza, e muito menos a utilização desses aparatos estavam “naturalizados” por seus leitores. Caso assim fosse, não faria sentido instruir detalhadamente sobre todos os processos que envolvem a alimentação. E outros passos desse ritual precisavam ainda ser ensinados: *“Agora, que estamos com a louça e os talheres lavados, limpos e arrumados, pensaremos na operação de pôr a mesa; operação, que demanda muita pratica e, sobretudo, muito gosto”*.³⁰⁹

³⁰⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

³⁰⁸ Norbert Elias (1994, p. 114) faz uma diferenciação entre a tecnologia de produção e a tecnologia do consumo. Percebe-se que as principais mudanças, no que se refere à alimentação, estão concentradas na tecnologia de produção, e o refinamento das técnicas de consumo cessa, ou, pelo menos, diminui o ritmo de movimento e mudança após o declínio social das “classes de consumo”, como a nobreza cortesã.

³⁰⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro II*. Minas Geraes. Ano II, nº 245, 11 de setembro de 1893, p.2.

Antes de pensar na “*operação de pôr a mesa*”, o cronista parece se dar conta de que precisava pensar no lugar da mesa, no cômodo que a abrigaria.³¹⁰ Nada podia ser esquecido, ou melhor, tudo deveria ser pensado, observado, lembrado nesse ambiente privado; porém, aberto ao “outro”. Inúmeros fatores envolveriam esse ambiente, favoreceriam um clima para o encontro com o conviva e com o alimento. “*Paredes inteiramente rasgada por amplas janellas e as vezes, revestidas de venezianas*”, que “*por ellas, entra o ar ás ondas e o sol a jorros*” como em “*algumas casas de jantar de Ouro Preto*”, intensidade da luz – “*ao declinar da tarde por commodidade e bellesa a hora do jantar convêm que seja, entre as seis e as sete horas da tarde*” – são alguns elementos que favoreciam “*a serenidade exigida pela minha (do cronista) digestão*”.³¹¹ Para esse apreciador do alimento, das sensações que ele possibilita e daquele que ainda se vê a favor do tempo: “*O jantar deve ser o epilogo do mourejar quotidiano. Depois de terminadas todas as occupaões, que nos escravizam durante o dia, estar sentado á mesa sem a idéa de trabalhos imme mas de apreciador de bons bocados; differença perfeitamente estabelecida pelos lexiographos de nomeada*”.³¹²

Cores e formas também devem ser criteriosamente escolhidas para “*a sala de jantar, peça destinada ao mais real e positivo prazer da vida*”. Essa sala “*deve ser adornada e mobiliada, com muito gosto e muita cautela; porque, para estomagos melindrosos, basta um matiz mal combinado, uma linha mal conduzida, para que elles se tornem grosseira e inconvenientemente indigestos*”.³¹³ Visão e paladar se encontram. Mesmo que as atenções, nos momentos da alimentação, estejam concentrados na língua, os olhos também se exercitam, passando pelas paredes, pela mesa, pelos objetos, pelas cores e transparências, pelo comensal à sua frente. Dos papéis de parede – que “*na maior parte das cidades da Europa, é costume forrar-se as salas de jantar, com papeis escuros*”, já que “*os representam caça morta, fructos em grupo, já vão passando de moda*” e “*são, como dizem os parisienses ‘par trop bourgeois’*” – aos ornamentos – que, na “*humilissima opinião*” do cronista, devem ter um

³¹⁰ Aron (1989), observa alguns elementos do “culto” em torno da alimentação. Um deles refere-se aos lugares, que ganham importância nas sociedades “*onde o acto de comer é encorajado e aprovado*”, reservando-se “*à mesa um espaço de privilégio. No apartamento francês do século XIX, a sala de jantar torna-se um enclave com características iniciáticas, onde se celebra o culto da mesa, em oposição ao quarto de dormir, templo da respeitabilidade familiar (...). A partir do Directório, a burguesia trata com particular atenção os preparativos deste santuário da cerimônia alimentar. Os marceneiros executam um grande número de mesas rectangulares e circulares, carrinhos de serviço, aparadores, e todos os acessórios do culto onde, sem complexos, a classe abastada, por mais dum século, investiu o seu desejo de prazer e a sua aspiração ao prestígio*” (p. 287)

³¹¹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³¹² RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³¹³ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

“fundo suave e quasi lizo” como os “papeis fingindo madeira” e que devem receber “perfeitamente os verdadeiros quadros de natureza-morta ou os baixo-relevos de caças, peixes, etc.”³¹⁴, tudo deve ser agradável e tolerável ao olhar.

O conforto ao corpo é pensado sobre a mobília que “*ha tantos typos diferentes e quasi todos elegantes, que é difficil aconselhar um, em lugar do outro*” que “*como regra geral, estabelecço grande simplicidade de molduras e tendo apenas, nos caixotões, alguns baixo-relevos regularmente entalhados; mas, como nem todos podem lá chegar, uma mobilia lisa, com as formas geraes graciosas, satisfaz completamente*”.³¹⁵

Para compor o ambiente: “*uma guarda-prata, uma mesa elastica, dois trinchantes, um guarda-comida e doze cadeiras de espaldar, lisas ou ornamentadas, constituem um typo de mobilia muito acceitavel e sufficiente*”.³¹⁶ Dispondo dessa mobília, passa-se ao preparo, à organização, à escolha dos tecidos, à sedução da mesa de jantar. Essa mesa, “*sempre coberta com um panno, de lavar, no verão e, por um de lã ou casimira, no inverno, deve estar um Centro ou todo de crystal ou de vidro e christofle; com flores, no receptaculo superior; enquanto a mesa não está posta, com flores em cima e fructos no receptaculo debaixo, quando o Centro assenta, sobre uma alva toalha de linho*”.³¹⁷

Quarto passo: passa-se à preparação, à ordenação dos utensílios, a estetização da mesa: “*para a mesa do almoço e do jantar, a arte de banquetear tem formulado milhares de regras; mas eu nunca consultei o decalogo dessa despotica lei decretada pelos parizienses*”.³¹⁸ Arranquei sempre a minha mesa de jantar, conforme entendi e na proporção das minhas posses e, muitas vezes, recebi elogios por tal”.³¹⁹ Essa fala adverte que a Alfredo Camarate não seria necessário consultar as regras estabelecidas em torno da arrumação da mesa. O gosto, uma educação estética, uma aproximação com a arte e um olhar de viajante que colhe experiências liberam-no de consultar e utilizar uma dada prescrição. O manual é para quem não sabe fazer. Ele era um indivíduo que portava uma determinada sensibilidade alimentar,

³¹⁴ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³¹⁵ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³¹⁶ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³¹⁷ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³¹⁸ Aron (1989, p. 281) observa a representação de uma soberania da cozinha francesa forjada no ocidente. Para o autor, “*Depois da Revolução, na pegada das conquistas napoleônicas, impõe-se a imagem da Torre de Babel culinária onde se desfraldam os esplendores gulosos do universo: ‘Uma viagem nutritiva por Paris, curta antigamente, demora hoje quase tanto como uma viagem à volta do mundo’*” (Grimod de la Reynière, 1803-10, p. 165).

³¹⁹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

construída, sim, a partir de regras e hábitos de um tempo, porém, forjada por características singulares, que o legitimavam e lhe concediam certa autoridade. Ele sugeria, então, a sua maneira de fazer:

Para o almoço e para o jantar, uma toalha de linho branco, lisa ou adamascada, parece-me a mais conveniente; se bem que os francezes encareçam para o almoço os encantos e bellezas das toalhas bichromicas, em geral, cinzentas e brancas.

Para o almoço, que sempre fiz servir *á russa*; isto é, prato por prato e com a iguaria já partida, pôr a mesa é caso facilimo. Copos, na proporção da variedade de serviços de vinho, o apparello de chá na extremidade da mesa, alguns raminhos de violetas, em cima do guardanapo, correspondente aos talheres destinados ás senhoras é tudo ou quasi tudo; porque em tudo quanto eu tenho escripto, sobre economia domestica, nunca me referi a ostentosos banquetes.³²⁰

O serviço à russa, que comporta certa simplicidade, sem abrir mão do cuidado e da estética da mesa, é anunciado como um exemplo fácil de ser seguido pelos leitores. Aos banquetes, Alfredo Camarate fez uma crítica, uma vez que “*quando não tem fins occultos de politica, não são mais do que ostentações e os ostentosos não carecem dos meus conselhos nagio natural da mulher*”.³²¹ Para Aron (1989), a complexidade do *menu* francês, na primeira metade do século XIX, correspondia a um serviço monumental. “*Na época, o repasto fundava-se sobre um princípio de pluralidade: variavam-se as entrées em função do número de convidados. A perfeição dum conjunto avalia-se pela multiplicidade dos seus elementos. A arte consiste em fazer coincidir sobre a mesa coisas discordantes e por vezes difficilmente compatíveis*” (p. 291). Esse sistema, bastante complicado, foi substituído pela sociedade burguesa por volta de 1860. Inaugurou-se outro tipo de serviço – que se mantém até a atualidade –, em que os pratos “*são apresentados uns após outros e idênticos para todos os convidados*”.³²²

³²⁰ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1. Aron (1989) observa como os banquetes têm a demonstração e o espetáculo como principais objetivos. A burguesia francesa, no século XIX, demonstrava o próprio prestígio através da qualidade dos alimentos e da amplitude dos banquetes oferecidos, bem como exibia a sua glotonaria. Segundo Aron, a burguesia “*manifesta-a quotidianamente e em todo lado como uma prova tangível do próprio poder*”. “*A existência aristocrática é espetacular. A mise-en-scène, o aparato e o luxo constituem, ao mesmo tempo, solidariamente, a aparência e a essência. A burguesia acrescenta o espetáculo aos seus hábitos, usa-o como um ornamento ou um subterfúgio. À mesa onde nada lhe afigura supérfluo, tem tendência a exagerar para assim obter o reconhecimento, e para se exhibir. O jantar é um quadro: ‘É o triunfo das cores, o brilho dos molhos, a transparência das gelatinas, a limpidez dos vinhos’*” (p. 297). Concorrem, para o encantamento, os objetos, a decoração, tudo que compõe a mesa e a rodeia. Pode-se também pensar que a excessiva preocupação com o espetáculo, com o mostrar-se acaba por justificar a mediocridade culinária, “*mas que satisfaz o olho, o sentido burguês por excelência*” (p.299).

³²¹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³²² Observa Aron (1989) que “*essa simplificação do serviço* (dito ‘à russa’, em oposição ao precedente, nomeado ‘à francesa’) *não incide nem sobre a qualidade da preparação nem sobre a estrutura profunda do menu, que*

Essa simplificação do serviço não destitui o cuidado com múltiplos aspectos que envolvem a arte culinária, sobretudo se tal arte tem a finalidade de servir o outro. Assim o cronista esboçou esse cuidado: *“no que toca ás refeições, prefiro-lhes ás boas condições de local, a claresa e ordem nas peças que devem servir aos comensaes, a boa qualidade das iguarias, a sua exacta apropriação a cada uma das refeições, e essa aristocratica sem-ceremonia, que tanto nos põe á vontade e que transforma um almoço ou um jantar, numa reunião aprasivel tanto ao paladar como ao espirito...”*.³²³ Todas essas prescrições, conselhos, elaborações em torno da arte culinária esboçada no *Abecedário Caseiro* nos ajudam a compreender a complexificação desse hábito alimentar, que não se restringe apenas ao caráter biológico e nutritivo da alimentação. A esse caráter, somam-se códigos, condutas, gestos, maneiras de fazer, tolerâncias: uma educação do sentido, das sensibilidades. Como ressalta Aron (1989, p. 284), *“A cozinha substitui a ordem biológica da necessidade por um sistema de convenções”*.

Para o próximo passo do *Abecedário Caseiro*, Alfredo Camarate estabeleceu um diálogo imaginário com seus leitores e deixou para o fim da série a escolha e a preparação dos alimentos, a definição do cardápio. Só quem o acompanhou nas leituras das crônicas culinárias publicadas anteriormente, aprendeu o funcionamento da cozinha e tudo o que se desenrola entre esse espaço e a sala de jantar poderá acompanhá-lo neste próximo passo a respeito das escolhas, das misturas, combinações, elaborações. Passamos ao diálogo entre cronista e leitores, que assim se inicia:

- Tudo isto é muito bonito, sr. Alfredo Riancho; mas esta manhã cahiram-me em casa e, sem ser esperadas, seis visitas de alguma cerimonia e eu, com a falta de recursos que ha em Ouro Preto, não sei como me hei de sahir desta dificuldade!

- Mas o que tem v. exc^a em casa de que se possa lançar mão?

- Ora o trivial: carne, ovos, massas, sardinhas de Nantes, batatas; tudo cousas, com as quaes se não pode architectar um prato, com vizos de decente!

- Está perfeitamente enganada, minha senhora, com esses recursos, se me der licença, eu a ajudarei a deslumbrar os comensaes!

É o que vamos fazer immediatamente.³²⁴

O cronista parecia ter certeza de que havia uma escuta. Trata-se, mais do que isso, de um discurso construído e elaborado por ele. Logo, cabe desconfiar dessa cena montada. Era costumeiro aos habitantes de Ouro Preto receber visitas com alguma cerimônia? Esses

conserva as suas diferenciações tradicionais: potage, releve, entrée, rôti, entremets, dessert e, além disso, em ocasiões de cerimônia ou de festa, uma grande peça de carne ou alguns acepipes” (p. 292).

³²³ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

³²⁴ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro III. Minas Geraes. Ano II, nº 247, 13 de setembro de 1893, p.1.

produtos: carne, ovos, massas, sardinhas de Nantes, batatas compunham mesmo um cardápio trivial à mesa dos habitantes do lugar? Essa fala “dupla” do cronista carrega mais um tom pedagógico, ensinado a alguém que, a seus olhos, não portam uma determinada sensibilidade, principalmente quando estão diante do outro à mesa.

Quinto passo. Passa-se ao preparo. Se Alfredo Camarate manteve nas crônicas anteriores um discurso que carregava bastante autoridade em assuntos de culinária, a crônica dedicada ao preparo dos alimentos inicia-se em tom mais ameno, soando modéstia: “*Metto o bedello, por excepção na arte de Brillat-Savarin e unicamente para ajudar a leitora a vencer dificuldades imprevistas; mas isto é uma vez sem exemplo; porque não quero que se diga, que transformo as columnas do Minas Geraes, num livro do **Perfeito Cosinheiro***”.³²⁵ Escrever sobre a arte do Brillat-Savarin e fazer da coluna dos jornais um livro de receita é uma exceção. Talvez Camarate tenha deixado para o final da série esse assunto, que poderia soar menos digno, ocupando-se, primeiramente, de outros temas mais nobres, relacionados à cozinha, e que envolveram discussões em torno da higiene, das evoluções tecnológicas do século XIX, além da estética, da arte e dos hábitos à mesa. Na hora da receita, ele quer apenas ajudar as suas possíveis leitoras a se arrumarem em caso de imprevistos. Para resolvê-los, não é necessário um grande mestre, mas alguém que possa dar algumas ajudas, falando de alguns ingredientes e misturas. Desse modo, o cronista assim se justifica: “*V. exc.^a disse-me os recursos que possuía na dispensa e eu prometti-lhe de, com elles, deslumbrar os seus commensaes. Talvez que ‘deslumbrar’ não fosse o verbo proprio; mas passemos adiante, que não temos tempo para esmerilhar pontos duvidosos de technologia*”.³²⁶ A elaboração se inicia. Atenção para cada detalhe, ingredientes, condimentos, vasilhames, sólidos e líquidos:

Podemos começar por fazer uma sallada, que os francezes poderiam chamar de *entrada* e que para as afflicções em que nos achamos, me parece apenas uma boa *sahida*.

Mandemos coser um Kilo de batatas, que v.exc.^a só mandará tirar do fogo, quando nellas poder enterrar um garfo sem grande resistencia. Na mesma agua; mande pôr a coser três ovos, dando-lhes o tempo necessario, para que fiquem bem duros. Feito isto, atire-os para dentro de uma tigella de louça, cheia de agua fria. Assim que os óvos estejam em temperatura supportavel aos dêdos, descasque-os com grande delicadeza, corte-os ao meio e ponha num prato fundo, as três gemmas. Nestas, vá deitando, pouco a pouco, bom azeite de oliveira (o italiano é actualmente preferivel) e desfazendo-as com o fundo de uma colher de prata.

Desfeitas as tres gemmas, deite-lhes em cima meia colher de chá, com mostarda ingleza em pó, meia colher de chá, com assucar para tirar o

³²⁵ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro IV. Minas Geraes. Ano II, nº 251, 17 de setembro de 1893, p.2.

³²⁶ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro IV. Minas Geraes. Ano II, nº 251, 17 de setembro de 1893, p.2.

cheiro de mostarda com que alguns embirram; accrescente, a esta mistura, pimenta do reino em pó e sal, conforme o paladar e continue a mecher tudo, accrescentando-lhe mais azeite; até que tenha, no prato, o molho que julgar necessario, para temperar a sallada. No fim da operação, accrescente ainda, a esta mistura, um gole de vinagre e está o molho prompto.

Cortemos as batatas em rodas não muito delgadas e deitemol-as numa saladeira, para onde despejaremos uma lata de sardinhas de Nantes, com o respectivo molho de azeite que as circunda; juntemos-lhe, em tirinhas, as tres claras de ovo, um pouco de salsa picada e de cebolinha verde e uma poção proporcionada de azeitonas pretas. Meche-se tudo muito bem e depois de bem misturado, vai-se-lhe deitando pouco a pouco o molho, continuando a mecher até que as batatas adquiram um aspecto pastoso.

Sirva-se essa sallada, com vinho de Sauterne Atinho ou Collares Branco.³²⁷

Como se vê, àqueles poucos ingredientes anunciados na crônica anterior, foram acrescentados muitos outros. Seriam as dispensas de Ouro Preto providas desses outros ingredientes? Azeite de oliva (preferencialmente os italianos), mostarda inglesa em pó, pimenta do reino em pó, vinagre, salsa e cebolinha verde, azeitonas pretas e vinho de Sauterne Atinho ou Collares Branco.

Passa-se, então, à preparação dos outros pratos: “*Depois da sallada, é ocasião de v. exc.^a impingir os pratos que tinha para o seu almoço quotidiano; oas quaes pode accrescentar um prato de macarrão, que poderá chamar á italiana, embora não seja!*”³²⁸. Há uma dica, segundo a qual, nem os ingredientes da salada e nem o macarrão à italiana estão presentes naquele “cotidiano” dos comensais. Seguem as orientações do preparo:

Para isso, ferve num pouco de agua e sal os macarrões sem os partir.

Quando ainda estiverem duros, deite-os para um passador, afim de que fiquem com a água toda escorrida. Refogam-se, em manteiga, salsa e cebôla, alguns tomates e accrescente-se depois a este refogado, agua quente, até que o todo fique da densidade do azeite doce.

Numa travessa põe-se extendida uma camada de macarrão, por cima della, queijo Parmezão rallado e uma porção de molho que preparamos. Nova camada de macarrão, nova camada de queijo e nova camada de molho de tomates; até que se exgote o repertorio ou a quantidade; que é menos lyrico e mais culinario.

Para tornar o prato mais espetaculoso, pode denominal-o: *macarroni á la pommid'oro*; mesmo com erros de orthographia; porque fica com feitos de dístico de mestre cosinheiro de profissão.

No fim, pode dar ás suas visitas uns bifes que fará da seguinte maneira:

Ponha sobre brasas uma grelha, em cima della os pedaços de carne cortada delgada; passado meio minuto, esprema a carne numa travessa com umas laminas de ferro, unidas por uma charneira ou, si não tiver este utensílio, com as mãos; escusando de accrescentar: ‘bem lavadas’ porque é v. exc.^a que está fazendo os bifes. Espremida a carne passa-se ligeiramente por

³²⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro IV. Minas Geraes. Ano II, nº 251, 17 de setembro de 1893, p.2.

³²⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/ Abecedario caseiro IV. Minas Geraes. Ano II, nº 251, 17 de setembro de 1893, p.2.

manteiga de vacca e vai de novo à grelha. Passada por segunda expremedella põe se os bifés separados num prato.

A travessa (que deve ser de pó de pedra) está no fim da operação, cheia de sangue; extendem-se-lhe cuidadosamente em cima os pedaços de bifés, que se viram em seguida, para que fiquem molhados de ambos os lados.

Feito isto, põe-se a travessa em cima da grelha (deitando previamente alguma cinsa sobre o carvão, para que o fogo não fique muito vivo) e acompanhe-se o mólho com a vista, para tirar a travessa do fogo, logo que o mólho perca a côr vermelha de sangue cru.

E estão promptos os bifés (uff!) e mesmo o almoço.³²⁹

Outros elementos foram acrescentados ao cardápio elaborado pelo cronista: macarrões, manteiga, salsa e cebola, tomates, queijo Parmezão rallado, carne em bifés. Há uma variedade de elementos em estado quase natural. Eles foram escolhidos, combinados, elaborados. De acordo com Aron, *“fundada sobre a escolha, tributária da variedade, a arte culinária ratifica-se nas montras e nos mercados”* (1989, p. 282). A arte culinária exige, na concepção do cronista-viajante-europeu, uma variedade, possibilidades de escolha. *“A a diversidade das combinações é proporcional ao número e à riqueza dos elementos”* (ARON, 1989, p. 281). *“Architectar um prato, com vizos de decente”*, demandaria, então, esses múltiplos elementos alimentícios, somando-se a utensílios e aparatos.³³⁰

Para terminar o serviço, atenção às texturas, espessuras, temperaturas, cheiros, tonalidades e sons. *“O sabor de um alimento inclui textura, cheiro, temperatura, cor e dor (como no caso das especiarias), entre muitos outros aspectos”* (ACKERMAN, 1992, p. 178). O olfato está muito ligado ao paladar. Como um sentido que permite certa distância, ele antecipa a sensação do paladar. Comporta-se também como uma barreira, um policiamento para que só entre no corpo, pela boca, alimentos toleráveis. Por outro lado, o alimento parece se tornar ainda mais saboroso, quando chega às narinas o perfume exalado pelo alimento, pela comida, pelo condimento, pela bebida. Deixar o alimento repousar dentro da boca, mastigá-lo também produz ruídos, agradáveis ou não aos ouvidos. Alfredo Camarate nos indica sobre esse entrelaçamento entre os sentidos:

Se quizer terminar por um chá bem feito, ferva a agua, em lampada de espirito de vinho e numa chaleira catita, para fazer mesmo o chá diante das visitas.

Assim que a agua comece a chiar, escale o bule, deite-lhe depois o chá e, logo que a agua levante fervura, é deital-a immediatamente sobre o chá

³²⁹ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/ Abecedario caseiro IV. Minas Geraes. Ano II, nº 251, 17 de setembro de 1893, p.2.

³³⁰ A questão da elaboração e combinação desses múltiplos elementos é tratada por Aron (1989): *“A ausência de qualquer elaboração restringe a experiência culinária: esta última cumpre-se efectivamente quando o alimento escolhido é subtraído à natureza. A originalidade das várias cozinhas depende da diversidade e engenho das transformações”* (p. 282).

e cobrir o bule, com uma carapuça de flanela, feltros, casimira ou qualquer outra fazenda grossa e que abafe.

Si quizer servir café com leite, faça o café fortissimo e ferva o leite numa vasilha de bocca larga, para que o leite, fervendo durante um quarto de hora, sem subir e portanto sem se entornar, fique grosso e com a densidade de um crême.

Em cima deste leite, meia duzia de gottas de café fortissimo são sufficientes para lhe dar côr, sabor e aroma.

Agora v.exc.^a ha de dar licença que eu vá lavar as mãos; porque, só de escrever um artigo sobre petiscos, parece que me cheiram a carvão e a cebôla!³³¹

4.3. A caminho do arraial de Belo Horizonte: o que comer?

Alfredo Camarate, a caminho de seu destino, passando por algumas cidades que antecedem a chegada ao arraial escreveu: “*Em Sabará, a primeira cousa que dá nos olhos, logo que entramos na cidade, é este consolador lettreiro Clark’s Hotel*”.³³² Consolador à língua e ao estômago, principalmente. Clark era um nome convidativo. Remetia-lhe à um outro espaço: “*Parece que o nome de Clark é tão vulgar, na Inglaterra, como os Wagners na Allemanha e os Pereiras em Portugal*”.³³³ Além de ativar a memória em terras estrangeiras, ele se lembra também de outros lugares que havia encontrado:

Desde o Rio de Janeiro, em que topamos logo com o famoso Clark, negociante de calçado e que mandou construir um dos mais elegantes predios que possui actualmente a Capital Federal, até Sabará, os Clarks, se não são tantos como as palmeiras e os tinhorões, são pelo menos, muito mais freqüentes do que os sorvêtes, que só os apanhei, em Juiz de Fôra algumas vezes; benzendo-me apenas com um, em Ouro Preto, e que, estou certo, alli appareceu mais por ostentação do que por segura confiança nos resultados mercantis.³³⁴

A lembrança dos Clark’s, identificada com certa frequência, serviu para ativar uma memória gustativa. Menos presente na sua memória – em termos quantitativos –, porém, não menos marcante na experiência sensível, estava o sabor do sorvete. Além da lembrança dos gelados, o letreiro ativou também a memória do cardápio inglês: “*Com o meu franco pelos ingleses, foi logo o hotel que escolhi. Tinha ao menos certeza de não morrer de fome e talvez mesmo a felicidade de me attertar de roast-beef sangrento, carneiro guisado com batatas,*

³³¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaboração/ Abecedario caseiro IV*. Minas Geraes. Ano II, nº 251, 17 de setembro de 1893, p.2.

³³² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Minas Geraes. Ano III, nº 74, 18 de março de 1894, p.4.

³³³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Minas Geraes. Ano III, nº 74, 18 de março de 1894, p.4.

³³⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Minas Geraes. Ano III, nº 74, 18 de março de 1894, p.4.

plum-pudding e outros manjares, de grande solidez de principios e que explicam, desde logo, a robustez, a energia digestiva e a bôa saúde do povo inglez".³³⁵ Poderia ali, naquela parada, em terras interioranas, deliciar-se com sabores estrangeiros àquele local; contudo, muito naturalizado por sua sensibilidade. Mas, essa expectativa não se cumpriu: "*John Clark, residente no Brazil há muitos annos, está perfeitamente identificado com os costumes brasileiros. Realiza mesmo a maior maravilha que me foi dado admirar, num filho da Grã Bretanha... esqueceu-se quasi de falar inglez!*".³³⁶ Identificado com os costumes e com a mesa brasileira, Alfredo Camarate parece não ter se deliciado no hotel de Sabará com o cardápio que estava marcado na memória, desde seus estudos na Irlanda, que já haviam passado "*cerca de quarenta annos*".

Chegada à Belo Horizonte: "*O que, em todo o caso, vi desde logo, é que o bom, hospitaleiro, mas inerte povo mineiro desta localidade, não se preparou para abrir os braços, com avidez e desafogo, à inesperada fortuna que lhe entrou pela casa a dentro*".³³⁷ O primeiro olhar do cronista detectou ausências. Detectou também outra relação com o tempo, uma maneira de ser distinta daquela dos habitantes do arraial. As notícias sobre a construção da cidade, os primeiros andamentos e a chegada de alguns estrangeiros/estranhos ao local pareciam não ter mudado o ritmo do povoado. As ausências foram detectáveis pelo paladar: "*As poucas e mal fornecidas vendas não se premuniram nem de qualidade nem de quantidade de generos, proporcionadas ao numero e cathegoria dos recémchegados; nem o exodo de centenares de pessoas cahidas aqui de todas as partes do Estado, despertou os desejos de ganancia, tão faceis de despertar, em qualquer outra parte do mundo*".³³⁸

Embora tivesse chegado há poucos dias no arraial de Belo Horizonte, o cronista apresentou algumas de suas opiniões sobre o clima, mesmo sabendo da importância de indagações mais prudentes e pausadas sobre esse assunto: "*A julgar pela quantidade que ingiro de alimentos, o clima de Bello Horizonte deve deixar a perder de vista o da Sicilia, de*

³³⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Minas Geraes. Ano III, nº 74, 18 de março de 1894, p.4.

³³⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II*. Minas Geraes. Ano III, nº 74, 18 de março de 1894, p.4. Nessa crônica, Alfredo Camarate nos dá a dica de sua formação na Inglaterra e sua aproximação com o "idioma de Shakespeare". Apesar de notar que seu interlocutor "não era lá muito forte" no idioma, atirou-se ao "*inglez como se nunca tivesse falado outra língua, ou como, se sobre os meus estudos na Irlanda, não tivessem passado cerca de quarenta annos*".

³³⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³³⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

Nice ou de Madeira!”.³³⁹ O clima do arraial compensaria a escassez de alimentos. E não foi somente Camarate quem sentiu falta da “qualidade” e da “quantidade” dos gêneros alimentícios. Em suas palavras, “*pela mesma rasoira passam todos os demais comensaes, que tenho por companheiros*”.³⁴⁰ É interessante notar que a ausência seja detectável por sensibilidades estrangeiras.³⁴¹

Em assuntos de alimentação, a impressão do cronista sobre o morador do arraial também sugere outro ritmo, outras tolerâncias: “*Note-se, em todo o caso, que, para as verdadeiras voracidades d’este appetite de Gargantuas não tem influído nem a variedade do menu nem a sciencia culinaria do Brillat Savarin cá do hotel*”.³⁴² Há um tom de ironia contida nessa afirmativa: em um hotel em que os comensais – estrangeiros – passam por verdadeira rasoeira seria a sua cozinha organizada e inspirada pela “*sciencia culinária do Brillat Savarin*”?³⁴³ Segue-se a interpretação do *menu* ao olhar estrangeiro:

³³⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³⁴⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³⁴¹ Renée Valeri (1989a) problematiza a ideia de fome e observa as representações culturais que perpassam essa sensação. Faz também uma diferenciação entre uma fome calórica (quantitativa) e uma fome específica (qualitativa). A fome não é apenas uma necessidade fisiológica e não se satisfaz com qualquer alimento. Existe um desejo por determinado elemento – e não por determinada vitamina –, “*cujo consumo corresponde à expectativa que uma determinada sociedade provoca entre seus membros*” (p. 173). O autor também reconhece que a alimentação é um sistema estratificado e divide-se em três categorias fundamentais: alimentos de base ou alimentos principais (geralmente cereais ou feculentos); alimentos de acompanhamento com a função de variar e completar o alimento de base; os condimentos, que não podem ser consumidos separadamente, mas devem ser relacionados aos dois anteriores (sal, aromas, especiarias). Algumas questões podem ser levantadas no nível da linguagem, como, por exemplo, as diferenças entre fome e apetite, que geralmente indicam a ausência do alimento de base e o desejo por uma alimentação variada respectivamente. A partir dessas indicações, é possível problematizar essa “fome” sentida por Alfredo Camarate e por seus companheiros estrangeiros. Essa fome parte de uma sensibilidade específica, e sua falta também é singular, assim como pode não corresponder às mesmas carências dos habitantes do arraial de Belo Horizonte.

³⁴² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³⁴³ Jean Anthelme Brillat-Savarin (1755 – 1826) é o autor da obra “*Fisiologia do Gosto*” publicada em 1825. No prefácio o autor esclarece que a obra foi produzida a partir de um material acumulado agradavelmente até a velhice, através da observação: “*observei em torno de mim e tomei nota. Amiúde, no meio de banquetes suntuosos, o prazer de observar salvou-me do enfado do convívio*” (1989, p. 25). A fisiologia e a gastronomia, tidas como ciência, justificam a incorporação de informações que extrapolam o receituário de pratos e preparo dos alimentos. Comenta o autor: “*Ao considerar o prazer da mesa sob todos os seus aspectos, notei bem cedo que havia nisso algo mais do que os livros de cozinha, havendo muito a dizer sobre atividades tão essenciais, tão contínuas, e que influem de forma tão direta sobre a saúde, a felicidade e até sobre os negócios*” (1989, p.25). Nessa perspectiva o livro aborda os órgãos ligados ao gosto, a sensação dos sabores, a influência do olfato sobre o gosto, observando aspectos “científicos”. O autor também pretendeu analisar como o gosto se transforma de uma necessidade de comer, um instinto, para uma “paixão”. A gastronomia para este é definida como “*conhecimento racional de tudo o que diz respeito ao homem quando se alimenta. Seu fim é cuidar da conservação dos hoemns mediante a melhor alimentação possível. Atinge-o dirigindo com princípios certos todos os que pesquisam, relacionem ou preparam as coisas que podem se converter em alimento*” (p. 53). Como conhecimento racional relaciona-se à história natural (classificação das substâncias alimentícias), com a física (exame das composições e qualidades), a química (diversas análises e decomposições a que as submete), a cozinha (pela arte de preparar os pratos e torná-los agradáveis), o comércio (envolvendo os preços dos alimentos) e à economia política (envolvendo os impostos e intercâmbios estabelecidos entre nações). A

Ao almoço, temos: feijão, arroz, carne de vento, e às vezes, frescas, batatinhas fritas e café!

Ao jantar, em compensação, temos: feijão, arroz, carne de vento, e, às vezes, carne freca, batatinhas fritas e café!

É *aquella certeza*, como dizia o falecido actor Vasques; aquella certeza infallível, sacramental, inevitável; mas à qual a gente resiste, com o heroísmo e solidez dos quadrados do exercito inglez, munida de um apetite, que devasta tudo quanto aparece na mesa, e mesmo o resto que fica de reserva na cosinha!³⁴⁴

Além desse *menu* oferecido pelo fazendeiro que “*abriu hotel, a instantes rogos de seus amigos e mantém-o, com a independencia de quem está fazendo um favor a seus hospedes*”,³⁴⁵ Alfredo Camarate estranha também o modo de preparo do pão na localidade: “*Para que se faça idéa do pouco que este povo se preparou, para receber este luzido exercito de hospedes, basta dizer que o pão é fabricado por uma família, que se dedica a ganhar regulares sommas de dinheiro com intermittencias nos fornecimentos e exclusivamente por dedicação e favor*”.³⁴⁶ Não há pressa e objetivos de lucro na fabricação do pão. Tudo permanece “como estava”: uma família produzindo o pão para os seus conhecidos, de acordo com a necessidade deles. Camarate fez, então, um “agradecimento” a esse labor da família: “*Que Deus lhe pague, com especiaes logares nas estadellas do céu e sem intermittencias este seu meritorio acto de dedicação*”.³⁴⁷

Apesar dessa carência de alimentos à mesa, a descrição sobre vegetais, frutas, alimentos “in natura” em Belo Horizonte é expressiva de uma “riqueza”. Falando sobre o formigueiro no qual o arraial-cidade está assentado e a respeito dos métodos para a disseminação das operárias, Alfredo Camarate nos dá dicas da relação dos habitantes com o plantio dos gêneros alimentícios: “*Os pessimistas cá da terra dizem que as formigas devoraram, logo em tenros rebentos, todas as plantas, que não escapa repólho nem*

gastronomia apresentada pelo autor envolve a diferenciação, a qualificação e o preparo dos alimentos (carne, aves, peixe, trufas, açúcar, café, chocolate, bebidas), a influência da dieta sobre o repouso, o trabalho, o sono e os sonhos. A obesidade (tipos, causas, inconvenientes, tratamentos) e a magreza, (predestinação natural, regime de engorda). Fala também de hábitos culturais, como o jejum, sobre restaurantes, e algumas receitas para o preparo de pratos. É interessante a relação do autor com atividades que pretendiam despertar prazer nos homens. Além da gastronomia o autor se vangloria de ter apresentado ao conselho de administradores da sociedade de estímulo à industria nacional o “*irrorateur*”, instrumento que funcionava como uma bomba de aspergir, preparada para perfumar os apartamentos. A apresentação do aparelho causou uma sensação prazerosa entre as pessoas que foram odorizadas pelo vapor expelido pela máquina.

³⁴⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³⁴⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³⁴⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

³⁴⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, nº 80, 25 de março de 1894, p.1.

jabuticaba e, agarrados a este consolador pretexto para dar largas à natural preguiça, procuram, nas aventuras mercantis, o que a agricultura, na opinião delles, lhes não dá!”³⁴⁸

Mas, o cronista desconfiava dessa justificativa e observou as plantas da localidade:

Mas eu, com a minha mania exageradamente locomotora, tenho percorrido todas as localidades visinhas e vejo as jabuticabeiras carregadas de luzidios fructos, as laranjeiras e limeiras vergando debaixo de volumosos e appetitosos pomos, os ananazes emergindo do solo, em graciosos e bastos penachos e sempre, nas arvores e nos arbustos, nas hortaliças de todo o genero, esse verde sadio, limpo e lustroso, de quem vive nas melhores condições de saude e robustez; apesar de viverem ameaçadas de morte, que lhes deve começar pelos pés e que, talvez porque a ameaça lhes venha de tão baixo, as não assustem, como não assustam as crianças nem os moços, as reiteradas promessas de males futuros.³⁴⁹

Mesmo diante dessa aparente saúde e robustez dos gêneros, o viajante observou a falta de cuidado com as plantações: *“Nunca vi terra tão cultivada como aqui; é verdade tambem que nunca vi terra que tão pouco tenha feito pela cultura”*. Apesar da terra gerar uma grande proporção de gêneros de boa qualidade, pouco se intervém e se cuida do solo, como observa o cronista: *“Os cafezaes, cobertos de capim, abandonados absolutamente, estão cheios de rubros grãos e promettem lucrativa colheita; as laranjeiras, na maior parte coberta de herva de passarinho, ostentam pomos de uma côr e perfeição admiraveis; mas o capim não se monda, a herva de passarinho não se arranca, unicamente porque um colossal e vastissimo formigueiro mina as terras de Bello Horizonte!”*³⁵⁰

É interessante que esta apreciação, *“as observações que tenho feito do natural”*,³⁵¹ pudesse sugerir um contraste com a escassez, por Camarate sentida, dos gêneros alimentícios em Belo Horizonte. A abundância e a escassez. Contudo, a falta de cuidado com a cultura, com a terra e com o plantio corrobora a representação da inércia do povo, o despreparo para receber uma cidade-capital.

Alfredo Camarate também observou as primeiras mudanças do arraial-cidade. A alimentação era uma baliza:

Abriu-se um hotel mais digno d’este nome, onde se come regularmente, que ostenta aqui o inaudito luxo de dar aos seus hospedes de quartos assoalhados e no qual a dona da casa proporciona o conchego do lar às familias que alli se hospedam; todos da localidade se enfumam por já

³⁴⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XII. Minas Geraes. Ano III, nº 110, 26 de abril de 1894, p.2.

³⁴⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XII. Minas Geraes. Ano III, nº 110, 26 de abril de 1894, p.2.

³⁵⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XII. Minas Geraes. Ano III, nº 110, 26 de abril de 1894, p.2.

³⁵¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XII. Minas Geraes. Ano III, nº 110, 26 de abril de 1894, p.2.

possuïrem um padeiro francez, por se matar boi todos os dias, por terem carpinteiros de verdade, boticarios (perdão: pharmaceuticos), bandos de turcos bufarinhando ninharias de *toilette* e um cemiterio provisorio; porque, enfim, mesmo nos climas mais sadios, é sempre conveniente pensar em ter seis palmos de terra para repouso do derrocado edificio da saude!³⁵²

A regularidade do serviço no hotel, a presença de um padeiro francês, a matança de bois e a disponibilidade da carne diariamente são elementos que indicam, na percepção do cronista, a chegada de outro tempo, de novos hábitos, a constituição de uma sensibilidade. Esses elementos também indicam a constituição de um comércio, de trocas, de circulação de mercadorias. Verifica-se a presença de um padrão urbano sendo forjado.

Esses elementos que começam a penetrar no cotidiano dos moradores do arraial-cidade constantemente percebidos, notados pela sensibilidade do cronista. Aquilo de que sentia falta começava a aparecer:

Os recursos da vida, em Bello Horizonte, têm-se desenvolvido e augmentado consideravelmente.

Há já um hotel que proporciona grandes commodidades a seus hospedes e que foi estabelecido pelo sr. Lima, que creio haver sido funcionario em Ouro Preto.

A mesa é farta, variada e bôa; os quartos, todos assoalhados (!) têm mobilia decente, roupa limpa nas camas, lavatorios, jarro e bacia (!!) e a esposa do dono do hotel é de extraordinario cuidado e carinho para com os seus hóspedes (!!!!).

Neste ponto, estamos já com os recursos de uma grande cidade e ficamos por uma vez livres de certos estalajedeiros que, fazendo-nos comer e dormir como animaes, em celha e em chiqueiros, nos cobravam a razão de cinco mil réis diarios e, os quaes, havia um que, numa conta mensal na importancia de 196,440 réis, fazia figurar esta rara e monumental verba: Uma banana 200 réis.

Imaginem que sabôr e que tamanho teria tal banana!³⁵³

Há um sentido pedagógico na publicação e no anúncio desses novos estabelecimentos na cidade e na circulação de mercadorias. Eles informam ao leitor, principalmente ao morador natural do arraial, que a cidade estava se constituindo, que outros hábitos, novas sensibilidades precisavam ser incorporados. Além do hotel Lima³⁵⁴, Alfredo Camarate

³⁵² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XIV*. Minas Geraes. Ano III, nº 120, 6 de maio de 1894, p.2.

³⁵³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XIV*. Minas Geraes. Ano III, nº 127, 13 de maio de 1894, p.3.

³⁵⁴ Ver Figura 17. Largo do Rosário. Instituição de Guarda: Arquivo Público Mineiro. Título: Largo do Rosário. Fundo: Secretaria da Agricultura - Comissão Construtora da Nova Capital. Notação: SA2 003 013; Autoria: João Salles. Local: Belo Horizonte. Data: 1895. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br> “*Largo do Rosário, vendo-se a capella que lhe dava o nome (...). A casa em cuja porta está um homem de pé era o Hotel Lima (...)*”. (BARRETO, 1936, p. 593)

³⁵⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVI*. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p. 3.

anuncia que “*Outros hotéis, em idênticas condições das do que se inaugurou no largo do Rosario, estão prestes a abrir-se e não levará muitos dias que não vejamos por aqui, cafés, botequins, restaurantes, lojas de confeitiro, de ferragens e de alfaiates, armazens de modas, perfumarias etc, etc*”.³⁵⁵ O “etc” indica que muitos outros espaços, hábitos, mercadorias faziam parte da cidade moderna e que ainda havia muito o que fazer. O restaurante já aparecia esboçado nos planos da Comissão Construtora³⁵⁶.

Mesmo com essa incipiente urbanização do arraial, Alfredo Camarate ainda era surpreendido por ausências e foi à procura de algo que lhe impactasse os sentidos, que lhe permitisse experiências. Estava na viagem, no deslocamento para outro espaço, o que lhe provocaria sensações, o que lhe traria para o presente o que fora experimentado em outro tempo:

Por *montes e valles*, me fui eu, daqui, ao Rio de Janeiro á cata de cousas que os estabelecimentos de Bello Horizonte ainda não possuem e tambem para desferrujar as pernas e lubrificar o espirito; que, por emquanto, a famosa capital, nas penumbras de um risonho futuro, ainda embota a intelligencia e emperra os membros locomotores, e uma e outros, como todos sabem, são como estomagos de dispeptico e fantazias de moça; que carecem de bastante campo, muito exercicio e muitissima variedade.³⁵⁷

Essa viagem a uma verdadeira capital, envolta em um padrão urbano, tornar-se-ia um termômetro para medir sua acomodação a um padrão rural:

E, d’ahi, não desgostava de medir, por experiencia própria, o gráu da minha como que selvageria campezina; habituado como estava a dormir num simulacro de cama, a comer uma supposição de jantar, e a vestir-me com tal sem cerimonia, demancho de linhas e capricho de côres, que, deante de uma cama digna de tal nome, em presença de uma mesa com donaires de baixella mettido numa sobrecasaca de alfaiate de verdade, eu devia com certeza fazer triste figura; tanto é certo que, nos temperamentos mais acclimaveis, existe necessariamente o elemento compensador da desaclimação!³⁵⁸

Será que Alfredo Camarate ainda reconheceria o conforto de se dormir numa verdadeira cama? Será que seu corpo ainda comportaria roupas feitas por um verdadeiro alfaiate,

³⁵⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVI*. Minas Geraes. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p. 3.

³⁵⁶ Ver figura 18. Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto. Título: Parque – Restaurante. Notação: CC DT 09 025. Autoria: Engenheiro Arquiteto José de Magalhães. Notas: Projeto de equipamento urbano público não edificado, destacando a fachada. Disponível em: <www.comisaonstrutora.pbh.gov.br>

³⁵⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, nº 202, 20 de julho de 1894, p.4.

³⁵⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, nº 202, 20 de julho de 1894, p.4.

respeitando linhas e cores? E, ainda, saberia ele portar-se diante de uma mesa requintada, montada?

Essas aparentes dúvidas foram respondidas na experiência da viagem, pela corporeidade, no exercício dos sentidos. Se os seus temperamentos já estavam aclimatados com a “selvageria campesina”, no Rio de Janeiro encontraria os elementos da desaclimação. “*Entrei na Capital Federal por uma noite chuvosa, calquinando a terra revolvida pelos calçamentos novos ou restaurados, de mala na mão, recusando carros, tilburys e bonds que a todo o momento encontrava; encadernando-me assim, nas duas virtudes proeminentes dos mineiros: a simplicidade e a economia*”.³⁵⁹ Será que essas características do mineiro já estariam mesmo incorporadas pelo viajante? Recusar carros, tálburis e bondes não lhe permitiria sentir a cidade, deixar-se impactar pelos calçamentos novos e restaurados? Mas, outras experiências a cidade lhe permitiria, principalmente o toque no paladar:

E, por economia e simplicidade, fui para um hotel, em que se pagava dez mil reis por dia; calculando que, pelas theorias de Baptista Say ou de Beaulieu, as acertadas despesas productivas dão verdadeiros resultados economicos; theorias que me arrastaram tambem a beber o vinho do Porto a oito mil reis a garrafa; o qual, fortificando-me e activando as funções do estomago, me pouparia as despesas de consultas medicas e as das receitas da botica; as unicas *receitas* que, na escripturação por partidas simples e dobradas, entram invariavelmente, no capitulo das *despesas*!³⁶⁰

Não há despesas e economia para “*desenferrujar as pernas e lubrificar o espirito*”. Sua sensibilidade “*como estomagos de dispeptico e fantazias de moça*” carece “*de bastante campo, muito exercicio e muitissima variedade*”. Saborear o vinho do porto faz bem ao corpo – livrando-o de maus do estômago – e para a alma/sensibilidades – permitindo-lhe o prazer do sentido. Como nos lembra Ackerman, “*Nem sempre comemos os alimentos pelo gosto que têm, mas, muitas vezes, pela sensação que nos provoca*” (1992, p. 207). O paladar é um sentido que vai da sensação mais individual e particular à esfera do social, do encontro com o outro, do compartilhar. Leva-se o alimento até um orifício; “*A boca é mais do que apenas o início do longo tubo que leva ao ânus: é a porta para o corpo, o instrumento com que cumprimentamos o mundo, a fronteira dos grandes riscos*” (ACKERMAN, 1992, p.179).

Retorno ao arraial de Belo Horizonte. Se partiu para o Rio de Janeiro com a percepção de uma crescente urbanização do povoado, ao retornar, sua sensibilidade alimentar foi

³⁵⁹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, nº 202, 20 de julho de 1894, p.4.

³⁶⁰ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XXIX*. Minas Geraes. Ano III, nº 202, 20 de julho de 1894, p.4.

marcada por novas ausências. Incomodou Alfredo Camarate saber que “*A povoação de Bello Horizonte passa, actualmente, por todas as agruras e desencontros da provisoriedade*”.³⁶¹ Nada está determinado, espera-se o porvir, vive-se pelo futuro. Mais uma vez, esse estado da população foi detectável pela boca: “*Os dois ou tres armazens de comestiveis de Bello Horizonte já sustaram a sua faina commercial; já deitaram agua fria na curta effervescencia que ostentaram nos seus fornecimentos. Já não ha vinho; já não ha batatas; já não ha conservas, nenhuma destas cousas que os hespanhoes chamam provizões de regallo*”.³⁶²

A análise aqui concentrada nos hábitos alimentares dos curralenses nos permite pensar em diferentes aspectos que surgem como preocupações de uma sociedade que se reconhece tal e qual uma sociedade civilizada, principalmente a sofisticação de uma prática cotidiana que envolve o que se come e como se come. Sem dúvida, a preocupação de Alfredo Camarate não se concentrava apenas na variedade de gêneros que encontrou no arraial, mas nas maneiras de se alimentar e nas regras partilhadas durante esse momento. O cronista também apresentou aos leitores de seus escritos um rico cardápio do que se comia pelo mundo, receitou maneiras de fazer, sugeriu modos de se portar diante do outro, anunciou como os arraialenses, pouco a pouco, foram adquirindo outra educação para o paladar, novas tolerâncias, outros hábitos.

³⁶¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV. Minas Geraes. Ano III, nº 225, 22 de agosto de 1894, p.5.

³⁶² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXIV. Minas Geraes. Ano III, nº 225, 22 de agosto de 1894, p.5. de agosto de 1894, p.5.

IMAGENS PARA CHEIRAR

Nomenclatura actual dos estabelecimentos insalubres, perigosos ou incommodos, de accôrdo com o regulamento da secção de Hygiene da Prefeitura.

Designação das industrias	Inconvenientes	Classes
Matadouros publicos.....	Cheiro e alt. das aguas	1. ^a
Fabricação de phosphoros chimicos	Perigo de expl. ou incendio.....	1. ^a
Depositos de esterco e immundicies.....	Cheiro.....	1. ^a
Triparias.....	Cheiro e emanções prejudiciaes.....	1. ^a
Depositos de tripas e mocotós de animaes.....	Cheiro.....	1. ^a
Carbonização de materias animaes em geral.....	Cheiro.....	1. ^a
Fabricas de polvora.....	Perigo de expl. e incendio.....	1. ^a
Depositos de carnes e miudos proveniente da matança de animaes	Cheiro.....	1. ^a
Fabrica de collas.....	Cheiro e alt. das aguas	1. ^a
Fabrica de couros envernizados.....	Cheiro e perigo de incendio.....	1. ^a
Depositos de ossos frescos.....	Cheiro e emanções prejudiciaes.....	1. ^a
Fabricas de adubos por meio de materias animaes.....	Cheiro e alteração das aguas.....	1. ^a
Officinas para a combustão de casco, chifre e outras materias animaes nas cidades.....	Cheiro e fumaça.....	1. ^a
Fabricas de sebo.....	Cheiro e perigo de incendio.....	1. ^a
Fabrica de rectificação do alcool..	Perigo de incendio.....	2. ^a
Depositos chimicos de phosphoros em quantidade superior a 25 metros cubicos.....	Perigo de incendio.....	2. ^a
Fabricas de amido.....	Alteração das aguas..	2. ^a
Fabricas de chapéos de seda e outros preparados por meio de um verniz.....	Perigo de incendio.....	2. ^a
Carbonização de madeiras ao ar livre em estabelecimentos permanentes ou em outros logares, excepto nas mattas.....	Cheiro e fumaça.....	2. ^a
Depositos de couros verdes e pelles frescas.....	Cheiro.....	2. ^a
Depositos de leite na cidade.....	Cheiro.....	2. ^a
Torração de ossos para adubos.....	Cheiro e perigo de incendio.....	2. ^a
Carbonização de madeiras em vasos abertos com desprendimento no ar dos productos gazosos da destillação.....	Cheiro e fumaça.....	2. ^a

Designação das industrias	Inconvenientes	Classes
Depositos de peixes salgados.....	Cheiro incommodo....	2. ^a
Refinações e fabricas de assucar...	Fumaça e cheiro.....	2. ^a
Fabricas de salchichas.....	Cheiro.....	2. ^a
Fabricas de sebo de ossos.....	Cheiro.....	2. ^a
Manufatura de tabacos.....	Cheiro e poeira.....	2. ^a
Cortumes.....	Cheiro.....	2. ^a
Tanoarias em que se trabalhe em barris e toneis, impregnados de materias gordurosas e putreciveis	Ruido, cheiro e fumaça	2. ^a
Destillações agricolas de alcool..	Alteração das aguas..	3. ^a
Depositos chimicos de phosphoros em quantidade de 5 a 25 metros cubicos.....	Perigo de incendio....	3. ^a
Fabricas de vellas.....	Cheiro e perigo de incendio.....	3. ^a
Depositos de tripas salgadas....	Cheiro.....	3. ^a
Cervejarias.....	Cheiro.....	3. ^a
Olarias com fornos não fumivoros	Fumaça.....	3. ^a
Lavanderias.....	Alteração das aguas..	3. ^a
Torração de café.....	Cheiro e fumaça.....	3. ^a
Carbonização de madeiras em vasos abertos com combustão dos productos gazosos da destillação.	Cheiro e fumaça.....	3. ^a
Fabricas de vella de sebo.....	Cheiro e perigo de incendio.....	3. ^a
Fabricas de chapéos de feltro.....	Cheiro e poeira.....	3. ^a
Depositos de armazens de carvão de madeira.....	Perigo de incendio....	3. ^a
Officinas de caldeireiro e serralheiro.....	Ruido.....	3. ^a
Fabricas de destillação.....	Perigo de incendio....	3. ^a
Fabricas de sabão.....	Cheiro e perigo de incendio.....	3. ^a
Fabricas de louças.....	Fumaça.....	3. ^a
Depositos de queijos na cidade....	Cheiro.....	3. ^a
Mictorios.....	Cheiro.....	3. ^a
Depositos de ossos seccos.....	Cheiro.....	3. ^a
Fabricas de algodão.....	Poeira e perigo de incendio.....	3. ^a
Depositos de pelles frescas e salgadas.....	Cheiro.....	3. ^a
Preparo e lustragem de pelles...	Cheiro e poeira.....	3. ^a
Salgas e preparo de carnes.....	Cheiro.....	3. ^a
Tinturarias.....	Cheiro e alt. das aguas..	3. ^a
Serrarias mechanicas e estabelecimentos onde se trabalhe em madeiras com auxilio de machina a vapor ou a fogo.....	Perigo de incendio....	3. ^a

As industrias que não estiverem comprehendidas no presente quadro serão regulados de accôrdo com a classificação franceza de 1892.

FIGURA 19: Nomenclatura actual dos estabelecimentos insalubres, perigosos ou incommodos, de accordo com o regulamento da secção de Hygiene da Prefeitura. Minas Gerais, Decreto n.1367, de 2 de março de 1900. Aprova o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas.

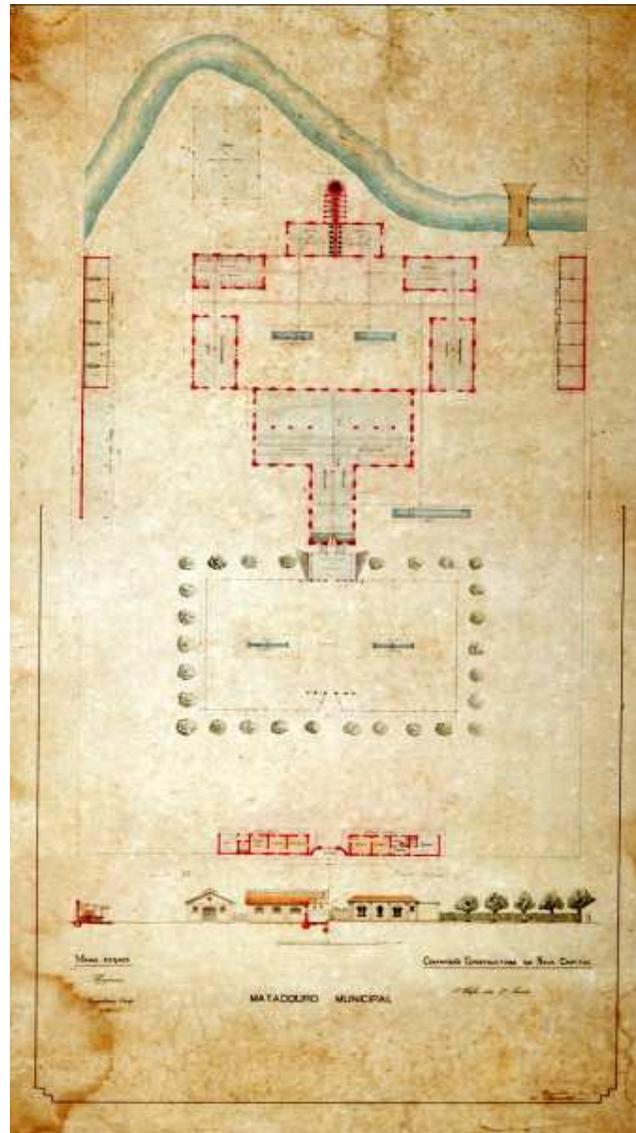


FIGURA 20: Matadouro Municipal. A autoria: Bernardo Joaquim de Figueiredo, 1895

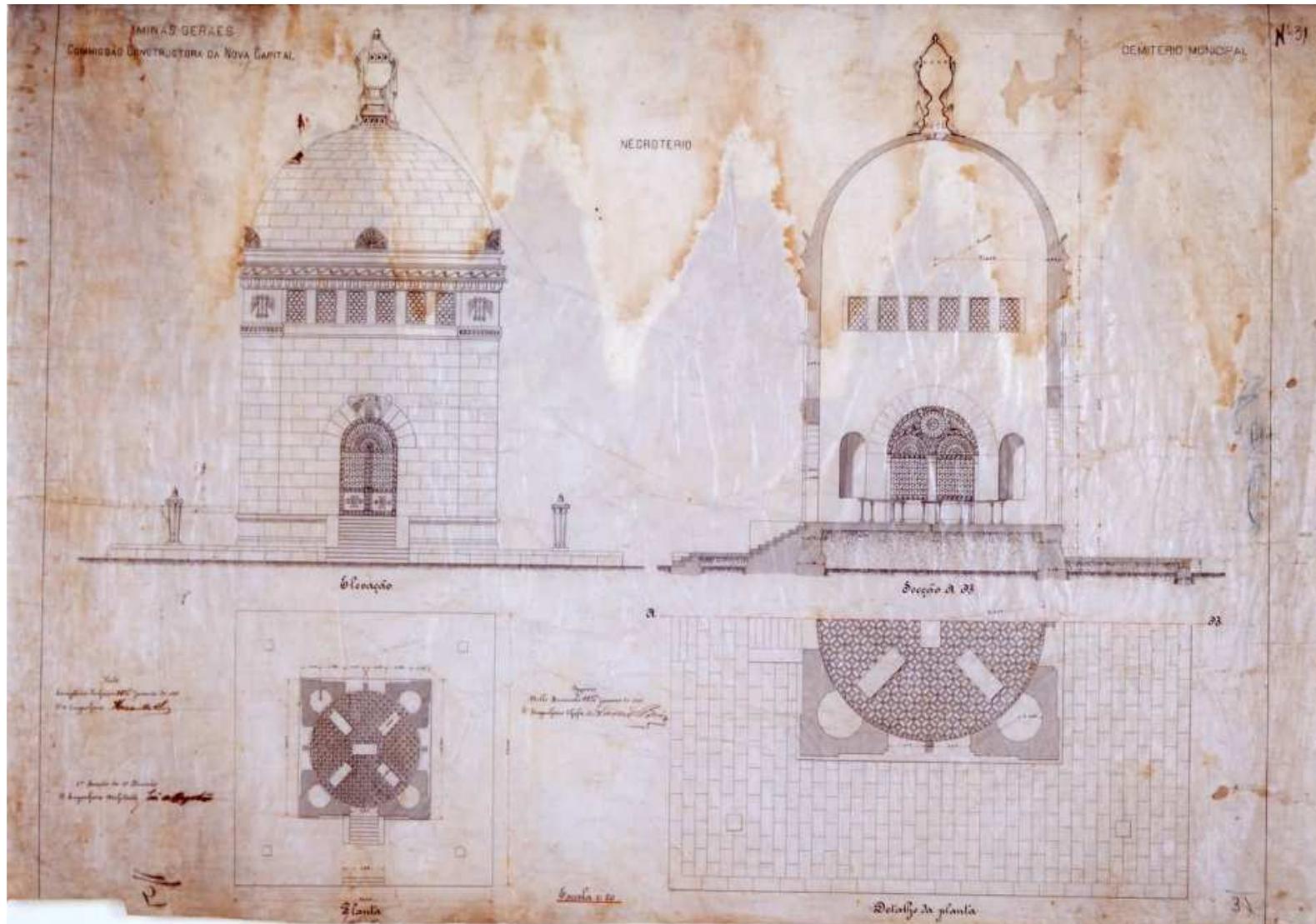


FIGURA 21: Cemitério Municipal – necrotério. Engenheiro-arquiteto responsável: José de Magalhães, 1895.

5. Cheiros impregnados

Olfato. Cheiro, aroma. Repentinos, fugazes. Impregnado à memória. Odores. Inodoro. Cheiros que emanam do corpo. Cheiro do corpo. Cheiro para o corpo. Corpo morto. Excrementos do corpo. Repugnância. Cheiro do Lixo. Águas servidas que correm sobre a terra. Cheiro da casa. Tolerância. Banho. Água. Ar. Movimento. Limpeza. Perfume. Alfazemas. Cheiro do mato, cheiro da terra. Cheiro da cidade.

*“Não se ajuíza de um clima em oito dias; nem eu, em dois annos de residencia, daria opinião com vizos de sentença de estalo; sobre materia affecta a medicos e metereólogos. Pelo que tenho visto, apesar de estarmos no mez de mais calor, a temperatura é amena, temperada; havendo frequentes virações que, emquanto a civilização não povoar com milhares de habitantes este verdejante jardim, nos chegam embalsamadas dos perfumes resinosos das florestas; desse perfume que se tem mantido fugitivo e esquivo, a todas as complicadas manipulações de retórtas, dos Pivers³⁶³, Houbigants e Atkinsons dos modernos tempos”.*³⁶⁴

A percepção olfativa foi instigada no arraial. O ar que chegou às narinas de Alfredo Camarate serviu-lhe de análise do clima da futura cidade. O olfato captou o cheiro que escapava da vegetação e ativou a memória do cronista: recuperava da

³⁶³ LT Piver foi (é) uma loja de perfumes, inaugurada em 1774, em Paris. Nesse momento era conhecida como "A la Reine des Fleurs" tendo como dono Michel Adam. Em pouco tempo esta loja tornou-se a fornecedora oficial da corte de Louis XVI e, posteriormente, para as famílias reais da Europa. Seu filho passa a tradição familiar, em 1799 a Pierre Guillaume Dissey, um parente próximo que depois entregou a loja a Louis Toussaint Piver. Parece significativa a descrição da colônia *Cuir de Russie* produzida nesta perfumaria: *“Criado no final do século XIX, a versão original desta excepcional Colônia foi adaptada ao mercado de hoje. Muito "aristocrata", sua fragrância é inspirada pelo cheiro de couro de Cossack e botas protegidos contra o molhado com casca de vidoeiro de prata. O fascinante e incrivelmente elegante cheiro de couro recheados com as notas picante de tangerina e bergamota para deixar o sentimento de pele totalmente renovada. Em seguida, vêm as notas de madeira picante antes que estes, por sua vez dão lugar ao aroma de mel. Uma fragrância que rende-se discretamente, revelando o seu esplendor todos em tempo útil e apresentada em uma garrafa altamente estrutural inspirada no período construtivista russo. Convívio, refinado e ainda assim nunca ostensivo. Luxo absoluto”.* Fonte: <http://www.piver.com/EN/frameset.asp?rub=historique>. (tradução minha) Essa tentativa de buscar os cheiros da natureza para a odorização do corpo através dos perfumes é explicitada por Alan Corbin (1897). O autor comenta que no final do século XVIII, o jardim e a montanha tornaram-se locais de busca, seja para um afastamento da multidão pútrida da cidade, seja pelo cheiro da vegetação, que favorece a reminiscência e o narcisismo. *“É então que se desenha em torno dos aromas primaveris o contorno de funções que serão progressivamente devolvidas ao perfume, quando chegar a época da estética do olfato”.* (p. 114)

³⁶⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV*. Minas Geraes. Ano III, n. 80, 25 de março de 1894, p. 1.

memória olfativa³⁶⁵ o cheiro das cidades, da civilização. Contraste entre o cheiro do campo e o cheiro da cidade. Perfumistas tentaram recuperar, imortalizar cheiros que não são mais detectáveis ao olfato do cidadão. Piver, Houbiganyes e Atekinson, perfumistas franceses que se dedicaram a encontrar uma essência para o corpo. Sobrepor a um cheiro que exala da pele uma fragrância artificial.

(Des)odorização dos corpos e dos espaços, preocupação com a higiene, e reordenamento da cidade. A percepção olfativa é afetada. Se por um lado as narinas sofrem uma hiperestesia olfativa, educada à captação dos maus cheiros, por outro a batalha pela desodorização poderia provocar o embotamento, a atrofia desse sentido? O que significa essa acentuação da sensibilidade? Como se operou esta misteriosa e inquietante desodorização, que nos torna seres intolerantes a tudo o que possa romper o silêncio olfativo de nosso meio ambiente³⁶⁶? Compreender esse processo envolve questionamentos em torno dos discursos científico, médico, higienista e normativo, apoiados na vigilância olfativa³⁶⁷ e na constituição de comportamentos que favorecem a desodorização dos corpos e espaços³⁶⁸.

³⁶⁵ Se por um lado a fugacidade e a descontinuidade das impressões olfativas atrapalham a memorização e a comparação das sensações geradas a partir dessa percepção, por outro este sentido é reconhecido pela proximidade das narinas com o cérebro, além de estar associado ao sentido da imaginação e do desejo, atingindo de forma mais decisiva o psiquismo se comparado à audição ou à visão. “*Logo, ele deverá surgir como o sentido privilegiado da reminiscência, o revelador da coexistência do eu e do mundo, o sentido da intimidade*”. (CORBIN, 1987, p.14)

³⁶⁶ Perguntas levantadas por Alain Corbin (1987). O autor apresenta duas vertentes a respeito do olfato e da relação deste com os outros sentidos humanos. Em uma primeira concepção, observa o declínio do olfato desde o início dos Tempos Modernos, seja pela dificuldade da linguagem olfativa e pela incompreensão da natureza dos odores, seja pela sua identificação à animalidade, com o farejamento, com a selvageria e a falta de civilização. Por outro lado, o olfato é também o sentido da conservação. O olfato-sentinela comporta-se como vanguarda do paladar e detecta os perigos da atmosfera. Tem como principal função a análise do ar. “*A importância crescente atribuída a este fluído pela química e pela medicina das infecções dificulta, por um certo tempo, o declínio da atividade do olfato detectada por Lucien Febvre. O olfato antecipa a ameaça, discerne à distância a podridão nociva e a presença do miasma. Ele assume a repulsa de tudo o que é perecível*” (p. 14) A configuração de uma obsessão pelo ar e os discursos em torno do anticontagionismo também contribuem para uma atenção maior a esse sentido.

³⁶⁷ Corbin (1987) observa como no século XVIII a atenção refinada que alguns filósofos e outros pesquisadores/cientistas prestam aos dados sensoriais expressam a “*ascendência do sensualismo sobre os procedimentos científicos*”. (p.11) A partir dessa afirmativa ressalta a acentuação da vigilância pelos sentidos, que se tornam cada vez mais analistas e refinam-se quanto ao grau de agrado ou de repugnância ao ambiente.

³⁶⁸ A química pneumática foi decisiva na elaboração da idéia de que o ar não poderia ser considerado apenas como fluído elementar e sim como resultado de uma mistura ou de uma combinação química. Desde a publicação dos textos de Jean-Noel Hallé, membro da Sociedade Real de Medicina do Antigo Regime e primeiro titular da cadeira de higiene pública criada em Paris em 1794, difundiu-se a idéia de que o ar entra na textura dos organismos vivos. “*Todos os mistos que compõem o corpo, fluídos ou sólidos, ao se desfazer sua coesão, deixam escapar ar. Esta descoberta aumenta o campo de ação até então suposto para esta substância elementar. Considerava-se doravante que o ar age de múltiplas maneiras sobre o corpo vivo: por simples contato com a pele ou com a membrana pulmonar, pelos poros, ou por ingestão direta e indireta, uma vez que até os alimentos também contêm uma proporção de ar, de que poderão se impregnar, de início, o quilo e, em seguida, o sangue*”(CORBIN, 1897, p.19). A partir

5.1. A cidade de ar e água: movimento e desodorização

Cidade, corpo. Corpo, sangue, circulação. Cidade, água, ar, movimento³⁶⁹. “Consta-me que o dr. César de Campos já entregou, ao chefe da Comissão Constructora da Nova Capital de Minas, os estudos definitivos para o seu abastecimento de agua potavel”. Na “humilde opinião de profano em todas as sciencias” do arquiteto Alfredo Camarate, “é o fornecimento das aguas potaveis, á uma população, o mais complexo e importante problema da engenharia moderna e aquelle que, apesar dos profundos estudos que se tem feito, sobre as propriedades chimicas e hygienicas das aguas, em França e sobretudo na Inglaterra, ainda está longe de resolver-se; tanto é certo que a sciencia hydrologica, tão util ao bem-estar das populações, ainda caminha, infelizmente, nos seus primeiros e incertos passos”.³⁷⁰

Água e corpo. Múltiplas interpretações somam-se na história dessa associação. De constituinte dos corpos e essência da vida, a água também se presta a carregar o esgoto, a conduzir aquilo que é desprezado pelo homem. “(...) a água se presta aos mais íntimos e desclassificados serviços e, ao mesmo tempo, aos mais abençoados e higiênicos atos” (Sant’ Anna, 2002, p. 100). Os discursos sobre as águas também variam entre a presença e ausência, sua escassez ou abundância. Por vezes, torna-se indesejada, revela o malsão. Por vezes, é sinônimo de saúde, de vida. Há uma variedade de gestos relacionados à água. Aqui nos interessa a experiência da higiene, espacial e

dessa constatação a preocupação com um ar são, livre de partículas maléficas, torna-se justificativa para ações higienistas e sanitaristas. O ar carrega em suspensão as substâncias que se despregam do corpo humano, dos animais, vegetais e da terra. Por essa característica justifica-se a preocupação com os corpos em decomposição, com os miasmas contagiosos e com as micro-partículas transportadas pelo ar. Entre 1760 e 1780 algumas descobertas vão modificar a química pneumática. Até esse momento o olfato não estava estreitamente implicado na apreciação do ar. A medição das qualidades físicas da atmosfera dependia mais do tato e de instrumentos científicos. Para Corbin (1987) chama atenção, até então, a raridade das ocorrências olfativas nos debates sobre o contágio. Contudo, nessas décadas os químicos tentam destruir as imprecisões do vocabulário olfativo, realizando inventários das composições e mistos do ar, criando linguagens para sua definição. Além dessa tarefa se envolvem em discernir as etapas e os ritmos de corrupção do ar, qualificando-os numa escala olfativa. “...o olfato se afirma como o sentido privilegiado para a observação dos fenômenos de fermentação e da putrefação” (p. 23). Emerge-se um papel científico do olfato, que apesar de carregar imprecisões é mais sensível que os aparelhos colocados em uso para a identificação da qualidade do ar. Nesse sentido, tornam-se mais comuns as ocorrências de observações olfativas a partir do final do século XVIII e muitos sábios se envolvem com a atividade de recolher os “ares” ou gases, identificando seus efeitos sobre o organismo animal.

³⁶⁹ Como ressalta Corbin (1897) “Desde a descoberta de Harvey, o modelo da circulação sanguínea induz, numa perspectiva organicista, o imperativo do movimento do ar, da água, dos produtos. O contrário do insalubre é o movimento. (...) A virtude dada ao movimento incita às canalizações e à expulsão da imundície; justifica a importância dada à queda d’água das construções” (p. 122).

³⁷⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/ Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 denovembro de 1894, p. 2.

corporal. Relacionada a tal questão as disputas e discursos, sobretudo técnicos, que engendraram a presença da água em uma cidade em construção. Presença racional, calculada, prevista, prescrita. Queremos perceber como esse trabalho sobre a água em uma cidade em construção resvalou na constituição de uma sensibilidade, imprimindo sobre os corpos uma (auto)imagem urbana e higiênica.

As conquistas da química identificam no fluido os elementos que a compõe: *“Todos sabem que as aguas encerram naturalmente os elementos soluveis dos terrenos que atravessam e, nestas condições, pôdem conter compostos numerosissimos”*. A análise da água ultrapassa a percepção dos sentidos, ganha um olhar microscópico, identificam-se os componentes: *“Nas aguas destinadas aos usos da vida, encontra-se sempre, em quantidades bastante notaveis: aluminio, ferro, cal, magnesia, soda, potassa, ammoniaco, acidos silicico, sulfurico, chloridrico, phosphorico, azotico e carbonico”*.³⁷¹ A sua composição química interfere na sua qualidade, suas propriedades e também denuncia aspectos não favoráveis às suas *“qualidades higiênicas”*:

Algumas ha, em que se encontra tambem vestigios de bromio, de iodo e de outras substancias, que devem exercer acção importante nas qualidades hygienicas da agua; não esquecendo que, além das materias mineraes citadas acima, ha quasi que constantemente e em proporções mais ou menos consideraveis, materias organicas de composição e propriedade muito variaveis; mas cuja influencia sobre as aguas é sempre muito desagradavel³⁷².

Apesar desse saber químico mobilizado para a qualificação da água, Alfredo Camarate defendeu outro método de inquirir sobre a questão: *“Não se conhece ainda, de maneira precisa, o modo de acção sobre a economia animal de cada uma das substancias isoladas ou misturadas, que se encontra nas aguas potaveis. Conhece-se, é verdade, a composição chimica de grande numero dellas; mas ainda hoje o processo do inquerito é o aconselhado como o mais efficaz”*.³⁷³ Nesse inquérito os sentidos são mobilizados para a apreciação: *“Como analyse ou, antes, como elementos para o inquerito tão recommendado por Pignan, por Magon e por outros que tratam da materia, o dr. Cezar de Campos limitou-se a verificar se as aguas que captou possuiam*

³⁷¹RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 2.

³⁷²RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 2.

³⁷³RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 2.

as propriedades de dissolver o sabão, de cozer o feijão e de serem agradáveis ao paladar”.³⁷⁴ Sobre essa avaliação Camarate comenta: “São tres **chapas** populares para o conhecimento da agua de que nos servimos: mas os tres elementos mais importantes, se não os mais certos, para que possamos dizer si uma agua serve ou não para todos os usos domesticos”.³⁷⁵ As chapas químicas são transformadas em “*chapas populares*”, estas mais seguras para se avaliar o uso da água para fins de consumo imediato.

Química e sensualismo³⁷⁶. Estes disputam espaço na análise higiênica do meio, do ar e da água:

No ponto que está a questão sobre a potabilidade das aguas, a opinião dos consumidores ainda é o elementos mais digno de atenção; porque a sciencia chimica, no seu caminhar vertiginoso e portanto no seu tactear constante, transforma e modifica opiniões, de anno para anno e, por muito pouco que sejamos versados no manuzear da retorta, sabemos que a agua que contivesse menos materias em dissolucção era a recommenda, pelos auctores outrora, como a melhor para a alimentação do homem e sabemos hoje que, si as aguas demasiadamente carregadas são sempre más, as chimicamente puras não seriam melhores tanto para o homem, como para todos animaes da creação!³⁷⁷

No cotidiano, os saberes da química e da experiência sensível se somam: “*Contesta-se igualmente, hoje, que a falta de iodo e o excesso de magnesia sejam factores do bossio, n’estas circunstancias, o povo, esquivando-se às nobres e louvaveis tropicadellas da sciencia, vai escolhendo e regeitando, de modo proprio, as aguas que lhe convem*”. A percepção dos sentidos, mesmo com os avanços da ciência, serve à adjetivação da água: “*É um facto muito conhecido, o dos pensionistas do hospicio de velhos de Bolton reclamarem, em alta grita, todas as vezes que, por experiencia, lhe preparavam o chá, com agua **dura** ou **crua**: isto é com agua que continha uma proporção exagerada de cal. Os padeiros clamam logo contra essas aguas e tanto os padeiros como as velhinhas de Bolton insurgiam-se, pelos effeitos da pratica, contra a*

³⁷⁴RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 2.

³⁷⁵RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 2.

³⁷⁶No início do século XIX a filosofia sensualista se organiza. O saber osfresiológico implica a elaboração de um vocabulário científico. Para Condillac criar uma linguagem capaz de traduzir as percepções do olfato significa retirá-lo da animalidade e da marginalidade. A revolução de Lavosier, contudo, passa a privilegiar uma análise química do ar às expensas da impressão sensorial. O papel do olfato para a identificação do ar contaminado passa a ser questionado, já que o fedor não representa mais o reflexo exato da viciosidade do ar. Na prática cotidiana, contudo, ele é ainda solicitado para detectar a qualidade do fluido. Ver Corbin (1897).

³⁷⁷RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 2 e 3.

crueza ou dureza da agua que lhe forneciam e não, coitados porque si tivessem enfronhado em elocubrações hydrotimetricas!”.³⁷⁸

Além da qualidade da água, a quantidade entra em pauta nas discussões da CCNC. A cidade moderna, planejada, deveria ser reconhecida pelo movimento e não pelo estagnado, pela abundância e não pela escassez: *“Estudada a qualidade das aguas, que deviam abastecer a nova Capital “Minas”, o dr. Cesar de Campos estudou, com igual zelo e probidade, a quantidade que póde entrar no seu abastecimento”*.³⁷⁹ O arraial passava por um período de estiagem, *“no dizer dos habitantes de Bello Horizonte, é uma secca sem exemplo”* e *“sobre este minimo eventual de fornecimento, calculou ainda, pela minima do minimo e achou a proporção de tresentos litros por cabeça; proporção que se póde sustentar até larguissimas epocas, pelo fornecimento de novos corregos captaveis; mesmo quando a população chegasse a 800.000 almas ou mesmo a um milhão de habitantes!”*.³⁸⁰ Comparando-se com o fornecimento de água em outras cidades, Belo Horizonte se fazia notar. À parte estava Roma *“que ainda actualmente póde fornecer agua aos seus habitantes, à razão de mil litros por cabeça”*. Dijon que *“fornecia aos seus habitantes a razão de quatrocentos litros por cabeça; mas que, na estação calmosa, reduz esse fornecimento a duzentos e quarenta litros”* e Carcassonne *“que tem um abastecimento constante de quatrocentos litros por habitante”* também se destacavam. Contudo, essas cidades não poderiam ser comparadas à futura capital de Minas Gerais, que pretendia ser um dos grandes centros populosos. A cidade de Minas tinha outros parâmetros: *“Já veêm os mineiros que a sua futura capital, depois da excepcional Roma, figura brilhantemente entre as primeiras; pelo que toca o abastecimento de aguas potaveis (...)”*:

Londres, com cem litros de agua diarios, por habitante.

Paris, com cento e quarenta litros.

Nova York, com cento e vinte litros.

Bruxellas, com oitenta litros.

E em todas as demais cidades, o fornecimento de agua oscilla, entre oitenta e cem litros diarios por habitante³⁸¹.

³⁷⁸RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 3.

³⁷⁹RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 3.

³⁸⁰RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 3.

³⁸¹RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 3.

O desejo do engenheiro responsável pelo serviço de captação era encontrar água necessária para uma grande população e fazer com que os “*minienses se banhem tres vezes por dia, apenas com a despesa de sabonête e da lavagem do lençol!*”.³⁸² É interessante como se dá esse processo de associação entre a água e a limpeza do corpo. Vigarello (1996) mostra como nem sempre essas estiveram associadas. Os cuidados com o corpo, até o final do século XVIII, se concentravam nas suas partes visíveis, como rosto e mãos e na roupa, sobretudo a branca, que expressavam asseio. Apesar do cuidado com a limpeza se fazer para o olhar e para o olfato, as exigências e gestos favoreciam, sobretudo, a aparência. A água, muitas vezes, era vista como ameaça e a toalete “seca”, a mais indicada, consistia na fricção das partes do corpo e na perfumação. Contudo, diante da ameaça das epidemias as representações em torno da água e do corpo se transformam, fazendo emergir um asseio corporal não mais baseado na proteção por barreiras visíveis e invisíveis – roupa e perfume –, mas no cultivo do organismo, no vigor, no trabalho dos músculos, na circulação plena do sangue, na respiração e na transpiração da pele. Essa nova sensibilidade que emergiu em relação ao corpo higiênico e saudável também criou justificativas para a intervenção no espaço urbano. Promover trocas e acelerar os fluxos, agir e trabalhar sobre o espaço livrando-o da estagnação, da decomposição, da podridão. Do odor fétido, da epidemia e da contaminação.

Identificada e verificada a qualidade e a quantidade da água: “*Resta agora canalizar-a e distribuir-a aos consumidores*”. Os canos determinam o caminho da água: “*Da canalização de taes aguas já cuidou esmeradamente o distincto engenheiro Cezar de Campos, e com grande senso econômico.*” Importante pensar sobre as conseqüências dessa canalização da água, seus efeitos no cotidiano. Apesar de abundante o consumo da água deveria ser controlado. O método de distribuição da água seria “*uma questão de insignificante monta para a engenharia; mas muito interessante para o consumidor*”. O cronista-arquiteto comentou sobre duas possibilidades: “*Ha dois sistemas de distribuição: a distribuição continua e a descontinua*”. Sobre o consumidor recaem as penas da distribuição descontínua “*que fornece agua só em certas horas do dia, todos clamam, incluindo eu que, em Buenos Aires tinha sempre que andar de relógio em punho, para saber quando me podia lavar e banhar!*”. Quanto ao sistema contínuo “*há dois meios de fornecer agua, por conta, ao freguez: o da tal **penna d’agua**, que, a todo*

³⁸² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXIX. Minas Geraes. Ano III, n. 243, 10 de setembro de 1894, p. 1.

o momento, fica entupida e o dos contadores de Siemens, de Bastos ou de qualquer outro auctor e que nos faz pagar a agua que gastamos, no fim do mez”. Controlar o tempo de uso da água. Esta não estará mais disponível como elemento da natureza, do qual o homem desfruta a qualquer tempo e espaço. Há uma esperança racionalizadora desse uso: “*È, uma economia para os hydrophobos sujos e um correctivo para os que querem viver todo o dia dentro d’agua como os patos! Com agua à discreção, nem o oceano chegava para os brasileiros!*”.³⁸³ Há aí impregnado um tom pedagógico. Novos gestos como abrir e fechar torneiras e canos por onde corre a água são solicitados aos corpos citadinos. “*Tal aprendizado, assim como tantos outros, não poderia ocorrer sem a coação de antigos gestos, o adestramento das mãos, do braço e da visão em função de movimentos giratórios cada vez mais associados aos valores de conforto e da economia individualizada da água*” (SANT’ANNA, 2002, p. 102).

Falando sobre o projeto de abastecimento de água da futura capital Alfredo Camarate admirava seu “*caracter essencialmente pratico, economico e previdente*”.³⁸⁴ A cidade planejada no presente projetava-se também para o futuro: “*Não se dispense um ceitil a mais; não se fazem tentamens novos e que podiam ser irrealisaveis; não se esquece o futuro; levando as precauções até o ponto de se ficar premunido, contra as necessidades de uma população, mesmo levada às proporções, se não do impossivel pelo menos do improvavel*”. O dr. Aarão Reis “*entendeu e entendeu muito, que todo o interesse da questão estava em fornecer a agua à Capital, de boa qualidade, em grande quantidade e pelo menor custo que fosse possivel*”. Essa intenção foi acompanhada de um estudo minucioso dos córregos do arraial, identificando-se as potencialidades, vazões e qualidade da água: “*Além dos corregos Serra, Acaba Mundo, Mangabeira e outros, que nascem e correm, na costa septentrional da serra do Curral, em que assenta a localidade e que offereciam captação de boas aguas, em cotas sufficientes, para suprimento da futura cidade, apresentavam-se tambem, ao estudo, os corregos Taquaril, Leitão, Cercadinho, Bom Successo e Posse; afluentes todos da margem direita do Arrudas*”.³⁸⁵ Estes são assim classificados e escolhidos para “*inundar*” a futura capital:

³⁸³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles L. Minas Geraes. Ano III, n. 321, 29 de novembro de 1894, p. 3.

³⁸⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles LI. Minas Geraes. Ano III, n. 323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.

³⁸⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles LI. Minas Geraes. Ano III, n. 323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.

O Serra é o que offercia captação em cota mais elevada e fornecia 25 litros por segundo.

O Acaba-mundo dava quinze litros por segundo; servindo portanto para abastecimento de 11.500 habitantes.

O Taquaril não resolvia a questão.

O Leitão e Bom Successo não offerciam cota sufficiente, para desaguarem no reservatorio do Acaba-mundo.

O Posse, que tem uma agua excellente, exigia grande extensão e grande diametro de tubos.

Deu-se preferencia, pois, ao Cercadinho, que fornecia 112 litros por segundo; isto é, agua para trinta e dois a cincoenta mil habitantes.

Taquaril, Posse e Bom Successo ficaram reservados para depois e o Leitão ficou tambem reservado para mais tarde, destinando-se-lhe a missão de fornecer lavanderias e para descarga dos canos de egotto.

O Gentio e Ilha foram destinados para supprir o Acaba-mundo, abaixo da represa de captação e servir para alimentar os grandes lago do Parque.

O Mangabeira é aproveitado para uma grande lavanderia publica.

O projeto estabelece que o Serra seja canalizado por tubos de 0m,30 que terão 1.233 metros de desenvolvimento e dirigido para um reservatorio com a capacidade de 2.000.000 de litros e que sera construido num morro situado por detraz do Cruzeiro.

O Acaba-mundo será lavado em tubos de 0,30 com 1.392 de desenvolvimento para o seu grande reservatorio que se construirá na Encosta do Illydio e que terá capacidade para 18.000.000 de litros.

O Cercadinho, que tambem vae desaguar neste reservatorio, será conduzido por uma linha mixta, com 6.212 metros, sendo:

3.974 de caixa fechada de alvenaria.

138 de caixa aberta.

275 de calha em tunel.

1.852 de syphão de dupla linha de tubos de ferro, com 0,30 de diametro.

O tunel deve ser rasgado na Garganta das Pedras; dispondo-se na sua bocca inferior, uma cascata para arejar as aguas na passagem do tunel para o syphão³⁸⁶.

Deste projeto de canalização da água Alfredo Camarate disse que *“nunca se inundou a população de uma cidade, por fóra e por dentro, com tão pouco dinheiro!”* O movimento da água estava garantido. Os tubos conduzem a água em velocidade e quantidade constante. A ameaça da água estagnada, a desconfiança em relação à umidade que sugere a putrefação dão vazão ao movimento. Este purifica: *“a correnteza leva, mói, dissolve os restos orgânicos que se aninham nos interstícios das partículas aquáticas”* (CORBIN, 1987, p. 47). O consumo da água de boa qualidade também estaria garantido, mesmo para aqueles que tinham por hábito o consumo de outros líquidos:

E eu felicito os actuaes habitantes de Bello Horisonte e felicito-me ainda com mais enthusiasmo; porque, para mim, a agua é a unica bebida de que necessita a creatura. E, depois, têm os demais humanos a certeza de não

³⁸⁶RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles LI. Minas Geraes. Ano III, nº323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.

beberem agua, aquelles mesmo que matam a sêde unicamente com vinho, com cerveja, ou com cidra?

Uma garrafa de vinho contem sempre muita agua com pouco vinho; a cerveja não é mais do que uma tizana feita com agua, e alguma cevada, pouquissimo lupullo e assucar e eu entendo do riscado que já, por dois annos, propinei cerveja da minha lavra, aos fluminenses.

Coitadinhos!

A cidra não é mais do que maçãs e agua postas em fermentação.³⁸⁷

Este fluxo contínuo desse fluido também conteria a impregnação da água por elementos contaminados ou que geram contaminação. Sobre o consumo de água pelos habitantes das cidades o viajante fala de sua experiência: “*E, entre a água impura e a água pura, eu prefiro a ultima; exatamente pela razão de ser raríssima*”. Sobre a qualidade da água em centros urbanos comentou, utilizando o paladar como guia:

Em Paris, bebia sempre a agua de *groseille* ou com qualquer outra droga colorante, para lhe esconder o desagradavel aspecto.

Em Londres, capital em que o sol se parece com a lua e a lua com um queijo fresco, a agua parece-se com um liquido ammoniacal, cujo nome conservo nas penumbras do anonymo, para não escandalisar os meus leitores.

Em Lisboa, era tanta a quantidade de cal que tinham as aguas, que se podia dizer que os estomogos dos lisboetas andavam tão caiados, como a frontaria dos seus predios.

Sua crônica não poderia deixar de avaliar a água do arraial: “*E, finalmente, em Bello Horisonte, que agua tenho eu bebido, santo Deus!*” A água do arraial passa de casa em casa, de quintal a quintal, recebendo livremente os líquidos já utilizados, os rejeitos de cada casa:

Enquanto não consegui encher a minha moringa na fresca e deliciosa nascente, que corre n’um quintal do meu socio e amigo, que agua eu bebi, nascida pelas calhas que alimentam o ex-Curral d’El- Rei e que, servindo para a bebida e despejos do visinho A; vem correr, com toda a sem cerimonia, para a casa do visinho B; que a bebe collaborada e fornece depois, com a sua propria collaboração, ao visinho C e assim por diante.

O que terei eu bebido; eu, que naquelle alphabeto hydraulico, fico pelas alturas do X ou do Z!!³⁸⁸

No arraial a visão dos rios e córregos ainda entrecortava a paisagem e o cotidiano rural. Estes ainda não haviam sido canalizados, tampados. O cronista

³⁸⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles LI. Minas Geraes. Ano III, n. 323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.

³⁸⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles LI. Minas Geraes. Ano III, n. 323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.

estranhou esse uso coletivo e o que queria anunciar era a necessidade de um processo de individualização da água. Sua qualificação da água do arraial revelava um diálogo de tolerâncias:

Diz-se que os soffrimentos e maguas deste mundo são levados em conta dos nossos peccados, no acto de saldar as nossas contas ao entrar na eternidade

Que saldo a meu favor devo eu levar, á presença do Supremo Julgador; eu que, durante tres mezes consecutivos, comi feijão preto e abobora amarella, arroz de agua e carne de vento e regado e lavado, por dentro e por fóra, com esse liquido amarello, turvo e nauseabundo, que os felizes habitantes do velho arraial intitulavam pomposamente com o nome de agua.

Pobre agua! Como te calumniavam!³⁸⁹

É interessante como o investimento da construção da cidade deveria se dar tanto na arquitetura monumental que se posta diante dos olhos dos cidadãos quanto em um investimento em uma maquinaria invisível: “*o luxo edificante das fachadas contra o luxo mais secreto, e, às vezes, mais custoso dos canais ocultos*” (VIGARELLO, 1996b, p.20). A cidade é interligada tanto pelas ruas e avenidas quanto por uma rede capilar, camuflada, invisível que conduz a água potável e escoar, evacua o lixo, o esgoto da cidade. O trabalho do engenheiro é solicitado: “*o desafio se torna aquele do cálculo dos níveis, o da velocidade nas canalizações ou o da flexibilidade nos entroncamentos*” (VIGARELLO, 1996b, p.20).

A preocupação com a livre circulação da água constrói a representação da cidade drenada: “*Secar uma cidade através da drenagem significa desativar a estagnação pútrida genealógica, preservar o futuro desta cidade, garantir, através da técnica, a regulagem que a natureza sozinha não poderia operar nesses locais de amontoamento artificial*” (CORBIN, 1987, p. 122). Manter a cidade limpa significa não tanto lavá-la, mas drenar, impedir a estagnação da água, assegurar seu escoamento. Nessa substância poderia estar diluído tudo o que causa contaminação e mal cheiro. O essencial é criar condições técnicas para evacuar e escoar a imundice: “*Art. 39. Os terrenos húmidos ou alagadiços, antes de serem edificados ou mesmo cercados por muros, serão drenados convenientemente, segundo indicações dadas pela Directoria de Obras da Prefeitura. Os drenos escoarão pelas galerias ou canaes, segundo as*

³⁸⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles LI. Minas Geraes. Ano III, n. 323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.

mesmas indicações, que determinarão as medidas a executar em casos especiaes, attendendo aos preceitos de hygiene e à solidez das construccões”.³⁹⁰

A obsessão pela circulação da água e do ar compunha as regulamentações para a nova cidade. “A ventilação constitui doravante o eixo da estratégia higienista. O fluxo que se deve controlar, antes de mais nada, é o do ar. Mas ainda do que drenar a imundície, é assegurar a circulação do fluido aéreo, o que melhor corresponde ao medo da estagnação e da fixidez, associadas à frieza e ao silencio do túmulo” (CORBIN, 1987, p. 125). A promoção da ventilação foi pensada por alguns aeristas franceses dos séculos XVIII e XIX tendo como virtudes restaurar a qualidade anti-séptica do ar. O movimento teria como objetivo purificar e desodorizar. A utilização e o debate sobre diferentes máquinas e objetos – como os ventiladores, leques, moinhos, portas – que proporcionassem a corrente do ar ganharam destaque nesse período. Alguns químicos passaram a medir, por meio do olfato, a relação que se estabelece entre o tempo necessário para se obter uma total desodorização e o volume de ar introduzido em um ambiente.³⁹¹ Em Belo Horizonte era regulamentado que os “edifícios para theatros” deveriam ter dimensões “*proporcionaes ao numero de espectadores, de modo que cada um destes disponha pelo menos de 50 metros cúbicos de ar renovado por hora*”.³⁹² Outras orientações para a construção de salas de espetáculos indicam essa obsessão pela circulação de ar:

Art. 17. A ventilação natural deve ser directa e nunca feita atravez de corredores.

Art. 18. Além da ventilação natural, devem-se ter em consideração os processos de ventilação artificial, que deverão ser applicados aos edificios dos theatros.

Art. 19. Dos differentes processos de ventilação artificial o que merece preferencia é o de insufflações mechanicas.

Art. 20. O ar introduzido artificialmente nos salões deva ser puro e dirigido de modo que a velocidade da corrente aérea não incommode os espectadores.

Art. 21. É indispensável que todas as portas sejam de abrir de dentro para fora.

Art. 23. O teatro deve ser todo lavado de 15 em 15 dias com uma solução desinfectante.³⁹³

³⁹⁰ Decreto 1211, de 31 de outubro de 1898, Promulga as posturas da cidade de Minas.

³⁹¹ Corbin (1987) fala dessas experiências em prisões e em sala de escola infectada pelo suor dos alunos e pela sujeira das roupas. Os químicos mostravam, por exemplo, que seriam necessários seis metros cúbicos de ar, por indivíduo e por hora, para fazer desaparecer qualquer cheiro nesses espaços.

³⁹² Decreto n. 1360, de 14 de fevereiro de 1900. Estabelece o regulamento para theatros, Art.2.

³⁹³ Decreto n. 1360, de 14 de fevereiro de 1900. Estabelece o regulamento para theatros, Art.2.

Também é revelador o emprego de aparelhos mecânicos e a introdução artificial de ar para garantir a circulação. O ventilador garantiria um fluxo constante, regulável, permanentemente medido, indispensável para a eliminação dos odores individuais. Alguns espaços, como os porões subterrâneos, foram combatidos por estarem sujeitos às emanções do solo e privados da necessária circulação do ar. *“Nas edificações dos prédios serão observadas as seguintes prescrições”*:

4. Não serão permitidos porões de altura inferior a O.^m 80, e serão estes providos de mesaninos externamente e aberturas nas paredes internas que permitam franca circulação de ar e penetração de luz. Só poderão ser habitados ou aproveitados para qualquer mister, quando tenham altura superior a 2.^m 50 e neste caso terão o pavimento nas condições do numero anterior, as paredes rebocadas e caiadas e os mesaninos de dimensões não inferiores a O.^m 60X0.^m 40;

5. Terão abundância de ar e luz directa em todos os compartimentos;

6. As áreas centraes serão suficientemente largas, proporcionaes à altura do predio e terão calçamento estanque e serão providos de ralos destinados ao escoamento das aguas pluviaes.³⁹⁴

O trabalho de promover a ventilação da cidade foi completado pela tentativa de “desamontoar” pessoas, exercer um controle sobre as emanções pessoais, impor um policiamento sanitário e normas reguladoras. Este distanciamento necessário dos corpos, fora também muito influenciado pela privatização dos odores pessoais, pela privatização dos excrementos, pela utilização da cama individual e também pela individualização do túmulo. Parece-nos que se configurou, desde o urbanismo das Luzes, algumas convicções na ordem dos projetos sinalizando uma cidade ideal e, principalmente, uma cidade inodora. A cidade saudável, difundida nos discursos, *“será construída em uma encosta; a ausência de muralhas altas permitirá ao vento ‘varrer vapores e exalações’; as profissões responsáveis pelos maus cheiros (curtidores, pisoeiros, tintureiros) serão rechaçadas para fora dos muros, bem como os cemitérios, hospitais e açougues. As manufaturas serão instaladas nos arrabaldes; ruas largas e vastas praças semeadas de fontes de água facilitarão a circulação do ar”* (CORBIN, 1987, p. 132). Desta concepção de cidade encontramos vestígios na construção de Belo Horizonte: higiênica, asséptica, inodora.

³⁹⁴ Decreto 1211, de 31 de outubro de 1898. Promulga as posturas da cidade de Minas. Art. 36.

5.2. Desodorização da cidade

A mensuração olfativa pareceu ser uma preocupação nos primeiros anos da cidade. Detectar os fedores e proceder a uma qualificação das emanções é uma tarefa essencial para a desodorização do espaço.³⁹⁵ Uma apreensão com o lixo, com as águas servidas, com os animais soltos pelas ruas, com matadouros e cemitérios foi revelada na legislação organizada nos primeiros anos da cidade. Configura-se quase uma obsessão higiênica, que embasa todas essas prescrições, recaídas sobre os espaços e corpos que, por sua vez, deveriam, pouco a pouco, serem desacostumados aos cheiros nauseantes, maus-cheiros, miasmas³⁹⁶, exalados e identificados aos espaços “degenerados”. A cidade moderna comporta outros odores.

Os discursos repetitivos e reincidentes dos decretos sanitários carregavam o tom prescritivo que tinha por fim uma luta contra os odores nauseabundos. Esgotar os fios de águas servidas que corriam sobre os calçamentos, proibir que se depositassem nas ruas uma multiplicidade de matérias e líquidos faziam parte dessa estratégia. A obrigatoriedade da limpeza das calçadas e a coleta diária do lixo doméstico reforçavam as técnicas de limpeza. Havia uma estratégia sanitária implantada na cidade que não se modelava mais em caráter episódico de ataque às epidemias. Havia uma vigilância diuturna sobre ruas, passeios e calçamentos: “*‘a invenção da questão urbana’, o triunfo da concepção funcional da cidade máquina’ incitam a uma ‘toalete topográfica’, indissociável da ‘toalete social’, que a limpeza de ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam*” (CORBIN, 1987, p. 119).

A gestão da saúde da cidade passa pelo inventário dos odores nocivos. O sonho da pureza do ar faz aumentar as denúncias dos odores fétidos. Pouco a pouco o rebaixamento dos limites de tolerância³⁹⁷ passa a causar maior repugnância dos odores da cidade, primeiramente dos odores dos cadáveres – expressando uma tentativa de separar o “mundo dos vivos” e o “mundo dos mortos” – e após esses, outros cheiros

³⁹⁵ Corbin (1987) cita o exemplo de vários estudiosos e médicos que se envolveram com a tarefa dessa mensuração olfativa, na França do século XVIII. Essa atitude parece se envolver ao cotidiano da cidade de Paris, podendo ser constatada uma “*hiperestesia coletiva*”, assim como a constituição de uma repugnância pela respiração dos miasmas da cidade.

³⁹⁶ “*Emanação morbífica, proveniente de substâncias orgânicas em decomposição*”. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=miasma>.

³⁹⁷ Alain Corbin (1987) observa que a partir da metade do século XVIII ocorrem modificações na percepção dos odores, passando estes a serem mais vivamente sentidos. “*Tudo se passa como se os limites de tolerância tivessem sido rebaixados, e isso bem antes que os incômodos industriais tivessem acumulado no espaço urbano*” (p. 78). Essa percepção mais profunda do ambiente olfativo entre médicos, químicos e escritores será acompanhada por um processo de difusão da ansiedade e da vigilância para com os odores.

entram na ilegalidade: lixo, animais, matadouros, excrementos. Passaram a agredir a nova sensibilidade olfativa que se constituía, com o auxílio das justificativas químicas, médicas e científicas.

Um dos imperativos da higiene desodorizante foi a tentativa de impedir o contato entre o espaço aéreo e as emanções provenientes da terra. Impedir as emanções e fedores do solo e a sua impregnação são cuidados permanentes, que ganham reforços com a pavimentação. Engenheiros e higienistas, aliados aos calceteiros. Como estabelecer uma barreira visível que impeça emanções invisíveis provindas da terra de impregnarem o ar? O calçamento das ruas torna-se uma ciência, uma arte: *“o pavimento agrada o olhar; torna a circulação mais fácil; facilita a lavagem com muita água. Mas pavimentar é antes de tudo isolar-se da sujeira do solo ou da putridéz das camadas aquáticas”* (CORBIN, 1987, p. 120).

Alfredo Camarate falou dessa arte de recobrir o solo: *“Os calceteiros de Paris chamam à pedra excessivamente dura: **pedra pif**, **pedra paf**, àquella, cuja densidade e dureza a tornam propria para o calçamento e **pedra puf** aquella que se transforma, ao mais pequeno choque da ferramenta”*.³⁹⁸ Começando com exemplos e classificações parisienses, cidade impermeabilizada,³⁹⁹ a cidade de Minas deveria passar pelo mesmo processo: *“pois senhores, não conheço região no mundo tão abundante dos **pifs**, de **pafs** e de **pufs**, como aquella em que vai se assentar a nova Capital de Minas!”*. A questão se impõe: *“Qual é o melhor systema de calçamento, para uma cidade populosa?”*. O cronista comentou: *“eis uma resposta difficil de dar; apesar dos notaveis e importantes progressos, que o calçamento tem feito na segunda metade deste seculo”*. Os debates em torno do calçamento dificultavam a decisão sobre o tipo de revestimento mais adequado à nova cidade: tipos, formatos e dureza da pedra, outros tipos de materiais, formas de assentamento, técnicas de impermeabilização são analisados pelo cronista e pela CCNC. A experiência do viajante-caminhante permitia-lhe, mais uma vez, inferir sobre os calçamentos: *“Não me enfiarei a dentro, pela sciencia dos calçamentos, que pertence aos engenheiros, que são sempre nimiamente zelosos, pelos seus engenhos e engenhócas; mas direi apenas, pelo muito que tenho gasto solas em cidades calçadas e mesmo com vaidades de serem muito bem calçadas, que o systema de paralelepipedos de granito se me affigura o melhor; si se attender a*

³⁹⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/*Por Montes e Valles XLIX. Minas Geraes. Ano III, n. 315, 23 de novembro de 1894, p. 2.

³⁹⁹ O uso de calçadas, ladeando as ruas e dirigindo a movimentação dos pedestres começa a aparecer em Paris no final do século XVIII. Ver Corbin (1987).

todos os preceitos que exigem a fôrma e a camada da areia, sobre a qual tem de repousar as pedras do calçamento”.⁴⁰⁰ O assentamento dos paralelepípedos de granito exigia cuidados, uma técnica, uma garantia de uma barreira física para as emanções da terra:

Se, como fazem os francezes, espalharem, dentro da fôrma, uma camada de areia, com uma altura de 0,m10; si a comprimirem, depois, com bugios e regarem abundantemente, até que essa camada de areia fique reduzida a 0m,07 de espessura; si, sobre esta primeira camada, estenderem uma segunda tambem de 0,m10 de altura e trabalhada da mesma maneira e, ainda em cima da segunda, uma terceira com a espessura de 0,m03 a 0,m06, teremos uma magnifica cama para assentar o calçamento do granito; cama que dará grande duração ao revestimento de pedra; tanto é certo que, da bôa cama que a gente faz, depende a bôa cama em que a gente se deita!⁴⁰¹

A areia, sua compressão e superposição aumentaria a barreira e a proteção do ar: *“dizem os mestres que a areia é tudo no calçamento; atendendo que reparte com mais uniformidade e pressão exercida sobre a pedra; dando-lhe mais segurança, visto que a sua semi-fluidade lhe permite preencher os espaços e interstícios, que ficam entre os paralelepipedos*”.⁴⁰² Interstícios, frestas do solo provocaram a desconfiança dos higienistas:⁴⁰³ por estas escapavam os miasmas, emanções, fedores. A colocação dos calçamentos deveria ser criteriosa e as fendas, como uma ameaça que acumulava a lama, a sujeira, partículas contaminadas deveriam ser banidas. As partículas de areia ocupariam esse lugar, preenchendo os espaços vazios, regularizando o solo e promovendo a impermeabilização.

Modos de aplicação, disposição das pedras entravam em debate, tomando-se como exemplos as cidades já cobertas: *“Em Pariz, collocam as pedras em fileiras perpendiculares á direcção das ruas: mas, nas cidades principaes da Austria, os paralelepipedos são collocados em filas obliquas ao eixo das ruas; o que parece preferivel, por ser mais resistente à acção das rodas dos vehiculos, que se exerce,*

⁴⁰⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XLIX. Minas Geraes. Ano III, n. 315, 23 de novembro de 1894, p. 2.

⁴⁰¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XLIX. Minas Geraes. Ano III, n. 315, 23 de novembro de 1894, p. 2.

⁴⁰² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XLIX. Minas Geraes. Ano III, n. 315, 23 de novembro de 1894, p. 2.

⁴⁰³ Corbin (1897) observa várias idéias em torno das emanções telúricas, presentes até o século XVIII. As constantes fermentações da terra, as exalações e os vapores que se desprendem do solo compõem uma obsessão pelas fissuras, pelas junções imperfeitas e fendas e denunciam o perigo das epidemias. O medo dos odores exalados pelas frestas abertas no solo traz a preocupação com os pisos e calçamentos. Além disso, a terra é vista como estoque de produtos da fermentação, da putrefação e do excremento, o que é atestado pelos fedores. A lama é um dos componentes que merecem atenção da vigilância olfativa. Esta se constitui de areia infiltrada entre as pedras do calçamento, de lixo, água estagnada e suja e excremento.

seguindo a linha diagonal do calçamento, cujas pedras se tornam, além disso, solidárias uma das outras, em consequência da direcção obliqua das juntas".⁴⁰⁴ A cidade de Minas, calçada, foi projetada na escrita do cronista: "*sem pergaminhos de engenheiros de pontes e calçadas, sem a pratica de calceteiro ou mesmo de modesto britador, parece-me poder afirmar que a Nova Capital do Estado de Minas será calçada com paralelepipedos de granito, na maior parte das suas ruas; reservando-se talvez, para as grandes avenidas o systema de Mac-Adam, que, nas ruas com algum declive, é magnifico sobretudo para os carros*".⁴⁰⁵

O calçamento favorecia, além de uma homogeneidade da paisagem visual, a manutenção e a promoção da higiene: favorecia a lavagem e o escoamento da água, impedia a estagnação e a impregnação do solo. Exigia uma educação dos corpos, coibindo o depósito de materiais. As águas já usadas na lavagem de roupas, de painéis e da casa, que antes corriam livremente pela terra e logo sumiam infiltrando-se no solo, eram agora visíveis, denunciando, pelo rastro que deixavam, sua proveniência. Nada poderia sobrepor-se ao calçamento, este deveria estar livre para o trânsito de pessoas e mercadorias.

Os resíduos produzidos no cotidiano precisavam ser controlados, evitando-se o acúmulo: "*O lixo e todos os detritos animais e vegetais serão diariamente removidos*".⁴⁰⁶ Todas as prescrições regulamentadas pela letra da lei prometiam uma constante vigília, inspeções e fiscalizações. A limpeza da cidade e a remoção do lixo, feita "*a expensas da Prefeitura, por administração e fiscalizado pelo medico da mesma*",⁴⁰⁷ trazia elementos prescritivos e sintomáticos da promoção da desodorização dos espaços. Em ruas sem calçamento a limpeza consistia na "*capinação e remoção não só dos vegetais como de outras imundícies espalhadas em sua superfície*", nas demais na "*varredura e irrigação das avenidas, ruas e praças calçadas*", na "*remoção e enterramento de animais mortos*" e na "*remoção do esterco dos curraes do matadouro*". Além desses procedimentos realizados sobre a superfície, o que ficava longe dos olhos não escaparia da percepção olfativa: por isso, o "*serviço de*

⁴⁰⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XLIX*. Minas Geraes. Ano III, n. 315, 23 de novembro de 1894, p. 2.

⁴⁰⁵ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XLIX*. Minas Geraes. Ano III, n. 315, 23 de novembro de 1894, p. 2.

⁴⁰⁶ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. *Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas*, Art. 111.

⁴⁰⁷ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. *Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas*, Art. 232.

desobstrucção e desinfecção das sargetas, boeiros e ralos nas ruas, avenidas e praças” seria trabalho obrigatório realizado “*duas vezes por mez*”.⁴⁰⁸

Lixo produzido nos domicílios era também alvo de controle: “*carroças apropriadas e convenientemente fechadas*” passariam “*tão cedo quanto possível defronte das casas, recolhendo o lixo que ahi se achar depositado em caixas proprias*”.⁴⁰⁹ Criar distância dos dejetos, do cheiro e da imagem das sobras, do rejeito, do inoportuno. “*Os moradores das casas são obrigados a entregar ás carroças, diariamente, o lixo que retirar do interior de suas habitações, areas, pateos, jardins e terrenos adjacentes que façam parte de sua propriedade*”.⁴¹⁰ Compartimentos impediam que o lixo se espalhasse, contaminando outros espaços: “*A entrega do lixo se fará por meio de caixas apropriadas, convenientemente fechadas, pintadas á óleo interiormente, ou forradas de zinco, as quaes serão depositadas todas as manhãs, seja exteriormente sobre o passeio ao longo da fachada, seja interiormente perto da porta da entrada, em um ponto perfeitamente visivel e acessivel*”.⁴¹¹ A casa foi posta sobre vigília:

Art. 247. Quando ao fiscal constar que dentro de alguma casa ou quintal existem immundicies ou quaesquer objectos que possam prejudicar a salubridade publica ou mesmo de seus moradores, procederá alli a respectiva inspecção, com aviso prévio ao morador a quem se fará obrigatória a remoção do elemento prejudicial.

Art. 248. Quando a quantidade de lixo de uma casa for muito considerável, deve-se collocar-o em tantas caixas quantas sejam precisas para que o seu peso não se torne excessivo, impossibilitando o conductor de vasal-as nas carroças.

Art. 249. As caixas de lixo serão sempre lavadas, depois de vasia, pêlos moradores da casa.

Art. 250. Quando no lixo houver matérias que exalem mau cheiro deverão ser cobertas com uma camada de cal.⁴¹²

O lixo não poderia estar espalhado pela cidade: “*uma vez completada a carga, que nunca será levada até transbordar, seguirão as carroças pelo caminho mais curto directamente para o logar de deposito de lixo*” e “*todos os dias, terminado o serviço, as carroças serão lavadas e, nos tempos de epidemia, desinfectadas*”. “*A ninguém é*

⁴⁰⁸ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 231, Art. 239.

⁴⁰⁹ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 241, Art. 242.

⁴¹⁰ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 245.

⁴¹¹ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 246.

⁴¹² Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 247, Art. 248, Art. 249, Art. 250.

permittedo lançar ou depositar nas ruas, avenidas e praças, cacos de vidro, lixo, palhas de toucinho, de louça, capim, papeis, aguas servidas e em geral tudo quanto possa incommodar a circulação ou ocasionar exalações nocivas".⁴¹³ Lixo, odor, infecção, contaminação, epidemia parecem sinônimos quando se pensa na construção de uma cidade ideal. Ainda foi preciso prescrever, proibir e coibir hábitos que interfeririam na qualidade do odor da cidade: *"E' prohibido o lançamento de imundicies ou qualquer outra substancia nas aberturas ou ventiladores das casas, que se acham nas ruas"* e ainda *"é prohibido urinar nas ruas, avenidas e praças"*. *"Os donos de animaes que morrerem dentro do perímetro urbano e os indivíduos que depositarem nas ruas, avenidas e praças objectos que perturbem a circulação ou exalem mau cheiro, serão obrigados a enterrar os primeiros e fazer remover os últimos"*.⁴¹⁴

A cidade criava distância do seu próprio produto: *"O lixo e todos os detritos assignalados neste capitulo serão transportados para fora da cidade e lançados no local que for designado pelo Prefeito, emquanto não se installarem os fornos de cremação"*; *"em todo caso o local de deposito de lixo não poderá ficar a menos de 100 metros das estradas e a 200 de qualquer habitação"*.⁴¹⁵

Hotéis, fábricas e oficinas, habitações para operários, escolas e internatos, estabelecimentos comerciais tais como padarias, botequins e restaurantes, casas de banho, barbeiros e cabeleireiros foram postos sobre a vigilância da Polícia Sanitária,⁴¹⁶ instituição regulamentada em 1900, que tinha por fim a *"prevenção e repressão dos abusos que possam comprometer a saude publica"*.⁴¹⁷

Espaços foram postos a uma constante vigilância, quanto à manutenção da higiene, limpeza e condições de habitação. Autoridades sanitárias seriam responsáveis por examinar *"casas novas ou reparadas, e as de aluguel que vagarem"* antes de serem habitadas, verificar as ocorrências de *"moléstia transmissível"* e providenciar *"desinfecções e outras medidas de expurgo"*, observar a lotação de *"hoteis, casas de pensão, estalagem e outras habitações do mesmo gênero"*, exigindo que *"seja*

⁴¹³ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 243, Art. 244, Art. 251.

⁴¹⁴ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 253, Art. 254, Art. 255.

⁴¹⁵ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 257, Art. 258.

⁴¹⁶ Segundo Corbin (1987), na França, entre 1740 e 1750, instituiu-se uma polícia sanitária sob a direção de médicos.

⁴¹⁷ Minas Gerais, Decreto n.1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas. Art.1

respeitada a lotação determinada”.⁴¹⁸ Esta análise do espaço se daria pelos sentidos? O olfato assumiria sua função de detetive, farejador? Seria por ele que se detectaria os perigos de contaminação do espaço?⁴¹⁹

Organizar uma tabela⁴²⁰ com diferentes tipos de estabelecimentos industriais⁴²¹ e os inconvenientes gerados por determinadas produções sugere uma tentativa de limitar os incômodos da percepção olfativa. É singular que a grande parte dos estabelecimentos possuísse como principal incômodo o cheiro. É ainda significativa a presença marcante daqueles estabelecimentos relacionados à matança de animais⁴²² ou à preparação de carne para consumo ou o descarte da mesma: *matadouros publicos; deposito de esterco e imundícies; triparias; depósitos de tripas e mocotós de animaes; carbonização de materias animaes em geral; depositos de carnes e miudos provenientes da matança de animaes; depositos de ossos frescos; fabrica de adubos por meio de matérias animaes; officinas para a combustão de casco, chifre e outras matérias de animaes nas cidades*. O matadouro também mereceu atenção na construção e organização da cidade⁴²³. Seu prédio foi planejado, levando-se em consideração os princípios da higiene e da salubridade:

O prédio do matadouro, além da casa apropriada aos serviços de abater e esquartejar gado, com água canalizada, torneiras, pias, esgoto e todos os utensílios necessários, conterà curraes distintos e um chiqueiro,

⁴¹⁸ Minas Gerais, Decreto n.1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas. Art.2, § 1, 2 e 3.

⁴¹⁹ Estamos cientes das implicações da teoria pasteuriana. Esta teoria, carregada de conseqüências, provocou uma ação sanitária e social e impôs novas táticas de vigilância sobre os espaços. Os cuidados direcionavam-se para a prevenção, supervisionando e aplicando medidas profiláticas. Os micróbios, invisíveis aos sentidos, determinam e impõem aos indivíduos processos mais sistemáticos e veementes do que a simples identificação de um foco de infecção pelo olfato. (CORBIN, 1991).

⁴²⁰ Ver figura 19. Nomenclatura actual dos estabelecimentos insalubres, perigosos ou incommodos, de accordo com o regulamento da secção de Hygiene da Prefeitura. Minas Gerais, Decreto n.1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas.

⁴²¹ Corbin (1897) observa que a vigilância olfativa nas oficinas aconteceu mais tardiamente na França. Essa não estava na mesma linha do odor desprendido da prisão, do hospital ou cemitério. Apesar do odor de corpos amontoados ser uma preocupação os corpos dos trabalhadores não ofereciam essa mesma ameaça. O problema das fábricas se refere ao desprendimento de maus cheiros. Fedor e nocividade se confundiam e a fetidez servia como baliza para o malefício da indústria. Barulho e fumaça não eram as maiores preocupações com as conseqüências da industrialização, mas os odores eram constantemente denunciados.

⁴²² A matança urbana de animais e a carniça eram identificados nos discursos higienistas do século XVIII como um “amálgama de fedores”. “*Nos quintais estreitos dos açougues, os odores do esterco, das imundícies frescas, dos dejetos orgânicos combinam-se aos gases nauseabundos que escapam dos intestinos*” (Corbin, 1897, p.45). Os vapores que escapavam do abate dos animais impregnavam calçadas, balcões de comerciantes e o cheiro do derretimento do sebo também era analisados pela percepção olfativa.

⁴²³ Ver Figura 20. Matadouro Municipal. Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto. Notação: Cc Dt 09 018. Autoria: Bernardo Joaquim de Figueiredo. Data: 20/05/1895. Disponível em: www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br.

todos devidamente calçados, com inclinação suficiente para escoamento dos líquidos, telheiros e tanques, com água permanente em cada um desses repartiamentos, para separação das rezes, como for mister, e dos porcos, carneiros e cabritos⁴²⁴.

Estes tipos de atividades enumeradas na legislação ainda recebiam uma categorização que confirmava seus incômodos: foram classificados como de 1ª classe, sendo, com isso, considerados *insalubres* ou *perigosos*.⁴²⁵

A preocupação com as emanações, com o distanciamento e o cultivo de uma intolerância ao ar contaminado também se observa na regulamentação: “*O ar ambiente das fabricas e officinas e de todos os logares destinados ao trabalho será constantemente preservado de toda a emanação proveniente de esgotos, fossas, latrinas ou qualquer outro foco de infecção*”.⁴²⁶ Se o ar carrega partículas, ou informa, pelos odores, a presença de corpos decompostos e de excrementos, a preocupação com a constante circulação do ar e com a quantidade desse fluído parece evitar a estagnação e a concentração de partículas contaminadas, passíveis de serem inspiradas pelas narinas. Salas de trabalho espaçosas e arejadas, ventilação adequada, de modo que cada operário dispusesse de 20 metros cúbicos de ar por hora,⁴²⁷ expressava a preocupação com uma constante circulação de ar. Para este empreendimento empregava-se a técnica: “*Si a natureza de matéria prima e dos productos em que se trabalha dá logar ao desprendimento de gazes e poeiras deletérias, o ar deve ser renovado, pelo menos, 6 vezes por hora, empregando-se para isso aparelhos especiaes de ventilação. As poeiras, assim como os gazes incommodos, insalubres ou tóxicos serão evacuados immediatamente para fora do estabelecimento, à medida que se produzirem, por meio de ventiladores e aparelhos apropriados*”.⁴²⁸ Afastar o fedor que gerasse incômodo à

⁴²⁴ Minas Gerais, Decreto n. 1369, de 5 de março de 1900. Approva o regulamento do Matadouto da Capital. Art. 2.

⁴²⁵ Minas Gerais, Decreto n.1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas. Art. 46. “*Os estabelecimentos desta ordem (fabricas e officinas) serão divididos em três classes: 1ª insalubres ou perigosos; 2ª incommodas; 3ª inoffensivas*”. Há ainda na legislação uma preocupação com o afastamento de determinados estabelecimentos da zona urbana da cidade: “*Art. 47. os estabelecimentos de 3ª classe podem ser livremente collocados nos centros habitados; Art.48. Os estabelecimentos de 2ª classe podem ser construídos na zona urbana da cidade, conservando porém uma distância mínima de 50 metros das habitações particulares. Art. 49. Os estabelecimentos de 1ª classe não poderão ser construídos na zona urbana, nem próximo ás habitações particulares*”.

⁴²⁶ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 64.

⁴²⁷ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 72, Art. 73.

⁴²⁸ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 74, art. 75.

percepção olfativa e disponibilizar sempre um ar desodorizado foi uma persistência na construção da cidade.

Outras prescrições para os estabelecimentos industriais foram acrescidas no Regulamento da Polícia Sanitária. Revelavam a preocupação com a impermeabilização do solo, um distanciamento entre o corpo e a terra e o impedimento da emanação de odores: “*Nas fabricas e officinas o revestimento do solo que deve preferir será o asphalto, o cimento, a cantaria ou qualquer matéria impermeável perfeitamente applicada*”. Com a limpeza: “*Os logares destinados ao trabalho serão conservados em constante estado de asseio. O soalho será limpo, pelo menos uma vez por dia, antes de começar-se ou depois de encerrar-se o trabalho, nunca porém durante este*”. “*Esta limpeza se fará seja por lavagens, seja com o auxilio de escovas e pannos molhados si as condições da industria ou a natureza do revestimento do solo se oppuzerem às lavagens*”.⁴²⁹ Tais prescrições evidenciam uma tentativa de desodorização e assepsia dos espaços.

As casas de morada também deveriam receber prescrições para o controle dos cheiros. Estratégias de desodorização foram direcionadas tanto ao espaço público quanto ao interior da habitação. A percepção olfativa é alerta para locais contaminados, onde as condições de higiene não eram respeitadas, sugerindo contaminação e estagnação do ar e da água. Para as habitações destinadas aos operários,⁴³⁰ exige-se a “*apresentação de planos e sua respectiva aprovação, de accordo com o que se exige para as habitações particulares*”.⁴³¹ A preocupação com o amontoamento de famílias e um excesso de habitantes era evidente: “*Serão preferidas pequenas casas isoladas para cada família ou em grupo de duas até quatro, tendo cada uma um vestíbulo especial com um pequeno jardim*” e “*As grandes casas, constituindo domicilio commum a um grande numero de indivíduos, são terminantemente prohibidas*”. Eram também proibidas “*as construcções de cortiços e as cosinhas ao ar livres*”. A preocupação com os materiais contrutivos expunha a necessidade de impedir a infiltração da água e a sua inércia: “*As casas podem ser térreas, ladrilhadas de tijolo ou assoalhadas. As paredes*

⁴²⁹ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 52, Art. 62, Art. 63.

⁴³⁰ Alain Corbin (1897) ressalta as implicações morais do empreendimento higienista, particularmente no que se refere ao tratamento dos pobres. A limpeza e a higienização do povo é uma terapêutica da patologia social, sendo arma contra a violência e vícios, promovendo-se também a ordem e a disciplina (p.203).

⁴³¹ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art.99, Art. 10, Art. 103, Art. 104, Art. 106 e Art. 107.

internas serão caídas pelo menos uma vez por anno e cada casa o será sempre que aparecerem moléstias transmissíveis".⁴³²

Água e ar em abundância e em constante movimentação eram fundamentais para a manutenção da higiene: "*O abastecimento d'agua deve ser abundante e as condições de aeração e luz cuidadosamente observadas*". Além desses, os aparatos higiênicos incorporados à habitação contribuíam para uma educação corporal e para o desenvolvimento de intolerâncias às emanações provenientes dos excrementos: "*O medico da Prefeitura, por si ou por intermédio do fiscal, no intuito de fiscalizar a natureza e o regimen dos aparelhos sanitários, installados nas habitações particulares e collectivas, e verificar si são observadas as indispensáveis condições hygienicas nos domicílios, sempre que o julgar necessário, procederá á visita de todos os prédios, e, no caso de opposição do proprietário ou inquilino, recorrerá ao Prefeito para fazer efectiva esta providencia*".⁴³³ Nas casas para operários também se exigia a presença dos aparelhos sanitários: "*Cada casa terá installações hygienicas próprias*." O cheiro exalado dos excrementos tornou-se uma obsessão de controle, como mostra a prescrição: "*É prohibido urinar nas ruas, avenidas e praças*".⁴³⁴

As urinas que impregnavam paredes ou que corriam sobre passeios, as emanações das fossas e a estagnação dos excrementos precisavam ser controladas, processo que também interferiu na constituição de uma repugnância ao escatológico. Essa aversão, asco, nojo do excremento fez parte do processo de individualização dos odores e a conseqüente intolerância ao cheiro do outro: "*o local da defecação se especifica, se individualiza. Pelo processo de privatização do dejetto, ele tende a se tornar o local do monólogo interior*" (CORBIN, 1987, p. 112). A casa se torna um dos únicos locais em que era permitido certa liberdade fisiológica. Apesar disso, esse espaço do privado também é objeto de prescrições, de intervenção técnica, evitando-se com isso, a lembrança dos cheiros excrementiciais:

⁴³² Assim como o solo, as paredes também sofrem vigilâncias e são objetos de indagações de médicos no século XVIII, justificando-se pelo princípio da capilaridade das argamassas. As paredes conservam odores e emanam gases, estão impregnadas pelo hálito, pelas emanações dos corpos doentes. "*Branquear com cal, pintar com freqüência a fim de vencer a impregnação das paredes completa o arsenal das medidas apregoadas nesses meios*" (CORBIN, 1987, p. 204).

⁴³³ Em Paris e Londres a visitação de casas por autoridades policiais, para detectar as causas da insalubridade e impor a obediência e o cumprimento das regulamentações se constitui como prática recorrente no século XIX. Prescrições como lavagem e branqueamento das casas com cal, retirada de lixo, pavimentação de terreiros e pátios, drenagem, ventilação e abastecimento de água fazem parte das regulamentações de uma "polícia de higiene". Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 2, §11.

⁴³⁴ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 108, Art. 109, Art. 254.

Art. 42. As Instalações sanitárias domiciliares obedecerão ás seguintes prescrições higienicas :

1. As aguas servidas de cozinha, banheiros, lavabos, lavanderias, bem como os despejos das caixas de depósitos terão escoamento por conductores especiaes, ligados á canalização de esgotos com a interposição de uma caixa de oclusão hydraulica, vulgarmente — caixa de gorduras — de material impermeável. Da mesma forma se farão os escoamentos de áreas, pateos, quintaes e repuchos;

2. A caixa de oclusão hydraulica será collocada externamente, porém, á menor distancia possível das installações internas da casa;

3. Todas as casas serão providas de uma bacia de despejo para aguas servidas de qualquer procedência.

4. Estas bacias serão de ferro esmaltado, pedra plástica ou qualquer material impermeável, não podendo ter diâmetro inferior a O.^m30, e serão providas de crivo no fundo e de syphon hydraulico;

5. As pias para lavagem de louça, etc., quando existam, deverão ser de ferro esmaltado, pedra plástica ou qualquer material inatacável. Essas pias serão também munidas de syphons, a menos que se escoem directamente para as bacias de despejos ;

6. As latrinas e mictórios serão de typos approvedos pela Prefeitura e terão syphons providos de tubos de ventilação, de ferro galvanizado, que se prolongarão um metro acima dos telhados.

Serão também providas de caixas d'agua para lavagens, devendo nas latrinas ser a descarga provocada ;

7. Os esgotos de lavabos, banheiros ou qualquer outro aparelho serão sempre providos de syphon.

Recursos técnicos eram prescritos para a construção das casas, uma cidade subterrânea foi planejada, composta por tubos que conduziriam o que esta rejeita: águas servidas, usadas, sujas, excrementos. Criar distância daquilo que provocava o mau-cheiro, o fedor e o risco da doença. Caixas de gordura, canalizações de esgoto, sifão conduziram o caminho dos rejeitos, impedindo que se estacionassem e que o cheiro invadissem as casas e a cidade.

A desodorização da cidade acompanhou distintas frentes. A preocupação com cadáveres, os corpos mortos⁴³⁵ e os cheiros por eles exalados provocou também a inquietação de Alfredo Camarate. O cemitério improvisado pela CCNC, *“fica n’uma zona que terá forçosamente de ser aterrada e talvez que, por esse motivo o dr. Aarão*

⁴³⁵ É interessante como os discursos sobre os corpos mortos se relacionam às preocupações com a identificação do pútrido e, conseqüentemente, à compreensão dos mecanismos de infecção. Corbin (1897) observou uma fascinação pelo estudo da morte e da desunião das partes do corpo, da decomposição e da putrefação. Essa desintegração do corpo tem como prova e produto as mudanças de odores, a fetidez. Nos discursos sobre as partes pútridas do corpo que se desprendem como moléculas de odor fétido, desenvolveu-se o argumento de que a contaminação do corpo se dava pela inalação dos miasmas pútridos. Nesse mesmo sentido, a inalação de fluidos voláteis, quentes, oleosos, aromáticos ganharam a função de restabelecer o equilíbrio do corpo, apresentando uma ação anti-séptica, ou seja, capaz de conter o excesso de putrefação. Há aí uma dupla valorização do odor: *“a fetidez reflete a desorganização, o arômeta abre caminho para o princípio vital. Tanto os sintomas quanto o remédio baseiam-se na olfação”* (p.27).

Reis não entendeu necessario arremetter contra este costume antigo do povo da localidade".⁴³⁶ Esse descuido com os mortos foi denunciado pelo cronista:

Há só uma cousa que me constringe e comove, no meio de toda esta lufa-lufa necessaria, para fazer surgir, do nada, uma capital que deve trazer, desde o nascedouro, todos os resultados beneficos das conquistas deste seculo – é que, de ha dois mezes para cá, vejo enterrarem-se, n'uma cóva que mal daria, em tamanho, para o corpo de um recém-nascido, cadaveres sobre cadaveres; desenterrando-se os craneos dos antigos *posseiros*, ainda trazendo pedaços de pelle pegados ao osso, e isto acompanhado do nauseabundo cheiro de cadaveres mal curtidos, de profanações (que não são outra cousa) com os craneos rolando pela terra onde todos pizam; essa terra que dá ingresso ao Templo de Christo, que, entre todos os respeitos que pregou, também pregou o respeito pelos mortos!⁴³⁷

*“Parece que, em Bello Horizonte, a **lucta pela vida** se prolonga, continúa e emenda, na **lucta pela cóva!**”*⁴³⁸ Cheiro nauseabundo que escapava. A morte ganhou atenção entre especialistas e colocou-se a questão sobre a vigilância olfativa⁴³⁹. Os odores dos cadáveres e das carcaças de animais mortos também demandaram a vigilância dos higienistas desde o século XVIII. Nesse momento, emergiu-se a reivindicação da tumba individual, como uma tentativa de controlar os cheiros do cemitério. O regulamento do cemitério⁴⁴⁰ da Capital proibia *“os enterramentos na valla comum; cada cadáver deve ter sepultura própria”*.⁴⁴¹ O argumento da higiene passou a se confundir com o da dignidade e da piedade. O odor dos cadáveres era visto como uma ameaça, por informar a presença de miasmas pútridos. O odor delimitava espacialmente o risco de infecção. Odor que sugere contaminação. Se no corpo morto

⁴³⁶ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n. 137, 23 de maio de 1894, p. 5.

⁴³⁷ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n. 137, 23 de maio de 1894, p. 5.

⁴³⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XVIII*. Minas Geraes. Ano III, n. 137, 23 de maio de 1894, p. 5.

⁴³⁹ Podemos também pensar na atenção dada à morte observando as prescrições dirigidas aos hospitais. Como ressalta Corbin (1987) para os observadores do século XVIII o hospital reúne a complexidade dos odores pútridos. Suores e catarros dos doentes, sânieas que escorrem das feridas, excrementos, fragrância dos medicamentos, o corpo de um quase cadáver compõem um fedor que se tenta destrinchar e detectar o risco de epidemias. Os hospitais, por essa complexidade, tende a se tornar um lugar disciplinar, os regulamentos se enrijecem, proibi-se comportamentos espontâneos. Inauguram as prescrições em torno das trocas de roupas e dos locais específicos para eliminação dos excrementos. “O hospital se torna, por meio desses exemplos premonitórios, o local de aprendizagem de uma higiene individual”. (p.142).

⁴⁴⁰ Ver figura 21: Cemitério Municipal – Necrotério. Instituição: Museu Histórico Abílio Barreto. Notação: Cc Dt 09 011. Autoria: Engenheiro-Arquiteto José de Magalhães. Data: 25/01/1895. Disponível em: www.comissaoconstruotra.pbh.gov.br.

⁴⁴¹ Decreto n.1368, de 5 de março de 1900. Approva o regulamento do Cemitério da Capital. Art. 1.

fosse identificada a “*existência de moléstia infecto-contagiosa*” eram acrescidas outras prescrições ao enterramento:

§ 2. Até a hora da remoção do cadáver ficará ele no aposento em que tiver se dado o óbito, afim de soffrer a desinfecção necessária.

§ 3. O corpo será envolvido em um lençol embebido em solução de sublimado a 1 por mil.

§ 4. O caixão será impermeabilizado, friccionando-se as paredes internas com alcatrão espesso que será também empregado nas juntas do mesmo.

§ 5. Dentro do caixão se collocará uma mistura pulverulenta composta de carvão, cal ou serragem de madeira embebida em acido phenico, de modo que qualquer que seja o pó escolhido elle seja disposto em uma camada, cuja espessura não seja inferior a 0m,06.⁴⁴²

Analisando essas regulamentações esboçamos um conjunto de práticas que extrapolaram a promoção da ventilação, da drenagem da água e o afastamento do lixo e dos excrementos, e que foram pensadas como forma de destruir os miasmas e restituir as qualidades do ar. A cal, primeiro entre os desinfetantes químicos, também passou a ser utilizada, confiando-se no seu poder de desodorização em fossas sépticas e dos cadáveres. O olfato, sentido vigilante, detecta os riscos com os procedimentos dos corpos levados à terra. “*Desinfetar – e portanto desodorizar – participa, além do mais, de um projeto utópico: aquele que visa a calar os testemunhos do tempo orgânico e a rechaçar todos os marcadores irrefutáveis da duração, essas profecias de morte que são o excremento, o produto dos mênstruos, a podridão da carniça e o fedor do cadáver. O silencio olfativo não desarma apenas o miasma; nega o escoamento da vida e a sucessão dos seres; ajuda a suportar a angústia da morte*”. (ALAIN CORBIN, 1987, p.120)

5.3. Desodorização dos corpos

O investimento na desodorização dos espaços foi acompanhado por um movimento de cultivo dos corpos. A contínua “privatização dos dejetos”,⁴⁴³ a repulsa que se constituiu em relação aos excrementos acompanharam uma educação da sensibilidade olfativa, gerando intolerância tanto por alguns cheiros da cidade, quanto pelas emanções dos corpos. Os odores emitidos se individualizaram. Há uma espacialização dos cheiros, erguiam-se barreiras olfativas entre os corpos, determinando

⁴⁴² Decreto n.1368, de 5 de março de 1900. Approva o regulamento do Cemitério da Capital. Art. 27.

⁴⁴³ Expressão utilizada por Corbin (1987, p. 84).

áreas odorizadas por cada indivíduo. Tais limites de (in)tolerância acabaram contribuindo para um aumento da repulsa para com os odores do outro⁴⁴⁴. Por tais motivos ganhou relevância tanto um sentido olfativo que detecta o odor não desejável, vigilante, normativo, punitivo, portanto, quanto um sentido que se alia ao cultivo de um cheiro que agrada a si e ao outro. Perfumes, lavandas, sabonetes e práticas de higiene contribuem para esse florescimento do corpo, primeiramente desodorizado e também cultivado.

A ascendência dos sentimentos de vergonha e embaraço como características do processo civilizador⁴⁴⁵ determinam o medo do incômodo ao outro e a percepção olfativa denuncia tanto os odores corporais, quanto uma implicância à perfumação exagerada, que poderia encobrir uma higiene mal-feita. A limpeza, o banho, a perfumação equilibrada entram na ordem da civilidade: *“O rebaixamento dos limites de percepção não faz apenas suscitar a intolerância para com odores excrementiciais; ele leva a sublinhar, no espírito da civilidade que se codifica então, com exigência e precisão cada vez maiores, a função social da toaleta íntima”* (CORBIN, 1987, p. 97). O silêncio olfativo está interligado à vigilância dos comportamentos.

Não por acaso Alfredo Camarate se referiu aos perfumistas franceses que iniciaram suas experimentações para compor essências extraídas da natureza⁴⁴⁶. As perfumarias para o corpo eram escolhidas entre os odores vegetais. Esse conjunto de práticas (des)odorizadores congregavam tanto preceitos higiênicos, que procuravam evitar o incômodo olfativo, quanto uma finalidade narcísica, de agrado ao olfato. Todos esses elementos fizeram parte da individualização e a personalização⁴⁴⁷ dos odores. A

⁴⁴⁴ Quanto a esse investimento ao cheiro do corpo forja-se, no século XVIII, uma confiança terapêutica nos arômatas e perfumes, que permitiriam o combate dos vícios da atmosfera como também um aumento da resistência do organismo. Funcionaria como anti-séptico, evitando-se a putrefação. Cheirar e exalar determinados arômatas era considerado uma medida preventiva contra a contaminação. A fumigação, uma tentativa de desinfetar por meio de um banho aromático, tornou-se uma prática para lares, roupas e corpos. Já no século XIX os fortes odores provenientes das desinfecções aromáticas passam a ser denunciados, podendo levantar suspeita contra os maus-cheiros, a higiene corporal e a limpeza dos espaços.

⁴⁴⁵ Os sentimentos de vergonha e repugnância expressam um conflito com a opinião social e também consigo mesmo. O medo da degradação social é maior quanto mais as restrições externas são transformadas em auto-restrições. Ver Elias (1994).

⁴⁴⁶ Alan Corbin (1897) comenta que os odores animais âmbar, zibeta e almíscar foram pouco a pouco sumindo de moda, tornando-se demasiadamente fortes a uma nova sensibilidade educada a odores mais delicados. Óleos essenciais e águas de cheiro tiradas das flores primaveris passam a ser mais utilizadas na metade do século XVIII. Água de rosas, violeta, tomilho, lavanda e alecrim passam a fazer parte dos rituais de higiene corporal. Além das águas perfumadas outros aparatos contribuem para a odorização do corpo como sabões, pastas de perfumes florais, etc.

⁴⁴⁷ Corbin (1897) observa como a atmosfera individual, resultado dos vapores, das emanações expelidas pelos emunctórios, enraíza-se nos debates da teoria médica: *“As variações olfativas dos seres vivos resultam da composição dos humores, do funcionamento dos órgãos e da intensidade da purgação. Tudo*

“atmosfera individual” denuncia ou anuncia. Cultivá-la torna-se quase obrigatório: nas escolas e internatos “*é obrigatório para cada alumno o uso de banhos geraes pelo menos duas vezes por semana*”⁴⁴⁸ e nas casas de banho “*o sabão para os banhos deverá ser fornecido a cada banhista em quantidade tal que apenas chegue para um banho, devendo ser inutilizada a porção que porventura restar, que não poderá ser empregada em outro banho*”.⁴⁴⁹ Mesmo que tais prescrições não foram sequer implementadas e muito menos controladas, expressam uma orientação higiênica que resvalava no cultivo do corpo, sobretudo na sua (des)odorização.

A cidade se organizava para receber habitantes estrangeiros que comportam outros hábitos de cultivo do corpo. Cabeleireiros, barbeiros, perfumarias, sabonetes entravam em cena na cidade em construção. Alfredo Camarate falou de seu vizinho: “*defronte da casinha em que moro, está estabelecido o unico barbeiro, que, actualmente possui Bello Horizonte. Tem tido, portanto, a honra de **por a mão na cara**, de quasi todos os membros da commissão constructora, sem offensa e consequente desforça; havendo gosado tambem a satisfação de me ter ido aos queixos de vez em quando, nas occasiões em que a minha navalha mechanica começa com amúos e resistencias de mulher caprichosa*”.⁴⁵⁰ O barbeiro da cidade é também estrangeiro: “*É hespanhol, não sei se da Extramadura, das provincias vascongadas, de Castello Velha ou de Andaluza; sei apenas que falla pelos cotovellos, com os freguezes, com os conhecidos, com a familia, de dia e de noite; porque durante as minhas longas horas de insomnia, sinto-o, de vez em quando, exclaimar “doutor! doutor!”*”.⁴⁵¹ Essa característica, sua sensibilidade educada aos modos europeus lhe trazia algumas vantagens: “*É bom barbeiro. Adotou o ecclletismo na sua profissão. Tem um pouco os rasgos de barbeiro sevilhano, um pouco as insistencias e teimoziias do barbeiro do norte de Portugal; não desconhece os requintes alambicados do cabelleireiro*

aquilo que puder exercer uma ação sobre qualquer um desses elementos engendrará uma modificação do odor desprendido do indivíduo” (p.54). O clima, os alimentos, as paixões, o trabalho que o ocupa, a terra que escava, o ar que respira modifica os humores que ele assimila, bem como aqueles que exala, resultando em odores diferentes. O médico, diante do paciente, consegue a partir de uma análise olfativa distinguir o estágio da doença, definir seu diagnóstico e prognóstico. O hálito, as fezes, os suores e o pus são privilegiados nessa análise olfativa.

⁴⁴⁸ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 109, Art. 145.

⁴⁴⁹ Decreto n. 1367, de 2 de março de 1900. Approva o regulamento da Policia Sanitária da cidade de Minas, Art. 191.

⁴⁵⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXVI. Minas Geraes. Ano III, n. 232, 29 de agosto de 1894, p. 4.

⁴⁵¹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXVI. Minas Geraes. Ano III, n. 232, 29 de agosto de 1894, p. 4.

pariziense e possui em supremo grau, a arte de aconselhar as vantagens de um toilette proprio e de impingir sabonetes e outras perfumarias concomitantes, que, no dizer delle estão agora no Rio de Janeiro, pela hora da morte!"⁴⁵² Pelo barbeiro chegavam os produtos odorizantes do corpo: "*No stock das suas perfumarias, ha sabonetes de sete mil réis; incluindo o rotulo e o seu componente involucro já se sabe*".⁴⁵³ Aconselhar sobre as vantagens de uma toailete íntima está além de impingir seus clientes à compra dos produtos importados, anunciava elementos que forjaram uma sensibilidade de cuidado com o corpo, corpo asséptico e higiênico.

O perfume, sobrepondo-se ao odor do próprio corpo traz conseqüências para os limites de tolerância e para a atividade memorativa. O odor, responsável pelas sensações mais íntimas, gera prazer e repugnância de forma quase imediata. O odor agradável gera prazer no primeiro instante de sua impressão, enquanto o prazer gerado pela percepção de outros sentidos, como a visão depende mais das reflexões, dos desejos que os objetos percebidos suscitam. Os impactos dessa atenção à percepção olfativa, aos incômodos e prazeres a ela relacionados foram apontadas por Corbin (1987) "*Mas a inovação está mesmo no poder de exaltação da memória afetiva; na busca pelo 'sinal memorativo', segundo a expressão de Rousseau, essa confrontação brutal entre o passado e o presente imposta pelo odor reconhecido; junção imprevista que, longe de abolir a temporalidade, faz experimentar e revela ao eu a sua própria história. Enquanto a moda ascendente do perfume confere uma amplitude poética à imagem memorizada do outro, a descrição olfativa na literatura afirma-se a propósito da reminiscência*" (p.110). As conseqüências dessa mudança sensitiva são sutis, estão guardadas na memória, impregnadas e (in)corporadas.

⁴⁵² RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXVI. Minas Geraes. Ano III, n. 232, 29 de agosto de 1894, p. 4.

⁴⁵³ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XXXVI. Minas Geraes. Ano III, n. 232, 29 de agosto de 1894, p. 4.

***“Experimentem-se na nova Capital de Minas,
que, pelo menos neste ponto, permite experiências”⁴⁵⁴.***

É com essa frase que Alfredo Riancho encerra sua série *Por Montes e Valles*. Parece um conselho. Como nos lembra Benjamin (1994), toda narrativa tem em si uma dimensão utilitária; por vezes, trazem um ensinamento moral, por vezes, trazem uma sugestão prática. O narrador é um sujeito que sabe dar conselhos porque o faz a partir da experiência vivida, e seus conselhos são construídos no “tecido vivo da existência”. Só assim, Alfredo Camarate foi capaz de partilhá-los com seus leitores. Alguém que vivenciou as cidades, em seus múltiplos aspectos e possibilidades, parece se despedir do leitor e da própria cidade que lhe possibilitou múltiplas experiências: a de arquiteto, a de artista, a de viajante e a de cronista. Contudo, em seus dizeres finais – só percebidos assim quando se lê os jornais posteriores e não se encontra a próxima crônica – o viajante se revela como aquele que procurou Belo Horizonte para deixar-se impactar, ser tocado, exercitando os sentidos, procurando algo novo, por vezes, estranho, mas também singular. Da experiência, nasceu a narrativa, materializada nas crônicas impressas no periódico, construída no entrelaçamento entre passado e presente, memória do agora e do que foi retido.

A série *Por Montes e Valles* ganhou os ouvidos e olhos, instigou no passado e instiga-nos no presente a continuar narrando a experiência de viver em uma cidade em (re)construção. É desse conselho, que sobreviveu, guardada no arquivo, quase esquecida, quase destruída, muitas vezes em pedaços, a partir das quais, foi possível narrar uma história de Belo Horizonte. Com a leitura das crônicas – como fonte para a história e mesmo como fruição –, tentava-se compreender as motivações do autor. O artista é esse sujeito que, experimentando o mundo, deslocando-se, traduz essa ação em uma forma – escrita ou imagética. Tomando essa forma escrita como fonte deste trabalho posso dizer que fui impactada pela experiência de Alfredo Camarate. A fruição estética é dialógica, é algo que me envolve com a experiência do outro, mesmo que ele esteja distante do presente. Estabelecer esse diálogo com o tempo já vivido é, por isso, um exercício histórico.

⁴⁵⁴ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles* LII. Minas Geraes. Ano III, n. 327, 05 de dezembro de 1894, p.03.

A escrita literária, nesse caso particular, a crônica jornalística, nos forneceu-nos indícios de como a vida, pouco a pouco se alterava pela introdução de novos valores, comportamentos, gestos e também por um aparato material (objetos, arquitetura, materiais) trazidos pela modernidade. Há aí uma potencialidade dessas crônicas que, apesar de terem sido escritas e divulgadas em um único ano dizem-me de um processo mais amplo, duradouro o qual passa pela constituição de uma vida urbana. O período é curto, mas singular, porque, como um tempo de intensas mudanças, marcou alterações, demarcou um outro modo de vida, fez explodir novas sensibilidades.

Tínhamos o objetivo de recuperar a experiência de personagens que viveram no arraial e foram impactados nos seus corpos e sentidos pela construção da cidade. A cidade de Belo Horizonte não surgiu “do nada”, surgiu de um lugar, com o qual os sujeitos já haviam estabelecido laços afetivos. Por essas crônicas, foi possível nos aproximar de alguns desses personagens que viveram na cidade em construção. O velho alfaiate; a camponesa “suja e andrajosa”; o Senhor Lima, dono do hotel; Eduardo Edwards; o vigário; D. Joana, da agência postal do arraial, além dos “estrangeiros” Emílio Rouède, Aarão Reis, José de Magalhães, Francisco Soucasseaux. Esses serviram de inspiração para Camarate escrever suas crônicas, e, muitas vezes, eles apareciam até como o objeto principal da “narrativa jornalística”, serviam de “exemplos”, compondo histórias que indicam as experiências sensíveis desses personagens da cidade.

Pelo jogo de tolerâncias, de estranhamentos e reconhecimentos, foi possível traçar, esboçar a sensibilidade de um arraial e, sobretudo, de um espaço marcado pelo processo de urbanização. O cronista explorava a relação dos sujeitos com esse espaço em intensa modificação, como eles reagiam aos choques provocados pela convivência com “estrangeiros”, possuidores de outros hábitos, com a construção de prédios com dimensões superiores às das casas coloniais do arraial e edificadas com materiais da modernidade – o ferro e o vidro – muito distintos daquelas cafuas cobertas de capim, do chão coberto por terra, das paredes feitas de barro e madeira. Os habitantes do arraial também foram impactados pelo aumento de ruídos urbanos, pelo som da locomotiva, pelo barulho, pelos ruídos provocados pelas construções, por uma outra forma de falar carregada de sons, nomes e palavras estrangeiras. Também tiveram de se acostumar com novos sabores; ampliar um cardápio composto por arroz, feijão e carne-de-vento; cultivar uma nova forma de se portar diante do outro, utilizar novos aparatos e utensílios, como indicava e ensinava o “cronista da construção”. Os cheiros da cidade também foram controlados, vigiados. A higiene exigia novos hábitos, forjava novas

tolerâncias. Assim, por meio dessas crônicas, foi possível pensar em como se educava os sentidos e as formas de percepção do mundo, como se fundava sensibilidades cada vez mais urbana.

O diálogo entre as crônicas e outras fontes, como as imagens, a legislação, com a documentação produzida pela Comissão Construtora, permitiram-me enxergar, pelas suas especificidades, diferentes perspectivas desse objeto de estudo. Se por um lado, a legislação informou-nos sobre o que foi desejado e prescrito, a literatura, a documentação institucional e as imagens deram-nos indícios da experiência dos sujeitos nesse lugar em construção.

Apesar dessa aparente separação entre os sentidos nesta escrita, estamos cientes que há uma sensibilidade de um tempo que se compõe como um amálgama, de um mosaico de sentidos, os quais são indissociáveis na percepção humana, mesmo com a preponderância de uns sobre outros numa vida urbana. Por essa contemplação narrativa de cada sentido, conseguimos nos aproximar da atmosfera sensível, ou da “alma de um tempo”. Como dito na apresentação desta dissertação, os sentidos foram “portas de entrada”, mas não, “porta de saída”. A partir deles, foi possível pensar em outros temas, conseguimos captar singularidades do tempo e do espaço, do arraial desconstruído, da cidade em construção, dessa tensão. A modernidade não é única; ela se instala; ela se molda, se enraíza, se encarna. A modernidade dessa cidade comporta o rural e o urbano, o moderno e o canhestro, comporta resistências. Há alguns elementos dessa narrativa aqui elaborada que se comportaram como mônadas ou como alegorias desse espaço que convivia com dois tempos, o do arraial e o da cidade: carro de boi e estrada de ferro, chão-de-terra batida e sabonetes, sino da matriz e xícara de asas. Estas imagens sobrepostas montam uma película, um mosaico da modernidade que se constituía.

A inspiração teórica em Walter Benjamin, e em outros autores como Georg Simmel, Pasolini, Willi Bolle, Nicolau Sevcenko, também me ajudaram a “desnaturalizar” esse processo de constituição da *urbs*, encontrando tensões, contradições. Há uma tensão instalada na experiência ou na vivência da cidade moderna. Se, por um lado, os sentidos são altamente solicitados por sons, imagens, cheiros, texturas diversas que fazem parte do cotidiano urbano, por outro lado, de tão solicitados, os sentidos correm o risco do embotamento, sinalizando justamente o oposto. O habitante das cidades modernas começou a se acostumar com um tipo de percepção educada por fragmentos desconexos, os quais sugerem uma visada rápida, um vôo do olhar, que colhe elementos aleatórios num rápido e incompleto percurso.

Uma marca desse habitante urbano é o misto de atenção e distração. Ele é estimulado a mudar de um objeto para outro: “*Os órgãos perceptivos devem estar aptos a assimilar o corte brusco, a mudança de foco, numa autotransformação incessante*” (Oliveira, 2006, p.75). O ambiente sensorial do habitante urbano é aquele que instiga não mais pensar em algo que solicita muita atenção, mas o que o motiva a virar-se para outra coisa, para qualquer forma de distração ou esquecimento.

Os “chocs” são tão contínuos, abruptos, ligeiros, simultâneos que não há mais o deleite, a percepção demorada, o sentir. Molda-se um novo estado sensorial, vivenciado nas ruas que solicita, do passante, ao mesmo tempo, o dispêndio de uma atenção muito grande e a distração na sequência. O choque é inerente às condições de produção da fábrica, à circulação e exibição de mercadorias, à cidade, suas ruas, seus anúncios, os jornais, as calçadas superpovoadas, às formas de divertimentos, inauguradas pelo cinema e pelos parques de diversão. Todos esses elementos impactam os sentidos do habitante das novas metrópoles. Ainda que isso tudo, nos idos 1900, pareça-nos, contemporaneamente, uma “canhestra” modernidade, com uma velocidade um tanto quanto lenta, aí está o germe daquilo que hoje vivemos.

Há aí o declínio da experiência? Se não se sente, não há mais o que dizer, o que partilhar, o que rememorar. Há a morte da narrativa? Seguir este estudo, perscrutar outras produções literárias, outras expressões artísticas, seria um exercício potente para percebermos como a modernidade, seus modos de vida, suas sensibilidades, consolidaram-se, enraizaram-se em uma cidade que nasceu sobre um arraial e por isso guarda especificidades, comporta resistências, que carecem de ser investigadas. Quando ainda esses questionamentos estão por vir deixo vocês com a imagem, com o sonho, imaginado pelo cronista sete anos antes da virada do século, de “*uma capital no ano de 1900*”.

UMA CAPITAL NO ANO DE 1900

I

– DE MANHÃ –

Estamos no século XX.

Não é um sonho que se perca, nas penumbras azuladas do longiquo.

É um simples prazo de sete annos.

—

Accordamos às seis horas; por uma dessas manhãs de primavera, em que o céu tem umas transparências de nácar; em que as flores ficam engastadas por milhares de diamantes, legado do refrigerante rocio da aurora; manhãs que são, ou, antes, que seriam a musa constantemente inspiradora dos poetas; se os vates se não levantassem, sempre, debaixo dos raios perpendiculares e torradores do meio dia!

Sente-se esse indefinível murmúrio das cidades que accordam; esse ruído como o zumbir de myriades de abelhas; concertante poderoso, que produziriam milhares de vozes, cantando em unisono, de bocca fechada.

Abrem-se, pouco a pouco, as janellas, por onde o ar fresco e balsâmico da manhã invade os quartos, ainda ligeiramente tépidos de somnos e conchêgos noctunos.

Por entre as venesianas semi-abertas, passa um braço torneado, ou branco como alabastro, ou moreno, corado e penugento, como casca de pêcego, que, empunhando um regador pintado de vivíssimas cores e dourado com todos os caprichos de uma fantazia chinesa, rega, por um crivo finíssimo como trama de cambraia, uns vasilhos vermelhos, microscópicos, elegantes e que seguros no peitoril por umas braçadeiras de ferro, aninham um enxame de resedás e myosotis; que pagam, em perfume e em belleza, os cuidados e carinos de sua gentil proprietária.

—

Pelas ruas largas, esplendidamente calçadas de paralelepipedos, escrupulosamente varridas, irrigadas à bomba, passadas à escova de noute, começam a transitar os vendilhões de toda a espécie e ostentando as suas mercancias, com uma elegância de agrupamento de côres, com uma esthesia de linhas, com tão requintado aceio, que fazem lembrar as manhãs hollandezas, na cidade de Amsterdam e de muitas outras; que são o enlevo e gloria de um povo que possui a terra; não por invasões a mão armada; mas por pertinazes e constantes conquistas, feitas paulatinamente nas águas do mar!

A leiteira conduz, dentro de uma carrocinha de mão, garridamente pintada e envernizada de branco e vermelho, quatro immensas bilhas de lata, polida e luzidia como castiças de prata em dias de festa.

Embarcadas em cima de uma das bilhas, as medidas de um litro e meio litro.

No taboleiro da carrocinha e atraz das rodas, está dependurado um grande balde de zinco, cheio de água, que se renova freqüentes vezes nas bicas publicas e que serve para a lavagem das medidas, depois de servirem.

Na frente, suspenso no taipal do vehiculo, ostenta-se um lactometro, que a leiteira tira do logar e leva ao domicilio da fregueza, para ella verificar, se quizer, a pureza do producto que compra.

Do fim da rua, surge um vulto confuso, indeciso, ainda mal contornado; porque a perspectiva, ainda aérea actúa poderosamente em ruas que têm tres ou quatro kilometros de extensão.

Pouco a pouco, o vulto adquire pormenores de formas, manchas de côr, efeitos pronunciados e decisivos de claro-escuro.

É o vendedor de hortaliças, não já o quintandeiro sujo, esfarrapado; mas um modesto filho do povo, que tem água gratis ou extremamente barata, para que se lave com desafogo e que, pela educação e hábitos da freguezia, teme a concurrencia de outros mais limpos, mais cuidados, nos trajes e na palavra.

O vendedor de hortaliças conduz, não uma carrocinha; mas uma carroça puchada por um burro nédio, escovado à brossa, alimentado sem sordidez; por que o nosso homem já comprehendeu que os animaes trabalham, resistem e vivem, na proporção do alimento e tracto que têm.

Dentro da carroça, pintada e envernizada à estufa, lavada, com os cuidados de um *landau* particular, accumulam-se verdes e tenras couves, com viços de quem nasceu em terrenos devidamente adubados; repôlhos de muitos kilos de peso, intervallados por esses globosinhos appetitosos, rouxos, luzidios, que nascem das sementes famigeradas de Bruxellas, alfaces completamente brancas no talo e nas nervuras e esbatendo-se num verde gaio, que promette estalinhos frescos e condescendentes, que se comem, apresentando resistencias de mulher faceira, esquivamentos fugazes, de quem morre por ser vencidos e triumphado. Destacando-se, pela intensidade dos fulgores da purpura mólhos de rabanetes completamente livres da terra em que nasceram, por continuadas abluções; os ponteagudos e alvos nabos, a chicória farpada e auri-verde, os brilhantes pomos de ouro, como lhes chamam os italianos, disputando em tamanho, colorido e pezo uns com os outros; o agrião saudavel, os condimentosos cheiros; uma orgia de verduras, emfim, que attestam, a um tempo, a prodigalidade do solo e a profisciencia do horticultor.

Em cêstas largas, pouco fundas, e seguras aos hombros por largas correias, começam a apparecer as uvas de todas as qualidades, côres, transparencias e sabores; os vistosos pecegos, amarellos, brancos ou vermelhos, de casca avelludada e que se desfazem, em adocicado summo, logo em conctato com os labios e com os dentes; abrunhos e ameixas, em toda a sua interminavel escala de variedades; as pêras, as maçãs, as bananas, o impertigado abacaxi, os dourados cambucás, os myrificos abacates, tudo e de tudo; porque, com estrume, boa orientação e exposição, a terra mineira lucta, em productos, com os das zonas frigiditas ou tórridas: com tanto que se ajude um pouco a mãe-natureza!

Uma mocinha, de treze para quatorze annos, consciente de que será respeitada, pelos habitos e educação mineira, de uma mimosa cestinha dependurada ao pescoço, offerece flores de toda a espécie, aos transeuntes; flores bellas e frescas, que todos podem possuir, pela acessibilidade do preço; porque, na Flora bem como na Pomona, Minas é tão prodiga, que não permite esfolladelas de ciganismo!

Mas já são nove horas.

Os bonds, sempre no meio trote regulamentar, parando, para a entrada e sahida, passam cheios de passageiros e passageiras; aquelles dirigindo-se, para o seu quotidiano mourejar; estas voltando do passeio aperitivo da manhã; em que colheram as formosas boninas dos nossos campos e correram, por debaixo do frondoso arvoredado dos suburbios da cidade, enxarcando-se de oxygenio; esse elemento que, na opinião do doutor Ox, excita os nervos, fortifica a fibra e predispõe-nos para grandes africanas e commettimentos!

Grupos de cavalleiros voltam tambem de longe, com um appetite, provocado pelo perfume da matta e pelo exercicio de piccaria; crianças, aos grupos, correndo, chilreando como pintasilgos, fogem, com gritinhos de fingido susto, para dentro de um guarda peão, onde se ergue um colossal candelabro com quinze biccos de gaz; dois *comêtas*, mais activos, mais açodados, mais ganhadores, correm, geitosamente em velocipedes; aproveitando o continuo patamar das ruas, a sua largueza e perfeição de calçamento; grande numero de homens vão a pé, como quem mais preza a hygiene do exercicio das pernas, param em frente dos mostradores das lojas, gosando a sombra; a sombra quasi constante, que fornecem todas as ruas largas, que têm prédios altos.

Um empregado da limpeza publica, acompanhado por uma carrocinha de mão, retoca a limpeza das ruas, alterada pelo grande transito matutino; a cada cruzamento das ruas, um policial, typo patriarcarchal, do genero *police-man*, vigia e policia o movimento, por descargo de consciencia.

Eis o que é ou o que será uma manhã de uma grande capital; talhada, desde o seu principio, sem nenhum vicio organico; uma cidade semeada no uberrimo torrão de Minas, amparada, desde a meninice, pelos tutores do nosso bom senso, e dirigida pela disciplina minicipal, que tanto nos falta e para a qual tanto pendor e propensões possuimos.

Alfredo Riancho
(continua)⁴⁵⁵

⁴⁵⁵ RIANCHO, Alfredo. Colaboração/Uma capital no anno de 1900. Minas Geraes. Ano II, n. 19, 21 de janeiro de 1893, p. 1-2.

UMA CAPITAL NO ANNO DE 1900

II

– AO MEIO DIA –

(Continuado do n. 19)

Com o sol a pino, não despertara desejos de passeio, todas as cidades do Brazil e bem todas as cidades do sul da Europa, como Lisboa, Cadiz, Sevilha, Catanca e Nápoles; apesar de, para esta ultima, haver um padre escripto um succulento livro, que ensina o processo de visitar a cidade vesuviana, ao meio dia, sem o risco de apanhar sol.

Mas, na nova capital, os progressos do século XX; progressos que, no seu despontar, são antes herança accumulada do século XIX, já nos premuniram, de uns taes ou quaes recursos e se não podemos evitar inteiramente o calor, podemos arrostar com elle, relativamente com uma certa facilidade.

Temos ruas com mais de vinte e cinco metros de largura, não contando a dos passeios que tem sete; abeirados por frondosas arvores, rodeadas por um circulo de metro e meio de diâmetro, em que fica descoberta a terra, para que as arvores recebam a chuva e o sol necessário à sua existência, circulo coberto por uma placa de ferro fundido, com graciosos recortes e por cima da qual a gente passa como sobre a superfície lisa dos passeios.

Ora estas ruas, de vinte e cinco metros, seriam uma torreira de sol, se os prédios que a marginassem não tivessem tres andares ou mesmo quatro de altura; porque os encarregados da construção da cidade decidiram, e decidiram muito bem dar a mais completa liberdade de formas e ornamentação aos architectos; estatuindo, em todo o caso, a uniformidade de altura nos primeiros pavimentos e o maximo e mínimo da elevação dos prédios, com relação à largura das ruas.

Nestas circunstancias, podemos sahir ao meio dia, garantindo-nos do sol; quer encostando-nos nos prédios, quer caminhando por debaixo das arvores que, plantadas conjuntamente com a operação do calçamento e bem tratadas nos primeiros annos, já apresentavam uma cópa relativamente frondosa e com maior zona de projecção, do que o espaço de seus intervallos banhados pelo sol.

As ruas, na maior parte, são extensissimas; mas não dispostas absolutamente, em linha recta; disposição que evita o enfiamento do vento e sobretudo a monotonia de avistarmos uma rua de muitos kilometros, com todas as horisontaes correndo ao ponto de vista, como estas scenographias ostentosas, que nos querem impingir um fundo de palco scenico com vinte metros, por uma alamêda interminável, eterna; cujo limite é um ponto e uma descalçadeira, para lá chegarmos!

As ruas da nova capital, como tivessem um declive de dois por cento, foram calçadas de paralellipedos de granito, cortados conforme o novo modelo, muito ajustados uns aos outros e, por muito lavados e raspados, sem lama e sem pó; que é o principal alimento, que ingerem os habitantes das outras cidades do Brazil. No passeio que pretendíamos dar, podíamos optar pelo *bairro commercial*, installado próximo da estação da estrada de ferro, pelo *bairro industrial*, collocado no outro extremo da cidade e para o qual se extendia um como ramal de estrada de ferro, pelo *bairro official*, onde estão edifficados todos os grandes palácios, do presidente, da administração, da

assembléia legislativa, do tribunal da justiça, etc.; ou pelo bairro *suburbano*, na extremidade opposta da cidade e, no qual, se deu todas as liberdades, à escaldada fantasia dos architectos, que allí desovaram *chalets*, com todos os feitios, bicos e lambrequins sacramentados, *cottages*, baixas e açaçapadas, castellos com mais ou menos feudalismo nos bastiões, torres e miradouros e milhares de exemplares hybridos, que demonstram uma esthesia muito exaltada e a mais soberana *dysthymia architectonica*!

—

Àquella hora, como era natural, optamos pelo bairro official.

Numa grande praça, tendo no centro um jardim cortado por duas grandes ruas praticadas em sentido diagonal, mourejava o formidoloso grupo de pretendentes; a activa tribu dos procuradores, os correios de secretaria, sahindo de uma porta, para entrar n'outra logo próxima; porque todas as estações officiaes estando perto umas das outras, os negócios públicos e interesses particulares dependentes de resolução official, decidiam-se a vapor, não tanto a vapor como desejariam os interessados; mas, com a velocidade da scentelha electrica; se compararmos o seu andamento, com o que tinham há cinco ou seis annos no mundo ou labyrintho do functionalismo!

Os edificios destinados à administração, ao corpo legislativo e a outras secções officiaes, recommendavam-se pela pureza e magestade de linhas e não pelos múltiplices arrebiques da sua ornamentação.

Reparei que cada edificio exprimia claramente, por fora, o fim a que era destinado por dentro e que cada exemplar architectonico indicava a individualidade de um autor differente; que ostentava, mais do que archaismos gregos e romanos, actualidades de formas, mais adequadas com os progressos e necessidades dos homens do século vinte.

—

No meio do jardim, onde se crusavam as duas ruas, havia um monumento, creio que era o do “heroe entre os heroes, heroe primeiro”, Tiradentes.

Uma estatua admiravelmente cinzellada, sentindo-se-lhe, por debaixo do frio mármore, um como que circular do sangue e esta estatua, digna de um esculptor de primeira plana, estava assente apenas sobre um simples cubo de pedra, coreado por três degraus.

Moda inglesa, que sem grande dispêndio e ostentações, permite erigir memórias, a muitos heroes dignos d'ellas.

—

Na rua, que corria perpendicular á fachada do edificio da administração, havia uma grande fila de carros de praça, onde cocheiros e cavalos estavam abrigados á sombra das arvores.

Reparei que eram umas *victorias* muito limpas por fora e por dentro; com um numero muito claro, na trazeira da caixa e uma tabella dos preços, pregada em logar visível da carruagem. Disseram-me que esta tabella era religiosamente respeitada.

Notei também que os cocheiros estavam todos fardados, sem grande ostentação de galões, mas com muita decência e asseio.

Outra cousa vi eu e confesso que me encheu de jubilo, como membro que sou da sociedade protectora dos animaes: em logar de chicote, todos os conheiros tinham um pingalim!

—

Nos quatro ângulos do jardim, havia quatro pavilhões circulares, rodeados de um guarda corpo, separado do chão na distancia de um palmo.

Sentia-se a água correr a jorros e, do meio desses kiosques tão indispensáveis, sahia uma grande torre exagona, em cujas faces estavam pregados cartazes de todo o gênero, todos em papel ou vidro transparente, para, por meio de luzes accesas por dentro e á noite, poderem ser lidos.

No edificio destinado ao Presidente do Estado, havia um grande relógio, regulado electricamente pelo da estrada de ferro, o qual regula igualmente todos os relógios das secretarias e repartições publicas.

No lado da praça, que fica opposto aquella em que está o palácio presidencial, num grande edificio, em cujo pavimento inferior havia grande numero de bancos de palhinha, estava a estação da companhia de bondes.

Dalli partiam carros, desde as cinco horas da manha até as duas da madrugada, fazendo freqüentes viagens, para o bairro commercial, para o industrial e para o suburbano. Depois das duas horas da madrugada, havia um carro, de hora em hora, para todos os pontos terminaes.

Os jornaes vendem-se em kiosques; onde se vende também charutos, cigarros, fósforos e todos os demais utensílios dos fumantes.

—

Nem cavallos presos ás portas das lojas; nem manadas de burros, carregados com achas de lenha, correndo ás soltas pelas ruas, nem realejos que perturbem e nem amofinem o trabalho de cada um; nem pobres exhibindo falsas ou verdadeiras chagas, nem...

Mas os edificios da administração começam a vomitar empregados, pelas grandes escadarias de pedra, com largos e compassados degraus e eu tenho que tomar o bonde, para ir jantar a casa de um amigo, que mora no bairro suburbano.

E lá vou eu deslizando uma hora, ao rythmico tilintar das alimárias.

(continua)⁴⁵⁶

Alfredo Riancho.

⁴⁵⁶ RIANCHO, Alfredo. Colaboração./ Uma capital no anno de 1900 II Ao meio dia. Minas Geraes. Ano II, n. 22, 24 de janeiro de 1893, p. 3-4.

UMA CAPITAL NO ANNO DE 1900

III

– DE TARDE –

(continuado do n. 22)

Quando o conductor começou a cobrar as passagens, reparei que a maior parte dos passageiros mostrava apenas uma especie de retrato, em formato cartão de visita, com extensos dizeres no verso.

Scismeí com aquelle *passo*, tanto ao alcance de todos, ao que parecia; porque cerca de dois terços dos passageiros possuíam cartão identico.

Como, felizmente, no Brazil, não é necessario ser-se apresentado, para dirigir uma palavra a qualquer pessoa, voltei-me para o meu companheiro da direita e perguntei-lhe o que era aquella espécie de passaporte illustrado e qual o meio de o obter:

- Isso é o que nós chamamos uma avença, respondeu-me o sujeito, com um sorriso amavel e promettedor de longa e interessante cava queira.

A gente, mediante 100.000 réis, pagos no principio do anno, adquire o direito de viajar todas as vezes que quizer, em bonds da mesma companhia e sabe, que pagando 400 réis por uma viagem de ida e volta, daria annualmente em resultado um dispendio de 146.000 réis.

- Mas, então a companhia de bonds perde com as taes avenças!

- À primeira vista, parece que perde; mas o processo das avenças contra a balança o interesse de ambas as partes. Em primeiro logar, uma pessoa, quer seja emoregado, quer seja commerciante, não fazem tresentos e sessenta e cinco viagens de ida e volta, por anno. Ha os domingos, os dias santos da igreja e os do calendario positivista; ha os feriados, os dias de festas intimas, ha, apezar do nosso magnifico clima, algumas macacoas, que nos obrigam a ficarem em casa, etc, etc. De maneira que, realmente, os dias em que transitamos no anno, são apenas de 250 a 260. Mas, como podemos embarcar cada vez que quizermos, sempre ha uma pequena vantagem, quando mais não seja a de não nos encommodarmos com trócos e enganos. Em segundo logar, a companhia recebendo logo no primeiro anno, cem mil réis, tem meios de tirar vinte por cento de juros com elles. Imagine o senhor que esta companhia quer adoptar os bonds.... mas, com lincença!

E o meu informador esperou parasse o Bond e apoiou se. Tinha chegado a essa.

E, apreciando e saboreiando, em mente, esta innovação das avenças, cheguei ao bairro suburbano; um verdadeiro paraíso de bellezas, se bem que os puitanos da architecturas tivessem muitas occasiões de carregar o sobr'elho ou de franzir o nariz!

—

As ruas d'este bairro tem apenas vinte metros de largas; mas esta largura conta-se, de passeio e estes tem cinco metros. Mas, das grades de ferro que se conservam em al(?)nhamento rigoroso, estão as (?) mais variadas distancias. Um tem (?) cinco metros de distancia da rua; outras dez; muitíssimas vinte e não faltam as que se escondem, ao longe, entre mássicos de verdura. Todos os jardins bem tratados e sobretudo com muitas flores; o que é uma raridade no Rio de Janeiro!

Mandei parar o Bond, diante do numero 1022, que era o da casa do meu amigo; encontrando-o logo no portão, de labios e braços abertos.

A casa não era de estyllo grego, nem gothico, nem Maria Tudor, era do estyllo do gosto do dono. Muito ar, muita luz; grande pé direito, circumdada toda pelo jardim; mas, francamente, eu ja com uma fome de ogre e não pude dar atenção, nem á casa, nem á mobilia; que, em todo o caso, me pareceu simplíissima e condizendo com a casa, habitos e profissão do proprietario.

—

Ao jantar não havia essa manta de retalhos de pratos atirados, todos ao mesmo tempo, para cima da mesa.

Depois de uma ligeira sopa, veio um *vol auvent* de passarinhos; uma gallinha de molho de cabidella, um assado sangrento; umas vagens verdes como esmeraldas, uma sallada, muitos fructos, alguns doces, café feito na mesa e tudo isso regado por uns cópos de vinho de Bordeaux muito transparente e aromatico. Levantando-nos da mesa, comprimentei o meu amigo pela sobriedade e requintada escolha dos seus pratos.

- Agora, quase todos comem como eu. Não ha negar que a cosinha mineira tem feito grandes progressos.

—

Sahimos e fomos dar uma volta pelo bairro. Um pouco mais affastado do centro da cidade ja rareavam as casas de campo; mas foram se-me os olhos nos progressos e cuidados que os horticultores e donos de quintas davam ás suas hortas e pomores. Todas as videiras encostidas a varas horisontes de madeira, com os cachos seguros a ellas por uma embira, para os livrar do contacto da terra. Os pecegueiros e as macieiras estavam cobertas de fructos e todos elles, mettidos num saquinho de papel, para os preservar do pó e das biccadas dos passaros. A réga fazia-se pelo processo dos regueiros abertos na terra e dos quaes o hortelão mudava a sua direcção a seu bello prazer; no fundo de algumas quintas e muito distanciados das habitações os bicheiros feitos com estrume e sangue de boi, para alimento da criação; todas as ruas mondadas escrupulozamente varridas e, em frente á casa do feitor, uma abegoaria, com os leitos de fôfa e fresca palha, assentos sobre paralellipipedos, com grande declive e que terminavam num rêgo feito de cimento e por onde corria constantemente agua. As vaccas estavam gordas, de pello luzidio, com os cascos e curvilhões lavados, com todos os recursos de engorda dos criadores que conhecem a sua profissão.

—

Num encrusamento de ruas, havia um grande largo circular, coberto de relva verde e viço a, que me fez lembrar os (?) parques da Inglaterra. Ah, brincavam, com arcos, pélas (?) e com o jogo do *rocket* muitas meninas, vestidas com elegância; mas com simplicidade de atavos e grande modestia na escolha das fazendas.

—

Em outro ponto opposto, jogavam o *cricket* alguns rapazes e, no bracejar em grandes paradas, no correr para apanhar, no vôo, a bolla arremessada pelo grupo da defesa, adquiriam força, dextresa, firmeza de olhar; tractavam de um modo util e agradável da educação physica; essa educação que tem elevado os indezes á altura dos antigos hercules.

—

Para que o dia todo fosse empregado no escudo da nova capital, resolvemos ir ao theatro, onde se representava a *Favorita*; o era que tinha, por interpretes, não um

conjuncto, de celebridades, mas um quarteto muito discreto, muito igual; acompanhado por um corpo de (?) e de orchestra educado na salutar disciplina, em que os pureza um bom e peciente maestro ensaiador.

Tomei um Bond, combinando reunirmos a porta do theatro e eu fui fazer *un b(?) de toilette*; porque, na nova capital, já é de costume ir ao theatro, aos concertos e a todas as reuniões nocturnas de casaca.

—

Chegado ao hotel, onde encontrei o meu quarto limpo, com a roupa (?), escovada, (?) , escovas e pentes no seu logar e tendo as janellas abertas, de pior em par, mas estas tapadas por uma rêde finíssima, para que não entrassem moscas nem mosquitos, lavei-me, encasaquei-me, enluvei-me e, mandando buscar um carro de praça, dirigi-me, ás setes horas, para o theatro; porque a policia prohibe que os thetros acabem depois das onze horas e, para que se possa dar uma opera em quatro ou mesmo em cinco actos, é necessario que rompa a symphonia de abertura ás sete e meia.

—

No bilheteiro, onde já muitas pessoas faziam pacifica *cauda*, para que lhes chegasse a sua vez, comprei um bilhete de primeira classe, um pouco á direita do lustre; porque, segundo dizem os acusticos, é nos focos da elipse, que o som chega mais unido e com mais intensidade.

E sentei-me na minha cadeira numerada, e que tinha uma correia para segurar o chapéu; graduei o meu binoculo e preparei-me para admirar a immortal producção de Donizatti, admirando conjunctamente a proverbial belleza das nossas mineiras.

(continua)⁴⁵⁷

Alfredo Riancho.

⁴⁵⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaboração/Uma capital no anno de 1900 III De tarde. Minas Geraes. Ano II, n. 26, 28 de janeiro de 1893, p. 2.

UMA CAPITAL NO ANNO DE 1900

IV

– A NOITE –

(continuado do n. 22)

O theatro, em que se ia dar a *Favorita*, não era um edifício que pretendesse correr parellhas com a *Grand Opera* de Pariz, nem mesmo com qualquer destes theatros citados pelo agigantado das dimensões e pelos suntuosos primores da ornamentação.

O seu architecto adoptára a formula de Garnier, dividindo externamente o edificio em tres zonas perfeitamente viziveis; a primeira que corresponde ás escadarias, salões, *foyers*, hotequins, etc; a segunda, encimada por uma cupula e que era destinada a grande sala dos espectadores e a terceira dedicada ao palco scenico, camarins, salões de pintura, depositos, vestuários, etc.

Como linhas architectonicas, o theatro da nova capital recommendava-se apenas pela simplicidade de ornamentos e por uma tal ou qual combinação de linhas, que denotava logo á primeira inspecçã, que estávamos deante de um edificio destinado a espectaculos lyricos e dramáticos; porque, por emquanto, a nova capital não podia, tendo tantas edificações de pri(?) .. dar-se a luxo de ter tres ou quatro theatros...(?) a cada especialidade de espetaculos.

As suas dimensões eram, portanto, medianas, nem tão pequenas, que não pudessem fornecer uma vantajosa receita ás empresas, nem tão avantajadas, que o dialogo do drama ou da comedia se perdesse, na vastidão da sua sala.

O theatro da nova capital tem uma plateia ligeiramente em amphitheato; uma galeria, na altura das frisas e duas ordens de camarotes. O *paraizo*, o *galinheiro*, esse logar, emfim, onde se reune a parte mais entendida e barulhenta de quasi todos os nossos theatros, occupa o fundo da sala e por cima do logar antigamente destinado á tribuna dos dias de gala.

Quando me sentei na cadeira, já estava grande o numero de homens e senhoras na plateia e os camarotes começavam a povoar-se de famílias, cujos vestuarios não descrevo, pelo muito que sempre fui avesso no capitulo modas; mas que, em todo caso, me impressionaram, pela despretenção do corte e pela suavidade da combinações das côres.

Quando tocou a campainha electrica de prevenção, a orchestra sahiu do uma portinha, com os instrumentos já afinados num *foyer* destinado para esse fim, nos fundos do palco.

É uma medida adoptada, de ha muito, em alguns theatros da Europa eque poupa, aos espectadores, esse horrivel sanfoninar das rabecas e esses intermináveis preludios dos instrumentos de sopro e que tiram todo o encanto e efeito, ao primeiro accorde da orchestra, quando attaca definitivamente a symphonia de abertura.

O leitor poupa-me, com certeza, que eu lhe faça a critica da *Favorita* e dos seus interpretes; primeiro, porque já me reformei no logar de critico; segundo, porque o assumpto de que agora estou tratando, não comporta grandes divagações por terreno alheio.

Notei apenas que o publico applaudiu, no fim dos trechos capitães e sobretudo quando terminava cada acto.

Essas explosões de entusiasmo mal cabidas e que perturbam a atenção dos verdadeiros amadores de musica não appareceram sequer uma vez.

O espectáculo acabou ás onze horas menos cinco, e ás 11 horas em ponto podia fechar-se o edificio do theatro, tão numerosos e largos era os vomitórios por onde sahia a multidão sem acotovellamentos nem atropelados, como se caminhasse por uma das grandes avenidas da cidade.

Na porta, por onde sahiam as famílias que tinham carro havia dois policiaes destinados exclusivamente á policia dos trens, os quaes se enfileiravam ao longo da rua; chegado á porta o chefe de família mostrava o bilhete com grande numero que recebera do policial quando entrara, este gritava: “Numero tantos!” o cocheiro vinha collocar se junto á porta coberta de um alpendre e a família entrava; seguindo-se outras ate completo despejo dos *ricos*.

Este processo adoptado de ha muito em Buenos Ayres, Montevidéo e mesmo nalgumas cidades da Europa, em noites de grande enchente, póde levar um quarto de hora, mas esta pequena demora fica compensada pela velocidade e commodidade dos carros particulares e é como que um inevitavel tributo, que os ricos pagam ás vantagens do seu *comfortable*.

Eu, por minha parte, sahi da plateia immediatamente para a rua, por me ter convencido, por conselhos de um distincto medico francez, que é mais vantajoso sahir immediatamente de grande calor para o grande frio, do que ficar esfriando um pouco no atrio.

Chegado á rua e morando perto, não tomei carro nem bond e dirigi-me para um dos muitos restaurantes e cafés, que ainda estavam abertos, na praça onde olhava o theatro.

“Com as cêias, estão muitas covas cheias”, diz o velho rifão; mas entre cear e comer alguma cousa para amparar o estomago, aguçado no seus appetites, pelo sadio e vivificador clima de Minas, ha uma differença como a que existe entre a ingestão de um leitão assado e a de uma boa e simples canja de gallinha.

Mas eu, que fui educado com os inglezes, tomei apenas chá preto desse esplendido e incomparavel chá de Ouro Preto e umas torradinhas (?)fas louras, com manteiga tambem de Minas; que nem eu sei que outra se possa comer, tendo nós como temos uma das melhoras manteigas.

Tomado o chá e accendendo o meu cigarro, que é indispensavel epilogo de todas as minhas perfeições, fui-me para o hotel conscio de que tinha empregado proveitosamente as primeiras vinte e quatro horas da minha estada na capital, observando-a com a toda a minuciosidade, *de manhã, ao meio dia, de tarde e á noite*.

No hotel, o segundo porteiro encarregado do serviço da noite entregou-me a chave do quarto e, por corredores sempre illuminados a luz electrica, entrei nos meus aposentos, onde reinava uma frescura adoravel e esse cheiro favorito dos higienistas: o cheiro de cousa nenhuma!

Um banho a qualquer hora, num hotel de primeira ordem, não é empresa difficil; tanto mais que, no meu quarto, havia um pequeno compartimento com uma banheira de marmore onde duas torneiras, uma de agua quente e outra de agua fria, me podiam proporcionar um banho dentro em cinco minutos.

Banhado e esfregado, com toalhas felpudas, fui para a cama, que tinha um colção um tanto *subb' o duro*; moda inventada pela rainha de Hespanha. d. Izabel, a catholica, para hygiene e aformozeamento do corpo e, pegando de um livro, fui lendo até que encontrasse uma cousa nova para mim, moda que me ensinou o márquez de Souza Holstein, para alimento diario e constante do espirito e, apagada a luz, deitei-me logo, com esse somno pacificador, tranquillo e socegado, que dão as honestas fadigas do corpo, a consciencia de não haver causado damno a ninguém, a convicção de que o estado de Minas progredia a passos agigantados; adquirindo tudo o quanto é bom de

outros paizes, mas conservando, atravez essa transformação radical, os peculiares lineamentos do seu (?) a sua louvável desconfiança preventiva, a sua franca e inalterável amizade depois de conquistada; a sua sobriedade de manifestações apparatusas, a sua calma impertubavel, junta a uma firmeza e (?) inimitáveis, nas circunstancias criticas.

Mas em *circunstancias criticas* já me estava a cabeça e como as faculdades coordenadoras são as primeiras que adormecem e as ultimas que accordam e as faculdades imaginativas sejam as que mais perdoam, em caprichosos e desnorteados sonhos, ainda me passaram, plea mente, numa penumbra suavissima: amenina vendendo flores, um quitandeiro de blusa com botões de diamantes e vendendo repolhos com transparências de opala, o tenor Cremini, cantando dulcissimamente o *spirito gentil* de sobrecasaca e chapéo alto, uma mosca teimosa e mal-creada, querendo pousar me nas torradas e uma praça do corpo policial a esfregar-me o corpo, com uma toalha felpuda embebida em óleo de amêndoas doces, e pondo-me ao pescoço e á guiza de escapulário, uma grande avença de bond... e ... mais nada.

Adormeci de corpo e alma!

Alfredo Riancho⁴⁵⁸

⁴⁵⁸ RIANCHO, Alfredo. Colaboração./ Uma capital no anno de 1900 IV A noite. Minas Geraes. Ano II, n.30, 1 de fevereiro de 1893, p. 1-2.

Referências

ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. p.366.

ANDRADE, Luciana **Teixeira de**. **Ordem pública e desviantes sociais em Belo Horizonte (1897-1930)**. 1987. 115 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais.

ARON, Jean-Paul. Cozinha. In: Enciclopédia Einaudi: Homo-Domesticação Cultura Material. vol.16. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. p. 191-209.

BAPTISTA, Luis Antonio. O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole. Niterói: EdUFF, 2009.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte: Memória histórica e descritiva**. História Média. Vol.1. Belo Horizonte: Rex, 1936.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas VI – magia e técnica, arte e política**. 7.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

_____. **Obras escolhidas II – Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Obras escolhidas VIII – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter *et al.* **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 1167 p.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin**. 2.ed. São Paulo: editora da USP, 2000.

BONDIÁ, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p.20-28, 2002,.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Chapecó: Ed. Univ. Argos, 2002, 566 p.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1989. 375p.

CANDIDO, Antonio. À guisa de Introdução: a vida ao rés-do-chão In: SETOR DE FILOGIA DA FCRB (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, espelho do mundo. In: AGUIAR, Flávio; NOVAES, Aduino. **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p.31-63.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias: a série “A + B” de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs.). **História das cousas miúdas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa, Portugal: Difel, 2002. 244 p. (Memória e sociedade).

CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 367p.

CORBIN, Alan: Gritos e cochichos. In: PERROT, Michele (org.): **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.563 a 611.

CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental, 1250-1600**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 229 p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FEBVRE, Lucien. Como reconstruir a vida afectiva de outrora? A sensibilidade e a História. In: _____. **Combates pela história**. 3.ed. Lisboa; Editorial Presença, 1989.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2000.

FLANDRIN, Jean-Louis. A distinção pelo gosto. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**. 3v. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.169-210.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Prefaciando BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GIOVANAZ, Marlise. Em busca da cidade ideal: o planejamento urbanístico como objeto da história cultural. In: **Anos 90**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, UFRS, p. 38-46, 2000.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, S. J. (Org.); LANGUE, F. (Org.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais I**. Vol. 1. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

João do Rio. **A alma encantadora das ruas**. Organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405 p.

JULIÃO, Letícia. **Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)**. Dissertação. (Mestrado em Ciência Política). 1992. 200 f. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1992.

KROPF, Simone Petraglia. Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e o início do século XX. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n13, p.179-187, 1996.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. In: **Enciclopédia Einaudi 1: Memória-História**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997 a. p.370, 392.

LE GOFF, Jacques. Progresso/reação. In: **Enciclopédia Einaudi 1: Memória-História**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997 b. p.338, 369.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

MORENO, Andrea. Terpsícore ou da carne e da alma fluminense. In: SOARES, Carmen Lucia (org.). **Corpo e história**. 3.ed. Vol.1. Campinas: Autores Associados, 2006. p.131-144.

OLIVEIRA, Bernardo Barros Coelho de. **Olhar e narrativa: Leituras Benjaminianas**. Vitória: EDUFES, 2006, 160p.

PASOLINI, P. P. Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas. In.: LAHUD, M. (Org.). **Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1990.

PESAVENTO, Sandra J. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Número 4-2004, disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document229.html>>.

PESAVENTO, Sandra J; LANGUE, F. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Vol.1. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007a. 262 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma cidade sensível sob o olhar do “outro”: Jean-Baptiste Debret e o Rio de Janeiro (1816-1831). In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, 2007(b). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index3669.html>>.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann**. São Paulo: Globo, 2006. Tradução de Mário Quintana.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.169-210. 3v.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. 211p.

RIBAS, Alselmo (Coelho Neto). Collecção Brasileira: *Por Monte e Valles* (Ouro Preto e Vassouras). Rio de Janeiro: Oficinas da Livraria Moderna, 1893.

ROUANET, Sergio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? *REVISTA USP*, São Paulo, n.15, 1992 (Dossiê Walter Benjamin).

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910). In: **Projeto História - Corpo e Cultura**. São Paulo: PUC-SP, 2002, n.25, p. 99 a 114.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o Século XXI**: no Loop da Montanha-Russa. 2.ed. Vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 144 p.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**: da Belle époque à era do rádio. Vol.3. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 513-619.

SIMMEL, Georg; A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otavio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 133 p.

SOARES, Carmem Lúcia. Prefaciando OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

VAGO, Tarcisio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VALERI, Renée. Fome. In: **Enciclopédia Einaudi**: Homo-Domesticação Cultura Material. vol.16. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1989(a). p. 169-190.

VALERI, Renée. Alimentação. In: **Enciclopédia Einaudi**: Homo-Domesticação Cultura Material. vol.16. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1989(b). p. 191-209.

VAZ, Alexandre Fernandez. Marcas do corpo escolarizado, inventário do acúmulo de ruínas: sobre a articulação entre memória e filosofia da história em Walter Benjamin e Theodor W. Adorno. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade**: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 347 p.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 297p (a)

VIGARELLO, Georges. O Trabalho dos corpos e do espaço. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, 1996, n13. p.7 a 20. (b)